



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TALITA RODRIGUES DE SÁ

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: cartografia semântico-lexical do falar das comunidades Remanescentes Quilombolas do Alto Itacuruçá e do Médio Itacuruçá/Abaetetuba–Amazônia–Pará

Belém-Pará
2025



Talita Rodrigues de Sá

Educação intercultural: cartografia semântico-lexical do falar das comunidades remanescentes quilombolas do Alto Itacuruçá e do Médio Itacuruçá-Abaetetuba-
Amazônia-Pará

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará como requisito avaliativo para obtenção de defesa de tese de doutorado em Educação.

Linha de pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso

Belém-Pará
2025

***Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) de acordo com o ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado do Pará***

S111e Sá, Talita Rodrigues de

Educação intercultural: cartografia semântico-lexical do falar das comunidades remanescentes quilombolas do Alto Itacuruçá e Médio Itacuruçá/Abaetetuba-Amazônia-Pará / Talita Rodrigues de Sá. — Belém, 2025.

250 f. : il. ; color.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso
Tese (Pós-graduação em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Campus I - Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), 2025.

1. Educação. 2. Ensino de Português brasileiro. 3. Variação linguística.
4. Quilombos de Itacuruçá. I. Título.

CDD 22.ed. 370.193

Elaborada por Priscila Melo – Bibliotecária CRB 2/1345

Talita Rodrigues de Sá

Educação intercultural: cartografia semântico-lexical do falar das comunidades remanescentes quilombolas do Alto Itacuruçá e do Médio-Abaetetuba-Amazônia-Pará

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará como requisito avaliativo para obtenção da defesa de Tese doutorado em Educação.

Linha de pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso.

Data da aprovação: ___/___/2025

Banca examinadora

_____ - Orientadora
Prof.^a Dr.^a Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso (in memoriam)

_____ - Examinador (Interno)
Prof. Dr. José de Anchieta Oliveira Bentes- Presidente da banca

_____ - Examinador (Interno)
Prof.^a. Dr.^a Ivanilde Apoluceno de Oliveira

_____ - Examinador (Externo)
Prof. Dr. Ednalvo Apóstolo Campos

_____ - Examinador (Externo)
Prof. Dr. Antônio Jorge Paraense da Paixão

Belém-Pará
2025

Dedicatória

Aos resistentes à segregação racial.

Agradecimento

À minha orientadora, Professora Dr.^a Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso (in memoriam), pelo contato com teorias, e desenvolvimento de novas percepções para a formação do pensamento científico.

À Professora Dr.^a Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso (in memoriam), por ter escrito o livro da vida — a existência na Terra — com uma personalidade forte e um compromisso inabalável com o ensino do Português brasileiro: público, de qualidade e democrático, sempre respeitando as diferenças linguísticas. Deixa como legado uma vasta produção científica registrada nas cartografias sociolinguísticas do falar da Amazônia Paraense. Sua despedida foi muito rápida, talvez porque tenha sido convocada a comemorar o dia 21 de maio 2025, o Dia do Profissional de Letras, em outro plano, o Divino. Deve estar desenvolvendo o projeto de cartografia linguística da linguagem dos Anjos!
Foi uma honra ter chegado até este momento ao seu lado!

Às (os) participantes /coprodutoras (os) desta pesquisa, pela disposição, pela receptividade nas comunidades remanescente quilombolas do Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá, pela viabilização da pesquisa.

Às professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UEPA, pelas orientações acadêmicas, verdadeiros mistos de conhecimento e sabedoria, elementos fundamentais para a realização desta pesquisa.

A todas e todos os funcionários e técnicos da Universidade do Estado do Pará e das escolas de Abaetetuba, pelo apoio e direcionamento no desenvolvimento desta pesquisa.

À Universidade do Estado do Pará pelo incentivo à Pós-graduação.

À FAPESPA- Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Pará, pelo fomento à pesquisa.

Ao meu pai, PEDRO, pela percepção de características necessárias à vida, pela educação rígida e ao mesmo tempo afetuosa. Por ser um homem muito simples e de muita sabedoria.

À minha mãe, MARIA, Maria Regina. Mulher, amazônida ribeirinha do Rio Aricurá- Cametá, agradeço, pelo misto de serenidade e companhia.

Aos amigos e amigas que permanecem, mesmo diante da inconstância do tempo e das mudanças da vida, resistindo a cada novo movimento desta roda-gigante que é viver.

Sou Grata!

Brasil, meu NEGÓ
Deixa eu te contar
A HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu dengo
A mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato
Brasil, o teu nome é DANDARA
Tua cara é de CARIRI
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, MARIELLES, MALÊS
Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa as multidões.

Danilo Firmino / Deivid Domênico / Mamá / Márcio Bola / Ronie Oliveira / Tomaz Miranda.

RESUMO

SÁ, Talita Rodrigues de. **Educação intercultural**: cartografia semântico-lexical do falar das comunidades quilombolas do Alto Itacuruçá e do Médio Itacuruçá/Abaetetuba-Amazônia-Pará. Tese (Doutorado em Educação), Universidade do Estado do Pará- UEPA, Belém-PA, 2025.

A interculturalidade crítica propõe pensar a educação como espaço de diálogo entre as culturas, garantindo o reconhecimento do outro, também por meio das características linguísticas. Variações lexicais são características que determinam um conjunto de elementos culturais da diversidade linguística, dentre estas, os aspectos lexicais da cultura quilombola. Esta tese parte da temática da variação linguística em comunidades quilombolas da Amazônia Paraense. Tem como objetivo geral realizar estudo, na perspectiva da Educação intercultural, dos aspectos semântico-lexical do Português brasileiro dos moradores da Região remanescente Quilombola de Itacuruçá município de Abaetetuba, em comparação com o acervo do questionário semântico-lexical proposto pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (2005). O tipo de pesquisa é cartográfico e está fundamentado na sociolinguística, com vertente na dialetologia e na ciência da educação, a partir da perspectiva intercultural. O aporte teórico-metodológico está constituído por autores que abordam a sociolinguística, como Bagno (2008), Mollica (2003) e Tarallo (1990), além de pesquisadores que se dedicam ao estudo do racismo e do racismo linguístico, como Nascimento (2019), Ribeiro (2017) e Fanon (2005). Também são considerados autores da ciência da educação na perspectiva intercultural, como Walsh (2019), Quijano (2005) e Torres (2007), entre outros. O *lócus* é a comunidade remanescente de quilombo Itacuruçá, 02 (dois) pontos linguísticos: comunidade remanescente de quilombo Médio Itacuruçá e comunidade remanescente de quilombo do Alto Itacuruçá/Abaetetuba, as comunidades estão descritas conforme a cartografia social geográfica de constituição sociocultural das regiões. Os participantes da pesquisa são 20 (vinte) moradoras(es) de diferentes gêneros e nativos da comunidade remanescentes quilombolas de Itacuruçá. Os instrumentos de coleta de dados são: o questionário semântico lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB (2005); a Ficha do sujeito e a Ficha da localidade. O *corpus* de análise está constituído pelas lexias de maior frequência (75%) dos dados que não coincidem com as lexias propostas no QSL-ALiB (2005). A análise do *corpus* da pesquisa permitiu elaboração de 69 (sessenta e nove) cartas lexicais que descrevem semanticamente o acervo lexical da comunidade remanescente de quilombo Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. Os resultados descrevem acervo lexical próprio da comunidade remanescente quilombola de Itacuruçá. As comunidades remanescentes quilombolas de Itacuruçá representam aspectos sociolinguísticos de região quilombola, caracterizando um grupo cultural e identitário que, historicamente, teve seus direitos negados e foi marginalizado na sociedade. Isso evidencia aspecto da linguagem que deve ser considerado na educação, em uma perspectiva intercultural para o ensino do Português brasileiro.

Palavras-chave: Educação intercultural, Ensino de português brasileiro, Variação linguística, Quilombos de Itacuruçá.

ABSTRACT

SÁ, Talita Rodrigues de. Intercultural education: semantic-lexical cartography of the speech of quilombola communities in Alto Itacuruçá and Médio Itacuruçá/Abaetetuba-Amazon-Pará. Thesis (Doctorate in Education), State University of Pará - UEPA, Belém-PA, 2025.

Critical interculturality proposes to think of education as a space for dialogue between cultures, ensuring the recognition of the other, also through linguistic characteristics. Lexical variations are features that determine a set of cultural elements of linguistic diversity, among these, the lexical aspects of quilombola culture. This thesis is based on the theme of linguistic variation in quilombola communities of the Paraense Amazon. Its general objective is to conduct a study, from the perspective of intercultural education, on the semantic-lexical aspects of the Brazilian language of residents in the remaining Quilombola Region of Itacuruçá in the municipality of Abaetetuba-PA, in comparison with the collection of the semantic-lexical questionnaire proposed by the Linguistic Atlas Project of Brazil- ALiB (2005). The type of research is founded on the science of language with a focus on dialectology and sociolinguistics. The selected method is cartographic and is justified by the recording of lexemes in lexical geographic maps. The theoretical-methodological framework consists of authors who discuss sociolinguistics such as: Bagno (2008); Mollica (2003); Tarallo (1990), Cardoso (2010) and, authors who conduct research focused on studies of racism / linguistic racism: Nascimento (2019); Ribeiro (2017). The research locus is the remnant quilombo community of Itacuruçá. Two (2) linguistic points were selected: the Remnant Quilombo Community of Médio Itacuruçá and the Remnant Quilombo Community of Alto Itacuruçá / Abaetetuba. The participants in the research are 20 (twenty) residents / co-participants of different genders and natives of the Remnant Quilombola Community of Itacuruçá. The data collection instruments are: the semantic lexical questionnaire of the Linguistic Atlas Project of Brazil - QSL - ALiB (2005); the Subject Form and the Locality Form. The data analysis was conducted according to the criteria of sociolinguistics. data analyzed and that do not match the lexicons proposed in QSL-ALiB (2005). The preliminary analysis of the research corpus allowed for the preparation of 69 (sixty-nine) lexical cards that semantically describe the lexical collection of the remnant quilombo community of Médio Itacuruçá and Alto Itacuruçá. The preparation of the Lexical Cards and geographical location of linguistic points was carried out using free software with open source code for editing and analysis of georeferencing data - QGIS. The preliminary results show the existence of a specific and unique lexical collection of the Itacuruçá quilombola remnant community - Abaetetuba-PA. This data is systematized and organized in the form of linguistic cartography. It is concluded that the remaining quilombola communities of Itacuruçá: Médio Itacuruçá and Alto Itacuruçá represent sociolinguistic aspects of the quilombola region – a cultural and identity group – historically with denied rights and placed on the margins of society, highlighting another aspect of speech that should represent education from an intercultural perspective for the teaching of Brazilian Language.

Keywords: Education, Brazilian language teaching, Linguistic variation, Quilombos de Itacuruçá.

RÉSUMÉ

SÁ, Talita Rodrigues de. Éducation interculturelle : cartographie sémantico-lexicale de la parole des communautés quilombolas d'Alto Itacuruçá et de Médio Itacuruçá/Abaetetuba-Amazonie-Pará. Thèse (Doctorat en éducation), Université de l'État du Pará - UEPA, Belém-PA, 2025.

L'interculturalité critique propose de penser l'éducation comme un espace de dialogue entre les cultures, garantissant la reconnaissance de l'autre, aussi à travers les caractéristiques linguistiques. Les variations lexicales sont des caractéristiques qui déterminent un ensemble d'éléments culturels de la diversité linguistique, parmi lesquelles les aspects lexicaux de la culture quilombola. Cette thèse part de la thématique de la variation linguistique dans les communautés quilombolas de l'Amazonie Paraense. L'objectif général est de réaliser une étude, dans la perspective de l'éducation interculturelle, des aspects sémantico-lexicaux de la langue brésilienne des habitants de la région quilombola restante d'Itacuruçá, dans le municipal d'Abaetetuba - PA, en comparaison avec l'ensemble du questionnaire sémantico-lexical proposé par le Projet Atlas Linguistique du Brésil - ALiB (2005). Le type de recherche est fondé sur les sciences du langage avec une approche en dialectologie et sociolinguistique. La méthode choisie est la cartographie et se justifie par l'enregistrement de lexies sur des cartes géographiques lexicales. L'apport théorique et méthodologique est constitué d'auteurs qui traitent de la sociolinguistique tels que: Bagno (2008); Mollica (2003); Tarallo (1990), Cardoso (2010) et des auteurs qui développent des recherches sur les études du racisme/racisme linguistique: Nascimento (2019); Ribeiro (2017). Le locus de la recherche est la communauté résiduelle de quilombo Itacuruçá. Deux points linguistiques ont été sélectionnés: la communauté résiduelle de quilombo Médio Itacuruçá et la communauté résiduelle de quilombo du Alto Itacuruçá/Abaetetuba. Les participants à la recherche sont 20 (vingt) résidents/coparticipants de différents genres et natifs de la communauté quilombola résiduelle d'Itacuruçá. Les instruments de collecte de données sont: le questionnaire sémantique lexical du Projet Atlas Linguistique du Brésil - QSL-ALiB (2005); la fiche du sujet et la fiche de la localité. L'analyse des données a été réalisée conformément aux critères de la sociolinguistique. Le corpus d'analyse est composé des lexies les plus fréquentes (75%) des données analysées et qui ne coïncident pas avec les lexies proposées dans le QSL-ALiB (2005). L'analyse préalable du corpus de recherche a permis l'élaboration de 69 (soixante-neuf) cartes lexicales qui décrivent sémantiquement le fonds lexical de la communauté restante de quilombo Médio Itacuruçá et Alto Itacuruçá. L'élaboration des Cartes Lexicales et la localisation géographique des points linguistiques ont été réalisées via un logiciel libre à code source ouvert pour l'édition et l'analyse des données de géoréférencement - QGIS. Les résultats préliminaires montrent l'existence d'un répertoire lexical propre et spécifique à la Communauté restante quilombola d'Itacuruçá - Abaetetuba-PA. Ces données sont systématisées et organisées sous forme de Cartographie linguistique. On conclut que les communautés quilombolas restantes d'Itacuruçá: Médio Itacuruçá et Alto Itacuruçá représentent des aspects sociolinguistiques de la région quilombola – groupe culturel et identitaire – historiquement avec des droits niés et mises à l'écart de la société, enregistrant un aspect supplémentaire de la parole qui doit représenter l'éducation, dans une perspective interculturelle pour l'enseignement de la langue brésilienne.

Mots-clés: Éducation, Enseignement de la langue brésilienne, Variation linguistique, Quilombos de Itacuruçá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Organograma do método cartográfico	76
Figura 2- Morador da Comunidade remanescente de quilombo Alto Itacuruçá.....	88
Figura 3- Cultura alimentar na Comunidade do Alto Itacuruçá.....	89
Figura 4- Escola Pública Municipal de Ensino Fundamental São Miguel Alto Itacuruçá.....	90
Figura 5- Vias de acesso a comunidade remanescente de quilombo Médio Itacuruçá: Fluvial e terrestre.....	92
Figura 6- Olaria da Comunidade remanescente de quilombo Médio Itacuruçá.....	93
Figura 7- Estrutura de moradia comunidade quilombola Alto Itacuruçá.....	94
Figura 8- Escola Pública Municipal de Ensino Fundamental Médio Itacuruçá Manoel Pedro Ferreira	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Campo semântico I- Acidentes geográficos: análise do <i>corpus</i>	103
Tabela 2- Campo semântico II- Fenômenos atmosféricos: análise do <i>corpus</i>	110
Tabela 3- Campo semântico III- Astro e tempo: análise do <i>corpus</i>	122
Tabela 4- Campo semântico IV- Flora: análise do <i>corpus</i>	130
Tabela 5- Campo semântico V- Atividades agropastoris: análise do <i>corpus</i>	134
Tabela 6- Campo semântico VI- Fauna: análise do <i>corpus</i>	149
Tabela 7- Campo semântico VII- Corpo humano: análise do <i>corpus</i>	158
Tabela 8- Campo semântico VIII- Convívio e comportamento social: análise do <i>corpus</i>	169
Tabela 9- Campo semântico IX- Ciclos da vida: análise do <i>corpus</i>	174
Tabela 10- Campo semântico X- Religiões e crenças análise do <i>corpus</i>	183
Tabela 11- Campo semântico XI- Festas e divertimentos: análise do <i>corpus</i>	191
Tabela 12- Campo semântico XII- Habitação: análise do <i>corpus</i>	199
Tabela 13- Campo semântico XIII- Alimentação e cozinha: análise do <i>corpus</i>	202

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Teses e dissertações selecionadas.....	40
Quadro 2- Dissertações pesquisas em quilombos, diálogo com a educação no Estado do Pará.....	42
Quadro 3- Organização da divisão campo semântico ALiB (2005)	49
Quadro 4- Perfil dos coparticipantes entrevistados Quilombo Médio e Alto Itacuruçá- Abaetetuba.....	50
Quadro 5- Pesquisas UFPA - Diálogos em Educação Quilombola-PA.....	62

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Rede de pontos linguístico, região norte, Projeto ALiB.....	78
Mapa 2- Representação gráfica do município de Abaetetuba/ Região das Ilhas Quilombolas- Amazônia Paraense.....	81
Mapa 3- Representação gráfica Comunidade remanescente de quilombo Alto Itacuruçá e Médio Itacuruçá- Abaetetuba.....	85
Mapa 4- Cartografia social da comunidade remanescente de Quilombo do Alto Itacuruçá as margens do Rio Itacuruçá- Abaetetuba/Amazônia Paraense.....	86
Mapa 5- Cartografia social da comunidade remanescente de Quilombo do Médio Itacuruçá as margens do Rio Itacuruçá- Abaetetuba/Amazônia Paraense.....	90

Sumário

1 Introdução.....	14
2. Fundamentação teórico-metodológica.....	21
2.1. Projeto Modernidade/Colonialidade.....	21
2.1.2 Pensamento decolonial.....	25
2.1.3 Interculturalidade/ Interculturalidade crítica.....	27
2.1.4. Educação intercultural crítica e o Ensino de Português brasileiro.....	31
3. Estado do Conhecimento.....	37
3.1 Estado do conhecimento em geossociolinguística e Ensino de Língua Portuguesa: estudos cartográficos na Amazônia Paraense.....	38
3.2 Estado do conhecimento em Educação e Comunidades Remanescentes de Quilombo: estudos na Amazônia Paraense.....	49
4. Metodologia.....	70
4.1 Dialetolegia e sociolinguística: caminhos entre o geográfico e o social.....	70
4.2 Método cartográfico: fotografias linguísticas.....	75
4.3 Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).....	77
4.4 Tipo de estudo.....	80
4.5 Mesorregião do Pará.....	80
5. Pontos linguísticos: comunidade do Alto e Médio Itacuruçá.....	84
5.1. A região quilombola: Alto Itacuruçá/Abaetetuba Amazônia Paraense.....	86
5.2 A região quilombola: Médio Itacuruçá/Abaetetuba Amazônia Paraense.....	91
5.3 A seleção dos participantes da pesquisa.....	96
5.4 Os instrumentos de produção de dados.....	97
5.5 O <i>corpus</i> da pesquisa.....	98
5.6 Procedimentos éticos da pesquisa.....	98
6. Seção empírica.....	100
6.1 Análise das lexias: <i>corpus</i> da pesquisa.....	102
7. Aproximações conclusivas.....	211
Referências.....	214
Apêndice	
Ficha do participante.....	222
Anexos	
Ficha da localidade.....	223
Questionário semântico-lexical- ALiB (2005).....	224
Parecer consubstanciado Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa CEP.....	238
Título de reconhecimento de domínio coletivo em favor da Associação das comunidades remanescentes de quilombo das Ilhas de Abaetetuba- ARQUIA.....	242

Introdução

A aproximação com o tema/motivação surgiu após cursar, durante o período da graduação, no curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, disciplinas que versam sobre variação linguística e ensino de língua portuguesa.

Após formada, a experiência no Sistema Modular de Ensino–SOME–SEDUC, me fez perceber, “com os pés no chão da diversidade geográfica”, o quanto a prática da docência deve ser fundamentada no movimento vivo da língua/linguagem. Entre ilhas e vilas da Amazônia Paraense, “andava um bocado” realizando a prática do fazer docente pelos 144 municípios do estado do Pará, “ministrando aulas de forma intensiva, como caracóis da educação, que levando seus livros nas costas, percorrem o interior do estado deixando uma trilha de conhecimento” (Loureiro, 2017, p. 34).

A primeira experiência ministrando concepções teóricas sobre os fatos científicos da linguagem ocorreu no município de Redenção, no Estado do Pará, com a disciplina de Língua Latina. Na época, eu era professora horista da Universidade do Estado do Pará. Logo após, segui caminho para o município vizinho, Conceição do Araguaia, também no sudeste do Pará, onde passei a lecionar teorias voltadas ao processo de mudança das palavras ao longo do tempo, disciplina conhecida como Português Diacrônico.

Entre um município e outro, quando sentia saudades de casa, dos meus pais e da família, refletia constantemente sobre quantas pessoas, neste Brasil, lutam por uma oportunidade de emprego e pelo acesso ao conhecimento proporcionado pela universidade pública. Era nesse contexto que eu reafirmava minha identidade, entre as constantes viagens a trabalho e a consciência de classe, empenhada em garantir um ensino de qualidade, mesmo diante das adversidades.

A partir do aprofundamento do conhecimento em um método científico, o cartográfico, e da seleção de uma teoria que se explica cientificamente os fatos da linguagem, a sociolinguística, pude vivenciar a prática da pesquisa em nível de pós-graduação *stricto sensu* - Mestrado, descrevendo o falar semântico-lexical de cinco bairros e cinco comunidades do Distrito Administrativo de Mosqueiro, destaco a comunidade da Fazendinha, também denominada como Sítio Conceição, uma extensão da Baía do Sol, que teve seu processo histórico de formação durante o período da escravidão no Brasil.

A prática da docência em nível de graduação, no curso de Licenciatura em Letras, possibilitou o contato com grupos de pesquisa e eventos alinhados teoricamente à reflexão sobre a linguagem e a educação numa perspectiva de combate ao racismo linguístico. Destaco o Grupo de Pesquisa Letramentos e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa (GEPLEALP), no qual coordeno a linha de pesquisa: Letramento Étnico-racial no Ensino de Língua Portuguesa e Literatura.

A orientação de pesquisas a nível de especialização, na Universidade do Estado do Pará- UEPA- *campus* XIV- Moju, região do baixo Tocantins, situada entre Amazônia Central e Amazônia Oriental, possibilitou contato com diferentes *loci* de pesquisas, entre regiões ribeirinhas e quilombolas, destaco pesquisas desenvolvidas a partir do tema linguagem, educação e cultura afro-brasileira, destaco:

A pesquisa “Estudo toponímico de comunidades quilombolas de Itacuruçá e Piratuba no município de Abaetetuba-PA”, a nível de graduação, desenvolvida durante a docência-Universidade do Estado do Pará- *campus* XIV- Moju, em conjunto com os alunos/pesquisadores, permitiu a investigação linguística e reconhecimento das diferenças toponímicas na comunidade remanescente quilombola de Itacuruçá.

Desta forma, foi sendo construído o meu “lugar de fala” como professora de Língua Portuguesa e pesquisadora dos fatos científicos da linguagem identificados na Amazônia paraense. Na caminhada pelos municípios do estado do Pará, percebo como “a vida foi me fazendo assim: doce ou atroz, mansa ou feroz. Eu, caçador de mim” Milton Nascimento.

No curso de Pós-graduação a nível de doutorado, o contato com outras leituras, que acabaram despertando o interesse para a formação de uma educação democrática e intercultural crítica, que abarque também as características do português brasileiro de indígenas, caboclos e quilombolas, conforme o universo de identidades que compõem como diz Darcy Ribeiro: “O Povo Brasileiro”, que realmente seja representado pela identidade brasileira em sala de aula -A língua brasileira quiçá o ensino de Língua brasileira numa perspectiva intercultural.

A percepção de constantes fatos sociais de injustiça contra o negro: Morte do Menino Miguel-2020; João Alberto-2020 do “Caso Carrefour” e João, da Cidade de Deus-2019, me fizeram refletir sobre até que ponto a educação formal, esta feita na sala de aula, tem contribuído para não modificar concepções pautadas no preconceito

e no pensamento anticientífico tais como o mito da democracia racial que mascara a estatística dos dados da desigualdade social por Cor ou Raça/Etnia no Brasil.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2017), a taxa de homicídios no Brasil foi de 16,0 entre as pessoas declaradas brancas e 43,4 entre as pessoas declaradas pretas ou pardas a cada 100 mil habitantes em 2017, ou seja, uma pessoa preta ou parda tem maior possibilidade de ser vítima de homicídio no Brasil.

A Resolução CNE/CP nº. 1 de 17 de junho de 2004 aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, no que tange à educação quilombola, foi reconhecida como modalidade de ensino da Educação Básica, assim como educação do campo e educação indígena.

A promulgação da Lei 10.639/03 e Lei 11.645/08 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, foram desencadeadas ações para atender à exigência de obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e africana como referido na Lei 10.639/03, bem como das Histórias e Culturas dos povos Indígenas, conforme complementou e alterou a Lei nº 11.645/08.

Esse conjunto de fatores despertou um profundo interesse em práticas de ensino do português brasileiro que considere a identidade negra quilombola, com o objetivo de trazer para a sala de aula os aspectos culturais presentes na diversidade linguística. Reconhecer e valorizar a cultura quilombola no ensino da língua é fundamental para promover uma educação que não apenas informe, mas também forme cidadãos conscientes de sua identidade e da riqueza cultural que a envolve.

As comunidades quilombolas, como a de Itacuruçá, são portadoras de saberes e modos de falar que refletem história complexa, marcada pela resistência e pela luta por direitos. Incorporar essas falas no ensino do português brasileiro permite que os alunos se sintam representados em suas identidades, contribuindo para o fortalecimento do senso de pertencimento, por meio da linguagem.

Por meio de práticas pedagógicas que incluam a cultura negra quilombola, é possível ofertar uma educação mais democrática, que diminua a tensão entre igualdade e diferença. Essas propostas não apenas enriquecem o currículo escolar, mas também preparam os alunos para serem agentes de mudanças em uma sociedade plural, capaz de valorizar a diversidade e garantir uma educação pautada

em novas lógicas epistêmicas que não fortaleçam processos de construto social chamado raça.

A efetivação de um ensino que abarque a diversidade humana é cada vez mais necessária nos aspectos culturais. Para Santos (2006, p. 8) “a cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”.

São práticas e ações sociais que seguem padrões determinados no espaço e no tempo, interligadas com crenças, comportamentos, valores e instituições que permeiam a sociedade, construindo a identidade de cada grupo que representa um determinado espaço geográfico.

Nessa perspectiva, o ensino de português brasileiro também deve considerar os aspectos culturais existentes na fala de cada discente. A relação entre língua e cultura é permanente, uma vez que não há cultura sem língua e que a identidade do aluno também é constituída por meio desses dois aspectos.

Com isto pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos discentes ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

Conforme Bagno (2009, p. 153), “a variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar os modos de falar diferentes”.

Dentro deste contexto, é relevante que as ciências que estudam a linguagem direcionem seu olhar para uma descrição mais aprofundada dos falares do Estado do Pará, em particular o modo de falar dos moradores do quilombo de Itacuruçá, localizado no município de Abaetetuba-PA. Esta descrição é fundamental para documentar as variações linguísticas em uma área que possibilita a circunscrição do princípio do isolamento, da antiguidade e do pouco desenvolvimento urbano.

Através dessa descrição linguística é possível mapear a pluralidade de falares quilombolas que habitam esta região amazônica paraense e como suas culturas moldam as formas de expressão/fala, na perspectiva de Martelotta (2020, p.20) “a linguística considera, pois, que nenhuma língua é intrinsecamente melhor ou pior do que outra, uma vez que todo sistema linguístico é capaz de expressar adequadamente a cultura do povo que fala”.

Estes aspectos lexicais da fala presentes na região quilombola de Itacuruçá não apenas preservam traços linguísticos que refletem a herança africana, mas também incorporam influências das culturas indígenas e da sociedade circundante, resultando em um modo de falar que é único e rico em significados.

Estudar essas variações linguísticas é fundamental para compreender não apenas a língua em si, mas também as culturas que permeiam a comunidade quilombola. A linguagem torna-se uma ferramenta para a expressão de resistência quilombola, refletindo as dinâmicas de poder e as lutas enfrentadas pelos quilombolas ao longo do tempo. “O fato da maioria dos brasileiros, ou seja, as pessoas negras, estarem condicionada às formas mais precárias de educação linguística tem razão de ser pela imposição de políticas linguísticas para população afro-brasileiras e indígenas” (Nascimento, 2019, p. 14).

Além disso, a documentação e análise dessas variações linguísticas também podem contribuir para a valorização da diversidade cultural e linguística da região. É um passo importante para promover o respeito e a valorização das culturas locais, ao mesmo tempo em que se desafia o monopólio de discursos hegemônicos de lógicas binárias, que ignoram a riqueza da diversidade cultural e das realidades quilombolas.

Portanto, ao investigar o falar dos moradores do quilombo de Itacuruçá, as ciências da linguagem podem desempenhar um papel significativo na promoção da justiça social, ao “dar voz” a um grupo que representa uma parte essencial da diversidade cultural do Pará e da Amazônia.”

Desse modo surge a seguinte pergunta: em que o léxico no falar dos moradores do quilombo de Itacuruçá município de Abaetetuba-Pará é específico se comparado ao léxico do ALiB (2005)?

Partiremos da tese de que o acervo semântico-lexical falado por moradores da comunidade remanescente de quilombo de Itacuruçá município de Abaetetuba-Pará é diferente se comparado ao acervo do questionário semântico-lexical proposto pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB (2005).

Portanto, esta pesquisa insere-se na linha de pesquisa – Saberes Culturais e Educação na Amazônia- Eixo temático: Linguagem, poética e educação na Amazônia do Programa de Pós-graduação em Educação- UEPA, e tem como objetivo geral realizar estudo, na perspectiva da Educação intercultural, dos aspectos semântico-lexical do Português brasileiro falado pelos moradores da Região remanescente

Quilombola de Itacuruçá município de Abaetetuba- PA, em comparação com o acervo do questionário semântico-lexical proposto pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB (2005).

Justifica-se academicamente por registrar um falar quilombola nunca registrado, documentando em cartas lexicais aspectos semânticos-lexicais de variedades do Português Brasileiro, contribuindo assim para o avanço da literatura nesta área de conhecimento. Além de produzindo dados que podem ser usados para uma educação intercultural crítica do Ensino do Português brasileiro.

Justifica-se socialmente por produzir material que registra aspectos culturais linguísticos da região quilombola de Itacuruçá. O registro desses aspectos linguísticos serve como um ato de afirmação e resistência, permitindo que os membros da comunidade se vejam refletidos nas falas, rompendo com a invisibilidade que muitas vezes os envolve, inclusive no espaço escolar.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo geral realizar estudo, na perspectiva da Educação intercultural, dos aspectos semântico-lexicais do Português brasileiro, dos moradores da Região remanescente Quilombola de Itacuruçá município de Abaetetuba-PA, em comparação com o acervo do questionário semântico-lexical proposto pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB (2005).

Para alcançar o objetivo geral e desenvolver as etapas da pesquisa foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

- Construir banco de dados semântico-lexical de variedades do Português brasileiro;
- Obter dados que possam ser utilizados como registro das variedades do Português brasileiro numa perspectiva da intercultural crítica;
- Registrar em cartas lexicais/cartografar a variação lexical por campo semântico;
- Realizar produção escrita que descreverá os falares existentes na comunidade remanescente de Quilombo de Itacuruçá município de Abaetetuba-PA.

Esta pesquisa está estruturada em seções. A primeira seção, além da Introdução, na qual é composta pela proposta de tese, justificativa social, justificativa

acadêmica, objetivo geral etc., também apresenta a construção da aproximação com o objeto de pesquisa. reflexões teóricas voltadas à Educação intercultural.

A segunda seção apresenta o caminho do grupo modernidade/colonialidade e a construção teórica da abordagem intercultural aos caminhos da interculturalidade crítica e educação. Assim realiza reflexões teóricas da proposta de interculturalidade crítica para o Ensino de Português brasileiro ao dialogar também com os pressupostos da sociolinguística e do preconceito linguístico.

Na terceira seção é possível identificar os caminhos percorridos em teses e dissertações por meio da construção do Estado do Conhecimento em geossociolinguística e Ensino de Português brasileiro e Educação em Comunidades Remanescentes de Quilombo, assim como traz a construção metodológica da pesquisa.

A quarta seção desenvolve a metodologia da pesquisa a partir do caminho metodológico dos critérios de pesquisa da dialetologia e da sociolinguística, apresentando o diálogo entre linguagem e geografia linguística. O Método cartográfico é apresentado numa perspectiva teórica das fotografias linguísticas e, por fim discorre sobre a proposta de pesquisa do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Na quinta seção é possível identificar o tipo de estudo da pesquisa, os critérios de seleção da mesorregião proposto pelo ALiB (2005), a seleção dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade Remanescente quilombola do Alto Itacuruçá, apresentadas a partir de cartografias sociais e geográficas das regiões. A seção apresenta também a seleção dos participantes da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e os princípios éticos que embasam esta pesquisa científica.

A sexta está organizada conforme as etapas da seção empírica, com os critérios de análise do *corpus* da pesquisa, a construção das tabelas, que servem de base de dados para a elaboração das cartas lexicais, e, as 69 (sessenta e nove) cartas lexicais, seguidas da análise de cunho descritivo e sociolinguístico.

Na última seção da tese, constam as considerações finais, referências, anexos, apêndices, o Certificado de apreciação do Comitê de Ética aprovado pelo parecer consubstanciado do Comitê de Ética da Plataforma Brasil e o Título de reconhecimento de domínio coletivo em favor da Associação das comunidades remanescentes de quilombo das Ilhas de Abaetetuba-ARQUIA.

2 Fundamentação teórico-metodológica

2.1 Projeto modernidade/colonialidade

O projeto modernidade/colonialidade surge com as concepções de intelectuais que apresentam uma crítica à modernidade eurocêntrica, pois esta caracteriza o mundo moderno por meio de um discurso de 'descoberta' que mascara a invasão e a exploração dos povos latino-americanos.

O grupo modernidade/colonialidade é formado pelo coletivo de intelectuais críticos que pensam a América Latina a partir da heterogeneidade e do processo histórico de formação numa perspectiva decolonial. Os principais pesquisadores que desenvolvem conhecimento neste campo de estudos são: o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo peruano Aníbal Quijano, o filósofo e semiótico Latino-Americano Walter Mignolo, o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres, o filósofo colombiano, Santiago Castro-Gomes e a linguista estadunidense, radicada no equador, Catherine Walsh etc.

O grupo parte do pressuposto de que a colonialidade engendra um modelo hegemônico de produção de conhecimento, fundamentado em uma perspectiva monocultural, conforme argumenta Grosfoguel (2007), “a epistemologia eurocêntrica ocidental dominante, não admite nenhuma outra epistemologia como espaço de produção de pensamento crítico nem científico” (Grosfoguel, 2007, P. 35).

Para Santiago Castro-Gomez (2005) a colonialidade difere do colonialismo histórico, na medida em que institui estratégias de manifestação do poder europeu que se perpetuam de forma velada ao longo do processo de formação da América Latina. Nesse horizonte, Castro-Gómez concebe a colonialidade como um processo de dominação epistêmica que estrutura as formas de poder, de saber e de ser. Assim o autor explica que:

o colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial (Torres, 2007, p. 131).

De modo semelhante, Castro-Gómez (2005) apresenta a narrativa da modernidade como intrinsecamente vinculada à colonialidade, ao posicionar a Europa como centro da cultura e sustentar uma lógica dualista e excludente nas relações modernas de poder, legitimando diferenças e hierarquizando saberes.

No entanto, essa modernidade não foi um fenômeno homogêneo. Para muitos povos indígenas das Américas, a chegada dos europeus não representou uma nova era de progresso, mas sim o início de um processo brutal de colonização, que implicou a destruição de culturas, modos de vida e sistemas sociais.

Nesta perspectiva Fanon (2005) relata que o processo de colonização foi totalmente violento uma vez que:

a violência com que se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de vida ou de pensamento dos colonizados, fazem com que, por uma justa inversão das coisas, o colonizado os escarneça quando se evocam na sua presença esses valores. (Fanon, 2005, p. 39).

O termo 'descobrimento' esconde a realidade da violência, do genocídio e da exploração, que marcaram esse período, assim existe uma destruição do imaginário do outro e, a construção de um processo de colonização epistemológica, que chega inclusive a impor línguas e silenciar vozes. Para Quijano (2005, p. 274) [...] “é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente distorcida”.

A colonialidade estende seus padrões de poder ao buscar também a hegemonia de padrões linguísticos. Com base em uma lógica binária, onde o certo e o errado representam duas possibilidades, nas línguas González Stephan (1996, p. 29) apresenta que “as gramáticas buscavam a cultura “do bem dizer” com o objetivo de evitar as falas populares”.

Desta forma, mesmo com o fim do colonialismo, as estruturas epistemológicas da colonialidade ainda vigoram na forma de dominação da sociedade e na ilusão de língua homogênea que vai contra os estudos científicos da linguagem. Assim Djamilia Ribeiro (2019, p. 25) apresenta a reflexão com relação ao processo de dominação e a linguagem na América Latina:

a linguagem dominante pode ser utilizada como forma de manutenção do poder, uma vez que exclui indivíduos que foram apartados das oportunidades de um sistema educacional justo. A linguagem, a

depende da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e estimular a criação de mais espaços de poder em vez de compartimentos (Ribeiro, 2019, p. 25).

Nesta perspectiva, Quijano (2005) apresenta o poder e a colonialidade a partir de três dimensões que operam como formas de dominação: a colonialidade do poder, a colonialidade do saber e a colonialidade do ser, para explicar as relações de dominação impostas na América Latina.

A colonialidade do saber, conceito usado para discutir a lógica da colonização, feita a partir de uma hierarquia epistêmica dos conhecimentos produzidos pela Europa Ocidental, que cria modelos “únicos” de interpretar o mundo, colocando as margens epistêmicas do conhecimento e os saberes que foram produzidos pelos povos colonizados.

A colonialidade do ser, apresenta a perpetuação nas Américas, para além da dominação econômica e do conhecimento, atingindo as esferas da desumanização e inferiorização do próprio ser humano, mostra que a mentalidade colonial dominadora se expandiu para subjugar o outro ser a condição de “não-ser”, tratando-os como inferiores e bárbaros, assim desvalorizando os modos de existir e as manifestações culturais ao nível do “não fazer existir”.

A colonialidade do poder, mantém a relação de exploração entre o colonialismo europeu e as Américas, dominando por meio da política e da economia, construindo uma ideia de raça que coloca os brancos como superiores aos povos indígenas, ribeirinhos e africanos. Esta ideia de raça representava um construto social que, naquele momento era vantagem ser imposto para garantir a exploração dos europeus sobre os outros povos.

Fanon (2005) apresenta o colonialismo a partir da divisão em dois mundos, onde um mantém a dominação dos bens, dos territórios e da hierarquia entre as culturas, garantidas pela violência física e epistêmica. O autor afirma que essa divisão de mundos é marcada pelo caráter racial uma vez que coloca o branco europeu como superior aos povos nativos. O outro mundo, nesta divisão exploratória, seria então representado pelos não-civilizados, sem cultura, de línguas subordinadas e de raças inferiores aos europeus, construindo assim, dentre tantas formas de exploração, a ideia de raça que se configura como caminho para dominação e garantia da perpetuação do racismo, além de forma de permanência do pensamento colonial.

Nesta crítica a construção social do racismo, sistema complexo de opressão imposto aos seres humanos, na tentativa de categorizá-los como não-humanos, Almeida (2018, p. 15) afirma:

o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo social ao qual pertençam (Almeida, 2018, p. 15).

Nesta linha de raciocínio sobre o processo de dominação das Américas, o antropólogo Darcy Ribeiro (2015) destaca que a formação do Povo Brasileiro ocorreu por meio da dominação e da exploração a partir da ideia de raça, não sendo um sistema de acordos, mas sim um processo de lutas que somava-se com o efeito dizimador das enfermidades desconhecidas, ao desgaste de energia produzido pelo trabalho escravo, e ao processo de desculturação, onde pessoas são oprimidas a partir da “perda” de suas características culturais, dentre estas a língua.

Assim com base na colonialidade do poder e o processo de colonização dos povos das américas, infelizmente, como aponta Ribeiro (2015):

o povo brasileiro pagou, historicamente, um preço terrivelmente alto em lutas das mais cruentas de que se tem registro na história, sem conseguir sair, através delas, da situação de dependência e opressão em que vive e peleja. Nessas lutas, índios foram dizimados e negros foram chacinados aos milhões, sempre vencidos e integrados nos plantéis de escravos. O povo inteiro, de vastas regiões, às centenas de milhares, foi também sangrado em contrarrevoluções sem conseguir jamais, senão episodicamente, conquistar o comando de seu destino para reorientar o curso da história (Ribeiro, 2015, p. 21).

Mignolo (2003) defende que o eurocentrismo vai tornando-se uma metáfora da colonialidade do poder, pois subalterniza as histórias locais criando a ideia de progresso que coloca a Europa como superior. Essa violência epistêmica nega identidades e culturas ao produz uma geopolítica linguística que impõe as línguas do colonizador como padrão linguístico, ao mesmo tempo em que discrimina as línguas nativas pela imposição de uma língua dominante.

Nesse sentido Quijano (2005) explica que:

o fato de que os europeus ocidentais imaginaram ser a culminação de uma trajetória civilizatória desde um estado de natureza levou-os também a pensar-se como os modernos da humanidade e de sua história, isto é, como

o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie. Mas já que ao mesmo tempo atribuíam ao restante da espécie o pertencimento a uma categoria, por natureza, inferior e por isso anterior, isto é, o passado no processo da espécie, os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas. O notável disso não é que os europeus se imaginaram e pensaram a si mesmos e ao restante da espécie desse modo – isso não é um privilégio dos europeus – mas o fato de que foram capazes de difundir e de estabelecer essa perspectiva histórica como hegemônica dentro do novo universo intersubjetivo do padrão mundial do poder (Quijano, 2005, p. 122).

Podemos constatar que a predominância de um pensamento único: branco e europeu desqualifica os povos africanos, indígenas etc., a partir da subordinação a modelos europeus que, apesar do fim do sistema colonial, continuam sendo reproduzidos no sistema de dominação que nega o conhecimento epistêmico de outros seres humanos.

É necessário expor as vivências culturais e epistêmicas produzidas a partir das margens, daqueles que foram colocados à margem, como forma de desobediência epistêmica para mostrar: “A história que a história não conta, o avesso do mesmo lugar, na luta é que a gente se encontra [...] com os versos que o livro apagou desde 1500, tem mais invasão do que descobrimento, tem sangue retinto pisado, atrás do herói emoldurado” Samba-enredo Mangueira- 2019- História pra ninar gente grande- (Danilo Firmino / Deivid Domênico / Mamá / Márcio Bola / Ronie Oliveira /Tomaz Miranda).

2.1.2 Pensamento decolonial

A desconstrução de narrativas eurocêntricas a partir do pensamento de fronteira como alternativa oposta ao pensamento hegemônico, apresenta a desobediência epistêmica como proposta do pensamento decolonial, contra a violência epistêmica, histórica e sociocultural que produz o silenciamento e a invisibilidade de grupos subalternizados, sobre o pensamento de fronteira Mignolo (2003) explica que:

o pensamento fronteiriço, desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjugar-se a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista. O pensamento fronteiriço é o pensamento que afirma o espaço de onde o pensamento

foi negado pelo pensamento da modernidade, de esquerda ou de direita (Mignolo, 2003, p. 52).

Grosfoguel (2010) apresenta o pensamento de fronteira como resposta epistêmica do subalterno, é a formação do pensamento crítico como redefinição do projeto eurocêntrico da modernidade. Para o autor, o pensamento de fronteira/fronteiriço representa o lado do oprimido e explorado pelo discurso colonialista de civilização, assim apresenta a cosmologia do oprimido pela diferença colonial, não se configura como o “antimoderno” mas como uma resposta a partir de uma nova episteme que urge reflexões em torno da democracia e da cidadania que englobem os povos da América latina.

O pensamento de fronteira parte da necessidade de resposta ao pensamento hegemônico do colonialismo, apresentando nova forma de pensar criticamente o processo de formação histórico da América Latina a partir do pensamento decolonial:

as histórias locais não-ocidentais (e conhecimentos) não podem ser constituídas sem enredos com a história local Ocidental. O pensamento de fronteira torna-se, então, a epistemologia necessária para desvincular e descolonizar o conhecimento e, no processo, construir histórias locais decoloniais, restaurando a dignidade que a ideia ocidental da história universal tirou de milhões de pessoas (Mignolo, 2012, p.10).

A decolonialidade se refere ao processo de desconstrução das estruturas de poder e conhecimento que foram impostas durante o colonialismo. Em vez de simplesmente buscar a independência política dos Estados coloniais, a decolonialidade busca transformar as relações sociais, os sistemas de conhecimento e as práticas culturais que perpetuam desigualdade e opressões.

Para Mignolo (2005, p. 216) a perspectiva do pensamento decolonial é:

a opção descolonial é pensada não mais a partir da Grécia, e sim a partir do momento em que as histórias locais do mundo foram interrompidas pela história local da Europa, que apresenta a si mesma como projeto universal. A criação da ideia de América ‘Latina’ foi parte deste processo expansivo universal (por exemplo, uma América Latina e não uma América Cristã ou Hispânica, como foi o ideal de colonização castelhana). Hoje, esta ideia está em processo de ‘desmontagem’ precisamente porque aqueles que foram negados – e àqueles que, no melhor dos casos, foi dada a opção de se integrar à colonialidade – hoje dizem: ‘Não, obrigado, mas não; minha opção é descolonial (Mignolo, 2005, p. 216-217).

Ao buscar transformar as relações sociais, a decolonialidade promove a inclusão de vozes que foram historicamente marginalizadas. Isso envolve a valorização das culturas locais e a promoção do diálogo intercultural, reconhecendo que a diversidade enriquece a sociedade. A decolonialidade também enfatiza a importância de práticas que respeitam as tradições locais.

O pensamento decolonial redefine ideias de culturas e espaços de poder pois desconstrói formas coloniais que são: “[...] padrões de poder de longa data que surgiram como resultado do colonialismo, mas que definem a cultura, o trabalho, as relações intersubjetivas e a produção de conhecimento muito além dos limites rígidos das administrações coloniais” (Maldonado-Torres, 2007, p. 243).

A decolonialidade permite a reflexão crítica sobre o processo de formação da colonialidade do poder, da colonialidade do saber e da colonialidade do ser montadas como estruturas de poder pelo colonialismo, propondo mudanças que promovam a democracia social entre as culturas e as diferentes epistemes.

Fanon (2005) destaca que:

a reivindicação do intelectual colonizado não é um luxo, mas exigência de um programa coerente. O intelectual colonizado que situa o seu combate no plano da legitimidade, que quer apresentar provas, que aceita desnudar-se para melhor exibir a história do seu povo, é condenado a esse mergulho nas entranhas do seu povo (Fanon, 2005, p. 244).

As afirmações de Fanon permitem inferir que a decolonialidade representa uma crítica às estruturas coloniais e uma transformação das representações epistemológicas nos espaços de poder formados pelo sistema capitalista, caracterizada pelo diálogo transmoderno construído a partir do pensamento de fronteira da decolonialidade e da interculturalidade.

2.1.3 Interculturalidade/Interculturalidade crítica

A palavra "interculturalidade" pode ser definida como a condição de interação entre culturas, evidenciando a relação mútua e dinâmica que se estabelece entre diferentes grupos culturais.

Segundo Canclini (2004), a interculturalidade remete à confrontação e entrelaçamento, porque se trata de grupos em relacionamento e intercâmbio, entre os quais a diferença estabelece relações de negociação e conflito.

A partir dos termos que a compõem, “inter” (entre) e “culturalidade” (referente às culturas), a noção de interculturalidade destaca a centralidade do diálogo e da convivência oriundos da interação entre diferentes culturas. Parte-se do pressuposto de que as culturas não se constituem de forma isolada, mas estão em permanente dinâmica de inter-relação e influência mútua, “fomentando o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos” (Fleuri, 2005).

Desta forma, existem duas concepções para o termo interculturalidade, uma fundamentada no modelo multiculturalista, lógica capitalista do sistema de dominação que ocupa diferentes espaços de poder, a outra, interculturalidade crítica, usada como base para os princípios teóricos da decolonialidade e do pensamento de fronteira.

A interculturalidade fundamentada no modelo capitalista parte do princípio do multiculturalismo e se pauta na ideia de “aceitar” as diferenças, mantendo a soberania de uma cultura em imposição sobre a outra, seria então uma inclusão das diferenças que vela a própria exclusão, para Walsh (2019) o modelo Intercultural colonialista surge “da lógica e da significação daquele que tende a sustentar os interesses hegemônicos” (2019, p. 20).

O modelo intercultural fundamentado no multiculturalismo tende a manter as estruturas de poder que “acalantam” as vozes culturais historicamente oprimidas pelo colonialismo. Como estratégia de dominação, impõe-se a “voz imperativa do poder”, que busca silenciar o “grito dos excluídos”. Nesse sentido, Djamila Ribeiro (2017, p. 70) observa que, “ao promover uma multiplicidade de vozes, o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal”.

Assim, Canclini (2004, p. 22) também afirma que:

a multiculturalidade, ou seja, a abundância de opções simbólicas, propicia enriquecimentos e fusões, inovações estilísticas, tomando emprestado de muitas partes. [...] O multiculturalismo, entendido como programa que prescreve cotas de representatividade em museus, universidades e parlamentos, como exaltação indiferenciada dos acertos e penúrias de quem compartilha a mesma etnia e o mesmo gênero, encerrala no local, sem problematizar sua inserção em unidades sociais complexas em grande escala. (Canclini, 2004, p. 22).

Por outro lado, a interculturalidade crítica propõe avanços no campo epistemológico ao oferecer respostas às limitações do multiculturalismo, o qual, embora reconheça a diversidade cultural, não garante efetivamente os direitos

democráticos das diferenças dentro da estrutura social de poder capitalista. A interculturalidade crítica tem como propósito a transformação das hierarquias que produzem a marginalização e a opressão com base em raça, classe e gênero, rompendo com a narrativa dominante e promovendo a emergência de novos discursos que desestabilizam verdades unilaterais: brancas e patriarcais.

Dentro deste contexto de subordinação dos grupos “minoritários”, Nego Bispo afirma que:

o colonialista gosta de denominar. Uma das armas do colonialista é dar nome. Em África, nós não éramos chamados de negros antes de o colonialista chegar. Tinham várias nomações, autonomações. E o que os colonialistas fizeram? Denominaram: chamaram todo mundo de negro. E eles usam uma palavra vazia. Uma palavra sem vida, que é para nos enfraquecer (Bispo dos Santos, 2019, p. 25).

A proposta de interculturalidade crítica emerge da representatividade social de grupos historicamente marginalizados. Embora tanto o multiculturalismo quanto a interculturalidade partam do reconhecimento das diferenças culturais, o primeiro tende a mascarar e subordinar essas diferenças, enquanto o segundo propõe um diálogo transformador com as dinâmicas de poder, visando à superação das desigualdades estruturais.

A interculturalidade crítica não se restringe as concepções de diversidade, mas apresenta uma mudança na estrutura social de forma a garantir relações culturais democráticas nestes espaços sociais: na educação, na política, na sociedade, questionando estas relações de poder.

Para Walsh (2005) a interculturalidade crítica é um projeto político que está para além da proposta do multiculturalismo, que utiliza o termo “aceitar” diferenças culturais, a autora pensa a interculturalidade crítica como relação (inter) entre os saberes de diferentes povos.

Neste contexto Walsh (2005) defende que a interculturalidade crítica:

não tem como principal fim pluralizar ou abrir o pensamento eurocêntrico e dominante (um fim talvez associado ao pensamento fronteiriço), mas também, e ainda mais importante, construir vínculos estratégicos entre grupos e saberes subalternos (...) Iniciativas para estabelecer lugares epistêmicos de pensamentos-outros como a Universidade Intercultural ou a etnoeducação afro são ilustrações do posicionamento crítico fronteiriço que oferece a possibilidade de colocar ‘outros’ conhecimentos e cosmovisões em diálogo crítico com eles, mas também com conhecimentos e modos de vida tipicamente associados ao mundo ocidental (Walsh, 2005, p.31).

A interculturalidade crítica é um conceito que vai além da mera “aceita(nega)ção” da diversidade cultural proposta pelo multiculturalismo. Ela busca promover uma transformação profunda nas relações sociais, incentivando a construção de espaços onde diferentes culturas possam interagir de maneira justa e democrática, Candau (2016, p. 82) afirma a necessidade da:

construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias entre os diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados (Candau, 2016, p. 82).

Este desdobramento para uma construção crítica de sociedade é fundamental para entender as dinâmicas de poder que permeiam as interações culturais e sociais do mundo capitalista uma vez que “a interculturalidade crítica fortalece a construção de identidades dinâmicas, abertas e plurais, assim como questiona uma visão essencializada de sua constituição” (Candau, 2012, p. 129).

A interculturalidade crítica surge como uma resposta às limitações do multiculturalismo, que muitas vezes apenas reconhece a diversidade sem abordar as desigualdades estruturais. Enquanto o multiculturalismo pode promover a coexistência de diferentes culturas mantendo as diferenças nos espaços sociais, a interculturalidade crítica questiona as relações de poder subjacentes e busca transformar as hierarquias que perpetuam a marginalização de grupos minoritários.

Para Walsh (2007) a interculturalidade crítica caracteriza-se como:

uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma experiência histórica de submissão e subalternização. Uma proposta e um projeto político que também buscam expandir-se e abarcar uma aliança com pessoas que também buscam construir alternativas à globalização neoliberal e à racionalidade ocidental, e que lutam tanto pela transformação social como pela criação de condições de poder, saber e ser muito diferentes. Pensada desta maneira, a interculturalidade crítica não é um processo ou projeto étnico, nem um projeto de diferença em si (...), é um projeto de existência, de vida (Walsh, 2007, p.8).

Desta forma Walsh (2007) propõe a interculturalidade crítica como um projeto político de pessoas que lutam pela transformação social como alternativa a episteme da racionalidade ocidental, em posição oposta a hegemonia monocultural, monorracial e de lógica binária da manutenção do poder, assumir esta proposta seria retirar as correntes epistêmicas da colonialidade.

Castro-Gómez (1996, p. 80) afirma que as relações modernas de poder são uma imposição do sistema-mundo capitalista, de caráter dualista e excludente seguem lógica binária que reprime as diferenças a partir da concepção de certo x errado; bem x mal; verdadeiro x falso; Deus x Diabo; estabilização linguística x mudanças da língua, desta forma, deveriam seguir nesta lógica o “bom cidadão” dos padrões disciplinares de civilidade inventados para tentar controlar as diferenças epistemológicas e identitárias do ser humano.

Sobre a constituição de identidades e saberes, Djamila Ribeiro (2019, p. 75) afirma que “os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contradiscursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias”.

A prática do diálogo intercultural como proposta de emancipação aos que tiveram a humanidade negada, enfrenta o desafio de mobilizar diferentes bases político-epistemológicas, transformando as diferenças em exercício democrático dos direitos sociais.

2.1.4 Educação intercultural crítica e Ensino de Português brasileiro

A decisão pela escolha de uma proposta educacional sob a perspectiva da interculturalidade crítica representa um caminho de transformação dentro de um sistema que estrutura suas práticas de ensino a partir da visão do colonizador. Tal abordagem conduz ao reconhecimento dos abusos promovidos pela colonialidade do poder e colonialidade do saber sobre os espaços formais de ensino.

Para Candau (2014, p.1) a Educação Intercultural crítica afirma a diferença como riqueza cultural ao gerar processos sistemáticos de diálogo entre diferentes sujeitos na direção de promover a justiça social e democrática.

Assim, como passo inicial de mudança, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, em seu artigo 26, § 4º, determina que “o ensino da História do Brasil deve considerar as representações das diferentes culturas e etnias na formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia”.

Nesse mesmo sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) reforçam essa diretriz. Em seguida em 2003, foi aprovada a Lei nº 10.639/2003, que

tornou obrigatória a inclusão do ensino de história e culturas africanas e afro-brasileiras nos estabelecimentos de ensino públicos e privados em todo o país.

Neste aspecto, a escola deve tornar-se espaço de contato e reconhecimento das diferentes culturas e das diferenças entre línguas na tentativa de desconstruir o que Mignolo (2000) aponta como a hierarquia na produção de conhecimento nas línguas europeias em detrimento das línguas subalternizadas, visto que estas são usadas como sinônimo de folclore ou línguas inferiores.

A concepção de línguas como mais elaboradas ou inferiores tem sido utilizada historicamente como estratégia de dominação, especialmente durante o processo de colonização. A capacidade da linguagem, expressa por meio da língua, permite aos falantes não apenas representar o mundo, mas também agir criticamente sobre as estruturas sociais. Nesse sentido, a linguagem é poder e tem caminhado lado a lado com a manutenção do racismo, uma estratégia iniciada na colonização e perpetuada, de forma velada, por meio de práticas e estruturas sociais que marginalizam a fala de grupos oprimidos, como os negros.

Melo e Jesus (2022), ao abordarem a relação entre linguagem e identidades raciais, apresentam a concepção de linguagem como um elemento político, compreendendo as línguas para além de um sistema estruturalista, inseridas em contextos ideológicos, sociais e culturais. Discutir o campo da linguística para além das amarras da visão hegemônica de língua, que representa a colonialidade ao sustentar noções fixas de identidade e linguagem — é, portanto, pensar a língua como uma manifestação do discurso de identificação linguística do sujeito negro.

A concepção de uma língua "pura" está associada a padrões hegemônicos, pois a linguagem efetivamente utilizada é múltipla, especialmente no contexto brasileiro, onde a diversidade linguística se manifesta por meio das línguas indígenas, das línguas de sinais e do Português brasileiro. Nesse sentido, conceber a língua brasileira como representação de uma única identidade suprema seria um retrocesso, pois contribui para a perpetuação do racismo linguístico.

Para Nascimento (2019, p. 35) em relação à raça e à linguagem, o autor afirma que:

a raça é uma concessão da opressão criada pela branquitude. A superação de uma sociedade de raças é o dever a ser batalhado nas ciências da linguagem e nas ciências do cotidiano, em que o discurso é a prática [...] o branco, ao não compreender o racismo, que ele mesmo criou ao impor o "este" discurso de raça [...], nega o racismo pelas mesmas proporções do discurso pós-estruturalista [...] é preciso

desnudar o discursivo da raça que se impõe através da linguagem e da língua. (Nascimento, 2019, p. 35).

Neste sentido Darcy Ribeiro sobre o processo de invasão e exploração dos negros e indígenas e a linguagem, relata:

lançando-se em guerras de conquista, de saqueio e de evangelização sobre os povos da África, da Ásia e, principalmente, das Américas. Estabeleceram, assim, os fundamentos do primeiro sistema econômico mundial, interrompendo o desenvolvimento autônomo das grandes civilizações americanas. Exterminaram, simultaneamente, milhares de povos que antes viviam em prosperidade e alegria, espalhados por toda a terra com suas línguas e com suas culturas originais. (Ribeiro, 1995, p. 65).

Como forma de reparação aos povos e línguas historicamente oprimidos, os paradigmas presentes na prática de ensino da língua portuguesa no Brasil devem ser desestruturados, a fim de evitar qualquer forma de discriminação social contra diferentes manifestações e variações linguísticas. Afinal, “as diferenças socioculturais são componentes das relações sociais dos grupos presentes na sociedade” (Candau, 2014, p. 2014).

Nesse sentido, “devem ser desenvolvidas práticas de ensino de língua portuguesa que desprivilegiem a abordagem tradicional, a qual é autoritária e intolerante em relação ao que é diferente” (Bagno, 2013, p. 30).

Para Antunes (2009), o ensino de línguas não deve ser conduzido como um elemento isolado, desconsiderando o contexto histórico, social e cultural do falante. Um ensino de língua portuguesa reducionista e descontextualizado dos aspectos sociais que influenciam e transformam a língua acarreta diversas implicações negativas para as práticas educacionais.

Assim, no que se refere ao profissional de Letras, o Ministério da Educação (MEC) determina que:

o profissional em Letras deve ter domínio do uso da língua ou das línguas que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variedades linguísticas e culturais (Brasil, 2007, p.2).

O profissional de Letras deve ser preparado para atuar reconhecendo as variações linguísticas como legítimas e promovendo práticas de ensino que

contemplem não apenas o domínio linguístico, mas também o desenvolvimento de uma postura crítica e comprometida com a diversidade linguística do Brasil.

Segundo Bagno (2013), a gramática normativa é excludente e fundamentada em um sistema antiquado e não científico. Além disso, a inclusão das variações linguísticas nas práticas de ensino permite refletir criticamente sobre as limitações da lógica excludente que associa o diferente ao erro, uma imposição da própria gramática normativa.

Dessa forma, a variação linguística pode ser compreendida como o fenômeno que abrange o uso simultâneo de diferentes formas linguísticas que compartilham o mesmo significado, mas que adquirem valores sociais distintos, conforme o contexto em que se manifestam. Bagno (2002, p. 5) destaca que as variações linguísticas são “heterogeneidade, sim, mas ordenadas”. Ordenadas, portanto, pela estrutura de um sistema complexo, com regras próprias, em que a perspectiva científica observa tanto as regularidades quanto as irregularidades.

As variações linguísticas correspondem às transformações que uma língua atravessa ao longo do tempo, tanto no aspecto diacrônico, história da língua, quanto no sincrônico, estado atual da língua, dentro do processo de construção social. Tais variações manifestam-se no sistema da língua, abrangendo diferenças na pronúncia, no vocabulário etc.

Sobre a heterogeneidade das línguas, Faraco (2008, p. 76) afirma,

qualquer língua é sempre heterogênea, ou seja, constituída por um conjunto de variedades, por um conjunto de normas. Não há, como muitas vezes imagina o senso comum, a língua de um lado, e, de outro as variedades. A língua é em si o conjunto das variedades. Ou seja, estas não são deturpações, corrupções, degradações da língua, mas são a própria língua: é o conjunto de variedades (de normas) que constitui a língua (Faraco, 2008, p. 76).

É importante destacar que as variações linguísticas também são formas concorrentes e refletem a diversidade cultural dos falantes de uma língua. Por outro lado, a discriminação linguística caracteriza-se por uma atitude preconceituosa, pautada no senso comum, que se manifesta ao atribuir um juízo de valor negativo a determinada forma de expressão linguística, considerando-a inferior em relação à norma culta, revela o preconceito linguístico diante de tudo aquilo que se desvia da norma-padrão gramatical.

Para Bybee (2016, p.17) “Se quisermos entender fenômenos que são tanto estruturados quanto variáveis, é necessário olharmos para além das formas

superficiais mutáveis e considerarmos as forças que produzem os padrões observáveis”.

O pensamento científico para a análise da variação linguística é essencial na formação do professor de Língua Portuguesa, pois ao compreender as variações linguísticas, ele promove a conscientização dos alunos de que não existe uma forma de linguagem certa ou errada.

Essas múltiplas formas de manifestação da língua portuguesa formam o arcabouço da interculturalidade em ambiente escolar, visto que para o documento da BNCC:

a proposição do eixo Dimensão Intercultural nasce da compreensão de que as culturas, especialmente na sociedade contemporânea, estão em contínuo processo de interação e (re)construção. Desse modo, diferentes grupos de pessoas, com interesses, agendas e repertórios linguísticos e culturais diversos, vivenciam, em seus contatos e fluxos interacionais, processos de constituição de identidades abertas e plurais. (Brasil, 2018, p. 247).

O documento da BNCC direciona para que o ensino dialogue com as diferentes culturas e identidades, inclusive linguísticas, a partir do princípio da interação, logo deixando de lado a tentativa de homogeneidade da língua.

Bagno (2010) afirma que não deve ocorrer a hierarquização das línguas, isto é, não existe uma forma superior de se comunicar, apenas a língua precisa ser adequada conforme o cenário no qual o falante está inserido.

A língua/linguagem não ficou imune ao preconceito decorrente do mito da unidade linguística, que preconiza a existência de uma língua única e homogênea, ignorando as inúmeras variações que coexistem em um mesmo idioma.

Para Martelotta (2020, p. 19) “as línguas variam e mudam ao sabor dos fenômenos de natureza sociocultural que caracterizam a vida na sociedade”, essas mudanças ocorrem por meio da interação entre pessoas, que por meio do uso da língua manifestam as variações linguísticas de seu espaço sociocultural.

A variação linguística é um fenômeno que caracteriza a transformação de uma língua ao longo do tempo, influenciada por fatores como o espaço geográfico, a estrutura social e o contexto de uso (Saussure, 2006, p. 221).

Desconsiderar as variações linguísticas no ambiente escolar equivale a ignorar a história e a identidade dos alunos. Assim, o ensino que considera a variação linguística tem

como meta promover a inclusão e a democratização do ensino de línguas, assegurando que todos sejam representados em sua linguagem.

A sociolinguística, nesse contexto, busca compreender as mudanças na língua com o objetivo de desconstruir o preconceito direcionado às classes menos favorecidas. Para isso, parte do entendimento de que as variações linguísticas consideradas não cultas também possuem lógica e regras, assim como a variedade padrão. Do ponto de vista científico, não se pode afirmar que existam língua mais ou menos elaborada.

William Labov (2008), durante pesquisas em sociolinguística, mostrou que as variações linguísticas não são erros ou desvios, mas sim manifestações naturais e sistemáticas da língua que refletem fatores sociais como classe, gênero e faixa etária. Suas pesquisas evidenciam que essas variações possuem padrões organizados, revelando a complexidade na qual a linguagem está inserida. Labov (2008, p.22) reforça que “nenhuma variedade linguística é intrinsecamente superior a outra em termos de estrutura ou complexidade.” (Labov, 2008, p. 22).

O Brasil é marcado pela pluralidade de línguas. Ao longo de sua formação, essas línguas foram influenciadas por diferentes variedades regionais. Essa diversidade constitui um dos principais fundamentos da democratização linguística voltada à valorização da variação linguística. Torna-se essencial compreender e adaptar o conceito de educação a essa realidade sociolinguística.

no processo que conduz à elaboração, legitimação e imposição de uma língua oficial, o sistema escolar cumpre a função determinante de “fabricar” as semelhanças das quais resulta a comunidade de consciência que é o cimento da nação (Bourdieu, 1996, p. 35).

Nesse sentido, como explica Bourdieu (1996, p. 99), “a linguagem [...] é também um instrumento de poder, capaz de reforçar ou de subverter as relações de força que se estabelecem no seio das trocas simbólicas.” Reconhecer essa dimensão da linguagem é fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais democráticas e inclusivas.

Bagno (2010, p. 5) afirma que a tradição educacional brasileira historicamente ignorou a existência da diversidade de normas linguísticas no âmbito da língua portuguesa. Por essa razão, durante muito tempo, o ensino associou as variações linguísticas à noção de erro, desvalorizando as diferentes formas legítimas de uso da língua e fortalecendo a relação da linguagem como instrumento de poder de uma determinada classe social.

Sobre educação, linguagem e poder Bagno (2007) afirma que:

é preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país (Bagno, 2007, p. 18).

Para Bagno (2007) a concepção tradicional de erro, baseada em uma visão idealizada da língua, desconsidera enunciações que são plenamente compreensíveis, interpretáveis e funcionais. No entanto, tais expressões são rotuladas como “erradas” simplesmente por não se ajustarem às normas rígidas da gramática normativa, frequentemente tratadas como dogmas intocáveis.

De acordo com Hobsbawm (1998), a língua não apenas reflete o mundo em que vivemos, mas também o constitui, em um processo dialético no qual linguagem e realidade se moldam. A linguagem vai além de ser apenas um meio de comunicação; ela é um elemento essencial na formação das identidades sociais e na construção da realidade. Através da linguagem, os indivíduos não só expressam suas percepções e interpretações do mundo, mas também influenciam e são influenciados pelas estruturas de poder e pelas ideologias presentes na sociedade.

Para Carboni & Maestri (2005), na obra *Linguagem escravizada*:

a linguagem é determinada pelo momento histórico, pelas contradições sociais e pelos conflitos ideológicos-de classe, de geração, de gênero, de grupos étnicos etc. Ela é produto inconsciente, semiconsciente e consciente dessas contradições. Sua função comunicativa também possui uma importante instância de integração e de ocultação das contradições sociais (Carboni & Maestri, 2005, p. 59).

Assim, compreender a linguagem implica reconhecer sua dimensão ideológica e o papel ativo na configuração das relações de poder. Ensinar as nuances dos jogos de linguagem constitui uma forma de empoderar o falante, na perspectiva crítica de um cidadão que compreende e domina as dinâmicas de poder manifestadas por meio da linguagem.

Desta forma, ensinar as línguas brasileiras a partir das variações linguísticas numa perspectiva intercultural seria o processo de transformação educacional que valoriza as múltiplas linguagens presentes nas dinâmicas culturais que se manifestam nos espaços formais de aprendizagem. Desafiando o preconceito linguístico de uma

lógica normativa e hierárquica que prevalece desde o projeto de colonização da América Latina.

Sobre esse processo de opressão histórica, fruto da colonização no Brasil, a partir de uma análise com foco na linguagem, Mariani (2004) diz que:

a colonização linguística resulta de um processo histórico de encontro entre pelo menos dois imaginários linguísticos constitutivos de povos culturalmente distintos – línguas com memórias, histórias e políticas de línguas de sentidos desiguais, em condições tais que uma dessas línguas – chamada de língua colonizadora – visa impor-se sobre a(s) outra(s) colonizada(s). Os efeitos decorrentes desse processo de colonização linguística, porém, não são sempre os mesmos nem são previsíveis; basta que se observem comparativamente as trajetórias das diferentes línguas indígenas, do inglês e do espanhol nas Américas (Mariani, 2004, p. 28).

O pensamento científico sustenta que o que distingue a variante padrão da não padrão é, essencialmente, o prestígio social atribuído a cada uma delas. Nesse contexto, a democratização do ensino de línguas, com base no reconhecimento das diferenças dentro e entre as culturas, torna-se fundamental, especialmente quando se adota uma perspectiva que valoriza a variação linguística como expressão legítima da diversidade sociocultural.

Dessa forma, combate-se o sistema de poder herdado da colonização, que promove o silenciamento de diferentes línguas e perpetua a opressão ao categorizar as diferenças como desvios, numa métrica colonizadora, inclusive nas regras da estrutura do português brasileiro, mesmo que como fundamenta Bagno (2008, p. 57) “a língua brasileira seja um sistema linguístico totalmente diferente do português europeu”.

3.Estado do conhecimento

3.1 Estado do conhecimento em Geossociolinguística e Ensino de Língua Portuguesa: estudos cartográficos na Amazônia Paraense

O ensino de Língua Portuguesa deve considerar aspectos culturais existentes na fala de cada aluno. A relação entre língua e cultura é permanente, uma vez que não há cultura sem língua e que a identidade de cada pessoa também é constituída por meio desses dois aspectos. Conforme Fiorin (1997) a língua mostra uma visão de mundo, pode ser considerada, portanto, uma manifestação de cultura.

Mediante a esses debates sobre língua e cultura Benveniste (2005, p. 45) afirma: “pela língua, o ser humano assimila a cultura, a perpetua ou a transforma”. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual determinada sociedade se identifica.

Deste modo, foi realizada a sistematização da área de conhecimento Linguagem e Educação, com objetivo de “rever caminhos percorridos” via construção de Estado do conhecimento que busca responder a seguinte pergunta: como as pesquisas sobre Geossociolinguística, Cartografia linguística e Ensino de Língua Portuguesa vem contribuindo no campo das pesquisas em Educação?

De acordo com Romanowski e Ens (2006), estudos sobre o Estado do Conhecimento:

podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada. (Romanowski; Ens, 2006 p. 39).

O Estado do conhecimento tem por objetivo acompanhar as contribuições do conhecimento científico durante determinado período. Dessa forma, busca reunir teses e dissertações que analisadas possam apresentar avanços e lacunas da produção de conhecimento.

O novo pode advir de questões, tópicos ou áreas; da aplicação de ideias, métodos, approaches ou análises; ou do desenvolvimento ou aplicação de teorias, descrições teóricas ou approaches teóricos; ou invenção, desenvolvimento ou aplicação de métodos, ou approaches, técnicas computacionais ou tecnologias; ou da criação, descoberta ou utilização de dados, conjunto de dados, arquivos, informações, fontes ou recursos; ou da aplicação de ideias antigas, métodos, approaches ou análises a dados, materiais ou fontes; ou do desenvolvimento ou aplicação de análises, approaches analíticos, esquemas técnicos, modelos ou procedimentos estatísticos; da introdução de ideias, conexões, inferências, insights, interpretações, observações, perspectivas; ou da produção de conclusões, respostas, descobertas ou provas; ou da combinação ou síntese de coisas (experimentos, fatos, conhecimentos, modelo de pesquisa, problemas, fontes, tecnologias, construtos teóricos) de outros campos ou disciplinas (Lovitts, 2007, p. 31).

Segundo Morosini e Fernandes (2014), o estado do conhecimento constitui-se na “[...] identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a

produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo” (p. 10).

Desta forma, este tópico apresenta pesquisas sobre Cartografia Linguística, Geossociolinguística e Ensino de Língua Portuguesa produzidas por programas de pós-graduação *Stricto Sensu* na Amazônia Paraense.

As teses e dissertações analisadas encontram-se no repertório do Catálogo de Teses e Dissertações do Programa de Pós-graduação em Educação UEPA e do Programa de Pós-graduação em Letras UFPA, selecionadas no recorte temporal de 2005 a 2023. Este recorte temporal justifica-se por mostrar resultados de pesquisas na área da Cartografia Linguística e Geossociolinguística produzidas nos últimos 18 anos dentro do Estado do Pará.

O programa de Pós-graduação em Letras- PPGL- UFPA produziu total de 373 dissertações e 149 teses. O buscador das dissertações e teses foi realizado em todas as seis Linhas de Pesquisa do Programa de Pós-graduação: Análise, Descrição e Documentação de Línguas Naturais; Ensino e aprendizagem de Línguas/Culturas; Línguas e Cosmologias Indígenas; Literatura, Memórias e Identidades; Literatura: interpretação, circulação e recepção; Poéticas e cosmologias indígenas. A partir do levantamento de 373 dissertações e 149 teses, foram selecionadas 03 (três) teses e 0 (zero/nenhuma) dissertação que verse sobre os critérios de análise, estas compõem o quadro 1.

O programa de Pós-graduação em Educação PPGED- UEPA apresentou total de 391 dissertações defendida entre 2005e 1ª turma e 2021- 17ª turma. O buscador das dissertações foi feito em ambas as Linhas de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia e Formação de Professores, Docência e Práticas Educativas.

Ao refinar a busca, a partir dos descritores: Cartografia Linguística, Geossociolinguística e Ensino de Língua Portuguesa, foram encontradas 05 (cinco) dissertações de Mestrado-UEPA e 02 (duas) teses de doutorado-UFPA-Total: 07 (sete) pesquisas científicas.

Os critérios de análise das teses e dissertações são: tema; objetivo geral; palavras-chave, metodologia e contribuições à Educação e Ensino de Língua Portuguesa. O quadro está organizado com base em pesquisas realizadas nos Programas de Pós-graduação da UEPA e UFPA- Amazônia Paraense, analisados de forma cronológica, representando assim o recorte temporal, indo da pesquisa mais

antiga até a pesquisa mais recente. Conforme pode ser observado no quadro 1 e quadro 2 abaixo:

Quadro 1: Teses e dissertações selecionadas buscador: Cartografia Linguística, Geossociolinguística e Ensino de Língua Portuguesa- UEPA.

Orientadora	Título: Cartografia linguística e educação na Amazônia: um estudo semântico-lexical da fala na/da microrregião Marabá/Pará.	
Dr. ^a Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso	<p>1. Dissertação.</p> <p>Autor: GOMES, Fábio Rogério Rodrigues.</p> <p>Instituição/Ano: UEPA/2007.</p> <p>Palavras-chave: Diversidade cultural; Saberes linguísticos; Variação semântico-lexical; Educação.</p>	<p>Objetivo Geral. Analisar as ocorrências semântico-lexicais, de natureza diatópica e diastrática, encontradas na fala dos moradores da microrregião Marabá, situada no Sudeste Paraense, em comparação às do acervo semântico-lexical proposto pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001).</p> <p>Contribuições à Educação. “A escola pode e deve ser o espaço da com (vivência) que nos (re) construa como sujeitos reflexivos, capazes de operar com saberes, outros, que resinifiquem concepções e essas possam nortear o fazer educativo, cotidianamente, e possibilitem aos alunos e professores mediar saberes que iluminem um ensino de língua eficiente, que forme, de fato, leitores e escreventes”. (Gomes, 2007, p.203).</p>
Orientadora	Título: Cartografia linguística da cidade de Marapanim/PA: uma análise semântico-lexical no contexto educacional amazônico.	
Dr. ^a Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso	<p>2. Dissertação.</p> <p>Autora: ALVES, Thamy Saraiva.</p> <p>Instituição/Ano: Uepa/2013.</p> <p>Palavras-chave: Educação; Dialetologia; Sociolinguística; Léxico; Falares de Marapanim/PA.</p>	<p>Objetivo Geral. Com o objetivo de analisar as variações linguísticas semânticas lexicais de natureza diatópica e diastrática encontradas na fala de moradores da região de Marapanim, situada no Nordeste paraense.</p> <p>Contribuições à Educação. “A correlação entre o léxico dos sujeitos marapaniense apresentou resultados próximos da correlação máxima, indicando que os sujeitos fazem uso das mesmas lexias nos vários pontos da região pesquisada e a correlação das lexias registradas com as propostas pelo ALiB gerou resultados bem a baixo do valor da correlação máxima, demonstrando que nos vários pontos pesquisados, os sujeitos não fazem uso dos léxicos propostos pelo ALiB, e os resultados mostram que existe um falar marapaniense próprio da região, com pequenas variações, que realmente caracteriza uma fala local/regional diferente dos outros falares do Brasil”. (Alves, 2013, p.904).</p>
Orientadora	Título: Pelos caminhos da cartografia linguística paraense: um estudo semântico-lexical do distrito Mosqueiro numa perspectiva socioeducacional.	
Dr. ^a Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso	<p>3. Dissertação.</p> <p>Autora: SÁ, Talita Rodrigues.</p> <p>Instituição/Ano: Uepa/2013.</p>	<p>Objetivo Geral. Analisar as ocorrências semântico-lexicais, de natureza diatópica, encontradas na fala de moradores do Distrito Administrativo Mosqueiro em comparação ao proposto pelo QSL/ALiB (2001).</p> <p>Contribuições à Educação.</p>

	Palavras-chave: Dialetolegia; Geolinguística; Variação linguística; Cultura; Educação.	Sá (2003, p.158) mostra “que existe um falar específico do Distrito Administrativo Mosqueiro, porém, o número reduzido de cartas lexicais com frequência igual ou superior a 75% indica que o falar do DAMOS está em processo de modificações naturais de acordo com a proximidade com Belém do Pará”. Por fim, a autora reforça que a escola deve considerar a realidade linguística registrada, do falar que representa um aspecto específico do Distrito Administrativo Mosqueiro. Dessa forma, o espaço de aprendizagem reconhece a cultura do aluno e o mesmo aprende a realidade social da língua na escola.” (Sá, 2013, p. 103).
Orientadora	Título: Cartografia linguística: um estudo semântico-lexical da fala dos moradores do município de Igarapé-Miri/PA.	
Dr. ^a Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso	4. Dissertação. Autora: COSTA, Silvany Santana de Oliveira. Instituição/Ano: Uepa/2015. Palavras-chave: Cartografia Linguística; Dialetolegia; Igarapé-Miri.	Objetivo Geral. Analisar as ocorrências semântico-lexicais de natureza, diatópica e diastrática, encontradas na fala dos moradores do município de Igarapé-Miri, em comparação às do acervo semântico-lexical proposto pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001). Contribuições à Educação. “apresenta a construção de recursos didático-pedagógicos para o ensino escolar da língua e nos permitiu confirmar que, em relação aos pontos linguísticos pesquisados, nossa hipótese de pesquisa de que o acervo semântico-lexical falado por moradores da região de Igarapé-Miri é diferente comparado ao proposto pelo Questionário Semântico-Lexical, do Comitê elaborador do Atlas Linguístico do Brasil”. (Costa, 2015, p.198).
Orientadora	Título: Educação linguística: um estudo descritivo-comparativo dos falares da Ilha de Mosqueiro/PA. Marapanim/PA e Igarapé-Miri/PA.	
Dr. ^a Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso	5. Dissertação. Autora: MACHADO, Aline Silveira. Instituição/Ano: Uepa/2021. Palavras-chave: Geolinguística; Sociolinguística; Semântica lexical; Variação linguística. Educação linguística.	Objetivo Geral. Mapear as ocorrências semântico lexical de maior frequência por campo semântico do QSL/ALiB e compará-las ao proposto pelo ALiB (2001). Contribuições à Educação. “Fomentar os alicerces para as instituições de ensino oficiais aperfeiçoar o ensino/aprendizagem, e dessa forma, valorizar o caráter multilíngue brasileiro. Assim, soma-se para haver uma política linguística efetiva que valorize principalmente as variedades de menos prestígio social.” (Machado, 2021, p. 89).

Fonte: Elaborado pela autora SÁ (2021). Repositório UEPA. Acesso via (<https://propesp.uepa.br/ppged/dissertacoes-2/>).

Quadro 2: Teses e dissertações selecionadas buscador: Cartografia Linguística, Geossociolinguística e Ensino de Língua Portuguesa-UFFPA.

Orientadora	Título: Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará.	
	1. Tese. Autor: DIAS, Marcelo Pires.	Objetivo Geral. Apresentar o atlas geossociolinguístico do estado do Pará (AGQUINPA).

Dr. ^a Marilúcia Barros de Oliveira	Instituição/Ano: Ufpa/2017. Palavras-chave: Dialetolegia; Geossociolinguística; Quilombolas; Léxico.	Contribuições à Educação. O falar quilombola mapeado nesta pesquisa está situado dentro do quadro da diversidade linguística amazônica, o que abre espaço para um aprofundamento em termos de análise lexicográfica e etimológica das variantes não dicionarizadas e aquelas de origem africana (Dias, 2017, p.556).
Orientadora	Título: Variação e territorialização linguísticas: um estudo geolinguístico da diversidade lexical em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas.	
Dr. ^a Marilúcia Barros de Oliveira	2. Tese. Autora: COSTA, Celiane Sousa. Instituição/Ano: Ufpa/2019. Palavras-chave: Dialetolegia Pluridimensional. Variação lexical. Territorialização linguística. Comunidades quilombolas.	Objetivo Geral. Descrever a variação, buscando, em padrões de variação léxica e em dinâmicas de movimento nos espaços, a identificação de características e estratégias da territorialização linguística. Contribuições à Educação. “A análise revelou que os espaços linguísticos pressupõem redes de conexão com outras variedades e particularidades de uso, e que as representações simbólicas, fundamentadas no contexto sociocultural, manifestam-se integradas ao costume e à experiência, sinalizando aspectos do modo de vida, da organização da vida social, das concepções e convenções estabelecidas e possibilitando a construção da referência simbólica da territorialidade.” (Costa, 2019, p. 97).

Fonte: Elaborado pela autora SÁ (2021). Repositório Ufpa. Acesso via (<https://ppgl.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes>).

Desenvolvida por Gomes (2007), a dissertação intitulada Cartografia Linguística e Educação na Amazônia: um estudo semântico-lexical da fala na/da Microrregião Marabá/Pará teve como objetivo geral analisar as ocorrências semântico-lexicais de natureza diatópica e diastrática presentes na fala dos moradores da microrregião de Marabá, situada no sudeste paraense, em comparação com o acervo semântico-lexical proposto pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001). A pesquisa fundamentou-se em um estudo de cunho dissertativo, com abordagem quanti-qualitativa. O aporte teórico-metodológico foi elaborado com base nos estudos dialetológicos e geolinguísticos, a partir do método cartográfico. As principais referências teóricas que fundamentaram este estudo incluem Brandão (2002), Candau (2005), Dick (1990), Antunes (2007), Bagno (2007), entre outros. Durante a pesquisa, foram aplicadas 196 questões distribuídas em 14 campos semânticos, considerando variáveis sociais, com o objetivo de identificar as lexias utilizadas pelos moradores da região pesquisada. Os resultados permitiram concluir que a consciência crítica acerca da diferença linguística começa pela compreensão e distinção das variedades de um idioma. A percepção do diferente é o primeiro passo para a construção de uma

sociedade que se pretenda igualitária, na qual, em maior ou menor grau, raças, credos e demais identidades revelem uma característica inerente aos seres humanos: a diversidade. Romper a “barreira” linguística significa superar o isolamento entre pessoas de diferentes culturas, inclusive dentro de uma mesma comunidade linguística, como é o caso da Microrregião de Marabá. Nesse sentido, como contribuição para a educação, a pesquisa evidencia que a escola pode, e deve ser um espaço de convivência que nos (re)construa como sujeitos reflexivos, capazes de lidar com saberes outros, que ressignifiquem concepções e orientem o fazer educativo no cotidiano. Isso possibilita a alunos e professores a mediação de conhecimentos que contribuam para um ensino de língua mais eficiente, que forme, de fato, leitores e produtores de texto competentes.

A pesquisa de Alves (2013) teve como objetivo analisar as variações linguísticas semântico-lexicais de natureza diatópica e diastrática encontradas na fala de moradores da região de Marapanim, município localizado no nordeste paraense. Foi desenvolvido o estudo intitulado Cartografia Linguística da Cidade de Marapanim/PA: uma análise semântica-lexical no contexto educacional amazônico. A metodologia adotada incluiu revisão bibliográfica, aplicação de questionários e realização de entrevistas com os moradores da região, visando verificar e identificar as variações linguísticas presentes no discurso dos falantes nativos, considerando os contextos diatópico e diastrático.

O *locus* selecionado para a pesquisa foi o município de Marapanim, por meio de uma análise comparativa entre os distritos de Matapiquara, Monte Alegre do Maú e Marudá (Marudanópolis). As principais referências teóricas que fundamentam o presente estudo são: Barbosa (1992), Bagno (2007), Candau (2005), Cardoso (2010), Labov (2008) e Hall (2000). O estudo pautou-se no método geolinguístico, com base no aporte metodológico da dialetologia. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o Questionário Semântico-Lexical (QSL/2001), definido como padrão na construção do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB/2001). Esse questionário é composto por 207 perguntas, distribuídas em 15 campos semânticos. A realização da pesquisa resultou na descrição, organização, aplicação de entrevistas e análise lexical de aspectos ainda não documentados anteriormente. Como contribuição para a educação, a pesquisa evidencia a existência de um falar marapaniense característico da região, com pequenas variações que, de fato, configuram uma fala local/regional distinta dos

demais falares presentes no Brasil. A análise dos dados revelou que os sujeitos fazem uso das mesmas lexias em diversos pontos da região pesquisada. A correlação entre as lexias registradas e aquelas propostas pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) resultou em valores abaixo do máximo esperado, o que demonstra que, nos diferentes locais analisados, os sujeitos não utilizam, majoritariamente, os léxicos sugeridos pelo ALiB. Esses resultados comprovam a existência de um falar marapaniense característico da região, com variações que distinguem a fala local e regional.

Na pesquisa de Sá (2013) é possível identificar dados linguísticos do Distrito Administrativo Mosqueiro. A partir do título: Pelos Caminhos da Cartografia Linguística Paraense: um estudo semântico-lexical do Distrito Mosqueiro numa perspectiva socioeducacional e, com o objetivo geral de analisar as ocorrências semântico-lexicais, de natureza diatópica encontradas na fala de moradores do Distrito Administrativo Mosqueiro em comparação ao proposto pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001). As principais referências teóricas que servem como base para o presente estudo são: Perini (2004); Bagno (2007); Anderson (1982); Brandão (2002); Aguilera (2005). A pesquisa constituiu-se na aplicação de questionário composto de 196 (cento e noventa e seis) perguntas, dividido em 14 campos semânticos, com base em variáveis sociais que permitem identificar as lexias encontradas na fala de moradores da região do Distrito Mosqueiro. Metodologicamente o estudo documentou cartograficamente o *corpus* a partir de análise quanti-qualitativa. A pesquisa pautou-se na geolinguística de método cartográfico. O estudo é de caráter Dialetológico e base em três áreas da ciência da linguagem: Linguística, Dialetologia e Sociolinguística. A análise do *corpus* permitiu concluir que existe falar específico do Distrito Administrativo Mosqueiro, porém, a baixa frequência de elaboração de cartas lexicais, com frequência igual ou superior a 75%, indica que o falar do DAMOS está em processo de modificação naturais, fato justificado pela aproximação geográfica com o Município de Belém do Pará. A pesquisa destaca a importância de a escola considerar a realidade linguística registrada, do falar que representa um aspecto específico do Distrito Administrativo Mosqueiro. Desta forma, o espaço de aprendizagem reconhece a cultura do aluno e ele aprende a realidade social da língua na escola.

A pesquisadora Costa (2015), desenvolveu estudo sobre Cartografia Linguística intitulado Cartografia Linguística: um estudo semântico-lexical da fala dos

moradores de Igarapé-Miri/PA. A partir do objetivo geral de analisar as ocorrências semântico-lexicais de natureza, diatópica e diastrática, encontradas na fala dos moradores do município de Igarapé-Miri, em comparação às do acervo semântico-lexical proposto pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB 2005). As principais referências teórico-metodológicas que servem como base para o presente estudo são: Bagno (1999); Aguilera (2005); Brandão (2002); Brandão (1991); Guy (2007). O aporte teórico-metodológico desse trabalho foi constituído com base no método cartográfico, a autora usou como metodologia a aplicação de questionário composto por 207 questões, distribuídas em 15 campos semânticos, com base nas variáveis sociais. Dessa forma, Costa (2015), buscou coletar e identificar as lexias encontradas nas falas de moradores por meio do Instrumento de coleta de dados QSL ALiB. A pesquisa pautou-se em abordagem quanti-qualitativa e geolinguística, a partir do método cartográfico utilizado em estudos de caráter dialetológico. Os dados permitem inferir que o léxico miriense proporciona conhecimento linguístico-geográfico sobre a região pesquisada, servi de base para a construção de recursos didático-pedagógicos para o ensino escolar da língua. A pesquisa mostra como dados conclusivos que o acervo semântico-lexical falado por moradores da região de Igarapé-Miri é diferente comparado ao proposto pelo Questionário Semântico-Lexical do Comitê Atlas Linguístico do Brasil.

A pesquisa de Dias (2017) intitulada Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará, teve como objetivo apresentar o Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA). O atlas apresenta um levantamento histórico e geossociolinguístico das comunidades pesquisadas, cartas linguísticas semântico-lexicais pluridimensionais, além de um banco de dados geossociolinguístico. Para a elaboração do atlas, o autor utilizou o método da Geografia Linguística e da Geolinguística Pluridimensional, considerando as dimensões diatópicas, diassexual (homens e mulheres) e diageracional (Geração I: 18 a 30 anos; Geração II: 50 a 65 anos). O *lócus* da pesquisa foram as Comunidade do Cacao (Colares/PA); Comunidade América (Bragança/PA); Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba/PA); Comunidade Taperinha (São Domingos do Capim/PA); Comunidade Laranjituba (Moju/PA) e Comunidade África (Moju/PA), comunidades quilombolas que fazem parte do AGQUINPA e estão localizadas nas áreas rurais dos municípios do Nordeste do Estado do Pará. As principais referências

teórico-metodológicas que servem como base para o presente estudo são Saraiva (2016); Salles (2003); Aguilera (2005); Bortoni-Ricardo (2011); Cardoso (2010). A coleta de dados foi realizada entre os anos de 2014 e 2016, por meio da aplicação do Questionário Semântico-lexical do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), reelaborado com 31 questões de origem etimológica. Os dados coletados foram transcritos grafematicamente no *software* de anotação linguística *ELAN* e, posteriormente, trasladados para o Banco de Dados do AGQUINPA. A pesquisa apresenta como conclusão que o falar quilombola mapeado está situado dentro do quadro da diversidade linguística amazônica, o que abre espaço para um aprofundamento em termos de análise lexicográfica e etimológica das variantes não dicionarizadas e aquelas de origem africana. Por fim, o autor apresenta como contribuições à Educação que se de um lado, a variedade padrão ou standard é a língua “modelo” ou língua ensinada na escola, de outro lado, temos a língua vernácula, que segue outro caminho, com suas próprias regras e percurso próprios, estando ligada mais a eventos de fala espontânea. No caso do AGQUINPA, temos o português vernacular brasileiro, doravante PVB, falado em comunidades quilombolas e que se enquadra no conceito de língua vernacular.

Costa (2019) na tese “Variação e Territorialização Linguísticas: um estudo geolinguístico da diversidade lexical em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas”, parte do objetivo de flagrar o comportamento de itens léxicos supostamente representativos ou com potencial de representação simbólica da territorialidade no espaço variacional e sua condição (resistência, neutralidade ou perda) na territorialização linguística. As principais referências teórico-metodológicas que servem como base para o presente estudo são: Brandão (1991); Brandão (2002); Bagno (2005); Antunes (2003); Aguilera (2005). A metodologia usada para o desenvolvimento da pesquisa foi os pressupostos teóricos e metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional. O *locus* da pesquisa está estabelecido nas comunidades quilombolas do Baixo Amazonas paraense (Abuí, Água Fria, Arapucu, Silêncio, Pacoval de Alenquer, Saracura e Tiningu). Os sujeitos entrevistados foram homens e mulheres, em pares de entrevista, com mesmo perfil social. A análise dos dados permitiu concluir que os espaços linguísticos pressupõem redes de conexão com outras variedades e particularidades de uso, e que as representações simbólicas, fundamentadas no contexto sociocultural, manifestam-se integradas ao costume e à

experiência, sinalizando aspectos do modo de vida, da organização da vida social, das concepções e convenções estabelecidas e possibilitando a construção da referência simbólica da territorialidade.

Machado (2021) desenvolveu pesquisa científica a partir do objetivo geral de mapear as ocorrências semântico lexicais de maior frequência por campo semântico-lexical do QSL/ALiB e compará-las ao ALiB, encontradas nos pontos linguísticos: Ilha de Mosqueiro, Marapanim e Igarapé-Miri no estado do Pará. *Na pesquisa de Machado (2021), é possível identificar a presença significativa de autores que versam sobre interculturalidade e educação.* As principais referências teóricas que serviram como base para o presente estudo foi: Bagno (2013); Walsh (2007); Possenti (1996); Altenhofen (2013); Fleuri (2018) etc. O aporte metodológico, fez uso da Dialectologia e método científico da geolinguística. A metodologia inseriu-se no campo de três áreas da ciência da linguagem: Dialectologia, Sociolinguística e Semântica Lexical, fundamentou-se em estudo comparativo como base as respostas cartografadas em três pesquisas: Sá (2013), Alves (2013) e Costa (2015), que usaram as questões relativas ao QSL (ALiB, 2001). Os resultados da pesquisa permitem inferir que os dados analisados de Mosqueiro, Marapanim e Igarapé-Miri trazem forma de apreensão da realidade, que se diferenciam entre si. Tais dados apontam para número elevado de diferentes lexias. Nesse sentido, a pesquisa parte da hipótese de que isto talvez seja relacionado com as atividades econômicas de cada região, bem como a percepção de cada comunidade em relação à maneira de como concebem o mundo de uma perspectiva histórica, cultural, social e linguística. Desta forma, os dados coletados trazem características de palavras de origem do Tupi-Guarani, do Latim, do Francês, do Italiano etc. A análise dos dados permite concluir que registrar em cartas lexicais um léxico, bem como compará-lo aos outros dialetos é importante para fomentar o conhecimento referente ao português falado no Brasil.

As pesquisas analisadas indicam que a primeira dissertação produzida, a partir da geossociolinguística dialogando com a Educação e o Ensino de Língua Portuguesa, foi realizada pelo Programa de Pós-graduação em Educação-PPGED-UEPA- Ano de 2007. Apesar de identificarmos no PPGED-UEPA, pesquisas realizadas via a tríade: Geossociolinguística; Educação; Ensino de Língua Portuguesa, ainda existe a lacuna/espço para pesquisas que apresentem dados

sobre Educação e Estudos linguísticos a partir da Geossociolinguística, em regiões remanescentes quilombolas do Estado do Pará.

A primeira tese produzida a partir da geossociolinguística em regiões remanescentes quilombolas do Estado do Pará, foi apresentada pelo Programa de Pós-graduação em linguagens da UFPA- Ano de 2017. A mesma traz contribuições científicas em torno de pesquisas sobre linguagem em região quilombola no Estado do Pará. Conforme ilustra o quadro 03 abaixo:

Quadro 03: sistematização das pesquisas em geossociolinguística UEPA & UFPA.

Especificidades da pesquisa	Programa de Pós-graduação	Dados quantitativos
1. Geossociolinguística; Educação e Ensino de Língua Portuguesa (2007).	UEPA	05
2. Geossociolinguística e Estudos linguísticos em Comunidade Remanescente Quilombola do Pará (2017;2019).	UFPA	02
3. Geossociolinguística; Educação e Ensino de Língua Portuguesa em Comunidade Remanescente Quilombola do Pará numa perspectiva intercultural.	0	0

Fonte: Elaborado pela autora SÁ (2021). Repositório UFPA. Acesso via (<https://ppgl.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes>).

Essas pesquisas formam um conjunto de dados em geossociolinguística, produzidos em regiões/lócus de pesquisa na Amazônia Paraense, e apresentam informações relevantes que permitem compreender diferentes abordagens para a realização de estudos em Linguística e Educação.

As pesquisas em geossociolinguística e Educação têm contribuído para o avanço da ciência nos campos da linguagem e da educação, a partir das características regionais da língua portuguesa. Entretanto, os dados analisados revelam a ausência de estudos que abordem a variação linguística sob uma perspectiva educacional, fundamentada teoricamente na interculturalidade, em comunidades remanescentes de quilombo no estado do Pará.

3.2 Estado do conhecimento em Educação e Comunidades Remanescentes de Quilombo: estudos na Amazônia Paraense

Este tópico apresenta pesquisas sobre Educação em Comunidades Remanescentes de Quilombo na Amazônia Paraense, produzidas por dois programas de pós-graduação *Stricto Sensu*: UEPA e UFPA.

As teses e dissertações analisadas encontram-se no Catálogo de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA e no repositório do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA. Os trabalhos foram selecionados com base em um recorte temporal que abrange o período de 2005 a 2024. Esse recorte justifica-se por reunir resultados de pesquisas realizadas nos últimos 19 anos, voltadas à área da Educação em comunidades remanescentes de quilombo.

O programa de Pós-graduação em Educação- PPGED- UFPA produziu o total de 457 dissertações e 225 teses. O buscador das dissertações e teses foi realizado nas quatro Linhas de Pesquisa do Programa de Pós-graduação: Políticas Públicas Educacionais; Educação, Cultura e Sociedade; Formação de Professores, Trabalho Docente, Teorias e Práticas Educacionais e História da Educação.

A partir do levantamento de 457 dissertações e 225 teses, foram selecionadas 1 (uma) tese e 7 (sete) dissertações que atendem aos critérios de análise.

O Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UEPA) apresentou um total de 391 dissertações defendidas entre 2005, com a 1ª turma, e 2021, com a 17ª turma.

O buscador das dissertações foi feito em ambas as Linhas de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia e Formação de Professores, Docência e Práticas Educativas.

Ao refinar a busca, a partir dos descritores: Educação; Comunidades Remanescentes de Quilombo no Pará, foram selecionadas 13 (treze) dissertações de Mestrado-UEPA e 0 (zero) teses de doutorado.

Os critérios de análise das teses e dissertações foram: tema; objetivo geral; palavras-chave, metodologia e contribuições à Educação.

O quadro está sistematizado com base em pesquisas realizadas nos Programas de Pós-graduação da UEPA e no Programas de Pós-graduação da UFPA. Organizado de forma cronológica, representa o recorte temporal, da pesquisa mais antiga até a mais recente. Conforme representam o quadro 04 e o quadro 05 abaixo:

Quadro 4: Pesquisas UEPA - Diálogos em Educação Quilombola-PA.

Orientadora	Título: Vozes e Olhares que Mur[u]mur[u]am na Amazônia Cartografia de saberes quilombolas.	
Dr. ^a Denise de Souza Simões Rodrigues; Dr. ^a Josebel Akel Fares.	1.Dissertação. Autor: VALENTIM, José Williams da Silva Instituição/ Ano: Uepa (2008). Palavras-chave: Cartografia de saberes. Saberes quilombolas. Cultura amazônica.	Objetivo geral. Compreender e mapear os saberes quilombolas da comunidade de Murumuru a partir das práticas sociais cotidianas. Contribuições à Educação. “No que diz respeito a relação dos saberes culturais com os saberes escolares, aqueles ainda continuam marginalizados, ainda não conquistaram a visibilidade necessária para abranger os espaços formais de ensino, os processos do ensinar/aprender estão inteiramente integrados às atividades de subsistência em sua cotidianidade; a questão étnico-racial ainda não foi efetivada como pauta importante e obrigatória na agenda educacional e da escola local, conforme preconizado pela Lei Federal nº. 10.639/2003.” (Valentim, 2008, p. 89).
Orientadora	Título: Narrativas orais na Comunidade Remanescente de Quilombo Menino Jesus: processos de educação e memória.	
Dr. ^a Josebel Akel Fares	2. Dissertação. Autora: PADILHA, Maria do Socorro Ribeiro. Instituição/ Ano: Uepa (2009). Palavras-chave: Comunidade Quilombola; Educação; Memória; Narrativas Oraís.	Objetivo geral. Identificar e compreender como narrativas orais deflagram os processos de educação e memória sobre quilombolas. Contribuições à Educação. “As narrativas orais deflagraram ao processo de educação e memória sobre quilombola construções de sentido pela escola, televisão, Estado e família, em que as reminiscências dos narradores apontaram muitas permanências e mínimas mudanças acerca da representação sobre quilombola na história do Pará.” (Padinha, 2009, p. 102).
Orientadora	Título: Educação Escolar e construção identitária na comunidade quilombola de Abacatal – PA.	
Dr. ^a Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França	3.Dissertação. Autora: PAVÃO, Madalena Corrêa. Instituição/ Ano: Uepa (2010). Palavras-chave: Educação Escolar. Identidade quilombola. Remanescente de Quilombo.	Objetivo geral. Analisar a educação escolar na comunidade, buscando compreender se e, como esta possibilita a construção identitária do grupo, bem como as expectativas dos moradores em relação à escola e as estratégias de mobilização dos quilombolas em relação à preservação de sua cultura. Contribuições à Educação. “Quanto à educação escolar, ainda há resquícios da ideologia do branqueamento e um movimento dialético que ora silencia, ora afirma a identidade do grupo: centra-se nos conteúdos previstos nos programas das disciplinas visando uma avaliação através de provas; dá abertura para os saberes culturais e as experiências dos/as próprios/as educandos/as, promovendo, ainda que timidamente, um diálogo entre os conhecimentos escolares e os saberes que circulam na comunidade, o

		que possibilita o processo de construção e afirmação da identidade quilombola.” (Pavão, 2010, p. 98).
Orientadora	Título: Saberes, brinquedos e brincadeiras: vivências lúdicas de crianças da comunidade quilombola Campo Verde/PA.	
Dr. ^a Nazaré Cristina Carvalho	<p>04.Dissertação.</p> <p>Autora: NASCIMENTO, Shirley Silva do</p> <p>Instituição/ Ano: Uepa (2014).</p> <p>Palavras-chave: Saberes. Brinquedos. Brincadeiras. Crianças. Educação.</p>	<p>Objetivo geral. Desvelar os saberes presentes nos brinquedos e brincadeiras das crianças da comunidade remanescente de quilombo Campo Verde, localizada no município de Concórdia do Pará/PA.</p> <p>Contribuições à Educação. “Observou-se a concretização de saberes que perpassam por relações culturais, estabelecidas e movidas pela espontaneidade das crianças na relação com seus brinquedos e brincades, os quais podem ser interpretados como saberes que envolvem a natureza, saberes sobre os possíveis perigos presentes nos rios, nas matas, nos ramais, o saber do cuidar, entre tantos outros saberes. Essas tessituras lúdicas constituem-se em processos culturalmente construídos, nos/pelos quais se produz conhecimento e se faz educação.” (Nascimento, 2014, p.113).</p>
Orientadora	Título: Educação e cultura na escola da Comunidade quilombola de São Benedito do Vizeu.	
Dr. ^a Ivanilde Apoluceno de Oliveira	<p>05.Dissertação.</p> <p>Autora: OLIVEIRA, Francinete Maria Cunha de Melo.</p> <p>Instituição/ Ano: Uepa (2017).</p> <p>Palavras-chave: Comunidades quilombolas; Práticas culturais; Educação escolar quilombola; Saberes.</p>	<p>Objetivo geral. Compreender a cultura e os saberes da comunidade quilombola e como a escola vem trabalhando os saberes trazidos pelos discentes, assim como ela tem contribuído para preservação da cultura quilombola no povoado.</p> <p>Contribuições à Educação. “A escola embora tente dialogar com os saberes e cultura vivenciada pela comunidade, encontra dificuldades em termos da prática pedagógica, necessitando os docentes de formação teórica, para discutir temáticas de interesse da comunidade entre os quais a interculturalidade crítica.” (Oliveira, 2017, p. 97).</p>
Orientadora	Título: Saberes Afro-brasileiros e Educação Sensível em cartografias amazônicas: vozes de Jambuaçu-PA.	
Dr. ^a Josebel Akel Fares	<p>06.Dissertação.</p> <p>Autora: BRASILEIRO, Margareth da Silva.</p> <p>Instituição/ Ano: Uepa (2019).</p> <p>Palavras-chave: Educação sensível; Saberes; Oralidade; Comunidade Quilombola.</p>	<p>Objetivo geral. O objetivo principal é cartografar os saberes não escolares presentes nas narrativas orais dos moradores do território quilombola de Jambuaçu e analisar como esses saberes influenciam na construção de uma educação sensível.</p> <p>Contribuições à Educação. “Os saberes de Jambuaçu trazem as marcas e influências do povo negro sobre o meio, e nas construções epistemológicas sobre o lugar, sobre a natureza, sobre os mitos e as lendas, e ensinam a enfrentar as incertezas, a construir a convivência, a valorizar o bem viver, a sentir e pulsar e ter na busca por igualdade de direitos seu princípio de vida.” (Brasileiro, 2019, p. 113).</p>
Orientadora	Título: As representações sociais e um adolescente surdo quilombola: afirmações étnicas, conflitos culturais, paradigmas educativos e estratégia dialógicas.	

<p>Dr.^a Ivanilde Apoluceno de Oliveira</p>	<p>07. Dissertação.</p> <p>Autora: LOBATO, Vera Lúcia de Cristo.</p> <p>Instituição/Ano: Uepa (2019).</p> <p>Palavras-chave: Surdez. Adolescência. Quilombo. Representações Sociais e Educação Cultural.</p>	<p>Objetivo geral.</p> <p>Evidenciar quais as Representações Sociais que um adolescente negro surdo quilombola tem sobre o seu processo formativo cotidiano e cultural considerando a surdez, a negritude, a educação social/escolar e as relações intersubjetivas dialogadas.</p> <p>Contribuições à Educação.</p> <p>“Os resultados evidenciaram que a surdez se configura como um elemento de diferenciação tanto para criações de estratégias culturais inclusivas, quanto para resignações docentes que debilitam a sua escolarização e o condicionam a relações de “eu-isso” inibindo progressões sociais e cidadãs. A pesquisa revela que os saberes culturais cotidianos implicam no reconhecimento étnico valorativo do adolescente surdo por entre tradições, habilidades cognitivas, inovações e articulações dialógicas possíveis por meio dos gestos e sinais. Assim, suas vivências e representações culturais se fazem educativas, pois ainda que se defrontem com conflitos de afirmações e negações, ambas apontam para uma educação intercultural para o ser e estar sendo no mundo.” (Lobato, 2019, p. 94).</p>
<p>Orientadora</p>	<p>Título: O entrelaçar das memórias de velhos e as suas brincadeiras de infância: um estudo na Comunidade Quilombola de Porto Alegre em Cametá-PA.</p>	
<p>Dr.^a Nazaré Cristina Carvalho</p>	<p>08. Dissertação.</p> <p>Autora: VELOSO, Alessandra Pereira de Carvalho.</p> <p>Instituição/ Ano. Uepa (2019).</p> <p>Palavras-chave: Memória. Velhos quilombolas. Brincadeiras de infância. Saberes.</p>	<p>Objetivo geral.</p> <p>Analisar as brincadeiras de infância que surgem a partir das memórias de velhos (as) quilombolas de Porto Alegre, Cametá-PA.</p> <p>Contribuições à Educação.</p> <p>“Compreendeu-se os velhos como sujeitos de história e memória que se constituem nas relações com o outro e no espaço em que vivem. Reconhecemos os velhos enquanto colaboradores no processo criativo deste estudo e protagonistas nas análises e interpretações dos dados. Epistemologicamente, essa pesquisa buscou oferecer contribuições ao estudo do brincar, tendo como base os saberes culturais presentes na comunidade.” (Velooso, 2019, p. 56).</p>
<p>Orientador</p>	<p>Título: Saberes e Processos Educativos das Lutas de Mulheres Negras Quilombolas da Amazônia: Um estudo a partir das narrativas das Tucandeiras de Jambuaçu, Moju/PA.</p>	
<p>Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa</p>	<p>09. Dissertação.</p> <p>Autora: LUZ, Agatha Leticia Eugênio.</p> <p>Instituição/ Ano: Uepa (2021).</p> <p>Palavras-chave: Processos educativos. Mulheres Negras Quilombolas. Jambuaçu.</p>	<p>Objetivo geral.</p> <p>Analisar os saberes e processos educativos de reexistências das mulheres negras quilombolas sobre o processo de luta, reconhecimento e afirmação do território quilombola.</p> <p>Contribuições à Educação.</p> <p>“A luta das mulheres negras quilombolas de Jambuaçu nos ajuda a revelar outras epistemes, pedagogias, sociabilidades, que ajudam a pensar e construir pedagogias decoloniais na/da Amazônia.” (Luz, 2021, p. 86).</p>
<p>Orientadora</p>	<p>Título: Práticas pedagógicas e Educação Quilombola: uma imersão na comunidade Itaboca em Inhangapi/Pará.</p>	

Dr. ^a Marta Genú Soares	<p>10. Dissertação.</p> <p>Autor: GONÇALVES, Adamor Quaresma.</p> <p>Instituição/ Ano: Uepa (2022).</p> <p>Palavras-chave: Educação Quilombola. Saberes Quilombolas. Práticas pedagógicas.</p>	<p>Objetivo geral.</p> <p>Caracterizar como as práticas pedagógicas da Escola de Ensino Fundamental Antonio Fausto da Trindade, da Comunidade Quilombola Itaboca, acionam os saberes da Comunidade para indicar elementos pedagógicos da educação quilombola.</p> <p>Contribuições à Educação.</p> <p>“As práticas pedagógicas não vêm contemplando os saberes da comunidade quilombola, visto que não dialogam com elementos pedagógicos da educação quilombola.” (Gonçalves, 2022, p. 102).</p>
Orientadora	Título: A bebida EMU: Saberes e práticas educativas nas comunidades quilombolas África e Laranjituba em Moju/Abaetetuba-PA.	
Dr. ^a Maria Betânia Barbosa Albuquerque	<p>11. Dissertação.</p> <p>Autora: MASCARENHAS, Mayre Dione Mendes da Silva.</p> <p>Instituição/ Ano: Uepa (2022).</p> <p>Palavras-chave: Educação. Cultura. Emu. Quilombo. Saberes.</p>	<p>Objetivo geral.</p> <p>Compreender como a bebida emu, utilizada em rituais sagrados, configura-se como prática educativa atravessada por saberes, os quais dinamizam sociabilidades estruturantes do modo de vida quilombola.</p> <p>Contribuições à Educação.</p> <p>“Nas sociabilidades do ritual saberes são repassadas às novas gerações de forma a estruturar o modo de vida. Assim, os sujeitos quilombolas formulam modos próprios de aprender e ensinar por meio das práticas culturais e pela observação dos eventos e das atividades cotidianas, apontando para uma pedagogia dos caminhos.” (Mascarenhas, 2022, p. 112).</p>
Orientador	Título: Avanços e limites do currículo implementado em escola quilombola no Marajó: reconhecimento e a afirmação de território Quilombola.	
Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa	<p>12. Dissertação.</p> <p>Autor: ALVES, João Ricardo Batista.</p> <p>Instituição/ Ano: Uepa (2023).</p> <p>Palavras-chave: Currículo Escolar; Escola e Comunidade Quilombola; Amazônia</p>	<p>Objetivo geral.</p> <p>Analisar os avanços e os limites da implementação desse currículo na escola quilombola de Salvaterra Sebastião de Assis Gonçalves.</p> <p>Contribuições à Educação.</p> <p>“O município de Salvaterra não tem um currículo municipal direcionado às escolas quilombolas por ainda está aguardando a finalização das Diretrizes Curriculares Estaduais para a Educação Escolar Quilombola que ainda se encontra em construção e análise juntamente com as comunidades quilombolas, lideranças quilombolas, representantes de movimentos sociais e professores de escolas quilombolas; os alunos se reconhecem como remanescente de quilombolas, mas precisa fortalecer essa identidade para a manutenção das raízes ancestrais negada pelo Estado e por parte da sociedade e para que todos conheçam a cultura quilombola e com isso promovendo autoestima de jovens e adolescentes, que desde cedo são vítimas de preconceitos raciais; a lei 10 639/03 não é conhecida pelos alunos do 6º, 7º, 8º e 9º ano da escola pública.” (Alves, 2023, p. 156).</p>
Orientadora	Título: Saberes do rio: o brincar da criança Quilombola da Comunidade São Sebastião no município de Acará/PA.	
	13. Dissertação.	Objetivo geral.

Dr. ^a Nazaré Cristina Carvalho	<p>Autora: CUNHA, Tatiane de Nazaré Rodrigues. Instituição/ Ano: Uepa (2023).</p> <p>Palavras-chave: Criança; saberes compartilhados; brincar no rio Genipaúba.</p>	<p>Analisar os saberes compartilhados pelas crianças da comunidade São Sebastião, durante o brincar no rio Genipaúba.</p> <p>Contribuições à Educação</p> <p>“A pesquisa identifica 5 saberes que são evidenciados pelos intérpretes, durante o brincar no rio Genipaúba, são eles: da ludicidade, do compartilhar, da afetividade, do cotidiano e da ancestralidade. Nessa perspectiva, diante das análises da pesquisa de campo compreendi os saberes que se entrelaçam ao universo lúdico dos intérpretes, durante o brincar no rio, e de que forma tais saberes perpassam processos educativos de ensinar, experienciar e ressignificar.” (Cunha, 2023, p. 85).</p>
---	---	--

Fonte: repositório de teses e dissertações UEPA Sá (2023).

Na pesquisa de Vallentin (2008) o objetivo foi compreender e mapear os saberes quilombolas da comunidade de Murumuru a partir das práticas sociais cotidianas. A metodologia está fundamentada em abordagem qualitativa, pesquisa de campo descritiva, estudo de caso, com aplicação do método da história oral. O instrumento de coleta de dados usado foi o questionário de entrevista. Os sujeitos entrevistados foram moradores da comunidade de Murumuru com mais de 60 anos de idade, e, gestores e docentes das disciplinas de história e ensino religioso da escola *locus* da pesquisa. A mesma, fundamenta-se na análise da Lei Federal nº. 10.639/2003 e, nos documentos da Associação dos Remanescentes de Quilombo de Murumuru – ARQMU. Os principais autores usados na fundamentação teórica desta pesquisa são Hage (2005); Gruzinski (2003); Canclini (2008); Brandão (2002) etc. A análise dos dados indica a existência de uma rede de saberes tecidos nas relações dos sujeitos com o meio sociocultural-ambiental, tais como: saberes da terra, da mata, das águas etc. A pesquisa permite concluir que entre a relação dos saberes culturais com os saberes escolares, o primeiro ainda continua marginalizado, sem a visibilidade necessária para abranger os espaços formais de ensino, os processos do ensinar/aprender estão inteiramente integrados às atividades de subsistência em sua cotidianidade; a questão étnico-racial ainda não foi efetivada como pauta importante e obrigatória na agenda educacional e da escola local, conforme preconizado pela Lei Federal nº. 10.639/2003. A Educação na comunidade remanescente quilombola de Murumuru apresenta como possibilidades a existência de saberes específicos da comunidade, porém, mesmo com a existência destes, existem limites para a formação de uma educação Intercultural, pois os saberes culturais do quilombo ainda estão

segregados e distantes do espaço escolar, assim inviabilizando a formação de uma Educação a partir das cultura (s), dentre estas, a cultura quilombola.

Em Padilha (2009), a autora partiu do objetivo de identificar e compreender como narrativas orais deflagram os processos de educação e memória sobre quilombolas. A partir da dissertação intitulada “Narrativas orais na Comunidade Remanescente de quilombo: processos de educação e memória”, a pesquisadora elabora aporte teórico-metodológico com base no método de explicitação do discurso subjacente- MEDS, os instrumentos de coleta de dados são roteiros de entrevistas, os sujeitos foram seis moradores da Comunidade Remanescente de quilombo Menino Jesus (Acará-PA). A pesquisadora fundamenta a pesquisa em autores que versam sobre a educação, dentre estes: Cornelius Castoriadis e Carlos Brandão. A análise dos dados permitiu Padilha (2009) concluir que, pelo processo de educação na escola, os alunos que recordam terem escutado/visualizado, em livros, o termo quilombola, relatam associação do termo quilombola, pela escola, ao contexto de escravo negro. Identifica-se que a escola não proporcionou formação identitária, a partir da cultura e dos saberes da Comunidade Remanescente de quilombo Menino Jesus (Acará-PA). A análise da pesquisa permite perceber limites para a efetivação de uma Educação Intercultural, uma vez que, o espaço de Educação formal/escola ainda não narra a cultura do negro quilombola como parte da identidade e do espaço escolar.

Pavão (2010) na dissertação intitulada “Educação Escolar e construção identitária na comunidade quilombola de Abacatal-PA”, apresenta dados sobre a Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Gregório Rosa Filho localizada na comunidade remanescente de quilombo de Abacatal-Ananindeua-PA. A pesquisa teve como objetivo geral analisar a educação escolar na comunidade quilombola, buscando compreender como esta possibilita a construção identitária do grupo quilombola, as expectativas dos moradores em relação à escola e as estratégias de mobilização dos quilombolas em relação à preservação da cultura. O método usado para desenvolvimento da pesquisa foi a história oral e a observação participante com técnica de análise de documentos em registros fotográficos. Os principais autores usados nesta dissertação são, Salles (2005), Brandão (1984), Apille (1989) etc. Os dados permitem perceber a existência, na educação escolar, de resquícios da ideologia do branqueamento em um movimento dialético que ora silencia, ora afirma a identidade do grupo. A Educação formal na Comunidade Remanescente quilombola

de Abacatal apresenta limites para a formação de uma Educação Intercultural, pois ainda existe o distanciamento da formação identitária do quilombo, sendo assim, necessário repensar as práticas educativas a partir da identidade e da cultura do quilombo.

Já na pesquisa de Nascimento (2014) o objetivo foi analisar os saberes presentes nos brinquedos e brincadeiras das crianças da comunidade quilombola Campo Verde/PA. A pesquisa foi organizada metodologicamente nas etapas de pesquisa de campo, abordagem qualitativa e levantamento bibliográfico. A técnica de Roda de conversa foi realizada para obtenção dos dados. O aporte teórico está estruturado em autores tais como: Brandão (2007); Geertz (2012); Thompson (1995) etc. Os resultados apresentam a concretização de saberes que perpassam por relações culturais, estabelecidas e movidas pela espontaneidade das crianças na relação com seus brinquedos e brincadeiras, os quais podem ser interpretados como saberes que envolvem a natureza, saberes sobre os possíveis perigos presentes nos rios, nas matas, nos ramais, o saber do cuidar, entre tantos outros saberes. Essas tessituras lúdicas constituem-se em processos culturalmente construídos, nos/pelos quais se produz conhecimento e se faz educação. A pesquisa apresenta avanços relacionados aos diversos saberes que representam práticas de culturas de um universo Intercultural da Educação.

Oliveira (2017) ao construir reflexões sobre a relação entre cultura quilombola e Educação realizou pesquisa na comunidade remanescente de quilombo de São Benedito do Vizeu, situada no município de Mocajuba-Pará. A autora elabora o objetivo geral de compreender a cultura e os saberes da comunidade quilombola bem como observar como a escola vem trabalhando os saberes trazidos pelos discentes. A pesquisa parte da observação participante e análise qualitativa. O *lócus* foi a Comunidade Remanescente de Quilombo São Benedito do Vizeu. O aporte teórico fundamentou-se em Brandão (1981; 2002); Candau (2008; 2011), Fiabani (2005), Freire (2005; 2014) etc. A autora conclui, com a pesquisa, a existência da necessidade premente da implementação da educação quilombola na escola, pois embora seja classificada como escola quilombola, ainda não são identificadas características que a diferencie das demais escolas. Aponta também que os saberes locais passam em grande parte despercebidos na escola, visto que, são tratados de forma superficial, assim distanciando as práticas de formação a partir da Educação Intercultural.

Na dissertação de Brasileiro (2019) podemos identificar o método cartográfico sendo utilizado para a realização de pesquisas em Educação e linguagem. A dissertação intitulada “Saberes afro-brasileiros e educação sensível em cartografias amazônicas: vozes de Jambuaçu – PA”, partiu do objetivo geral de cartografar os saberes não escolares presentes nas narrativas orais dos moradores do território quilombola de Jambuaçu e, analisar como esses saberes influenciam na construção de uma educação sensível. A construção da metodologia está estruturada em abordagem cartográfica, técnica narrativa de vida e a entrevista narrativa. O *locus* da pesquisa é o Território Quilombola de Jambuaçu. A fundamentação teórica está elaborada conforme Canclini (1997); Corrêa (2008); Fares (2011); Quijano (2009) etc. Os resultados da pesquisa permitem Brasileiro (2019) concluir:

a cartografia realizada em Jambuaçu desenhou mapas que dão conta de uma construção epistemológica dos contos e poesia que fundam e refundam a realidade vivida de resistência e reconfiguração do pensamento, como alternativa a velhas hierarquias consolidadas que impuseram o silenciamento e a invisibilidade aos saberes e viveres dos povos tradicionais. (Brasileiro, 2019, p. 89).

Na pesquisa de Brasileiro (2019), é possível identificar o diálogo entre autores decoloniais e interculturais, apontando avanços aos estudos cartográficos e linguísticos em educação na área da linguagem a partir da perspectiva decolonial/intercultural.

Lobato (2019) investiga a educação especial para surdos em região quilombola a partir das afirmações étnicas. O trabalho proporciona análise por meio da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978), utilizando levantamento bibliográfico e Documental. O objetivo geral foi evidenciar quais as Representações Sociais que um adolescente negro surdo quilombola tem sobre o seu processo formativo cotidiano e cultural considerando a surdez, a negritude, a educação social/escolar e as relações intersubjetivas dialogadas. O *locus* da pesquisa foi o quilombo de Boa Esperança-Cametá/Pará. A pesquisa tem embasamento teórico em Tubino (2015); Silva (2011); Santiago (2013); Matos (2016) dentre outros. Os dados permitiram concluir que os saberes culturais cotidianos implicam no reconhecimento étnico valorativo do adolescente surdo por entre tradições, habilidades cognitivas, inovações e articulações dialógicas possíveis por meio dos gestos e sinais. Assim, suas vivências e representações culturais se fazem educativas. A pesquisa de Lobato (2019), apesar

de não dialogar com aporte teórico fundamentado na interculturalidade, aponta avanços para uma Educação Intercultural ao destacar os saberes culturais de adolescentes surdos como vivências de práticas educativas.

Veloso (2019) desenvolveu pesquisa intitulada “O entrelaçar das memórias de velhos e as brincadeiras de infância: um estudo na comunidade quilombola de Porto Alegre em Cametá-PA”. Nesta pesquisa a autora apresenta traços da memória de velhos quilombolas a partir das brincadeiras de infância realizadas na comunidade quilombola de Porto Alegre. O aporte teórico metodológico da pesquisa foi elaborado utilizando a técnica da observação, seguida de entrevista semiestruturada e conversas informais. Os principais autores que fundamentaram a pesquisa são: Thompson (1992); Brandão (2002); Salles (1971) etc. Veloso (2019) aponta como resultados que muitas foram as brincadeiras vivenciadas e, elas fazem um panorama da infância dos sujeitos pesquisados, brincadeiras que permeadas de saberes perpassam pela cultura. Quanto às práticas de ensino, a pesquisa aponta como resultados, que este ocorre no dia a dia, na convivência, nos conhecimentos repassados principalmente através da oralidade, promovendo outras formas de fazer educação. Ao traçarmos um cenário das brincadeiras, dos saberes, do brincar dos velhos quilombolas, trazemos uma reflexão sobre essa forma de educar: o brincar, tão essencial para a manutenção das tradições na comunidade, as brincadeiras descritas possibilitaram aos intérpretes diferentes experiências lúdicas. A Educação pelo brincar apresenta-se como característica de manifestação da cultura quilombola, em uma perspectiva intercultural em comunidades remanescentes, mesmo que a escola formal ainda não considere estas práticas.

Desenvolvida por Luz (2021), “Saberes e Processos Educativos das Lutas de Mulheres Negras Quilombolas da Amazônia: Um estudo a partir das narrativas das Tucandeiras de Jambuaçu Moju/PA” foi título da dissertação. A pesquisa realizada na região quilombola do Baixo Tocantins e teve como objetivo geral analisar os saberes e processos educativos de resistência das mulheres negras quilombolas, na perspectiva do processo de luta, reconhecimento e afirmação do território quilombola. A metodologia foi elaborada com base na organização do movimento de mulheres Tucandeira, com a abordagem teórica, epistêmica e metodológica da Escrivivência de Conceição Evaristo (2020), da história das Bonecas Abayomi e perspectiva científica do Corazonar do Patricio Arias (2011). Os resultados da pesquisa permitem

analisar, referente à educação intercultural, que existem saberes culturais e processos educativos de resistências que nascem da Pedagogia Tucandeira. Segundo (Luz esses saberes contestam e educam a si, (re)educa o próprio movimento quilombola, bem como aponta questões de educação para a nossa sociedade. Como limites, a autora aponta ainda a existência da necessidade, do reconhecimento e da luta por políticas públicas, direitos e cidadania. A luta das mulheres negras quilombolas de Jambuaçu revela outras epistemes, pedagogias, sociabilidades, que contribuem para a construção de pedagogias decoloniais na/da Amazônia. A pesquisa é pioneira dentro do Programa de Pós-graduação em Educação – UEPA, pois realiza análise da tríade: gênero, etnia e educação a partir de aporte teórico fundamentado na decolonialidade. As referências teóricas e epistemológicas da dissertação estão no campo dos estudos decoloniais, epistemologias feministas negras e epistemologias do sul. Os avanços encontrados na perspectiva da educação intercultural apontam saberes culturais e processos educativos de resistências que nascem da Pedagogia Tucandeira, porém ainda sendo necessário vencer os espaços formais de educação com o reconhecimento destes saberes culturais.

Golçalves (2022) desenvolveu pesquisa em contexto educacional a partir do objetivo de caracterizar como as práticas pedagógicas acionam os saberes dos sujeitos quilombolas e se elas vêm contribuindo para a organização e autoafirmação sociocultural da comunidade. A pesquisa teve como título “Práticas pedagógicas e educação quilombola: uma imersão na comunidade Itaboca em Inhangapi/Pará”. O aporte teórico está fundamentado em autores (as): Candau (2008); Quijano (2005), Rezende (2011), Santos (2006) etc. A metodologia foi elaborada com base em análise de documentos pedagógicos seguida da técnica de entrevista semiestruturada. O *lôcus* da pesquisa foi a Escola Antônio Fausto da Trindade, localizada na Comunidade Quilombola Santo Antônio-Pará. Os resultados indicam que as práticas pedagógicas não vêm contemplando os saberes da comunidade quilombola, visto que não dialogam com elementos pedagógicos da educação quilombola. A conclusão indica que as “práticas pedagógicas da escola Antônio Fausto da Trindade não têm acionado de maneira significativa os saberes dos educandos da comunidade quilombola, por meio da aplicação dos conteúdos” (Gonçalves, 2022, p. 77). A Educação em comunidades remanescentes quilombolas apresentam a pluralidade de saberes dos sujeitos quilombolas de Itabocá, e, após a análise das práticas educacionais, aponta

como limites para a formação de uma educação Intercultural a necessidade da inserção destes saberes quilombolas nas práticas formais de educação escolar.

A dissertação de Mascarenhas (2022) apresenta o debate reflexivo entre as práticas educativas mediadas pela bebida *emu* nas comunidades quilombolas de África e Laranjituba Moju-Abaetetuba. O objetivo geral que direcionou a pesquisa foi compreender como a bebida *emu*, utilizada em rituais sagrados, configura-se como prática educativa atravessada por saberes, os quais dinamizam sociabilidades estruturantes do modo de vida quilombola. Metodologicamente a autora usou o método da etnografia com base na história oral. Os sujeitos foram 08 (oito), dentre homens e mulheres quilombolas. O aporte teórico foi constituído a partir de conceitos tais como: Cultura e Educação de Brandão (2002), Educação da Atenção de Ingold (2015; 2019) e Saberes Culturais a partir de Albuquerque (2015). Mascarenhas (2022) aponta como resultados que versam sobre a educação, nas sociabilidades do ritual saberes, são repassadas às novas gerações de forma a estruturar o modo de vida. Os sujeitos quilombolas formulam modos próprios de aprender e ensinar por meio das práticas culturais e pela observação dos eventos e das atividades cotidianas, apontando para uma pedagogia dos caminhos. A Educação em comunidades remanescentes quilombolas apresenta como possibilidades para uma educação Intercultural a proposta de educação em saberes culturais da prática do cotidiano, resta a garantia da efetivação destes saberes plurais para a formação de uma educação Intercultural.

A pesquisa de Alves (2023) faz a relação entre educação a partir da Lei 10.639/2003, a lei garante a obrigatoriedade do estudo da história e da cultura afro-brasileira nas escolas. O autor buscou identificar a contribuição dos saberes da comunidade quilombola do Caldeirão para propor reinvenção curricular numa perspectiva de afirmação e reconhecimento do território quilombola do Caldeirão. O caminho metodológico foi fundamentado no método dialético materialista com base nos diálogos decoloniais. A técnica selecionada foi análise de conteúdo e entrevista semiestruturada. O aporte teórico foi elaborado com base nos autores Candau (2008); Brandão (2002); Deus (2019); Quijano (2005) etc. A pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da UEPA, usou autores que versam sobre decolonialidade para apresentar propostas de mudanças nas práticas educativas realizadas na Comunidade do Caldeirão. A análise dos dados permitiu Alves (2023)

concluir que existe limitações do currículo e precisam ser revistas. É necessário o debate crítico com todos os grupos que compõem a escola. O resgate dos conteúdos da proposta pedagógica para a educação quilombola através das análises das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das 172 Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana partindo do cumprimento da Lei nº 10.639/2003, para que haja efetividade no trabalho para o reconhecimento e afirmação da comunidade quilombola do Caldeirão. A Educação em comunidades remanescentes quilombolas apresentam como possibilidades a existência locais específicos dos quilombolas, porém descreve como limites a existência da necessidade de reinvenção curricular numa perspectiva de afirmação e reconhecimento do território quilombola do Caldeirão para a formação de uma educação Intercultural.

A dissertação de Cunha (2023) a partir do título “Saberes do Rio: o brincar da criança quilombola da comunidade São Sebastião no município de Acará/PA”, partiu do objetivo geral de analisar os saberes compartilhados pelas crianças da comunidade São Sebastião, durante o brincar no rio Genipaúba. A pesquisa utilizou a etnomatemática como método de estudo. As técnicas utilizadas na coleta de dados foram: levantamento bibliográfico, observação participante, roda de conversa, entrevista individual. A autora faz o diálogo entre pensamento matemático e educação quilombola e saberes do brincar. Os dados referentes à educação, permitiram Cunha (2023) concluir que existem saberes na comunidade: da ludicidade, do compartilhar, da afetividade, do cotidiano e da ancestralidade. Estes saberes se entrelaçam ao universo lúdico dos intérpretes, durante o brincar no rio, e de que forma tais saberes perpassam processos educativos de ensinar, experienciar e ressignificar. A Educação na perspectiva do ensino de matemática, na comunidade remanescente quilombola de São Sebastião, apresenta como avanço a percepção dos saberes culturais matemáticos desenvolvidos durante o brincar, assim aponta como limites para a formação de uma educação Intercultural a necessidade da efetivação desses saberes a partir da Etnomatemática para uma educação intercultural.

Quadro 5: Pesquisas UFPA - Diálogos em Educação Quilombola-PA.

Orientador	Título: O campo tem cor? presença/ausência do negro no currículo da educação do campo no Pará.	
	1. Dissertação.	Objetivo geral.

<p>Dr. Salomão Antonio Mufarrej Hage</p>	<p>Autor: MAGALHÃES, Leila de Lima.</p> <p>Instituição/ Ano: UFPA-2009.</p> <p>Palavras-chave: Educação do campo. Política curricular. Movimentos sociais. Relações étnico-raciais.</p>	<p>Identificar em que medida as relações étnico-raciais, a partir da Lei 10639/03, estão incluídas na proposta educativa e curricular do Fórum.</p> <p>Contribuições à Educação. “Existe determinada delimitação da população negra ao quilombo, o que pode ser atribuído à formação ideológica pelo currículo hegemônico de que no meio rural o negro só conseguiu espaço no quilombo. Em uma segunda assertiva, os quilombolas por estabelecerem uma relação intrínseca de luta pela terra, na visão do MPPUEC, estariam atrelados à valorização do território do campo e, por conseguinte, deveriam estar incluídos na luta pela garantia do direito a terra, o que se enquadra entre os princípios do FPEC.” (Magalhães, 2009, p. 76).</p>
<p>Orientador</p>	<p>Título: Saberes ribeirinhos quilombolas e sua relação com a Educação de jovens e adultos da comunidade de São João do Médio Itacuruçá, Abaetetuba/PA.</p>	
<p>Dr. Salomão Antonio Mufarrej Hage</p>	<p>02. Dissertação.</p> <p>Autora: CARDOSO, Maria Barbara da Costa.</p> <p>Instituição/Ano: UFPA-2012.</p> <p>Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos- Ribeirinhos Quilombolas; Saberes Sociais e Culturais.</p>	<p>Objetivo geral. Identificar a dimensão do contexto da comunidade de São João destacando os saberes ribeirinhos quilombolas.</p> <p>Contribuições à Educação. “Relevância dos saberes ribeirinhos quilombolas na comunidade e, como o quefazer da Educação de Jovens e Adultos, que se constitui meio à organização política vem contribuindo nos novos direcionamentos de uma educação voltada às especificidades de seus sujeitos.” (Cardoso, 2012, p. 75).</p>
<p>Orientador</p>	<p>Título: Juventude do campo e quilombola: educação e identidade cultural na Comunidade Quilombola de Itaboca – Inhangapi/PA.</p>	
<p>Dr. Salomão Antônio Mufarrej Hage</p>	<p>03.Dissertação.</p> <p>Autor: PEREIRA, Ricardo Augusto Gomes.</p> <p>Instituição/ Ano: UFPA-2014.</p> <p>Palavras-chave: Quilombo. Educação. Identidade cultural. Juventude do campo. Juventude quilombola.</p>	<p>Objetivo geral. Analisar a relação entre educação e identidade cultural de jovens na comunidade quilombola de Itaboca no Município de Inhangapi–PA.</p> <p>Contribuições à Educação. “A educação volta à cena da comunidade como uma forte demanda para o desenvolvimento e um desafio para os jovens, já que as narrativas mostraram que as atribuições são diversas por parte dos adultos e dos jovens. Para os adultos a educação cumpre papel funcional relacionada ao trabalho e à defesa do meio ambiente. Para os jovens a educação representa chance e conformação com a situação do processo educativo na comunidade. Os que não se interessam não deixam de ter razão, pois, as condições materiais no interior da comunidade não favorecem a educação, pela ausência de transporte e de uma escola para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio.” (Pereira, 2014, p. 113).</p>
<p>Orientador</p>	<p>Título: “Nem parece que tem quilombola aqui”: (In) visibilidade da identidade quilombola no processo formativo da CFR do Território Quilombola de Jambuaçu Pe. Sérgio Tonetto.</p>	
	<p>04.Dissertação.</p> <p>Autora: MACHADO, Joana Carmen do Nascimento.</p>	<p>Objetivo geral. Analisar como a Identidade Quilombola, efetivada por meio dessas lutas, é incorporada ao processo formativo da Casa Familiar Rural Pe. Sérgio Tonetto, dado ao seu</p>

<p>Dr. Salomão Antonio Mufarrej Hage</p>	<p>Instituição/ Ano: UFPA-2014.</p> <p>Palavras-chave: Identidade Quilombola, Educação do Campo, Pedagogia da Alternância.</p>	<p>contexto de formação: conflito entre quilombolas do Rio Jambuaçu e a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD).</p> <p>Contribuições à Educação.</p> <p>“A educação que se quer com o PPP em questão, não atende as demandas postas pelas Diretrizes Operacionais das Escolas do Campo que orientam a construção das propostas pedagógicas, a partir dos sujeitos do campo, no que se refere ao respeito a seus modos de organização, uma vez que a Educação do Campo se faz no diálogo entre os diferentes sujeitos do campo.” (Machado, 2014, p. 79).</p>
<p>Orientador</p>	<p>Título: Educação Escolar e identidade quilombola: um enfoque na comunidade Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, município de Abaetetuba, estado do Pará.</p>	
<p>Dr. José Bittencourt da Silva</p>	<p>05. Dissertação.</p> <p>Autora: SILVA, Luciane Teixeira da.</p> <p>Instituição/ Ano: UFPA-2015.</p> <p>Palavras-chave: Educação Escolar. Identidade Quilombola. Organização Comunitária.</p>	<p>Objetivo geral.</p> <p>Analisar e compreender as interfaces que se estabelecem atualmente entre a educação escolar e os processos organizativos e identitários no interior de uma comunidade remanescente quilombola denominada Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, no município de Abaetetuba, estado do Pará.</p> <p>Contribuições à Educação.</p> <p>“Apesar dos conflitos e tensões comunitárias, a escola pode ser compreendida como um espaço imprescindível para o fortalecimento da identidade quilombola e da organização comunitária.” (Silva, 2015, p. 113).</p>
<p>Orientadora</p>	<p>Título: Juventudes Quilombolas: Memória, Resistência e Construção de Identidades.</p>	
<p>Dr^a. Lúcia Isabel da Conceição Silva</p>	<p>06. Dissertação.</p> <p>Autor: SANTOS, José Rodrigo Pontes dos.</p> <p>Instituição/ Ano: UFPA-2018.</p> <p>Palavras-chave: Juventudes; Identidades; Quilombola.</p>	<p>Objetivo geral.</p> <p>Analisar os processos de construção de identidades desenvolvidos pelos(as) jovens quilombolas nos confrontos entre as suas relações e práticas no contexto do quilombo e com territórios externos, assim como as estratégias de resistências que são geradas nesses processos.</p> <p>Contribuições à Educação.</p> <p>“A escola é fonte de reivindicação por parte dos quilombolas que lutam por uma educação formal de qualidade em seus territórios, que valorize sua identidade e história, além de garantir oportunidades iguais de acesso a instituições de ensino superior.” (Santos, 2018, p. 76).</p>
<p>Orientador</p>	<p>Título: Poder, organização política e pedagogias oculto-presentes de mulheres negras do território quilombola do rio Jambuaçu-Moju/PA.</p>	
<p>Dr. Salomão Antonio Mufarrej Hage</p>	<p>07. Dissertação.</p> <p>Autor: MACHADO, Joana Carmen do Nascimento.</p> <p>Instituição/ Ano: UFPA-2019.</p> <p>Palavras-chave: Mulher Negra; Educação Quilombola; Ancestralidade; Movimentos Sociais.</p>	<p>Objetivo geral.</p> <p>Identificar e compreender as estratégias elaboradas por mulheres negras quilombolas para estabelecimento do poder feminino nas comunidades onde estão inseridas.</p> <p>Contribuições à Educação.</p> <p>“A organização política das mulheres negras do Território Quilombola do Rio Jambuaçu forneceu a estas sujeitas instrumentos para enfrentar os empreendimentos que ameaçam a vida do território, assim como para a superação de estruturas machistas no âmbito de suas relações individuais e coletivas, estabeleceu ainda uma rede educativa de criação e recriação de novas</p>

		identidades, de valorização da mulher negra quilombola e de manutenção dos saberes, valores, modos ancestrais, que na perspectiva apontada por Conceição Evaristo (2018) se constitui numa epistemologia contra hegemônica que orienta a práxis transformadora por meio de ações de resistência como a manutenção da ligação como o invisível/sentível.” (Machado, 2019, p.113).
Orientador	Título: Saberes do Território Educativo Amazônico: perspectivas de uma epistemologia das águas na interrelação ribeirinhos-quilombolas.	
Dr. Salomão Antônio Mufarrej Hage	08. Tese. Autora: CARDOSO, Maria Barbara da Costa. Instituição/Ano: UFPA-2020. Palavras-chave: Educação do Campo. Povos Ribeirinhos. Povos Quilombolas. Epistemologia das Águas.	Objetivo geral. Depreender de que modo, no território educativo das águas da Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, os saberes que circulam e se articulam na interrelação ribeirinhos-quilombolas, contribuem para uma compreensão de epistemologia das águas sustentadas na r-existência e resistência amazônica. Contribuições à Educação. “ Ao constataremos que os sujeitos das águas amazônicas se constituem enquanto ser humano-natureza-ancestralidade rompemos com a concepção hegemônica de educação e emergem novas possibilidades de resistência amazônica de uma Educação do Campo, que se configura numa perspectiva de epistemologia das águas construída com os sujeitos amazônidas e não-amazônidas, incitando o debate das águas como direito.” (Cardoso, 2020, p. 83).

Fonte: repositório de teses e dissertações UFPA Sá (2023).

Magalhães (2009) a partir do título “O Campo tem cor? presença/ausência do negro no currículo da educação do campo no Pará”, desenvolveu pesquisa cujo objetivo geral foi identificar as propostas de inclusão das relações étnico-raciais, existentes no âmbito do Movimento Paraense por Uma Educação do Campo (MPPUEC), investigando como as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana para efetivar a Lei n. 10.639/03 estão sendo incluídas nas propostas do Fórum Paraense de Educação do Campo. Os principais autores usados na fundamentação teórica desta pesquisa são: Bentes (1993); Candau (2006); Freire (2005); Gomes (2008) etc. A metodologia da pesquisa foi fundamentada em estudo exploratório nas ações articuladas pelo FPEC. Em seguida, foram coletados alguns documentos finais originados dos Seminários Estaduais de Educação do Campo e do Projeto Político Pedagógico (P.P.P) do Programa Saberes da Terra da Amazônia Paraense. O instrumento de coleta de dados foi entrevista semiestruturada com representantes das entidades que integram o FPEC. A pesquisa apresenta como resultados que a presença e ao mesmo tempo a ausência da população negra inserida

na luta pelo fortalecimento da diversidade do campo, não consegue responder ao conceito de diversidade expresso na Lei Nº.10.639/03 com as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana. Desta forma, a pesquisa aponta avanços ao registrar saberes culturais quilombolas e relata limites ao identificar a não efetivação desses saberes, inclusive da diversidade expressos pela Lei Nº.10.639/03, assim apontando limites e dificuldades para a efetivação de uma educação intercultural, uma vez que ainda existe a ausência do negro no currículo da educação do campo no Pará.

A pesquisa desenvolvida por Cardoso (2012) teve como título “Saberes ribeirinhos quilombolas e a relação com a educação de jovens e adultos da comunidade de São João do Médio Itacuruçá-Abaetetuba/PA”, entre as pesquisas sobre quilombos e educação na Amazônia, identificamos a primeira dissertação do Programa de Pós-graduação em Educação PPGED-UFPA que *realiza o diálogo investigativo entre Educação, Ribeirinhos quilombolas e comunidade do Médio Itacuruçá.*, objetivou investigar as possibilidades com que os saberes ribeirinhos quilombolas da comunidade de São João do Médio Itacuruçá se relacionam com a Educação de Jovens e Adultos e, como são inseridas no contexto escolar. Cardoso (2012) fundamentou teoricamente a pesquisa na temática da educação ribeirinho quilombola em: Arruti (2006); Furtado e Melo (1993) etc. A Educação e prática dialógica foi alicerçada com autores: Freire (1980); Brandão (1993); Candau (2008) dentre outros. A construção metodológica usou pesquisa qualitativa no campo educacional e análise documental. Os dados permitem Cardoso (2012) concluir que a comunidade de São João do Médio Itacuruçá, considerada como ribeirinha quilombola traz marcas identitárias que se constroem no saber produzido e construído no coletivo. Saber social que vem manifestado de conhecimentos, valores, habilidades e atitudes produzidas nas relações sociais. Assim a pesquisa aponta avanços para uma educação intercultural ao registrar a existência de saberes sociais quilombolas ribeirinhos, saberes estes que validam a necessidade de uma educação que respeite a diversidade dos povos da Amazônia.

Pereira (2014) também traz contribuições significativas para compreender a temática da Educação em quilombos na Amazônia Paraense. Com o título de pesquisa “Juventude do Campo e Quilombola Educação e identidade cultural na Comunidade Quilombola de Itaboca - Inhangapi – PA”, o autor desenvolveu

dissertação que problematizou a educação no contexto da comunidade quilombola de Itaboca. Teve como objetivo geral analisar a relação entre educação e identidade cultural de jovens na comunidade quilombola de Itaboca no Município de Inhangapi-PA. O percurso metodológico usado foi a pesquisa participante e análise de conteúdo para examinar as narrativas de sujeitos e jovens do *lócus* da pesquisa. A fundamentação teórica está construída com base em Hall (2006), Castells (1999) e Munanga (2009), Brandão (2002) etc. Após analisar os dados coletados em pesquisa de campo, o autor relata urgência na implementação das Diretrizes Curriculares para Educação na Modalidade Quilombola para garantir a ampliação da rede de escolas e a identidade quilombola. A Educação em comunidades remanescentes quilombolas apresentam como possibilidades saberes culturais locais, porém ainda existem os limites na implementação destes saberes no currículo para a formação de uma educação Intercultural, que reconhece a diversidade cultural.

A pesquisa desenvolvida por Machado (2014) teve como objetivo geral analisar como a identidade Quilombola, efetivada por meio de lutas, é incorporada ao processo formativo da Casa Familiar Rural Pe. Sérgio Tonetto, dado ao seu contexto de formação: conflito entre quilombolas do Rio Jambuaçu e a Companhia Vale do Rio Doce. A partir do método de observação sistemática, a autora entrevista moradores da comunidade Quilombola de Jambuaçu, usando a técnica de análise de conteúdo. A fundamentação teórica está elaborada a partir de autores: Hall (1992); Munanga (2004); Mészáros (2005); etc. A análise dos dados permitiu à autora concluir que existe a ausência de sujeitos quilombolas no processo educacional, ausente está também à manutenção e reprodução do modo de vida da comunidade, revelando que a concepção de educação mediada na CFR “Pe. Sérgio Tonetto”, não reflete o lugar de construção do conhecimento, o Território Quilombola do Rio Jambuaçu/Moju-PA. A pesquisa aponta como limites, que também podem ser apontados como barreiras para uma educação intercultural, a não participação dos quilombolas no processo educacional, assim excluindo as culturas e saberes locais as práticas educacionais.

Silva (2015) realizou diálogo acadêmico entre Educação escolar e identidade quilombola, a pesquisa de título Educação escolar e Identidade Quilombola: um enfoque na comunidade Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, município de Abaetetuba-Pará, trouxe como objetivo geral analisar e compreender as interfaces que se estabelecem atualmente entre a educação escolar e os processos

organizativos e identitários no interior de uma comunidade remanescente quilombola denominada Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, no município de Abaetetuba, estado do Pará. O entrelace teórico foi fundamentado com autores que apresentam estudos voltados à identidade: Hall (1999), Munanga (2010); saberes ribeirinhos Hage (2014) e decolonialidade com Gomes (2012). A autora traz na pesquisa a decolonialidade a partir da discussão de currículo escolar. A metodologia da pesquisa foi elaborada a partir da análise documental e investigação de campo de cunho qualitativo. Os dados conclusivos mostram que apesar dos conflitos e tensões comunitárias, a escola pode ser compreendida como um espaço imprescindível para o fortalecimento da identidade quilombola e da organização comunitária. A Educação em comunidades remanescentes quilombolas apresentam como possibilidades a perspectiva do currículo escolar para a diversidade cultural e Intercultural, porém aponta ainda limites gerados pela existência de conflitos sociais.

Destacamos, também, o trabalho de Santos (2018) intitulado *Juventudes Quilombolas: Memória, Resistência e Construção de Identidades*. Nesta pesquisa o autor realiza análise do processo de construção de identidades desenvolvidas pelos(as) jovens quilombolas nos confrontos entre as relações e as práticas no contexto do quilombo com territórios externos, assim como estratégias de resistências que são geradas nesses processos. Santos (2018) utilizou o método de pesquisa participante. O *lócus* da pesquisa são as Comunidades Associadas de Remanescentes Quilombolas de Itaboca, Cacoal e Quatro Bocas, situadas no município de Inhangapi, nordeste do Estado do Pará. O autor fundamentou a pesquisa em Santos (2015); Quijano (2015); Nascimento (2013); Hall (2011) etc. Apresentando debate decolonial entre formação de identidade em quilombolas a partir de Quijano (2015). A análise dos dados permitiu Santos (2018) concluir que a escola é fonte de reivindicação por parte dos quilombolas que lutam por uma educação formal de qualidade em seus territórios, que valorize sua identidade e história, além de garantir oportunidades iguais de acesso a instituições de ensino superior. A Educação em comunidades remanescentes quilombolas apresentam a possibilidade de propostas interculturais ao reconhecer a identidade quilombola de Itaboca, ainda assim aponta os limites para esta efetivação, uma vez que a comunidade vem fazendo movimento de lutas por uma educação que abarque a cultura quilombola no espaço escolar para uma educação Intercultural.

Desenvolvida por Machado (2019), a tese: “Poder, organização Política e Pedagogias oculto-presentes de mulheres negras do território quilombola do Rio Jambuaçu-Moju/PA”, apresenta dados referentes a região quilombola do Baixo Tocantins. A partir do objetivo geral de identificar e compreender as estratégias elaboradas por mulheres negras quilombolas para estabelecimento do poder feminino nas comunidades onde estão inseridas, Machado (2019) realiza análise dos dados com base no método da Análise de Conteúdo com abordagem qualitativa. A fundamentação teórica versou em autores da pesquisa em Educação tais como: Brandão (2002); Charlot (2000); Geertz (2012) etc. A análise dos dados permitiu à autora inferir a existência da concretização de saberes que perpassam por relações culturais, estabelecidas e movidas pela espontaneidade das crianças na relação com seus brinquedos e brincades, os quais podem ser interpretados como saberes que envolvem a natureza, saberes sobre os possíveis perigos presentes nos rios, nas matas, nos ramais, o saber do cuidar etc. Essas tessituras lúdicas constituem-se em processos culturalmente construídos, nos/pelos quais se produz conhecimento e se faz educação. A Educação em comunidades remanescentes quilombolas apresentam como possibilidade o reconhecimento de experiencias educativas “outras” que valorizem os saberes do brincar que surgem da cultura quilombola, assim possibilitando a perspectiva de uma educação intercultural a partir dos saberes do brincar.

Em Cardoso (2020), a pesquisa intitulada “Saberes do Território Educativo Amazônico: perspectivas de uma epistemologia das águas na interrelação ribeirinhos-quilombolas, foi realizado na Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do rio Acaraqui/Abaetetuba/PA”, partiu do objetivo geral de depreender de que modo, no território educativo das águas da Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, os saberes que circulam e se articulam na interrelação ribeirinhos-quilombolas, contribuem para uma compreensão de epistemologia das águas sustentadas na r-existência e resistência amazônica. A autora usou como construção metodológica o materialismo histórico-dialético nas categorias: contradição, mediação práxis, totalidade. O diálogo teórico foi selecionado em: Oliveira (2015); Molina (2014); Meneses (2008) dentre outros autores. Quanto as contribuições à educação, após análise dos dados a autora constata que:

os sujeitos das águas amazônicas se constituem enquanto ser humano-natureza-ancestralidade rompemos com a concepção hegemônica de

educação e emergem novas possibilidades de resistência amazônica de uma Educação do Campo, que se configura numa perspectiva de epistemologia das águas construída com os sujeitos amazônidas e não-amazônidas, incitando o debate das águas como direito. (Cardoso, 2020, p. 79).

Desta forma a tese de Cardoso (2020) ao entrelaçar o aporte-teórico entre materialismo histórico-dialético e os saberes quilombolas para uma educação intercultural, é pioneira no diálogo entre a tríade: materialismo histórico; quilombolas e interculturalidade.

Estudos como os de Luz (2021), Golçalves (2022), Alves (2023), Cardoso (2020) são precursores ao trazer o debate intercultural para as pesquisas em Educação com foco em comunidades remanescentes de quilombo no estado do Pará.

A partir do levantamento de dados das pesquisas é possível que surjam outras que objetivem analisar aspectos educacionais das comunidades quilombolas do Estado do Pará, e assim, ampliem o leque de dados para a descrição das características da cultura quilombola, dentre estas a educação intercultural e as línguas quilombolas.

4. Metodologia

4.1 Dialetologia e sociolinguística: caminhos entre o geográfico e o social

O desenvolvimento de estudos sistemáticos sobre as diferenças dialetais passa pelas pesquisas linguísticas de interesse da Dialetologia, pois esta se concentra nas fronteiras entre variedades com características linguísticas distintas. A pluralidade de características das línguas permite que a ciência busque princípios metodológicos específicos para suas análises.

Neste caso, a Dialetologia, como vertente dos estudos linguísticos, descreve as diferentes manifestações de uma língua, considerando as particularidades do espaço geográfico. Como apresentado por Contini e Tuailon (1996, apud. Cardoso p. 85, 2010), “a Dialetologia tem por finalidade essencial estudar a variação geolinguística”, descrevendo as características de cada região e a formação geográfico-cultural da língua. Rossi (1967) afirma:

[...] convirá, porém, nunca esquecer que a dialectologia é essencialmente contextual: fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste

ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área (Rossi, 1967, p. 104).

A dialetologia, portanto, considera os vazios geográficos (Ø) como característica de resposta para pesquisas científicas, tanto quanto, o registro de diferenças dialetais que surgem no plano semântico, sintático e fonético de uma determinada língua. Estas diferenças representam um sistema particular de língua que integram um grupo sociocultural. Para Rossi (1967),

o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente, ainda que por ausência, em outro ponto ou outra área (Rossi, 1967, p. 88).

Os dados sobre as diferenças dialetais permitem realizar comparações entre léxicos, tanto pela ausência quanto pela presença de determinados elementos, possibilitando a determinação de características lexicais específicas de um determinado espaço geográfico. Para Borba (1976, p. 31), a Dialetologia é uma ciência que representa “o estudo dos sistemas linguísticos em suas variações geográficas ou sociais”.

Na perspectiva dos estudos dialetológicos Cardoso (1994) afirma:

dois aspectos fundamentais estão, pois, na gênese da dialetologia, qualquer que seja o princípio metodológico seguido: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados (Cardoso, 1994 p. 25).

Para a sociolinguística a língua é dotada de heterogeneidade sistemática, fato que permite a identificação e demarcação de diferenças sociais na comunidade, constituindo-se como parte da competência linguística dos indivíduos, o domínio de estruturas heterogêneas (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p.101).

As pessoas não falam da mesma maneira, sendo heterogênea, a língua muda sem perder a competência da comunicação. A possibilidade de emergência de outras significações é imanente à língua e permanente durante todo o tempo em que a língua é viva. (Castoriadis, 1982, p. 254-255).

Desta forma, tanto a dialetologia quanto a sociolinguística, têm como objeto de estudo a língua falada, diferenciando-se ambas pelo método de pesquisa.

Contribuindo para os estudos científicos da linguagem, uma parte da geografia linguística, construindo cartas lexicais. A outra, sociolinguística, fundamenta-se no modelo da Teoria da Variação linguística.

A teoria variacionista de William Labov, uma vertente da linguística, mais conhecida como sociolinguística variacionista, parte do princípio de análise dos fatos da língua a partir de fatores externos, tais quais: Faixa etária, classe social, gênero, escolarização, lugar de origem etc.

Cardoso (2014), apresenta sobre variação linguística e cultura:

se acharmos natural que aqueles que compartilham uma visão semelhante de mundo, devam compartilhar também um sistema comum de comunicação, deveria ser natural entender também que, ao longo da história, as comunidades têm constituído seus próprios sistemas linguísticos (Cardoso, 2014, p. 241).

Segundo (Labov 2008, p. 97) “em comunidades investigadas, os dados empíricos confirmam plenamente a existência de variação e de estruturas heterogêneas em comunidades linguísticas”.

O caráter heterogêneo e variável de uma língua torna-se objeto de estudo científico das ciências da linguagem/sociolinguística. A linguística, com o estatuto de ciência, interessa-se em estudar muito mais a língua falada, as mudanças, as recriações/jogos da linguagem, a que normas prescritivas elaboradas pelo senso comum, que tentam igualar, a qualquer custo, a fala como espelho fiel da escrita. Como explica Silva (2005):

é comum, mesmo entre alguns estudiosos da língua portuguesa, tratá-la como homogênea. No entanto, a dialetologia e a Sociolinguística já vêm mostrando que uma língua não é única e homogênea, mas um conjunto de variedades, usadas diferentemente, de acordo com a época, o lugar, as características sociais do falante (Silva, 2005, p. 14).

A Sociolinguística trata da relação entre língua e sociedade, demonstrando que a linguagem tem um funcionamento dinâmico, ou seja, possui um sistema que interliga o comportamento linguístico e o social. Para a Sociolinguística, a língua não pode ser analisada sem considerar seu caráter social, uma vez que existem fatores externos que influenciam suas mudanças.

Segundo Tarallo (1990, p. 18), “o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística parte do objeto bruto, não polido, não aromatizado artificialmente”. A língua sofre variações, e as variantes podem ser definidas como as diferentes formas de expressar a mesma ideia em um mesmo contexto, mantendo o mesmo valor de verdade. Essas variantes podem ser classificadas como padrão/não padrão, conservadoras/inovadoras e estigmatizadas/de prestígio.

A fala é composta por características da identidade humana. Ao nos expressarmos, fazemos escolhas lexicais que consideramos mais adequadas para transmitir nosso valor de verdade. Dessa forma, a variante linguística que utilizamos revela muito sobre a nossa história e reflete a nossa cultura.

A variante padrão é a forma escolhida como modelo normativo para uso em espaços de educação formal, como escolas. Ela tem como condição o uso das regras gramaticais e ortográficas da gramática normativa. Apesar de ser o modelo padrão usado nos espaços de prestígio social, ela não representa o pensamento científico dos estudos da linguagem. Camacho (2011) nos diz que:

é evidente que a distribuição de valores sociais se torna institucionalizada com a elevação de uma variedade de prestígio à condição de língua padrão que, como tal, passa a ser veiculada no sistema escolar, nos meios de comunicação, na linguagem oficial do Estado etc. (Camacho, 2011, p. 42).

A determinação de uma variedade de prestígio não deve excluir a existência democrática das outras variantes de uma língua, pois o falante em contato social desenvolve diferentes características de uma determinada língua. Afirma Bagno (2013),

de nada adianta a um indivíduo ter excelente domínio das normas urbanas de prestígio ou da norma-padrão codificada nas gramáticas se, pelo simples fato de ser negro (ou, mais acuradamente, não branco), sua ascensão social já está barrada em ampla medida desde o berço num país estranhamente racista como é o Brasil. (Bagno 2013. pág.107).

Assim, em espaços sociais, a língua (norma-padrão) é usada como imposição de domínio sobre as interações de comunicação, apesar de não científica, a variante-padrão ocupa lugar de prestígio social, e também, oprime, impõe e segrega pessoas.

Oposto à variante padrão, é possível identificar em uma língua a (variante não padrão), esta tem como característica, não corresponder ao padrão determinado pelas

gramáticas normativas. Manifesta diferenças tanto no padrão lexical quanto em sua estrutura gramatical e, apesar de diferente, está longe de ser incorreta, nesta direção o sociolinguísta Bagno (2007) destaca que:

o que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática (Bagno, 2007, p. 64).

De fato, as variantes não padrão, representam o surgimento/movimento de uso de novos termos de uma língua, representam o contexto cultural dos falantes, e as novas necessidades do falante, surge assim, novas palavras. Assim em alguns momentos de forma concorrente “disputam” ou coexistem na dinâmica da língua.

Para Bagno (2007, p. 46) “dizer que uma língua apresenta variação significa dizer, mais uma vez, que ela é heterogênea”, esse caráter da língua também é resultado do entrelaçamento cultural que gera a hibridização, misturas culturais de uma determinada língua.

A teoria da variação linguística considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da noção de heterogeneidade que surge nos usos linguísticos. Conforme (Zilles, 1999, p. 2) [...] só pelo reconhecimento da realidade linguística pode-se superar uma violência constantemente repetida em nossa sociedade: a de fazer crer à maioria dos brasileiros que eles não são capazes de aprender sua própria língua.

O preconceito linguístico direcionado a determinadas formas de expressão afeta principalmente pessoas de diferentes classes sociais e regiões geográficas, intensificando as desigualdades sociais e discriminando representações culturais. As maneiras de falar que se distanciam do padrão valorizado por grupos que idealizam a norma gramatical são frequentemente associadas à falta de educação ou competência linguística, Bagno (2010) afirma que:

condenar essas formas de uso da língua [...] São todos preconceitos cuja origem é a necessidade que as elites têm de se manter no poder político, econômico e cultural. Encorajar preconceito - que é fruto da ignorância - é um dos muitos instrumentos que as elites empregam para se apropriar dos

bens públicos e da riqueza coletiva, mantendo cada vez mais à margem as amplas camadas já tão marginalizadas da população (Bagno, 2010, p. 87).

Assim, é uma forma de discriminação, realizada por meio das diferenças linguísticas às falas que estão distantes a gramática normativa. Preconceito linguístico

A língua e a fala, por meio de um fenômeno específico do ser humano chamado: linguagem, estão em permanente transformação, influenciadas pela gramática internalizada e pelo meio social, são fenômenos vivos, sempre em recriação, tal como "uma onda no mar", pois, como diz Lulu Santos: "Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia [...] tudo muda o tempo todo no mundo".

4.2 Método cartográfico: fotografias linguísticas

A cartografia, como método de pesquisa geolinguística, parte do objeto de análise de forma articulada com os critérios sociais da sociolinguística. Passos e Kastrup (2015, p. 272) destacam que "a pesquisa cartográfica se coloca entre aquelas que afirmam a importância do interesse da ciência pelo que investiga, aceitando em contrapartida, o interesse próprio do objeto". Nas pesquisas cartográficas geolinguísticas:

a cronologia dos fatos aparece nos atlas, nada obstante ao caráter eminentemente sincrônico do que se esboça em uma carta linguística. Processos diversos exibem o seu percurso em dados que, reunidos numa perspectiva diatópica, findam por assinar o caminho da história (Cardoso, 1994, p. 19).

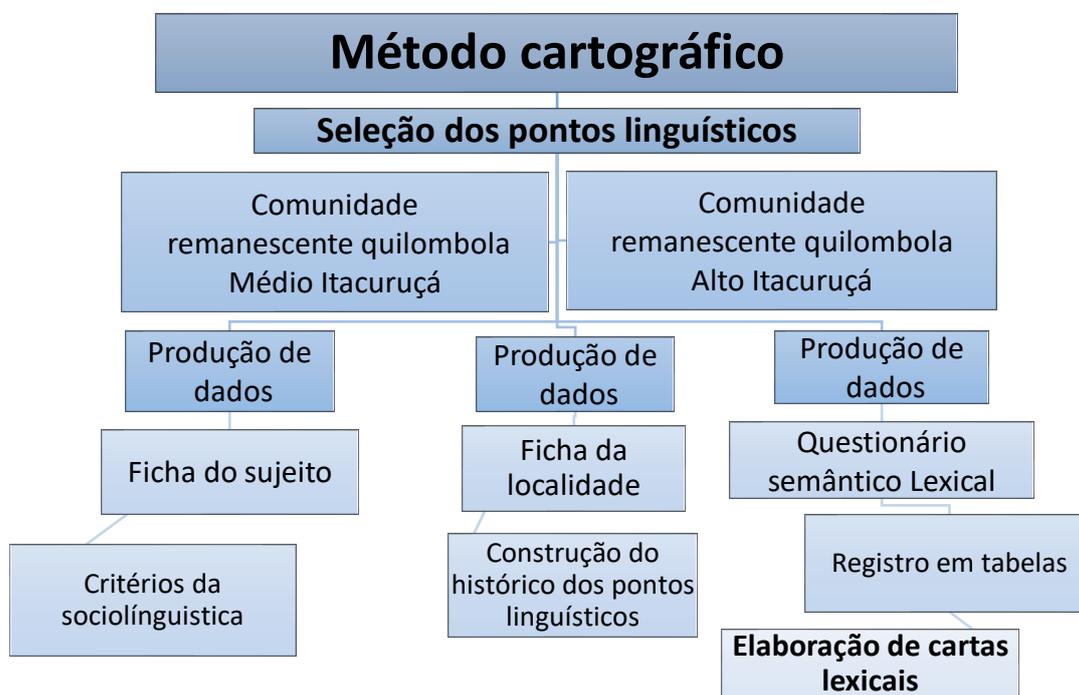
A cartografia linguística desenha a rede de pontos lexicais de forma geográfica e social. O tratamento dos dados envolve a classificação dos tipos de variações linguísticas e a geolocalização em coordenadas geográficas de localização espacial das variações lexicais.

Representando dados de uma determinada língua de forma geográfica, a partir da criação de mapas/cartas lexicais que fazem o registro "em mapas especiais um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território" (Coseriu, 1987, p. 79).

Desta forma, o método cartográfico da geolinguística dialetológica divide-se nas seguintes etapas: seleção dos pontos linguísticos, produção de dados, análise dos

dados e registro em tabelas, construção de cartas geografias lexicais. Conforme organograma do método cartográfico em pesquisas linguísticas:

Figura 1: organograma do método cartográfico.



Fonte: Elaborado por Sá (2024).

A seleção dos pontos linguísticos representa uma demarcação territorial e geográfica, evidenciando a diversidade linguística com base nas particularidades de cada território. O ponto linguístico configura-se como um espaço único de manifestação da realidade linguística mutável, refletindo particularidades fonéticas, lexicais, morfossintáticas e semânticas.

Como exemplifica Passos e Kastrup (2015) “Sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso, a pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita” (Passos e Kastrup 2015, p. 64). Nas pesquisas cartográficas os pontos linguísticos são espaço de escuta, de memória histórica, aprendizagem e dinâmica do movimento vivo da realidade da língua.

Sendo um conjunto de estudos e atitudes científicas, voltadas para a elaboração de mapas, cartas ou representações gráficas, a cartografia linguística faz o “traçado linguístico” por meio de técnicas e métodos de descrição de uma determinada língua.

Para Cardoso (2010):

do ponto de vista histórico, o reconhecimento da realidade linguística do país, das várias áreas a serem identificadas e das diferenças que opõem determinadas regiões a outras pode trazer aportes de relevância para aprofundar, entre outras questões, aquelas relativas à natureza do povoamento do Brasil, às repercussões do processo de migração (Cardoso, 2010, p. 21).

O método cartográfico, por meio de coordenadas geográficas, passa a ser elaborado via aplicativos, como softwares livres de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), Google Maps etc., representando o diálogo científico entre linguagem, geografia e tecnologia. Assim transformando a forma de descrever e cartografar línguas. Como afirma Souza e Francisco (2016, p. 812) “cartografar é, antes de tudo, uma arte. Mas é, também, uma ciência”.

4.3 Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Criado no ano de 1996, por um movimento que surgiu na Universidade Federal da Bahia-UFBA - O Projeto Atlas Linguístico do Brasil-, de caráter nacional, tem como objetivo geral fornecer dados empíricos, sistematicamente recolhidos e analisados, para o registro do português brasileiro, mapeando e descrevendo em cartas lexicais a fala dos brasileiros. Segundo Cardoso (2010):

o Projeto ALiB responde, pois, a uma necessidade inadiável de descrição do Português do Brasil, de reconhecimento de áreas dialetais brasileiras e se apresenta como instrumento auxiliar no entendimento da história linguística do Brasil e no processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Propondo-se documentar os diferentes usos do português em todo o território nacional (Cardoso, 2010, p. 501).

O Projeto coleta dados linguísticos em diferentes regiões geográficas do Brasil, fundamentando-se nos princípios científicos da dialetologia, com base no método da geolingüística, para assim produzir Atlas Lexicais dos fatos da linguagem. Descreve e analisa as variações de natureza sociais (diatráticas), regionais (diatópicas), históricas (diacrônicas) e estilísticas (diafásicas).

O Atlas linguístico torna-se mais que um mapa, mas a aplicação de um método de pesquisa, por meio de “fotografia” linguística, que mostra aspectos da língua em um recorte sincrônico e ou diacrônico.

Conforme Amaral (1976) “fala-se muito num “dialeto brasileiro”, [...], entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados”.

A partir de uma proposta metodológica própria, o Projeto ALiB fundamenta o percurso metodológico nos estudos da linguagem, mais especificamente na variação linguística, com vertente na Dialectologia e base na Geolinguística. Dentro destas características, Nascentes (1958, p.8), estabelece bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, e, Serafim da Silva Neto apresenta divisão geográfica e culturalmente do Brasil para elaboração de Atlas linguísticos:

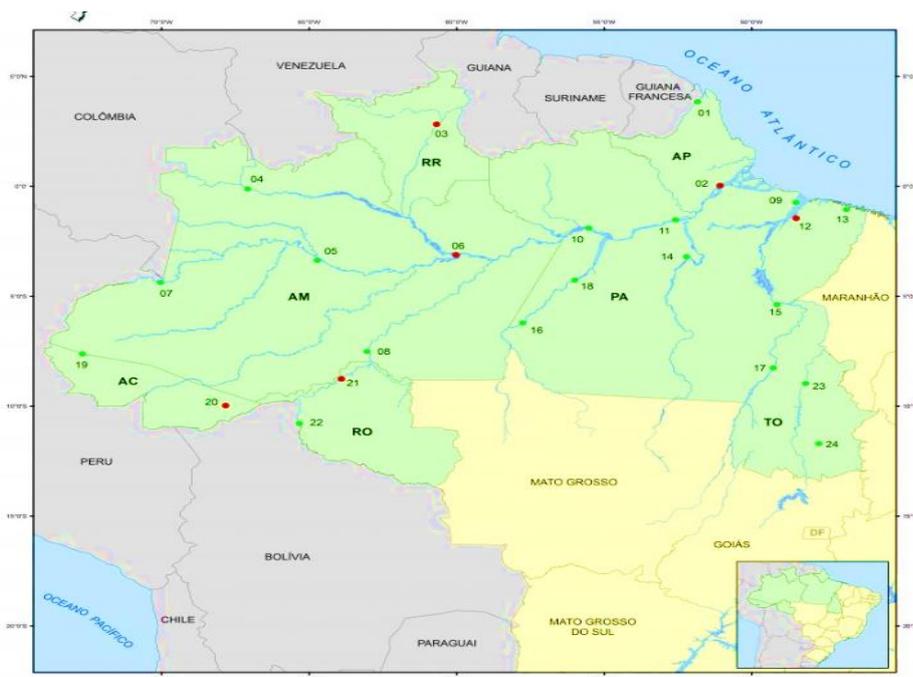
Serafim da Silva Neto (1952) [...] dividiu o Brasil nas seguintes áreas linguísticas e culturais: Amazônia (Acre, Amazonas, Rio Branco, Pará e Amapá); Nordeste Litoral (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Fernando de Noronha, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe); Nordeste Mediterrâneo (Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia); Planalto Central (Minas Gerais e sudoeste da Bahia); Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso); Centro-Leste (Rio de Janeiro, Distrito Federal, Espírito Santo, Sul de Minas e São Paulo); Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Um Atlas Linguístico é, assim,

o retrato de uma língua ou de várias línguas, num dado momento e numa área geográfica específica. Nessa fotografia, documenta-se uma sincronia da língua que pode, por sua vez, ao exibir a sua variação, também, estar traçando caminhos de sua transformação (Mota, 2015, p. 18).

A partir do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), as pesquisas dialetais, desenvolvidas nas áreas da linguística seguem percurso metodológico proposto pelo Projeto ALiB. Estas devem ser estruturadas conforme os elementos: seleção dos sujeitos/informantes, aplicação dos questionários ALiB e determinação da rede de pontos.

Elemento constitutivo do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o estado do Pará está representado na rede de pontos da Região Norte, composta por sete estados: Amapá (AP), Roraima (RR), Amazonas (AM), Pará (PA), Acre (AC), Rondônia (RO) e Tocantins (TO). No total, são 24 redes de pontos linguísticos divididas entre os sete estados da Região Norte, conforme ilustra o mapa 01 abaixo:

Mapa 1: Rede de pontos linguístico, região norte, Projeto ALiB.



Fonte: Cardoso (2014).

A perspectiva de construção de um atlas geral do Brasil permite mapear realidades linguísticas das línguas brasileiras. Mesmo com a amplitude territorial do país, considerado ser o maior da América do Sul, torna-se difícil, porém viável a construção, em etapas, do falar brasileiro. Cardoso (2010) afirma:

o reconhecimento das dificuldades advindas sobretudo da extensão territorial do país e da precariedade das vias de comunicação determinaram a opção inicial dos estudos geolinguísticos no Brasil: empreende-se o trabalho começando pelos atlas regionais (Cardoso, 2010, p. 143).

Dentre os atlas linguísticos regionais do ALiB, na mesorregião Nordeste do Pará, existem o Projeto Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA), que tem como objetivo mapear geograficamente as diferenças linguísticas do estado do Pará, e o Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA), que visa mapear a variedade linguística do português afro-brasileiro falado nas comunidades remanescentes de quilombos da mesorregião Nordeste do Pará.

O cenário brasileiro, após 29 anos de pesquisas dialetológicas realizadas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), tem produzido investigações de cunho dialetológico focadas em diferentes aspectos, a partir do registro em cartas lexicais e da aplicação de questionários e entrevistas tanto no meio urbano quanto no rural.

Os estudos dialetológicos, além de abordarem aspectos do léxico, têm apresentado avanços na área da linguagem, incluindo pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas, metalinguagem e o mapeamento linguístico em áreas territoriais de difícil acesso, como os territórios quilombolas.

4.4 Tipo de estudo

Para desenvolver esta pesquisa foram selecionados aspectos semânticos-lexicais dos moradores da região quilombola do Alto Itacuruçá e Médio Itacuruçá/Abaetetuba–PA. O método de pesquisa foi o cartográfico geolinguístico da dialetologia de abordagem quali-quantitativa que divide a pesquisa nas seguintes etapas:

- estabelecimento dos pontos linguísticos;
- definição dos critérios e seleção dos sujeitos;
- elaboração e aplicação dos instrumentos de produção dos dados;
- transcrição e sistematização dos dados para constituição do *corpus*;
- elaboração das tabelas do léxico da região quilombola de Itacuruçá/Abaetetuba–PA.

4.5 Mesorregião

A Mesorregião definida para a realização desta pesquisa é o Município de Abaetetuba localizado no Baixo tocantis/Território Quilombola Ilhas de Abaetetuba–Amazônia Paraense.

O nome Abaetetuba vem da família linguística do Tupi-Guarani, segundo o Poder Legislativo da Câmara Municipal de Abaetetuba (2024), a palavra Abaetetuba é composta dos seguintes elementos: *aba* (*homem*), *ete* (*forte, verdadeiro*), *tuba* (*lugar de abundância*). Assim, Abaetetuba significa: lugar de homens e mulheres fortes e valentes.

Segundo dados do Instituto brasileiro de geografia e estatística–IBGE (2022), o município de Abaetetuba tem uma área territorial de 1.610,646km², com população estimada de 158.188 pessoas, com densidade demográfica de 98,21hab/km² e 0,628% para o índice de desenvolvimento humano municipal–IDHM.

A efetivação do direito à educação no município de Abaetetuba, por meio da

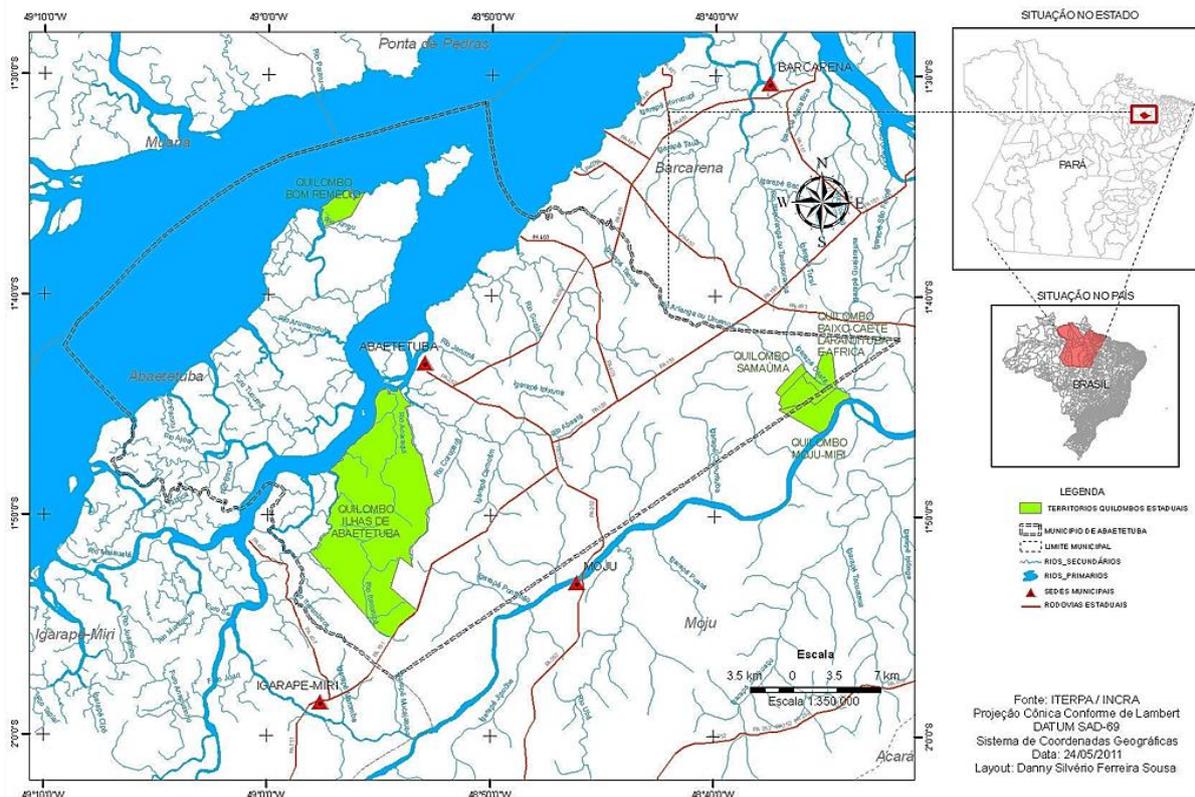
oferta de ensino público e de qualidade, é assegurada por uma rede composta por 27 unidades escolares voltadas ao ensino médio e 182 unidades destinadas ao ensino fundamental, atendendo, ao todo, 32.109 estudantes regularmente matriculados.

No que se refere aos aspectos educacionais específicos, a Constituição Federal de 1988, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e da Resolução CNE/CEB nº 8/2012, estabelece e normatiza as Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Nesse contexto, considerando que o município de Abaetetuba possui a maior população quilombola do estado do Pará, são ofertadas propostas curriculares específicas voltadas à valorização e preservação da identidade cultural quilombola. Atualmente, esse atendimento ocorre em duas instituições de ensino: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo André, localizada na Região das Ilhas Quilombolas, na comunidade do Baixo Itacuruçá, e na escola situada na Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Conforme a coordenação de Educação Escolar Quilombola SEMEC-Abaetetuba, o currículo utilizado por todas as escolas quilombolas do município de Abaetetuba, é o disponibilizado pela SEMEC, e as escolas quilombolas devem fazer adaptações para as práticas pedagógicas quilombolas. A recente coordenação quilombola SEMEC está em processo de organização da proposta de um currículo específico para Educação quilombola.

Conforme título de reconhecimento de domínio coletivo em favor da Associação das comunidades remanescentes de quilombo das Ilhas de Abaetetuba-ARQUIA, 2002, processo ITERPA nº 2006/169594 (Anexo IV), o município de Abaetetuba é constituído por um arquipélago de 72 ilhas, com uma população de 45 mil habitantes, nas ilhas, e uma média de 140 mil habitantes no município (Cpt e Moriva, 2009, p. 42).

Mapa 2: Representação gráfica do município de Abaetetuba/ Região das Ilhas Quilombolas- Amazônia Paraense.



Fonte: ITERPA/INCRA (2011).

O território remanescentes de quilombo Ilhas de Abaetetuba é composto por 12 (doze) comunidades que são: comunidade do Acaraqui, comunidade do Arapapu, comunidade do Arapapuzinho, comunidade do Açacu, comunidade do Igarapé Bom Remédio, comunidade do Igarapé São João, Comunidade de Ipanema, comunidade do Jenipaúba, comunidade do Rio Tauaré-açu, comunidade do Alto Itauruca, comunidade do Médio Itacuruçá e comunidade do Baixo Itacuruçá.

O artigo 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias:

consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (Brasil, 2003).

Os moradores que compõem a região das Ilhas de Abaetetuba, comunidades remanescentes de quilombo, são o símbolo da luta histórica do Povo Brasileiro, onde africanos e indígenas são sinônimos de resistência de um processo de colonização que perdura de forma velada. Sobre esse assunto Darcy Ribeiro (1997, p. 202) afirma que “A distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres aos ricos. A ela se soma a discriminação que pesa sobre índios, mulatos e negros.”

Deste modo, a comunidade de Itacuruçá, abrangendo Alto, Médio, Baixo Itacuruçá e ilhas do entorno, é reconhecida como “Terras de Quilombo”, pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA) em conjunto com movimento religioso da Igreja Católica Pastoral da Terra, esta ação fortalece a valorização da cultura local baseada na identidade Afro-brasileira.

É importante destacar também, na região das Ilhas de Abaeteuba, percurso terrestre, a presença do agronegócio pelo grupo BBF- Brasil BioFuels, a maior empresa da América Latina de produção de Óleo de Palma e Biocombustível, tendo como mão de obra quilombolas e ribeirinhos da comunidade de Itacuruçá, a mesma vem deixando marcas nestes espaços quilombolas.

Segundo o Mapeamento de conflitos da FIOCRUZ (2023), indígenas e comunidades tradicionais vem lutando pela preservação de suas terras e a Guerra do plantio e comercialização do Dendê, no estado do Pará, a empresa vem atingindo municípios com o agronegócio, tais como o baixo Tocantins (Abaetetuba, Acará (PA), Moju (PA) e Igarapé-Miri (PA), áreas de divisa com a Comunidade de Itacuruçá.

Ainda conforme os dados da Fiocruz (2023), alguns dos danos do agronegócio causado a população ribeirinha:

alteração no ciclo reprodutivo da fauna, Alteração no regime tradicional de uso e ocupação do território, Assoreamento de recurso hídrico, Contaminação ou intoxicação por substâncias nocivas, Desertificação, Desmatamento e/ou queimada, Erosão do solo, Falta / irregularidade na autorização ou licenciamento ambiental, Falta / irregularidade na demarcação de território tradicional, Incêndios e/ou queimadas, Mudanças climáticas, Pesca ou caça predatória, Poluição de recurso hídrico, Poluição do solo (Fiocruz, 2023).

A população quilombola de Itacuruçá vive a luta constante pela sobrevivência digna no espaço que historicamente, inclusive atualmente, é marcado pela luta e exploração velada tanto do território quanto da mão de obra.

Quanto ao contato com a comunidade de Itacuruçá para aplicação dos instrumentos de pesquisa, os dados coletados para a elaboração da descrição do Ponto linguístico Região remanescente quilombola do Alto Itacuruçá e Região remanescente quilombola Médio Itacuruçá foram retirados a partir da aplicação do instrumento de pesquisa, ficha da localidade, proposto pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), esta ficha é composta de 12 perguntas abertas relativas ao histórico das comunidades, a produção dos dados é obtida através da narrativa oral dos moradores dos quilombos de Itacuruçá.

A realização da pesquisa de campo, incluindo a aplicação da Ficha da Localidade, Ficha do Sujeito e Questionário Semântico Lexical, ocorreu durante os meses de abril a agosto de 2023 e janeiro a abril de 2024, aproximadamente um ano após o fim do estado de Emergência em Saúde Pública devido à Covid-19 no Brasil. A escolha desse período se justifica não apenas pelo término da pandemia, que se alastrou pelo país e resultou na marca de 700 mil mortos, marcada pelo contexto político do então presidente Jair Messias Bolsonaro, que promovia a ignorância por meio do negacionismo científico.

Mas também por se tratar de um período após o inverno amazônico, quando as estradas vermelhas de piçarra e o nível dos rios amazônicos estão mais “calmos”, facilitando o acesso às comunidades remanescentes quilombolas da Amazônia Brasileira, neste caso, Alto Itacuruçá e Médio Itacuruçá, em Abaetetuba-Pará.

Justifica-se também por respeitar o movimento e a vida da comunidade remanescente quilombola, pois cada localidade possui um “horário do tempo”, aquele em que nasce o movimento da cultura de cada região. Assim, o tempo, como canta Caetano Veloso, “por ser tão inventivo e parecer contínuo, foi um dos deuses mais lindos” durante a realização da pesquisa, em cada comunidade quilombola.

5.0- Pontos linguísticos: Comunidade remanescente de Quilombo do Alto Itacuruçá e Comunidade remanescente de Quilombo do Médio Itacuruçá-Abaetetuba

Não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer os nossos saberes de África, mas os povos indígenas daqui nos disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro. Nessa confluência de saberes, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos

indígenas. No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter!

Nêgo Bispo (2023).

O trecho proferido por Nêgo Bispo (2023) apresenta reflexões sobre o processo de formação de quilombos para além da estrutura física, mas em emaranhado de saberes, estes que fazem parte do Brasil das favelas, das tribos indígenas e dos quilombos. A partir deste trecho realizo a apresentação das comunidades remanescentes quilombolas do Alto Itacuruçá e Comunidade Remanescente Quilombola do Médio Itacuruçá, nos aspectos sociais e culturais do movimento/dinâmica das comunidades.

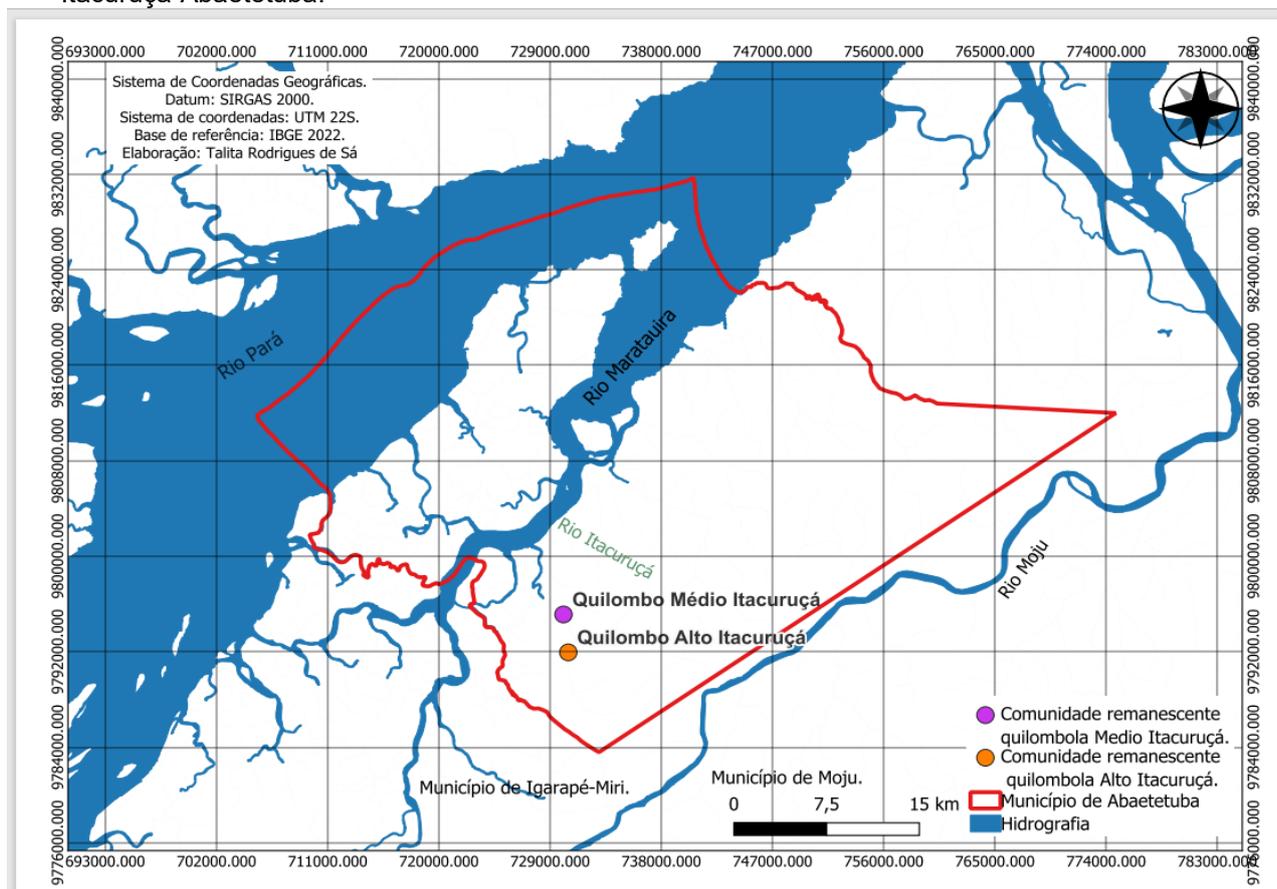
As Comunidades possuem como representatividade religiosa três Padroeiros: São Pedro, São Sebastião e São Miguel, o último Santo é considerado o veterano das comunidades. Existe também o processo de evangelização ocorrendo por meio da existência de outras representatividades religiosas.

Quanto às religiões de Matrizes Africanas, a comunidade do Alto Itacuruçá mantém o rito de rezar ladainhas do “Pai Nosso” em Língua de origem Africana.

O acesso às duas comunidades pode ser feito pelo percurso a partir da cidade de Belém até o Município de Abaetetuba, a duração da viagem pela estrada é de aproximadamente 2h no máximo 3h de viagem, são 217 km de estrada.

A entrada até Itacuruçá é feita pela rodovia PA 151, entre o Município de Abaetetuba e Igarapé-Miri, na altura do Km 16 antes de chegar ao município de Igarapé-Miri. A comunidade também pode ser acessada de barco ou rabeta navegando pelo Rio Maratauíra até o Rio Itacuruçá, este caminho das “ruas-rio leva ao acesso a outras comunidades, assim determinado a dinâmica do movimento cultural da comunidade. Conforme a representação gráfica dos dois pontos linguísticos pesquisados, Alto Itacuruçá e Médio Itacuruçá está ilustrada no Mapa 02.

Mapa 3: Representação gráfica Comunidade remanescente de quilombo Alto Itacuruçá e Médio Itacuruçá-Abaetetuba.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

5.1 Região quilombola: Alto Itacuruçá/Abaetetuba Amazônia Paraense

Segundo Ferreira (2007, p. 87) no dicionário morfológico Tupi-Guarani, o termo Itacuruçá significa ITA – Pedra, Curuçá – cruz – Cruz de pedra. Itacuruçá é uma região remanescente de quilombo ribeirinha formada por diferentes espaços geográficos que historicamente povoavam quilombos. Assim, o nome oficial registrado nos documentos e escolas da comunidade do Território quilombola Rio Itacuruçá Alto, reconhecido pelos moradores da comunidade como Comunidade do Alto Itacuruçá.

A chegada à comunidade do Alto Itacuruçá pode ser feita via estrada, indo de Abaetetuba para Igarapé-Miri, no quilometro 16, a entrada é pelo Ramal do Brasília, aproximadamente 40 minutos de Moto. As terras de chão vermelho e piçarra levam ao, até hoje, escondido acesso ao Território Quilombola. O percurso contrasta com a beleza da vegetação de Palmas e o plantio das costas de fazendas. Os dados

foram elaborados conforme a aplicação da Ficha do sujeito e Ficha da Localidade, a cartografia social foi construída durante a pesquisa de campo em conjunto com os moradores, a partir das informações do movimento socioeconômico cultural da comunidade. Conforme pode ser observado no Mapa 4.

Mapa 4: Cartografia social da comunidade remanescente de Quilombo do Alto Itacuruçá as margens do Rio Itacuruçá- Abaetetuba/Amazônia Paraense.



Fonte: Elaboração Sá & Costa (2025).

De acordo com o Protocolo de Consulta do território quilombola do Rio Itacuruçá Alto- Ilhas de Abaetetuba/PA (2022) “o rio Itacuruçá alto teve como atividade predominante a construção de canoas e cascos para comercialização, hoje continua sendo atividade remunerada, porém com menor intensidade”. Sobre Itacuruçá, Rocha (2014) afirma:

o Itacuruçá é, provavelmente, a maior localidade de Abaetetuba com remanescentes de quilombos e, por isso, faz parte da ARQUIA, que é Associação de Remanescentes de Quilombos da Região das Ilhas de Abaetetuba. Como exemplo, citamos os quase 4.000 moradores da localidade Alto Itacuruçá, que estão distribuídos em uma dezena de comunidades espalhadas por um território de quase 12 mil hectares e

o mesmo fato acontece nos chamados Médio e Baixo Rio Itacuruçá (Rocha, 2014, p.8).

A população é formada por ribeirinhos quilombolas, segundo dados do IBGE (2022), a população do Alto Itacuruçá, Baixo Itacuruçá e Bom Remédio, região das Ilhas de Abaetetuba, somam (5.638 habitantes quilombolas), os moradores estruturam a comunidade por grau de parentesco. Destacando como uma das famílias mais antigas do quilombo de Alto Itacuruçá, a do Seu Procópio (*in memoriam*), reconhecido como o avô de quase toda a comunidade quilombola, um centenário, que representa a memória histórica do quilombo. Conforme ilustra a figura 1, salão de residência do morador, um dos netos assinando o termo de autorização para realização da entrevista:

Figura 2: Morador da Comunidade remanescente de quilombo Alto Itacuruçá.



Fonte: Pesquisa de campo Sá (2023).

A convivência no quilombo é demarcada pela identidade ribeirinha, as casas são predominantemente de madeira, com salões grandes, janelas e portas construídas com abertura em direção a vegetação, a entrada pela via principal marca a sensação de “entrar pelos fundos das casas”. Talvez pela necessidade histórica dos quilombos de estarem escondidos, ou também pelo processo de formação da

comunidade ter iniciado pelas margens do Rio Itacuruçá. Sobre essa formação comunitária de convivência a ARQUIA (2023) relata que:

o ribeirão quilombola busca firmar sua identidade na convivência comunitária com os seus pares, seja nas reuniões da comunidade, nas instituições religiosas ou nas associações: ARQUIA (Associação dos Remanescentes Quilombolas de Abaetetuba), COOPROABA (Cooperativa dos Produtores de Artefatos de Abaetetuba), MALUNGU (Associação Regional dos Remanescentes Quilombolas do Pará).

Quanto à cultura e o modo de vida, o cotidiano da comunidade é marcado pelo movimento das águas e pelas terras agrícolas. Assim a comunidade sobrevive predominantemente pelos recursos naturais, a alimentação é feita à base da pesca e da caça, o açaí é o complemento fundamental da cultura alimentar da região, este cultivado na própria comunidade, movimenta tanto a cultura alimentar quanto a economia da população. Conforme ilustra a figura 03:

Figura 3: Cultura alimentar na Comunidade do Alto Itacuruçá.



Fonte: Pesquisa de campo Sá (2023).

Em relação aos serviços públicos na comunidade, eles são uma extensão dos espaços de decisão do município de Abaetetuba, assim existe a oferta de uma Unidade Básica de Saúde, e duas escolas públicas na comunidade do Alto Itacuruçá.

A unidade Básica de saúde atua com profissionais de forma itinerante para garantir a qualidade de vida dos quilombolas e ribeirinhos, devido à localização

geográfica, também é ofertado atendimento por equipes multiprofissionais por meio de barcos via acesso fluvial.

O espaço escolar segue as normas do currículo proposto pelo município de Abaetetuba, podendo ser adaptado para a educação escolar quilombola. Essas adaptações ocorrem principalmente por meio de festividades e projetos educacionais. Segundo Miranda (2012, p. 374):

a implantação da modalidade de educação quilombola insere-se no conjunto mais amplo de desestabilização de estigmas que definiram, ao longo de nossa história, a inserção subalterna da população negra na sociedade e, consequentemente, no sistema escolar (Miranda p. 374, 2012).

Desta forma, ainda não se configura estruturalmente como espaços de educação escolar quilombola, uma vez que, conforme a Lei 10.639/2003, é necessário um currículo diferenciado que garanta o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, entrelaçando assim o quilombo como espaço pedagógico da Educação formal. Segue figura 04 escola pública Alto Itacuruçá:

Figura 4: Escola Pública Municipal de Ensino Fundamental São Miguel Alto Itacuruçá.



Fonte: pesquisa de campo Sá (2023).

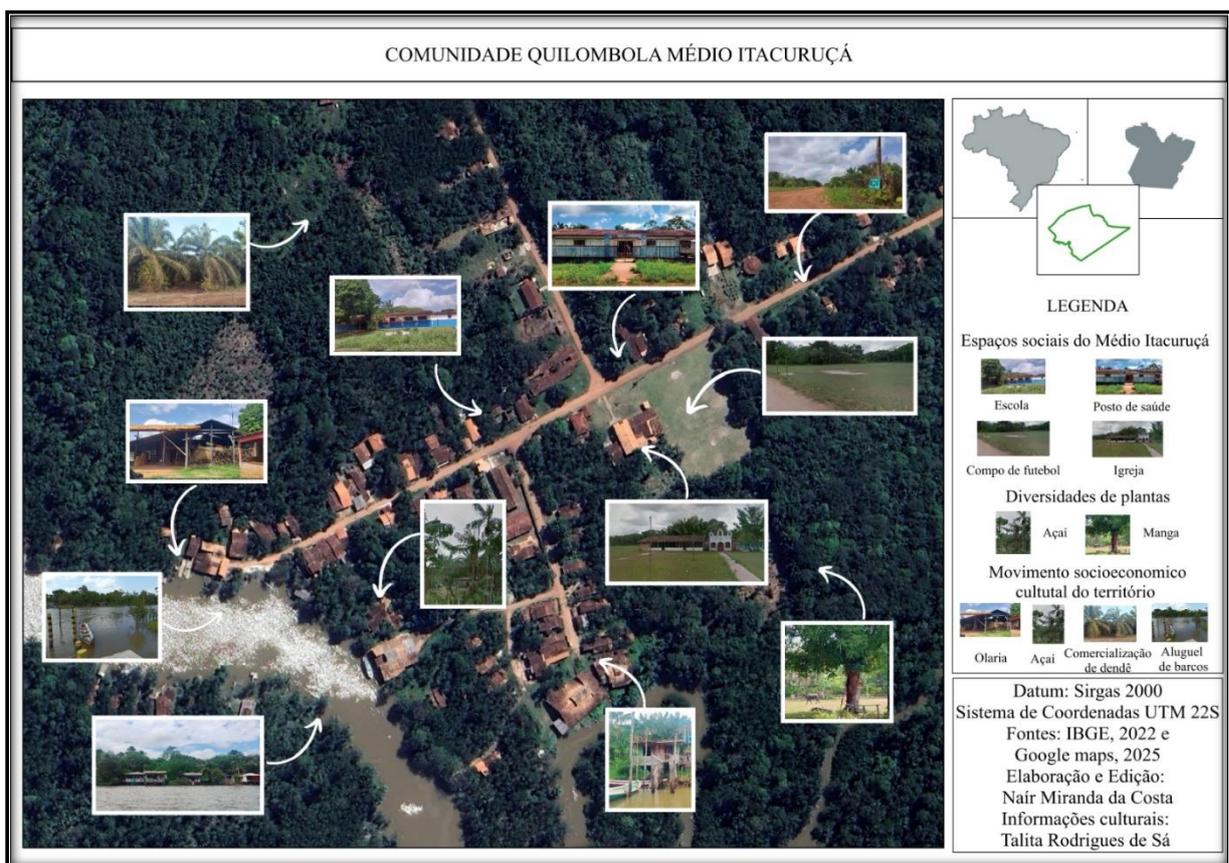
É importante destacar que a Secretaria Municipal de Abaetetuba formou em 2024 a primeira coordenação de educação escolar quilombola para atuar nas 19 escolas quilombolas, o currículo para uma educação quilombola está em fase de

construção, uma vez que a formação desta coordenação é recente dentro do município de Abaetetuba. A ação representa uma reparação histórica e processo de efetivação da Lei 10.639/2003 e Portaria MEC nº470.

5.4 Ponto linguístico 2: Região quilombola: Médio Itacuruçá/Abaetetuba Amazônia Paraense

A constituição geográfica do Médio Itacuruçá é predominante pela presença da vegetação arbórea e árvores frutíferas: açaí, castanha, cupuaçu etc. A região ribeirinha também mantém o movimento cultural de alimentação dos moradores, a partir da pesca de subsistência no Médio Itacuruçá garante os recursos naturais necessários para sobrevivência da população. Os dados foram elaborados conforme a aplicação da Ficha do sujeito e Ficha da Localidade, a cartografia social foi construída durante a pesquisa de campo em conjunto com os moradores, a partir das informações do movimento socioeconômico cultural da comunidade. Conforme representa a cartografia social 2, no Mapa 5:

Mapa 5: Cartografia social da comunidade remanescente de Quilombo do Médio Itacuruçá as margens do Rio Itacuruçá- Abaetetuba/Amazônia Paraense.



Fonte: Elaboração Sá & Costa (2024).

Localizada na Zona Rural do Município de Abaetetuba, a Comunidade Remanescente quilombola do Médio Itacuruçá, tem como localização a parte que fica entre o fim e o início do rio, “o meio” do Rio Itacuruçá, assim justifica-se o nome: Médio Itacuruçá. A comunidade pode ser acessada tanto pela estrada de piçarra, quanto navegando pelo Rio Itacuruçá ou partindo da Município de Abaetetuba pelo Maratauíra.

Figura 5: Vias de acesso a comunidade remanescente de quilombo Médio Itacuruçá: Fluvial e terrestre.



Fonte: Pesquisa de campo Sá (2024).

Quanto à atividade comercialmente predominante, existem pequenos comércios, baiucas e tabernas, administradas pelos ribeirinhos. A produção de renda também é garantida pela fábrica de tijolos e telha da olaria local, espaço que tem repassado o saber da fabricação de telhas de geração por geração entre os remanescentes quilombolas. Como afirma Brandão (2002, p. 24):

a cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis. Ela consiste tanto de valores e imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos a vida social possível e significativa (Brandão, 2002 p. 24).

A olaria, administrada pelo Sr. Aladin, se encontra às margens do Rio Itacuruçá e simboliza a história da comunidade quilombola do Médio Itacuruçá. Olaria Médio Itacuruçá, figura 06:

Figura 6: Olaria da Comunidade remanescente de quilombo Médio Itacuruçá.



Fonte: Pesquisa de campo Sá (2024).

A definição do sistema estrutural das casas é representada por moradias amplas e de estruturas abertas, que são adequadas às particularidades sociais da comunidade quilombola. Distantes uma das outras, as casas ribeirinhas quilombolas são construídas predominantemente em madeiras da própria região. Localizadas entre a recente estrada e as margens do Rio Itacuruçá, estas representam símbolo da organização dos quilombos. Sobre a arquitetura quilombola, Nego Bispo (2023) afirma:

na arquitetura quilombola, a cozinha é o espaço mais amplo. É um espaço de recepção. Quem chega vai para a cozinha. Nos quilombos, apesar de não parecer, quanto mais mulheres estão na cozinha, mais elas têm poder. Quando estão cozinhando, elas não estão sozinhas: quem chega à cozinha ajuda a cozinhar. Elas coordenam aquele espaço. [...] Os homens vão chegando e mostrando suas oficinas, seus trabalhos, sua roça... O grande momento da festa é a comida: é ela que agrega todo mundo. E é quem cozinhou que coordena aquele grande momento (Bispo dos Santos, 2023 p. 63).

A estrutura da cozinha funciona como grande espaço cultural de socialização e diálogos, nelas podemos identificar além do girau de preparo dos alimentos, espaços de convivência com redes que no entorno agregam um círculo de pessoas. Estes espaços são pontos de encontro dos saberes culturais ribeirinhos da alimentação, da saúde e das crenças religiosas. Conforme pode ser observado na figura 7:

Figura 7: Estrutura de moradias da comunidade quilombola Alto Itacuruçá.



Fonte: Pesquisa de campo Sá (2023).

Quanto à oferta e controle de distribuição dos recursos básicos, as populações ribeirinhas e os Povos tradicionais da Amazônia são os mais afetados pela ausência de sistema de saneamento básico. Na comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá as casas ribeirinhas são marcadas pela utilização das águas do rio, não potável, e pelo sistema de banheiros adaptados.

Os serviços públicos da Comunidade Remanescente quilombola do Médio Itacuruçá são regidos pelas decisões administrativas vindas do município de Abaetetuba, na comunidade é possível identificar um “local de saúde” com sistema rotativo de médicos e um profissional da enfermagem fixo no local.

As instituições de ensino, ainda seguindo o currículo proposto pelo município

de Abaetetuba mas em processo de adaptação para o currículo numa perspectiva da Educação quilombola. Nos aspectos estruturais, é possível identificar uma escola do campo que funciona em três períodos e oferta dois níveis de ensino: Fundamental e Médio–SOME. Conforme ilustra a Figura 08, estrutura da escola:

Figura 8: Escola Pública Municipal de Ensino Fundamental Médio Itacuruçá Manoel Pedro Ferreira.



Fonte: Pesquisa de campo Sá (2024).

A falta de estrutura e adaptação curricular à cultura quilombola ribeirinha da amazônia paraense ainda é uma realidade, o reconhecimento e valorização das culturas nos espaços formais de ensino são uma luta pelo direito à educação. Sodré (2002) afirma:

uma cultura democrática implica no resgate de uma memória coletiva dentro da experiência histórica da democracia política. É preciso reinventar essa democracia dentro do quadro social da realidade brasileira, que é um quadro de heterogeneidade cultural, de diversidade cultural. Como é que esse saber do livro, do monumento, da história do país se articula com um projeto de enraizamento do lugar onde estamos, do que somos, e de como somos e não como deveríamos ser? (Sodré, 2002, p. 21).

Conforme Carril (2017), os desafios para a implementação e efetivação da Educação quilombola ribeirinha são grandes, pois requerem mudanças na cultura escolar que tende a excluir a diversidade, sendo a oferta e o acesso a educação formal, um direito negado desde a escravidão, agora negado de forma velada para os

quilombolas, quando não inclui a diversidade, inclusive das línguas como práticas escolares da Educação escolar quilombola.

Nascimento (2019) afirma que o preconceito racial é concomitante ao preconceito social e ao preconceito linguístico, logo o fato da maioria dos brasileiros, neste caso, são os negros quantitativamente, estarem condicionadas a formas precárias de educação formal reforça o preconceito linguístico efetivado nos espaços escolares.

Assim a escola como espaço democrático de saberes e culturas deve lutar contra o preconceito, inclusive o linguístico, garantindo a oferta de escolas quilombolas ribeirinhas na Amazônia Paraense.

5.3 A seleção dos participantes da pesquisa

Conforme as regras do método geolinguístico e os critérios de pesquisa da sociolinguística, a seleção dos participantes considera tanto os aspectos linguísticos quanto os sociais que envolvem os participantes da pesquisa “priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar” (Projeto ALiB, 2005, p. 13).

Segundo Ferreira e Cardoso (1987, p. 27), “o perfil do informante, de quem se quer apurar dados, convém ser delineado com vistas a estabelecer-se um perfil de controle de variáveis”. Desta forma, a seleção dos sujeitos acata os seguintes critérios:

- de diferentes gêneros;

O critério justifica-se por possibilitar descrever um falar quilombola que representa todos os gêneros da comunidade.

- serem nativos dos pontos linguísticos, comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá e Médio Itacuruçá;

O critério justifica-se por possibilitar descrever fala que representa moradores nascidos na localidade.

- não terem vivido mais de 1/3 de suas vidas fora do lugar onde nasceram;

O critério justifica-se por possibilitar descrever a fala de moradores que ainda não sofreram influência de outras localidades.

- em relação à faixa etária: adultos (a partir de 40 anos).

O critério justifica-se por possibilitar descrever fala que representa aspecto diacrônico e sincrônico do Português brasileiro.

- quanto à escolaridade os informantes poderão ser: analfabetos, ter escolarização até a quarta série ou Ensino Médio completo.

O critério justifica-se por possibilitar descrever fala que ainda não sofreu muita influência da norma utilizada nas instituições de ensino.

- Quanto à renda: receber até 1 salário mínimo.

5.4 Os instrumentos de produção de dados

A técnica da aplicação de questionário serviu como base para registro dos dados obtidos a partir da aplicação dos seguintes instrumentos de produção de dados: Ficha do sujeito (**Anexo I**), Ficha da localidade (**Anexo II**) e Questionário Semântico-lexical proposto pela ALiB (2005) (**Anexo III**). Segundo Gil (2008, p. 128) “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos etc.”.

A Ficha do sujeito registra aspectos do perfil do histórico dos dados pessoais do participante. Esta ficha do sujeito é composta de 20 (vinte) perguntas abertas e fechadas.

A Ficha da localidade tem função de registrar aspectos da formação histórica da comunidade além de permitir a construção do estudo etimológico do nome da localidade.

O questionário semântico-lexical-QSL funciona para registrar as variações semânticas do léxico. Este questionário é composto de 196 (cento e noventa e seis) questões descritivas, distribuídas em 14 (quatorze) campos semânticos lexicais.

Quadro 03: Organização da divisão campo semântico ALiB (2005).

Campo semântico lexical	
Acidentes geográficos;	07 questões
Fenômenos atmosféricos;	14 questões
Astros e tempo;	16 questões
Flora;	06 questões
Atividades agropastoris;	23 questões

Fauna;	26 questões
Corpo humano;	32 questões
Convívio e comportamento social;	06 questões
Ciclos da vida;	19 questões
Religiões e crenças;	09 questões
Festas e divertimentos;	10 questões
Habitação;	07 questões
Alimentação;	08 questões
Cozinha e vestiário.	06 questões

Fonte: Projeto ALiB (2005).

5.5 O *corpus* da pesquisa

O *corpus* da pesquisa está constituído das ocorrências semântico-lexicais que não coincidem com as lexias propostas pelo QSL– ALiB (2005), e, que tem 75% de frequência no *corpus* de análise.

O critério de exclusão justifica-se, pois, as ocorrências semântico-lexicais propostas pelo QSL– ALiB (2005) representam a língua portuguesa escrita e imposta por um grupo social que mantém a lógica binária da Gramática Normativa.

Desta forma, as ocorrências semântico-lexicais encontradas na fala dos moradores das comunidades remanescentes de quilombo Itacuruçá, estão transcritas, tabuladas e comparadas com as lexias propostas pelo Questionário Semântico-Lexical– QSL– ALiB (2005).

Os resultados das lexias que diferem das lexias propostas pelo QSL, compõem a cartografia linguística do Português brasileiro quilombola de Itacuruçá, representando o falar dos moradores da comunidade.

5.6 Procedimentos éticos da pesquisa

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Plataforma-CEP- Universidade do Estado do Pará- *Campus* II- CCBS, este CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos procedimentos éticos em pesquisa envolvendo

seres humanos, conforme as Diretrizes Éticas na Pesquisa Envolvendo Seres Humanos resolução nº CNS 196/96.

A resolução nº 196/96 é uma peça de essência bioética: aplica-se às pesquisas que envolvem os seres humanos (não apenas na área médica), não é cartorial nem é um código deontológico – ela exige a análise e a reflexão crítica de valores envolvidos na pesquisa, voltada precipuamente para a proteção da dignidade do ser humano, seja ele sujeito da pesquisa ou pesquisador (Brasil, 2003, p. 7).

A partir dos princípios éticos envolvendo pesquisas com seres humanos, torna-se imprescindível que a ciência, esta feita por seres humanos, seja em benefício social e científico para o próprio ser humano, sem constrangimento, abuso, invasão, intimidação etc.

Assim afastando-se de práticas abusivas de tortura semelhantes à “ciência nazista” produzida durante a Primeira Guerra Mundial comandada pelo ideário de política racial eugênica da Alemanha Nazista.

O programa de eutanásia nazista começou destinado apenas a pacientes internados e em estado grave, mas, com o tempo ganhou dimensões gigantescas, teria sido o instrumento usado para o treinamento de pessoal e desenvolvimento dos métodos que seriam empregados para os extermínios eugênicos ocorridos nos campos de concentração (De Oliveira, 2015, p. 32).

Desta forma, esta pesquisa faz parte do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº69848723.0.0000.5174, aprovada pelo parecer consubstanciado do CEP de nº 6.169.300 (**Anexo V**). Segue as seguintes ações de garantia da ética na pesquisa:

Risco mínimo e medidas minimizadoras

Risco mínimo de constrangimento durante resposta do questionário e da ficha do sujeito, pretende-se usar como medidas minimizadoras manter o sigilo das informações e anonimato dos sujeitos, além de diálogo prévio com objetivo de gerar aproximação entre o pesquisador e os informantes da pesquisa, o uso do Termo de Consentimento Livre Esclarecido- TCLE, também servirá de instrumento de garantia legal do sigilo dos dados da pesquisa.

Benefícios

Como benefícios da pesquisa pretende-se registrar a construção e divulgação dos dados da pesquisa em cartas lexicais dos aspectos semânticos-lexicais de moradores do quilombo Itacuruçá.

Autorizações

A pesquisa foi autorizada via carta de Anuência pela Associação das comunidades remanescentes de quilombo das Ilhas de Abaetetuba-ARQUEA, e concedida pelo atual presidente da Associação.

6 Seção empírica

Estes dados são resultados da aplicação do questionário semântico lexical proposto pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Os questionários foram usados no *locus* da pesquisa, Comunidade Remanescente Quilombola Itacuruçá, especificamente em dois pontos linguísticos 1. Alto Itacuruçá e 2. Médio Itacuruçá-Abetetuba-PA.

Para a aplicação do questionário de pesquisa foram utilizados quatorze (14) campos semânticos do questionário ALiB (2005). A coleta de dados foi realizada com vinte (20) participantes/moradores das comunidades quilombolas do Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá.

O critério de seleção do espaço geográfico e os pontos linguísticos justificam-se pelo isolamento, difícil acesso, pouco desenvolvimento estrutural e tipo de povoamento ocorrido a partir da formação histórica de comunidades quilombolas no estado do Pará.

Quadro 04: Perfil dos Coparticipantes entrevistados Quilombo Médio e Alto Itacuruçá- Abetetuba.

Gênero	Idade	Grau de escolaridade	Renda
 Participante 1	46 anos	3ª Série	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 2	54 anos	2ª Série	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 3	70 anos	3ª Série	Mais de 1 salário mínimo.
 Participante 4	69 anos	Analfabeto	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 5	53 anos	4ª série	Menos de 1 salário mínimo.

 Participante 6	61 anos	1ª série	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 7	55 anos	Analfabeta	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 8	69 anos	Analfabeto	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 9	71 anos	Analfabeta	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 10	52 anos	4ª Série	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 11	63 anos	Analfabeta	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 12	61 anos	3ª Série	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 13	50 anos	4ª Série	Mais de 1 salário mínimo.
 Participante 14	57 anos	2ª Série	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 15	59 anos	Analfabeta	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 16	68 anos	1ª série	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 17	61 anos	Analfabeta	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 18	74 anos	Analfabeto	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 19	76 anos	Analfabeta	Menos de 1 salário mínimo.
 Participante 20	56 anos	Analfabeto	Menos de 1 salário mínimo.

Fonte: pesquisa de campo Sá (2023).

6.1 Análise das lexias: *corpus* da pesquisa

A análise do *corpus* da pesquisa foi realizada a partir da seleção das lexias com frequência igual ou superior a (75% de 100%, onde 100%=20 respostas) e, que não estão dicionarizadas, e sem coincidir com o utilizado no questionário ALiB (2005).

As tabelas estão divididas por campo semântico-lexical, totalizando 14 (quatorze) tabelas que representam 100% das ocorrências lexicais registradas durante a pesquisa de campo.

A cor de realce do texto segue o padrão de leitura: cinza (lexias com frequência igual ou superior a 75%); branco (lexias com frequência inferior a 75%); amarelo (lexias iguais ao proposto pelo questionário ALiB (2005); azul (lexias testadas) pelo/no contexto de uso das comunidades em confronto com o proposto pela gramática tradicional.

Transcrever é transformar fala em texto escrito. Desta forma, as lexias registradas seguem o critério de transcrição grafemática ('pra', 'tô', 'tava'), mantendo os traços mais característicos da fala não monitorada. A transcrição grafemática permite a representação da diversidade linguística de uma comunidade, a partir da investigação de fatos da linguagem de natureza semântico-lexical.

Os Pontos linguísticos selecionados durante a pesquisa estão representados na tabela pelo código: 1 (Médio Itacuruçá), 2 (Alto Itacuruçá).

Quanto à elaboração das cartas lexicais, estas foram construídas a partir do *software* de geoprocessamento QGIS (Sistema de Informação Geográfica 3.34.8), livre e gratuito, base gráfica do IBGE 2022: camada região municípios do estado do Pará. O uso do *software* permitiu representar duas comunidades linguísticas ainda não registradas separadamente pelo IBGE. Desta forma, a construção das representações geográficas, mapas, cartas lexicais etc., foram feitas via localização em tempo real por geoprocessamento.

As cartas lexicais estão representadas geograficamente na cor azul. A seleção da cor justifica-se pois na cartografia e, também nos estudos geográficos, azul é a cor que representa os rios.

Desta forma, foi possível elaborar 69 (sessenta e nove) cartas lexicais que representam as lexias dos 02 (dois) pontos linguísticos selecionados: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. Validando assim a afirmativa de Bagno (2007):

o reconhecimento das especificidades do português brasileiro, aliado ao esforço por descrevê-las com instrumental científico adequado, a partir de metodologia criteriosa de coleta de dados, tem levado à constituição de grandes acervos de língua falada e escrita, que vêm servindo de base para a produção de obras teóricas, gramáticas descritivas e dicionários de uso. (Bagno, 2002, p. 71).

Desta forma, as Cartas lexicais apresentam parte dos dados que estão registrados nas tabelas. Nelas também é possível identificar o contexto de uso das lexias cartografadas. Os dados descritos no contexto de uso foram elaborados a partir da análise e transcrição dos áudios das entrevistas realizadas via QSL (ALiB), em contato com alunos da comunidade. As lexias descritas estão agrupadas conforme a classificação: substantivo e adjetivo, uma lexia por campo semântico, assim fazendo a representação linguística de recorte social do uso das lexias.

Campo semântico I- Acidentes geográficos

A Tabela 1, relativa ao campo semântico I- Acidentes geográficos, reúne as questões de número 01 a 07 propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB (2005). A tabela possibilita a elaboração de 04 (quatro) cartas lexicais que representam o campo semântico Acidentes geográficos.

Tabela 1: Campo semântico I- Acidentes geográficos.

Questão	Variante ALiB	Nº Variantes registradas	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos reais	Efetivos percentuais	1	2
01	Córrego	02	'Cabicera' 'Boca du riu'	18	90%	X	X
02	Pinguela	02	'Istiva' 'Pontizinha'	16	80%	X	X
03	Foz	02	'Cabeça du riu' 'Iníciu du riu'	17	85%	X	X
04	Redemoinho	02	'Remuinhu' 'Currupiu'	13	65%	X	X
05	Onda de rio	02	'Marisia' 'Onda'	14	70%	X	X
06	Onda do mar	01	'Onda'	20	100%	X	X
07	Terra umedecida pela chuva	02	'Terra' 'amanhecida' 'Terra molhada'	16	80%	X	X

Fonte: Pesquisa de campo Sá (2023).

A Tabela 01- Campo semântico – Acidentes geográficos–, representa em *corpus* todas as lexias registras em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 03 (três) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 04 (*'Remuinho'/'currupiu'*); 05 (*'Marisia'/'Onda'*); 06 (*'Onda'*).

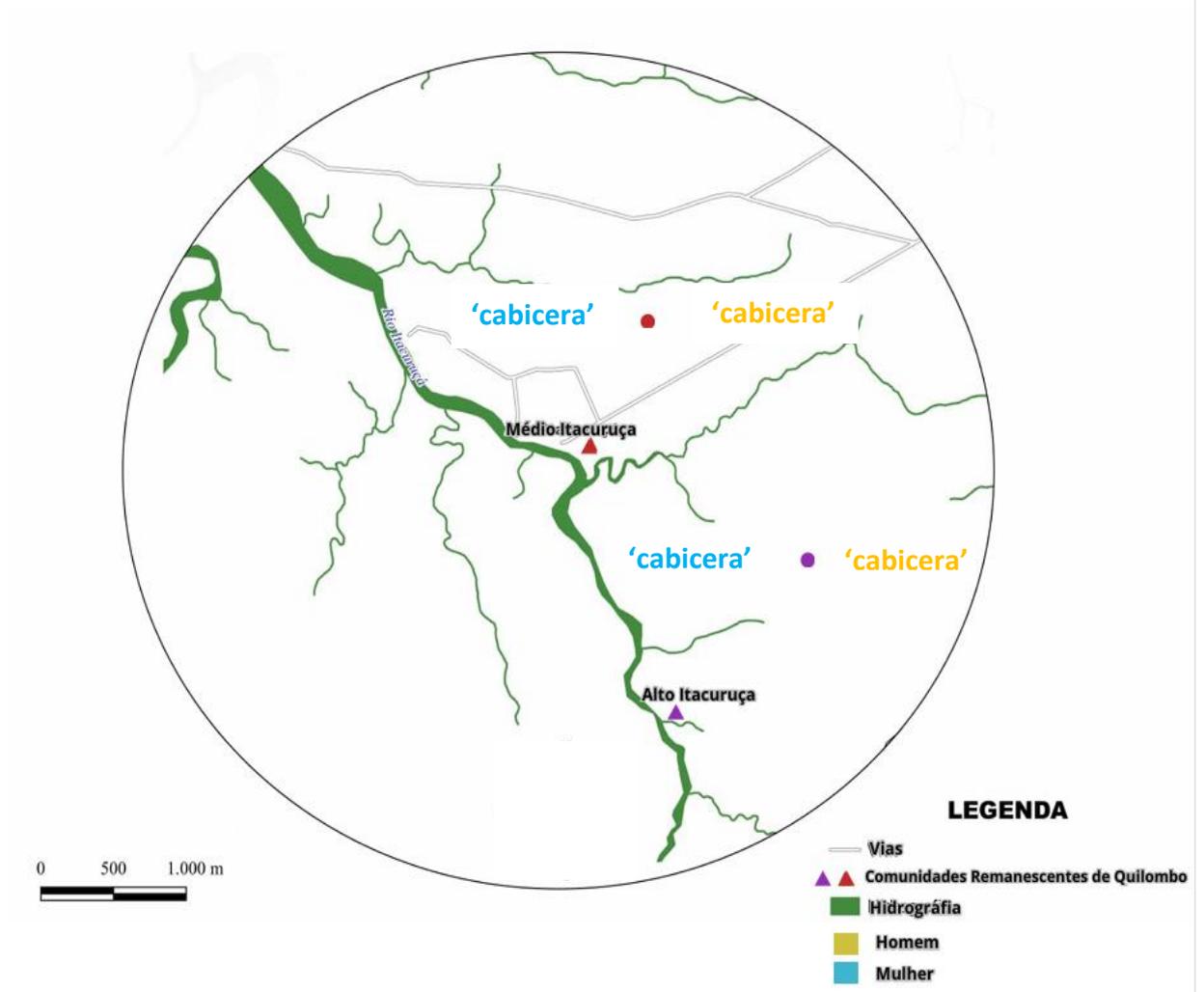
A tabela também permite representar 04 (quatro) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 04 (quatro) Cartas Lexicais, são: 01 (*'Cabicera'/'Boca du riu'*); 02 (*'Istiva'/'Pontizinha'*) 03 (*'Cabeça du riu'/'Iníciu du riu'*); 07 (*'Terra amanhecida'/'Terra molhada'*).

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 04 (lexias), que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá – Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 1

Como se chama aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

QSL (ALiB– 2005)– Córrego.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

'CABICERA': s. f.

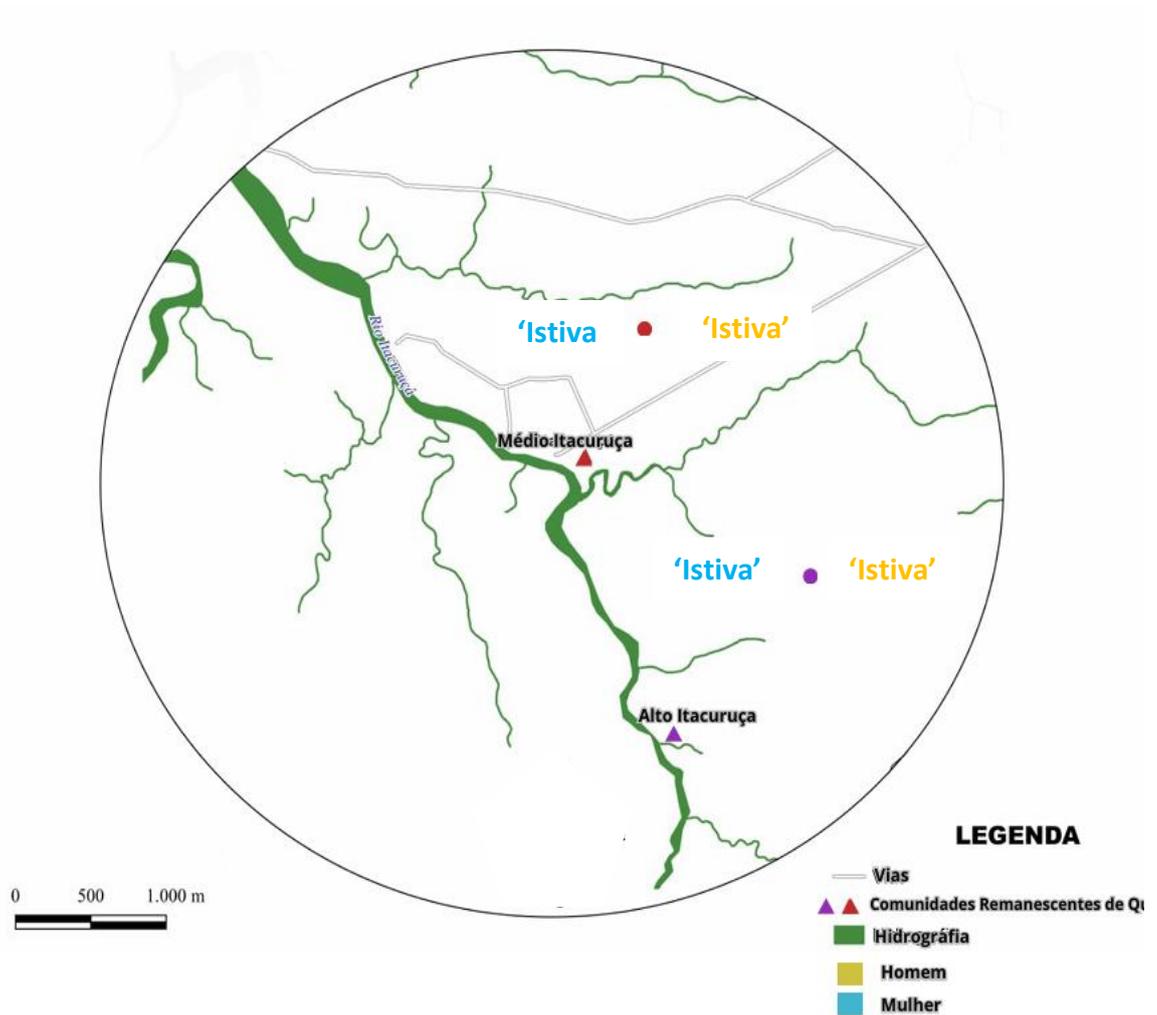
Indica local que faz parte do cotidiano da comunidade, onde serve para demarcar localização dentro do rio, ou espaço de vivência das atividades que precisam de água. “[...] Lhe espero lá na cabicera do rio”./ “Vá cuidar dessas ‘coisas’ na cabicera do rio [...]”.

Fonte: Pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 2

Como se chama aqui um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um...?

QSL (ALIB- 2005)- Pinguela.

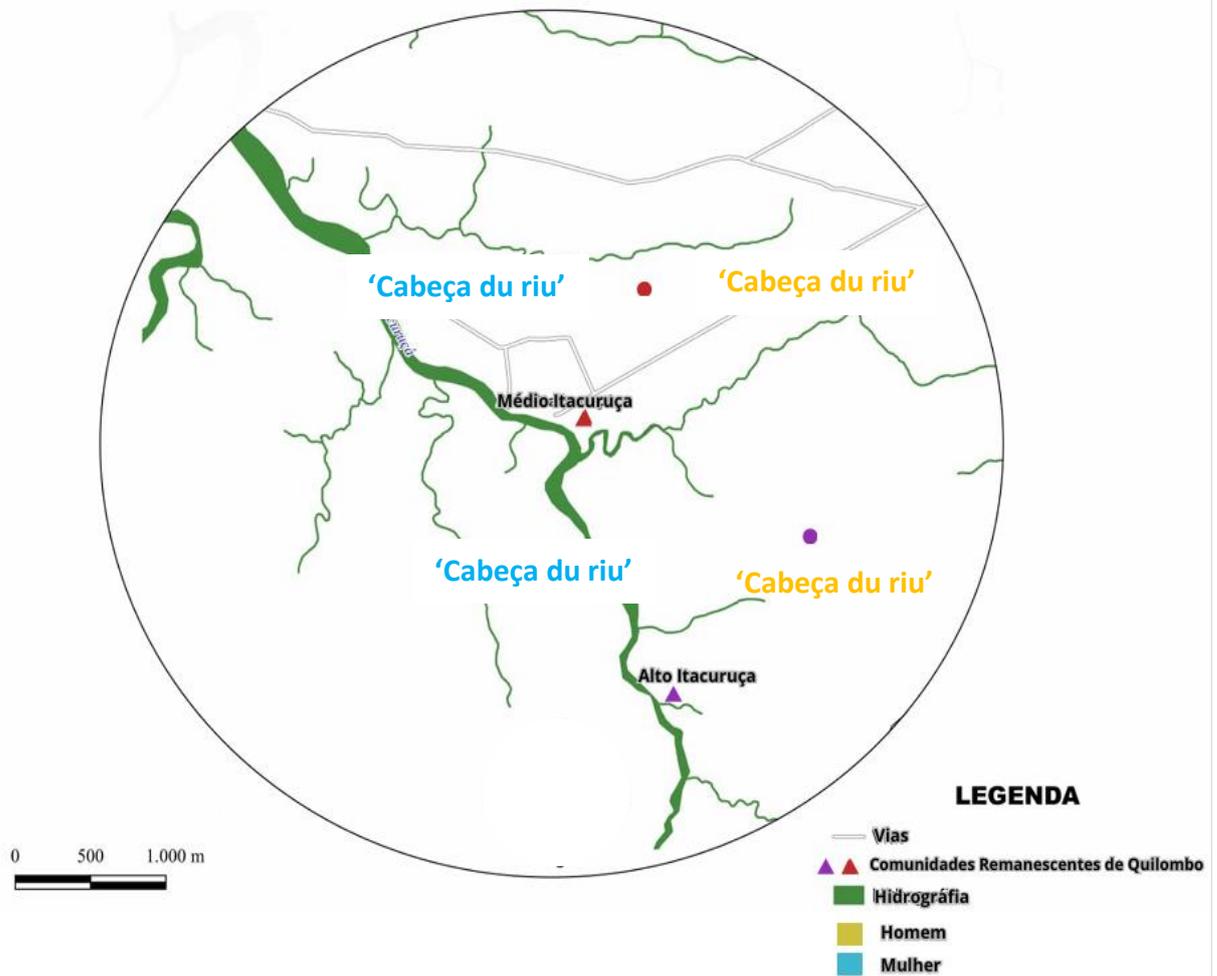


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 3

Como se chama aqui o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?

QSL (ALiB- 2005)- Foz.

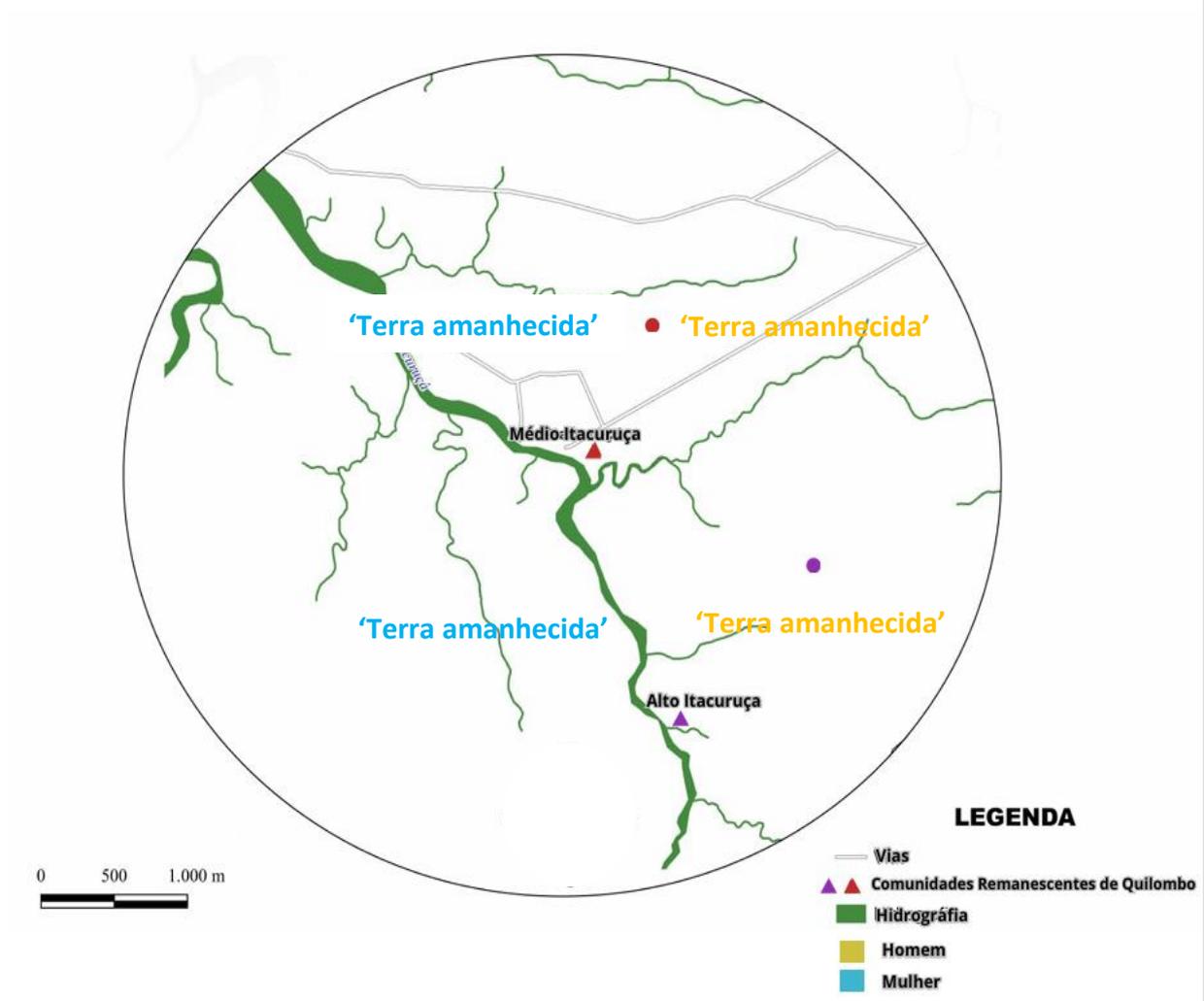


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 7

Depois de um chuvisco a terra fica?

QSL (ALiB- 2005)- Umedecida pela chuva.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

A carta lexical de nº. 1- **Como se chama aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?** Permite registrar duas variantes lexicais: a lexia 'Cabicera' (90%) e a lexia 'Boca do riu' (10 %). As variantes lexicais são registradas nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá, ambas as lexias não coincidem com a variante lexical (Córrego) proposta pelo QSL-ALiB (2005). A variante lexical proposta pelo ALiB-Córrego-, não se caracteriza como variante linguística concorrente as demais lexias registradas

Com relação a carta lexical de nº. 02- **Como se chama aqui um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um...?** É possível identificar duas variantes lexicais: 'Istiva' (80%) e 'Pontizinha' (20%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma forma carta lexical, a de frequência superior a 75% -'Istiva' (80%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)-Pinguela, a análise permite identificar, que o falar registrado nos dois pontos linguísticos, não coincide com a variante lexical Pinguela.

A terceira carta lexical nº. 03: **Como se chama aqui o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?** Registra duas variantes lexicais: 'Cabeça do riu' (85%) e 'Iníciu do riu' (15%). Ambas as lexias são encontradas nos pontos linguísticos pesquisados. A lexia 'Cabeça do riu' (85%) constitui carta lexical, pois registra maior frequência no *corpus* analisado. Em relação a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005) - Foz, esta não foi registrada nos pontos linguísticos pesquisados.

A última carta lexical do campo semântico Acidentes geográficos, carta nº. 07: **Depois de um chuveiro a terra fica?** Nela registra-se duas variantes lexicais: 'Terra' 'amanhecida' (80%) e 'Terra molhada' (20%). A lexia de maior frequência 'Terra amanhecida' representa a carta lexical. Ambas as lexias 'Terra' 'amanhecida' (80%) e 'Terra molhada' são identificadas nos dois pontos linguísticos: Alto e Médio Itacuruçá. A variante lexical proposta pelo ALiB-Terra umedecida pela chuva-, não se caracteriza como variante linguística concorrente as demais lexias registradas.

Campo semântico II- Fenômenos atmosféricos

A Tabela 2, relativa ao campo semântico II- Fenômenos atmosféricos, reúne as questões de número 08 a 20 propostas pelo pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 08 (oito) cartas lexicais que representam o campo semântico Fenômenos atmosféricos.

Tabela 2: Campo semântico II- Fenômenos atmosféricos.

Questão	Variante ALiB	Nº. Variantes registradas	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos reais	Efetivos percentuais	1	2
08	Redemoinho (do vento)	01	'Remuinhu'	19	95%	X	X
09	Relâmpago	01	'Relampagu'	15	75%	X	X
10	Raio	02	'Luz' 'Raiu'	18	90%	X	X
11	Trovão	01	'Trovãu'	20	100%	X	X
12	Temporal	02	'Chuva forti' 'Ventania'	16	80%	X	X
13	Nomes específicos para temporal	02	'Chuvada' 'Chuva'	17	85%	X	X
14	Tromba d'água/ pé d'água	02	'Queda d'água' 'Temporal'	16	80%	X	X
15	Garoa	03	'Chuviscu' 'Chuvinha' 'Chuva fina'	15	75%	X	X
16	Chuva de pedra	03	'Castigo du céu' 'Granizu' 'Pedra du céu'	15	75%	X	X
17	Arco-íris	02	'Arcu-íris' 'Riscu coloridu du céu'	18	90%	X	X
18	Orvalho	01	'Serenu'	20	100%	X	X
19	Nevoeiro	02	'Cinza' 'Fumaça'	11	55%	X	X
20	Estirar Compor o tempo.	03	'Abri u tempu' 'Limpá u céu' 'Hora di sai'	08	40%	X	X

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 02- Campo semântico – Fenômenos Atmosféricos-, representa em *corpus* todas as lexias registras em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto

Itacuruçá. A tabela indica 02 (duas) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 19 ('Cinza'/'fumaça'); 20 ('abri u tempu')/ ('limpá u céu')/ ('Hora di saí').

Registra-se 03 (três) lexias que coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, porém pelo critério: ser diferente do proposto pelo ALiB, estas lexias não compõem Cartas Lexicais, são: 09 ('relampagu'); 11 ('Trovãu'); 17 ('Riscu coloridu du céu'/'Arcu-Íris').

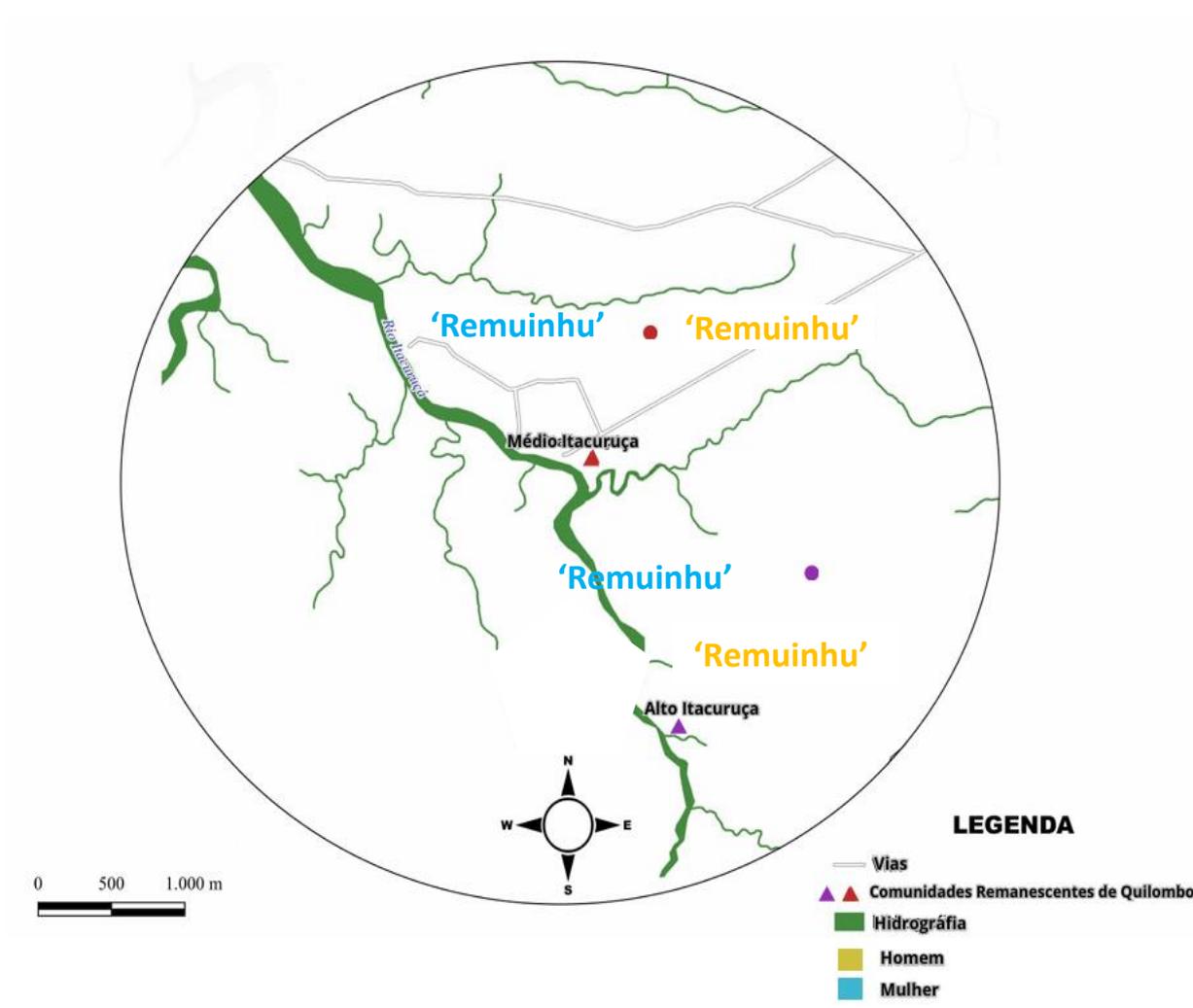
A tabela também permite representar 08 (oito) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 08 (oito) Cartas Lexicais, são: 08 ('remuinhu'); 10 ('Luz/Raiu') 12 ('Chuva_forti'/'Ventania'); 13 ('Chuvada'). 14 ('Queda d'água'/'Temporal'); 15 ('Chuviscu'/'Chuvinha'/'Chuva fina'); 16 ('Castgu du céu'/'Granizu'/'Pedra du céu') e 18 ('Serenu').

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 08 (lexias) que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá–Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 08

Como chama-se aqui na sua localidade o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

QSL (ALiB- 2005)- Redemoinho (do vento).



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

'REMUINHU': s.m.

Movimento do vento que balança as árvores.

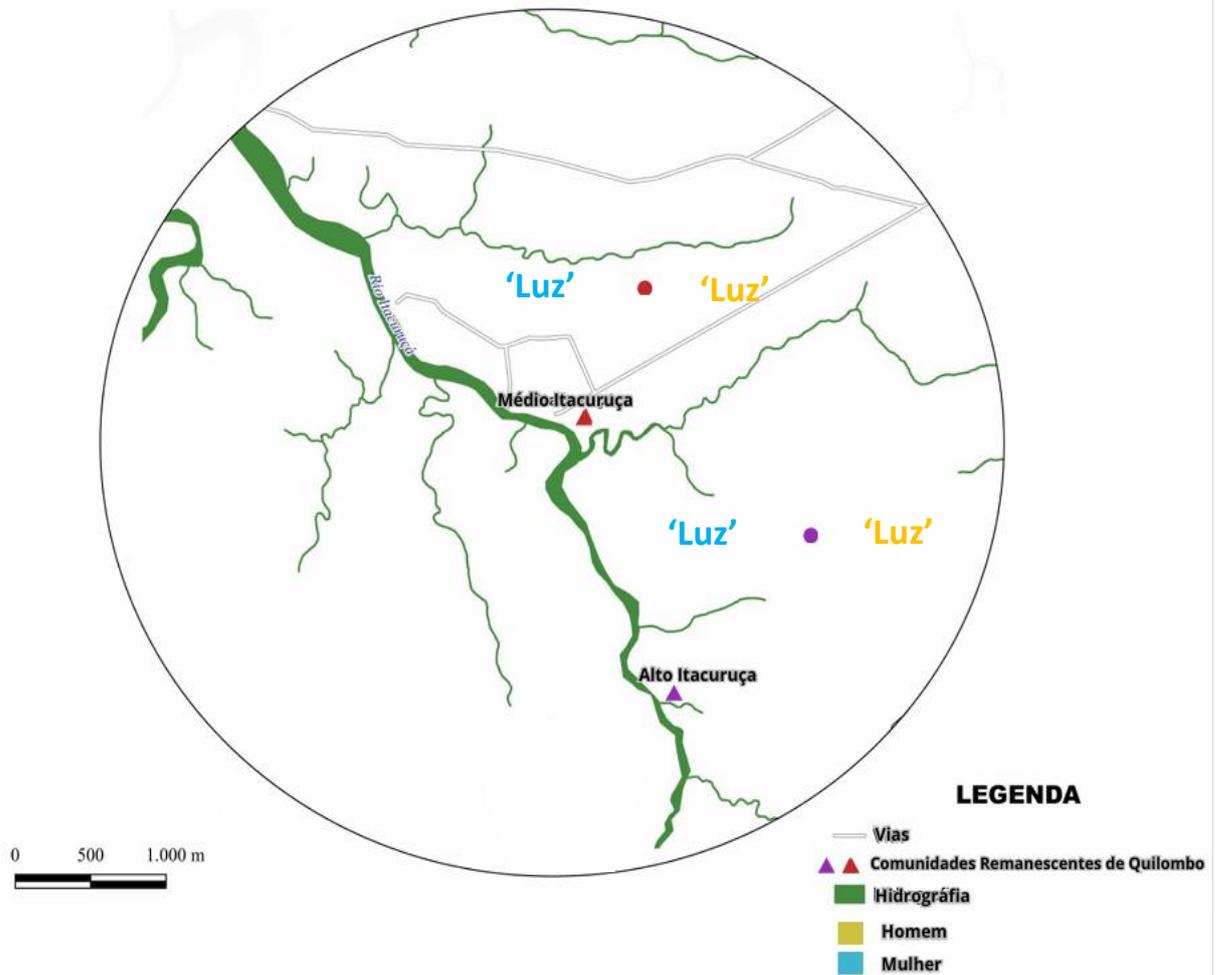
"[...] Agasalha as roupas da beira do rio que lá vem um remuinhu de vento [...]".

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 10

Como é chamada uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore em dias de mau tempo?

QSL (ALiB- 2005)- Raio.

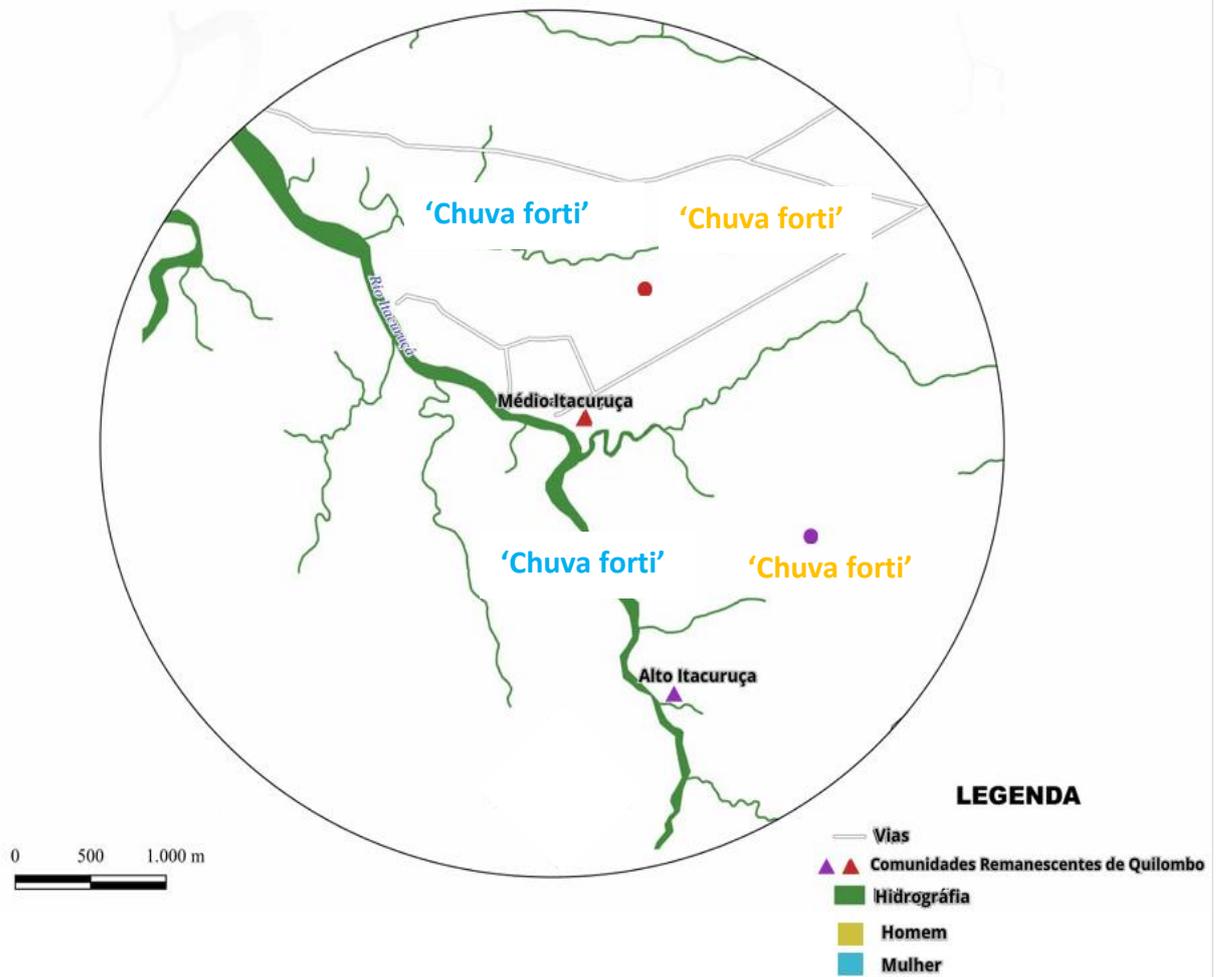


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 12

Como é chamada uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão?

QSL (ALiB- 2005)- Temporal.

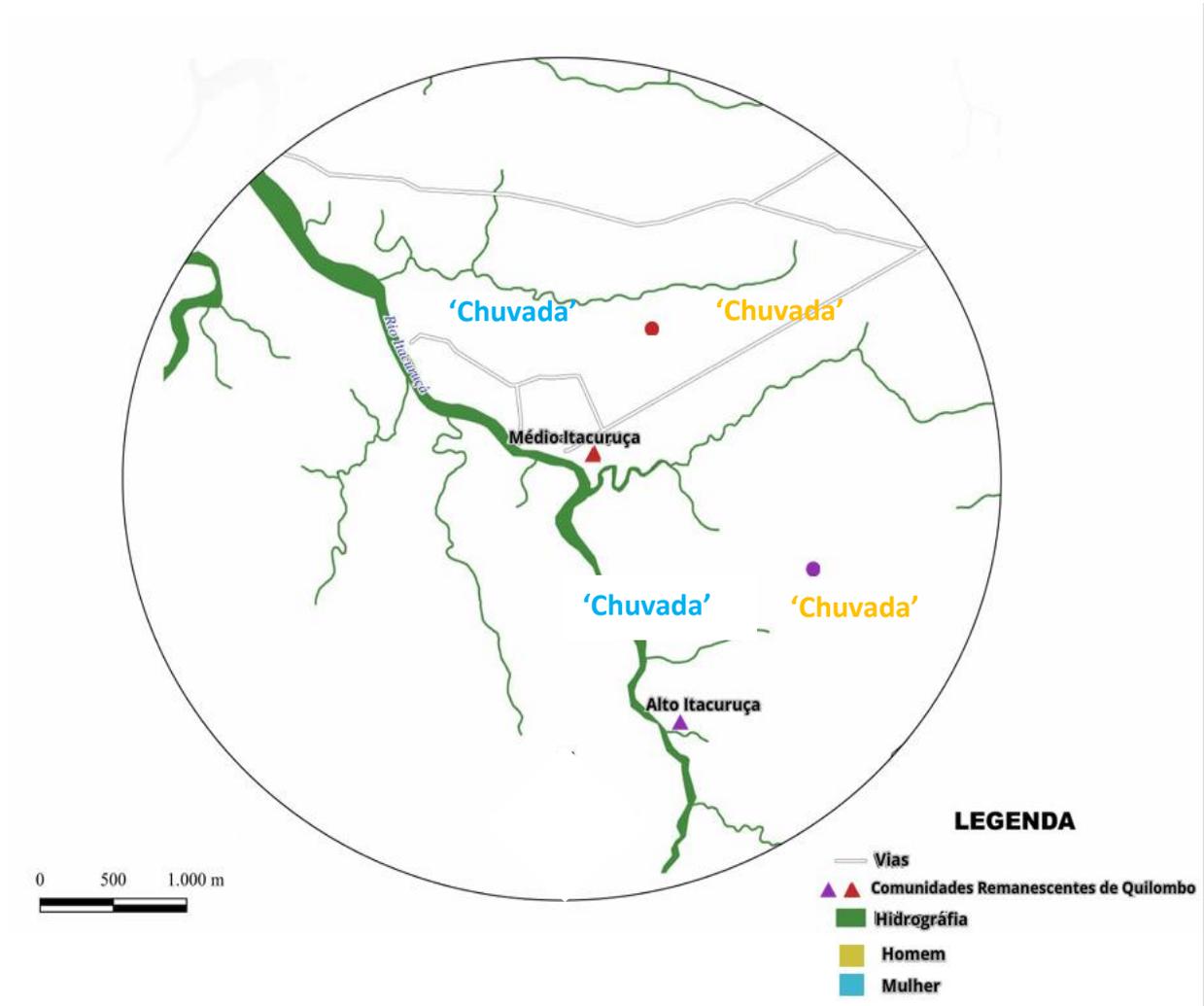


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 13

Existem outros nomes para...?

QSL (ALiB- 2005)- Nomes específicos para temporal

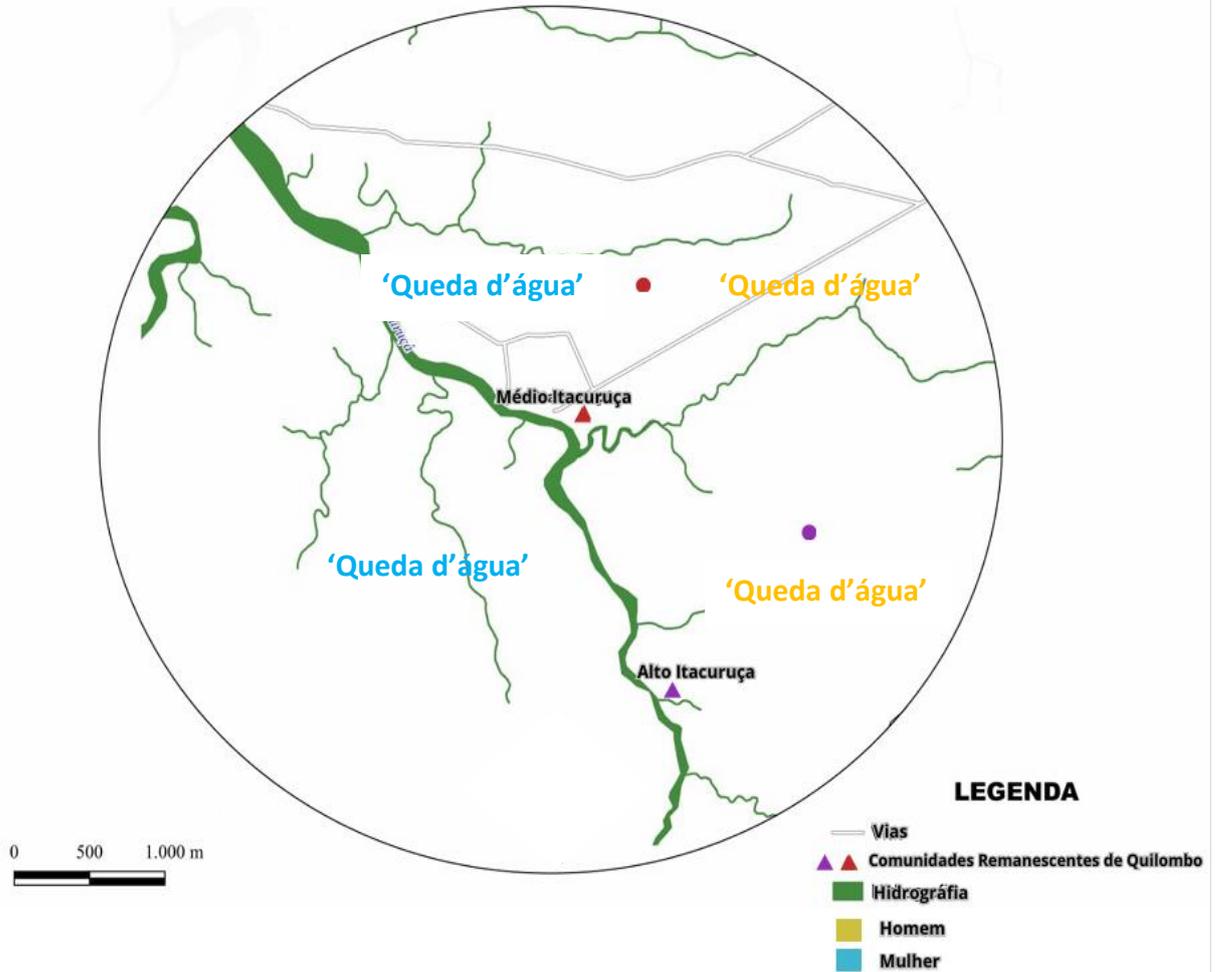


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 14

Como é chamada aqui uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?

QSL (ALiB- 2005)- Tromba d'água/ Pé d'água.

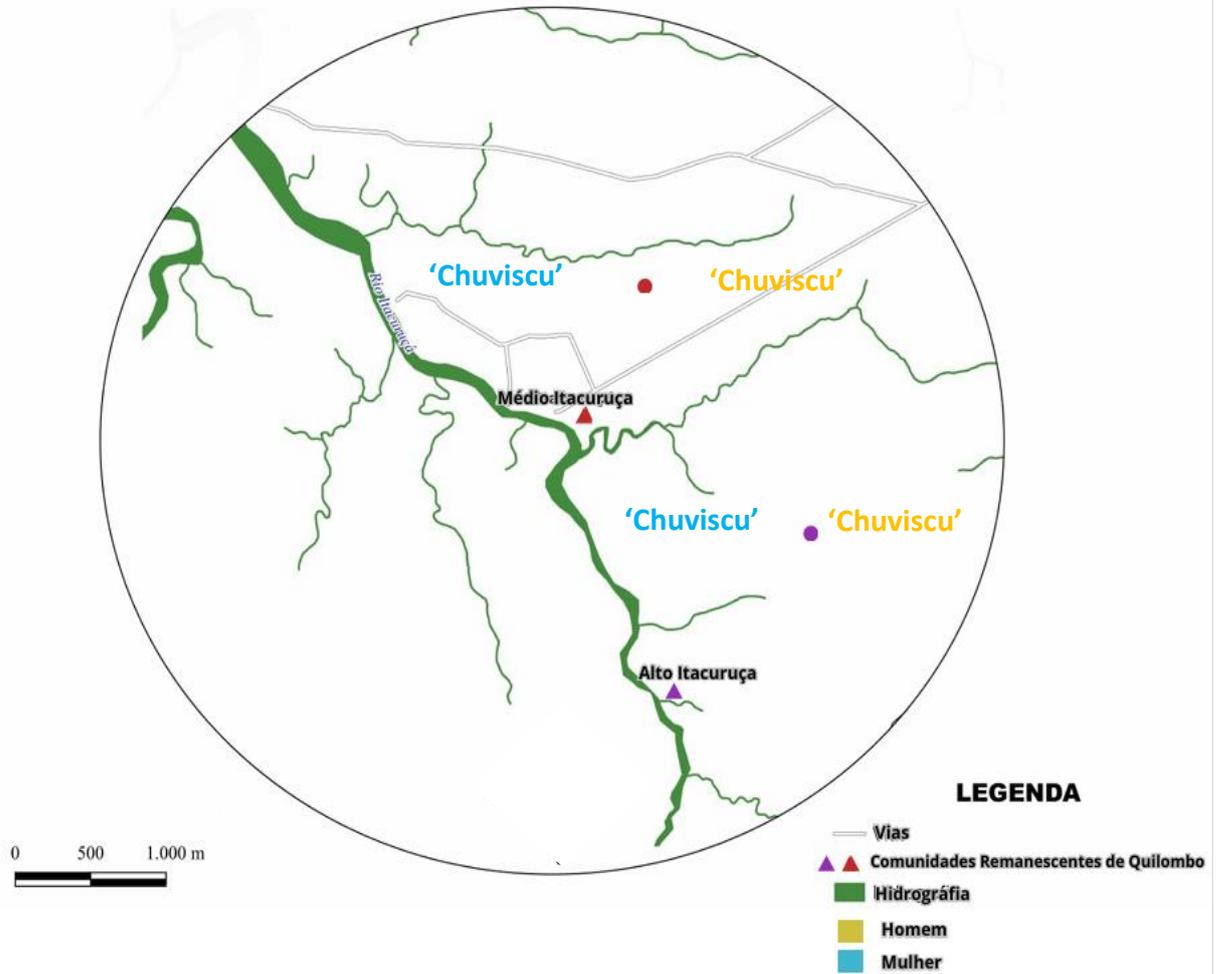


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 15

É uma chuva bem fininha?

QSL (ALiB- 2005)- Garoa.

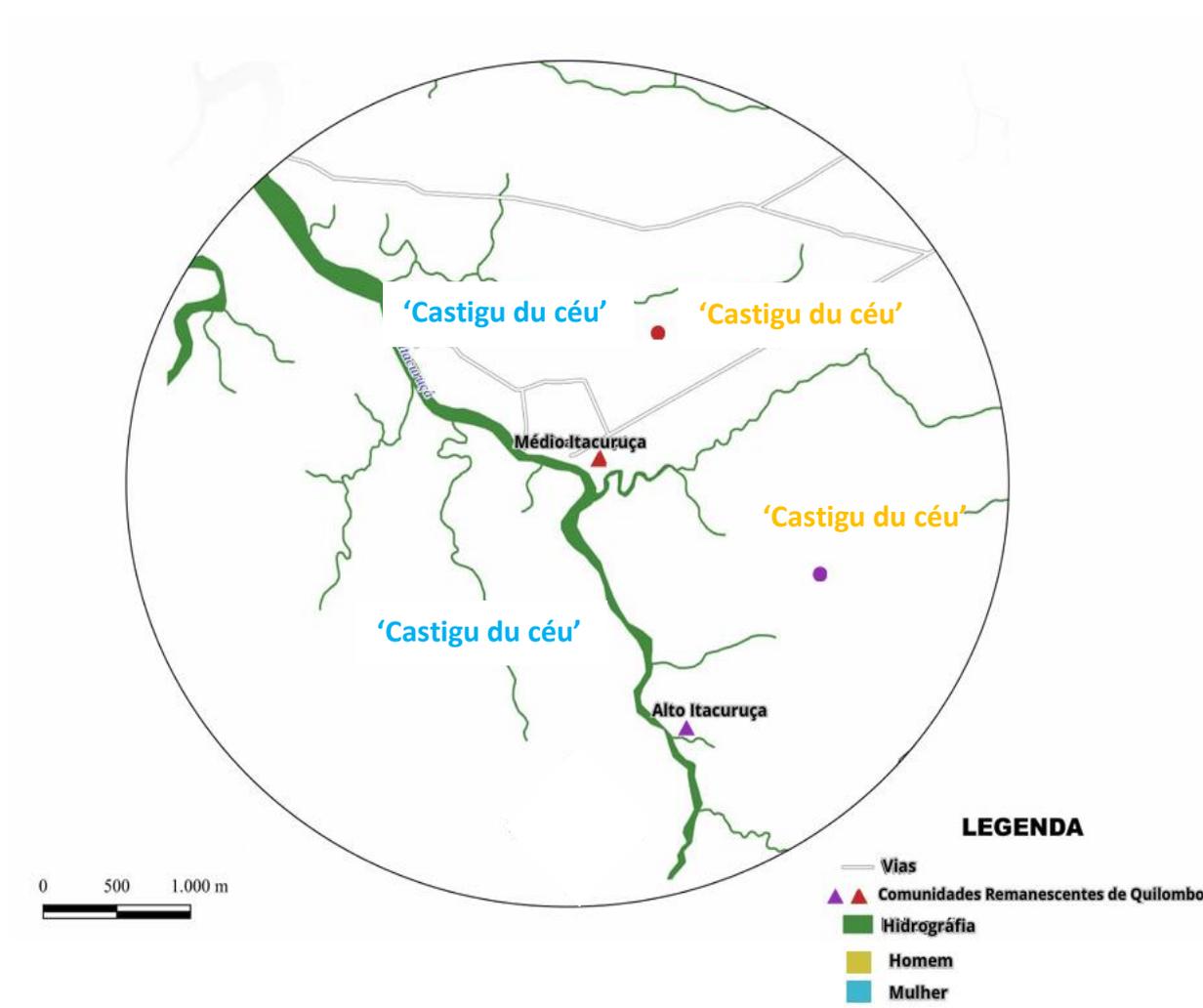


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 16

Durante uma chuva podem cair pedacinhos de gelo. Como chamam essa chuva?

QSL (ALiB- 2005)- Chuva de pedra.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

'CASTIGO DO CÉU': s.m.

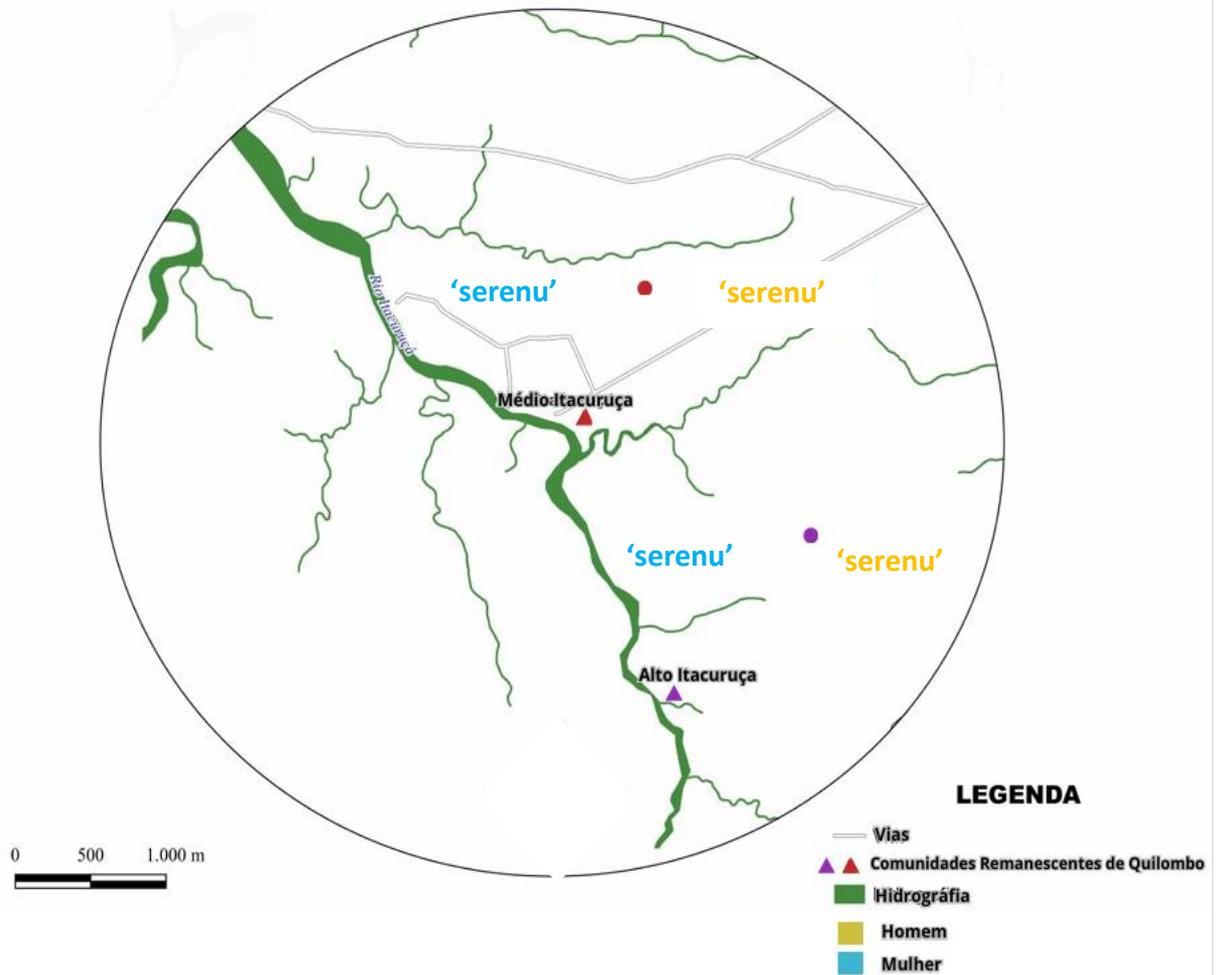
Indica fenômeno da natureza, que raras vezes acontece, narrado como memória dos antepassados. “[...] Minha bisa contava, quando a comunidade tava com muita gente, vinha trevoada e ‘castigo do céu’, era pra ficar quieto! [...]”.

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 18

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

QSL (ALiB- 2005)- Orvalho.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

A carta lexical de nº. 8- **Como chama-se aqui na sua localidade o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?** Permite registrar uma variante lexical: a lexia 'Remuinhu' (95%), a variante lexical é registrada nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. A lexia não coincide com a variante lexical (Córrego) proposta pelo QSL- ALiB (2005); logo, a variante lexical proposta pelo ALiB (Córrego), não se caracteriza como variante linguística concorrente da lexia 'Remuinhu' (95%), pois (Córrego) não é registrada nos dois pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 10- **Como é chamada uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore em dias de mau tempo?** É possível identificar duas variantes lexicais: 'Luz' (90%) e 'Raiu' (10%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'Luz' (90%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Raio (10%), manifesta-se de forma concorrente geograficamente com a lexia 'Luz' (90%).

A terceira carta lexical nº. 12: **Como é chamada uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão?** Registra duas variantes lexicais: 'Chuva forti' (80%) e 'ventania' (20%). Ambas as lexias são encontradas nos pontos linguísticos pesquisados. A lexia 'Chuva forti' (80%) constitui carta lexical, pois registra maior frequência no *corpus* analisado. A lexia 'ventania' (20%), manifesta-se como variante concorrente das lexias registradas. Em relação à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005) –Temporal, esta não foi registrada nos pontos linguísticos pesquisados.

A carta lexical de nº. 13: **Existem outros nomes para...?** Registra duas variantes lexicais: 'Chuvada' (85%) e 'Chuva' (15%). A lexia de maior frequência 'Chuvada' (85%) representa a carta lexical. Ambas as lexias 'Chuvada' (85%) e 'Chuva' (15%) são identificadas nos dois pontos linguísticos: Alto e Médio Itacuruçá.

A carta lexical de nº. 14: **Como é chamada aqui uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?** Registra duas variantes lexicais: 'Queda d'água' (80%) e 'Temporal' (20%). A lexia de maior frequência 'Queda d'água' (80%) representa a carta lexical. Ambas as lexias 'Queda d'água' (80%) e 'Temporal' (20%) são identificadas nos dois pontos linguísticos: Alto e Médio Itacuruçá, assim representando linguisticamente a cultura da região. Em relação à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005) - Tromba d'água/ pé d'água, esta não foi registrada nos pontos

linguísticos pesquisados.

A carta lexical de nº.15: **É uma chuva bem fininha?** Registra três variantes lexicais: 'Chuviscu' (75%), 'Chuvinha' (15%) e 'Chuva fina' (10%). A lexia de maior frequência 'Chuviscu' (75%) representa a carta lexical. Todas as lexias registradas são identificadas nos dois pontos linguísticos: Alto e Médio Itacuruçá. Em relação à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)–Garoa, esta não foi registrada nos pontos linguísticos pesquisados.

A carta lexical de nº.16: **Durante uma chuva podem cair pedacinhos de gelo. Como chamam essa chuva?** Registra três variantes lexicais: 'Castigo do céu' (75%), 'Granizu' (15%) e 'Pedra do céu' (10%). A lexia de maior frequência 'Castigo do céu' (75%) representa a carta lexical. Todas as lexias registradas são identificadas nos dois pontos linguísticos: Alto e Médio Itacuruçá. Em relação à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005) – Chuva de pedra, esta não foi registrada nos pontos linguísticos pesquisados.

A carta lexical de nº.18: **De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?** Registra uma variantes lexicais: 'Cerenu' (100%). A lexia de maior frequência é 'Castigo do céu' (75%) representa a carta lexical. A lexia registrada é identificada nos dois pontos linguísticos: Alto e Médio Itacuruçá. Em relação à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005) – Orvalho, não foi registrada nos pontos linguísticos pesquisados, assim apesar de constar nos dicionários da gramática normativa, não representa a cultura dos aspectos linguísticos da região pesquisada.

Campo semântico III- Astro e tempo

A Tabela 3, relativa ao campo semântico III- Astro e tempo, reúne as questões de número 21 a 36 propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 05 (cinco) cartas lexicais que representam o campo semântico Astro e tempo.

Tabela 3: Campo semântico III- Astro e tempo.

Questão	Variante ALiB	Nº. Variantes registradas	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos Reais	Efetivos percentuais	1	2
21	Nascer (do sol)	02	'Saí du sol' 'Nasce du sol'	13	65%	X	X
22	Pôr (do sol)	01	'Pôr du Sol'	20	100%	X	X
23	Alvorada	02	'Nascer du dia' 'Amanheci'	16	80%	X	X
24	Crepúsculo	02	'Noite' 'Anoiteci'	16	80%	X	X
25	Estrela matutina	02	'Istrela darva' 'Istrela'	15	75%	X	X
26	Estrela vespertina	01	'Istrela'	20	100%	X	X
27	Estrela cadente	01	'Istrela'	20	100%	X	X
28	Via láctea	02	'Istrelas juntas' 'Istrelas'	13	65%	X	X
29	Amanhecer	02	'Raia u dia' 'Amanheci'	12	60%	X	X
30	Entardecer	03	'Saí du sol' 'Sentá' 'Cair da tardi'	09	45%	X	X
31	Anoitecer	02	'Iniciu da noiti' 'Boca da noiti'	14	75%	X	X
32	Meses do ano	01	'Janeru'/'fevereru'/'marçu'/'abril'/'maiu'/'junho'/'julho'/'agostu'/'setembru'/'otubru'/'novembru'/'dezembru'	20	100%	X	X
33	Meses com nomes especiais	∅	∅	20	100%	X	X
34	Ontem	02	'Dia passado'/'Onti'	11	55%	X	X
35	Anteontem	04	'Ontonti'	13	65%	X	X

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 03- Campo semântico – Astro e tempo–, representa o *corpus* todas as lexias registradas em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 08 (oito) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência

inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 21 ('Saí du sol'/ 'Nasce du sol'); 28 ('Istrelas juntas'/ 'Istrelas'); 29 ('Raia u dia'/ 'Amanhece'). 30 ('Saí du sol'/ 'Senta'/ 'Cair da tardi'); 31 ('Iniciu da noiti'/ 'Boca da noiti'); 33 (ausência de lexia registrada); 34 ('Dia passadu'/ 'Onti'); 35 ('Ontonti').

Registra-se 02 (duas) lexias que coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, porém pelo critério: ser diferente do proposto pelo ALiB, estas lexias não compõem Cartas Lexicais, são: 22 ('Pôr du Sol"); 32 (Janeru'/ 'fevereru'/ 'marçu'/ 'abril'/ 'maiu'/ 'junhu'/ 'julhu'/ 'agostu'/ 'setembru'/ 'otubru'/ 'novembru'/ 'dezembru').

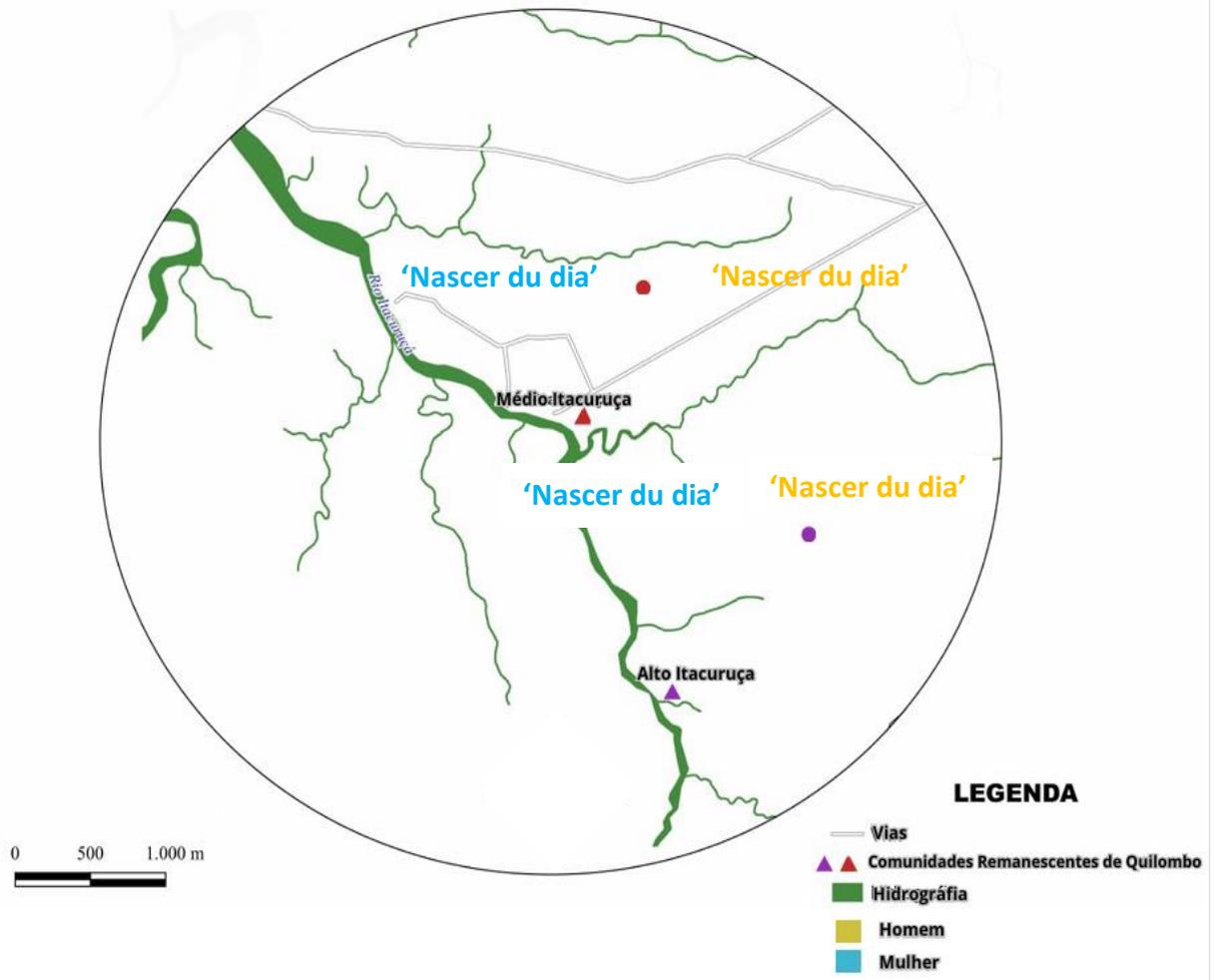
A tabela também permite representar 05 (cinco) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 05 (cinco) Cartas Lexicais, são: 23 ('Nascer du dia'/ 'Amanheci'); 24 ('Noite/Anoiteci') 25 ('Istrela darva/Istrela'); 26 ('Istrela'); 27 ('Istrela').

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 05 (lexias) que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá–Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 23

Como é chamada a claridade do céu antes de...?

QSL (ALiB- 2005)- Alvorada.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

'NASCER DU DIA'

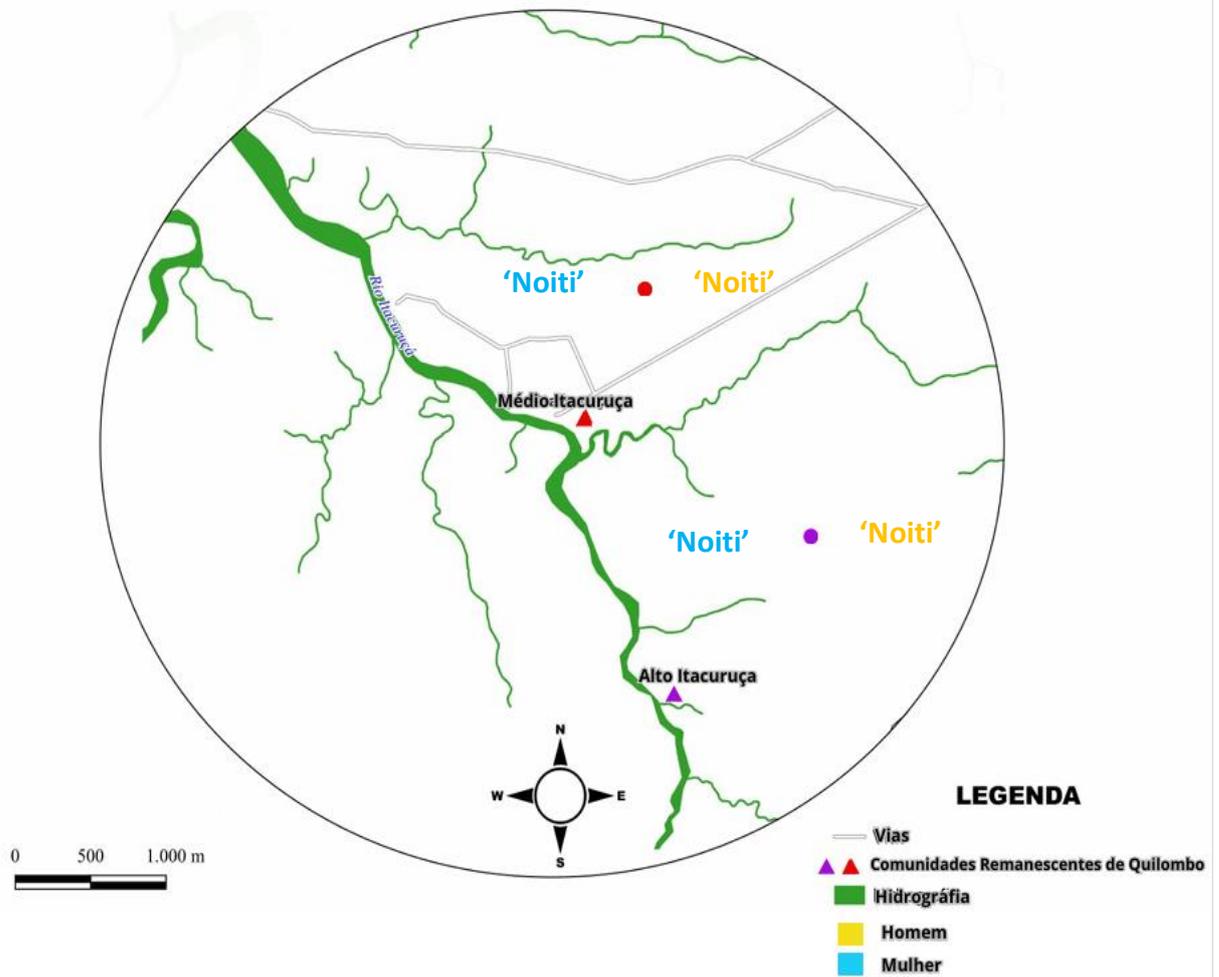
[...] Vamos sair amanhã antes do “nascer do dia”, te prepara logo [...].

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 24

É um nome que tem masculino e feminino, a claridade que fica no céu depois do...?

QSL (ALiB- 2005)- Crepúsculo.

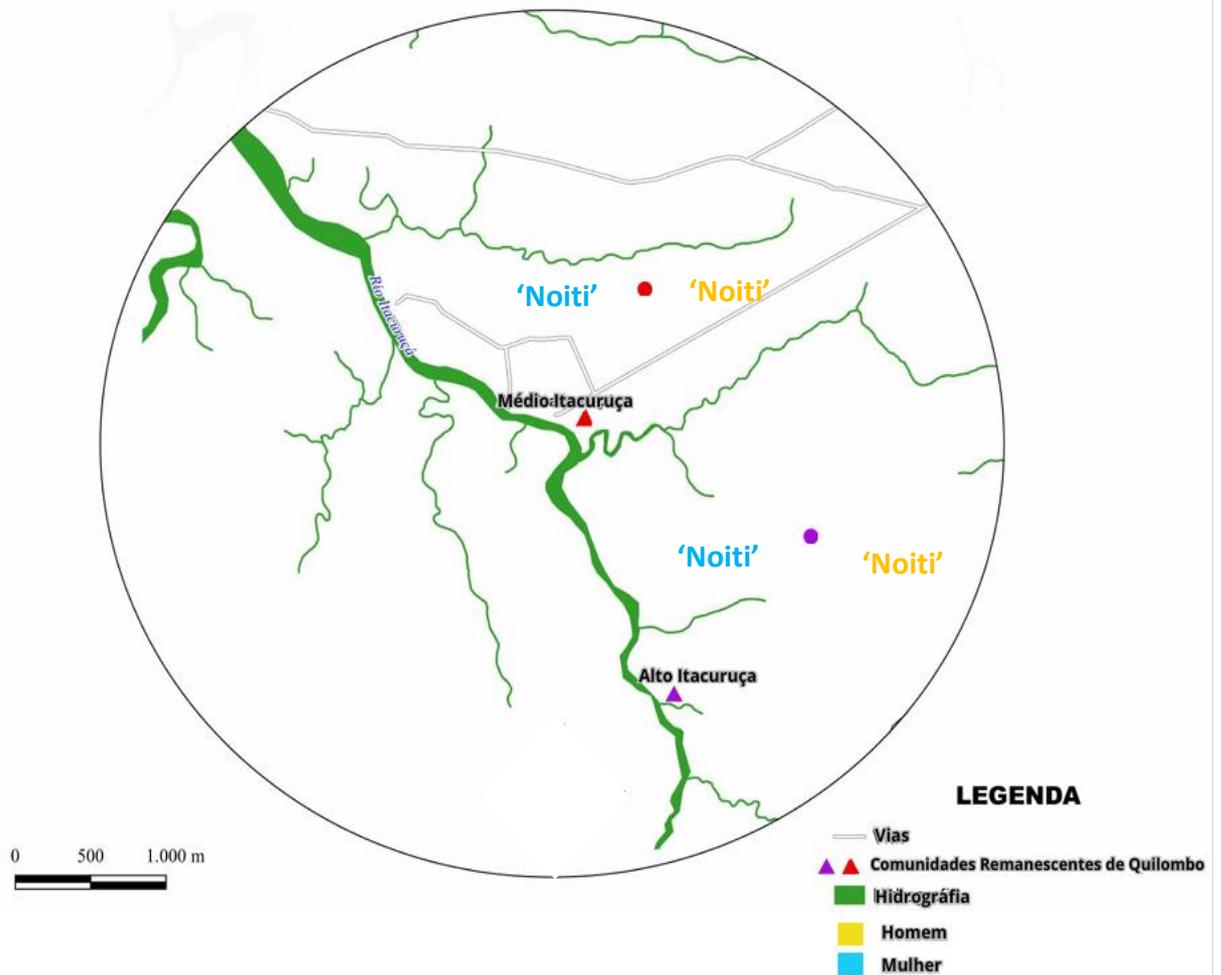


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 25

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

QSL (ALiB- 2005)- Estrela matutina.

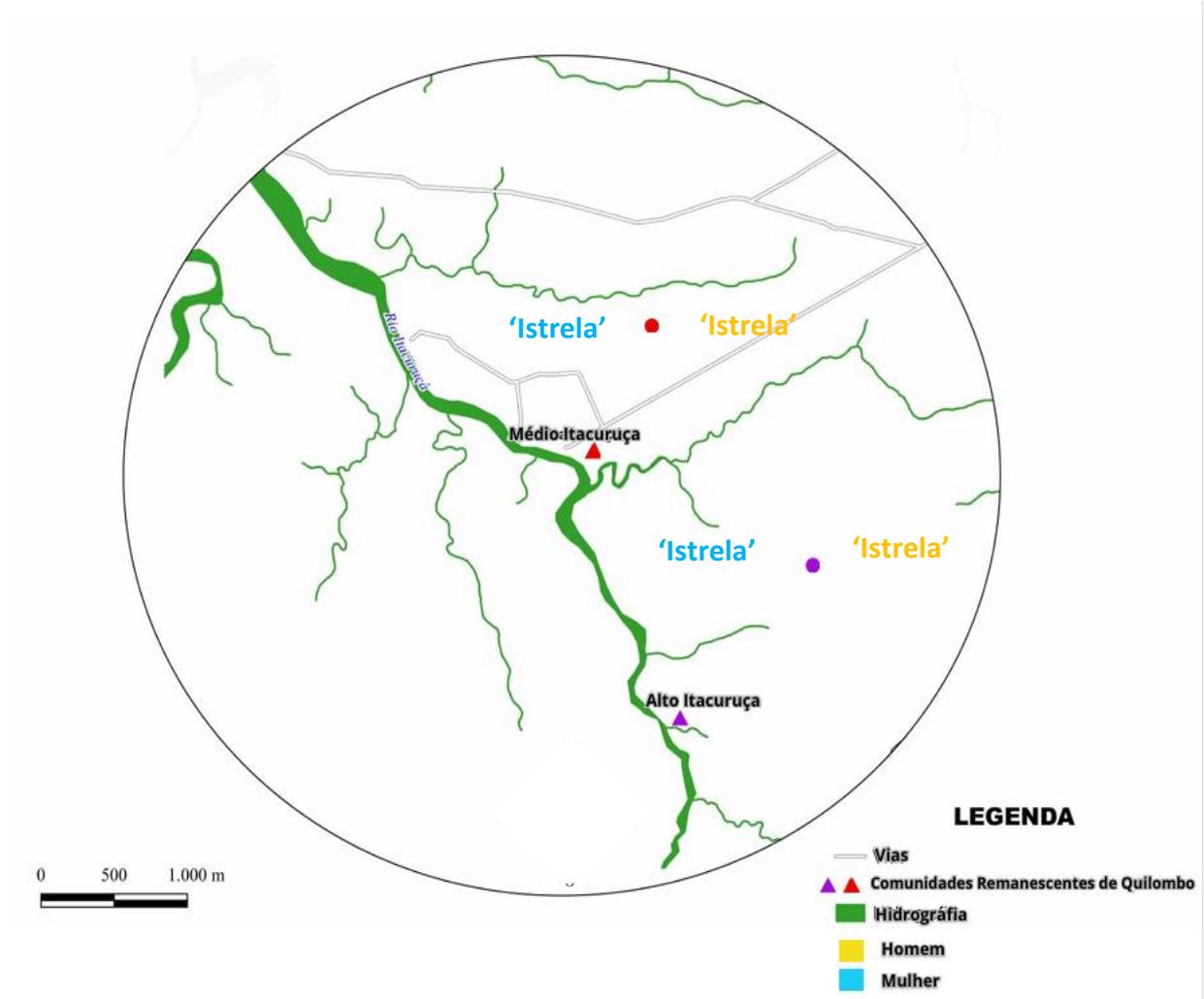


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 26

De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?

QSL (ALiB- 2005)- Estrela vespertina.

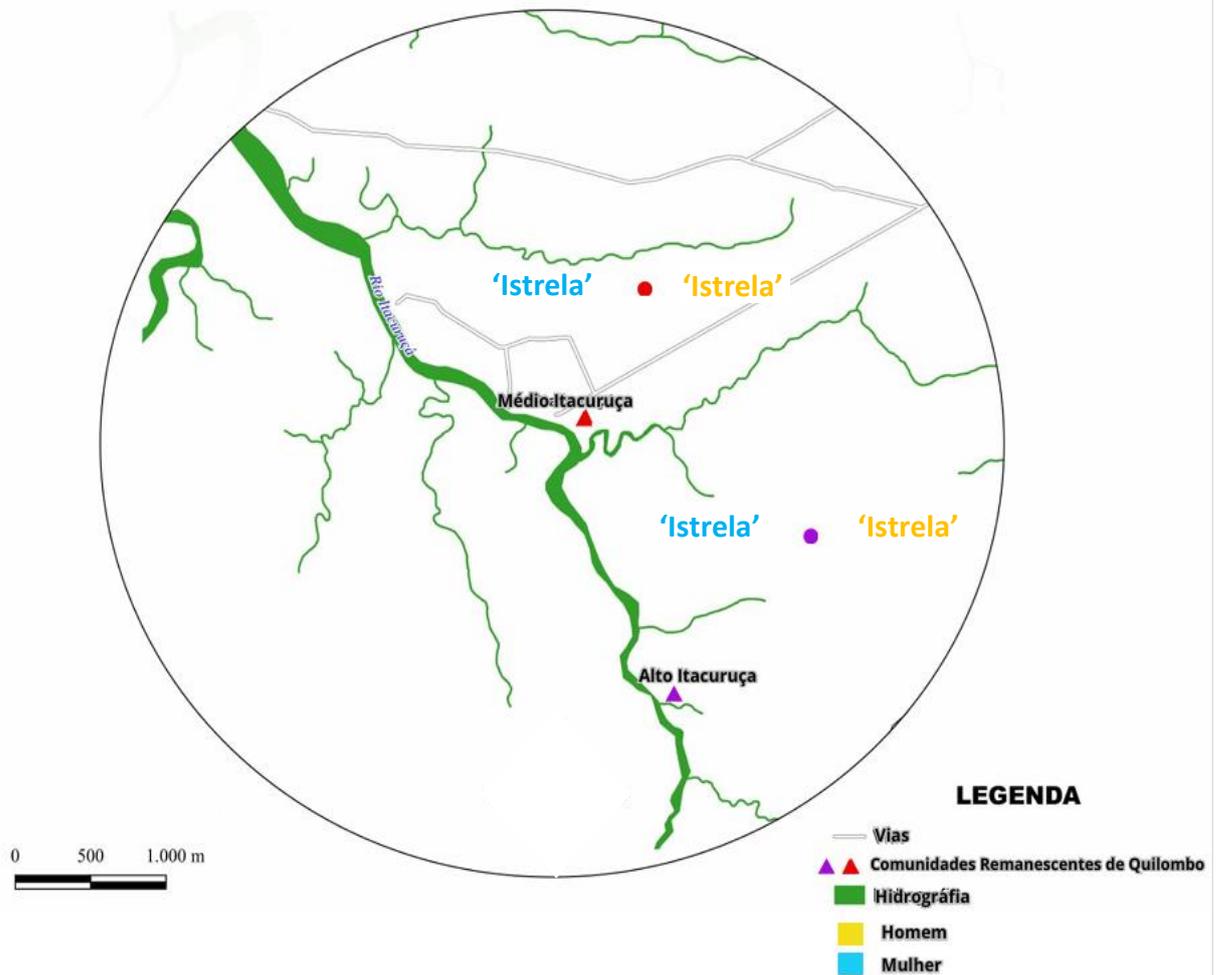


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 27

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz. Como chamam isso? Identificar os verbos usados para expressar o movimento da estrela cadente?

QSL (ALiB- 2005)- Estrela cadente.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

A carta lexical de nº. 23- **Como é chamada a claridade do céu antes de...?** Permite registrar duas variantes lexicais: a lexia 'Nascer do dia' (80%) e 'Amanheci' (20%), as variantes lexicais são registradas nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. A lexia não coincide com a variante lexical (Alvorada) proposta pelo QSL-ALiB (2005).

Com relação à carta lexical de nº. 24- **É um nome que tem masculino e feminino, a claridade que fica no céu depois do... ?** É possível identificar duas variantes lexicais: 'Noite' (80%) e 'Anoiteci' (20%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'Noite' (80%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)– Crepúsculo, não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

A carta lexical de nº. 25: **De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?** Registra duas variantes lexicais: 'Istrela darva' (75%) e 'Istrela' (25%), ambas as lexias são encontradas nos pontos linguísticos pesquisados. A lexia 'Istrela darva' (75%) constitui carta lexical, pois registra maior frequência no *corpus* analisado. A lexia 'Istrela' (25%), manifesta-se como variante concorrente da lexia registrada. Em relação à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005) – Estrela matutina, ela não foi registrada nos pontos linguísticos pesquisados.

A carta lexical de nº. 26: **De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?** Registra uma variante lexical: 'Istrela' (100%), a lexia é identificadas nos dois pontos linguísticos: Alto e Médio Itacuruçá. Em relação à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005) - Estrela vespertina, esta não foi registrada nos pontos linguísticos pesquisados.

A carta lexical de nº. 27: **De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz. Como chamam isso? Identificar os verbos usados para expressar o movimento da estrela cadente?** Registra uma variante lexical: 'Istrela' (100%), as lexia é identificadas nos dois pontos linguísticos: Alto e Médio Itacuruçá. Em relação a variante lexical proposta pelo QSL-ALiB (2005) - Estrela cadente, esta não foi registrada nos pontos linguísticos pesquisados.

Campo semântico IV- Flora

A Tabela 4, relativa ao campo semântico IV- Flora, reúne as questões de número 37 a 42 propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 02 (duas) cartas lexicais que representam o campo semântico Fenômenos atmosféricos.

Tabela 4: Campo semântico IV- Flora.

Questão	Variante ALiB	Nº. Variantes registradas	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos reais	Efetivos percentuais	1	2
37	Tangerina/mexerica	01	'Tangirina'	20	100%	X	X
38	Amendoim	02	'Menduím' 'Grão'	09	40%	X	X
39	Camomila	01	'Camumila'	20	100%	X	X
40	Penca	01	'Penca'	20	100%	X	X
41	Banana dupla	03	'Grudada' 'Gêmia' 'Irmãs'	15	75%	X	X
42	Parte terminal da inflorescência da bananeira	02	'Flor da banana' 'Sabugu'	19	95%	X	X

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 04- Campo semântico – Flora–, representa o *corpus* todas as lexias registradas em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 01 (uma) lexia que não coincide com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 38 ('Menduím'/'Grão').

Registra-se 03 (três) lexias que coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, porém pelo critério: ser diferente do proposto pelo ALiB, estas lexias não compõem Cartas Lexicais são: 37 ('tangirina'); 39 ('camumila'); 40 ('penca').

A tabela também permite representar 02 (duas) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 02 (duas) Cartas Lexicais são: 41 ('Grudada'/'Gêmia'/'Irmãs'); 42 ('Flor da banana'/'Sabugu').

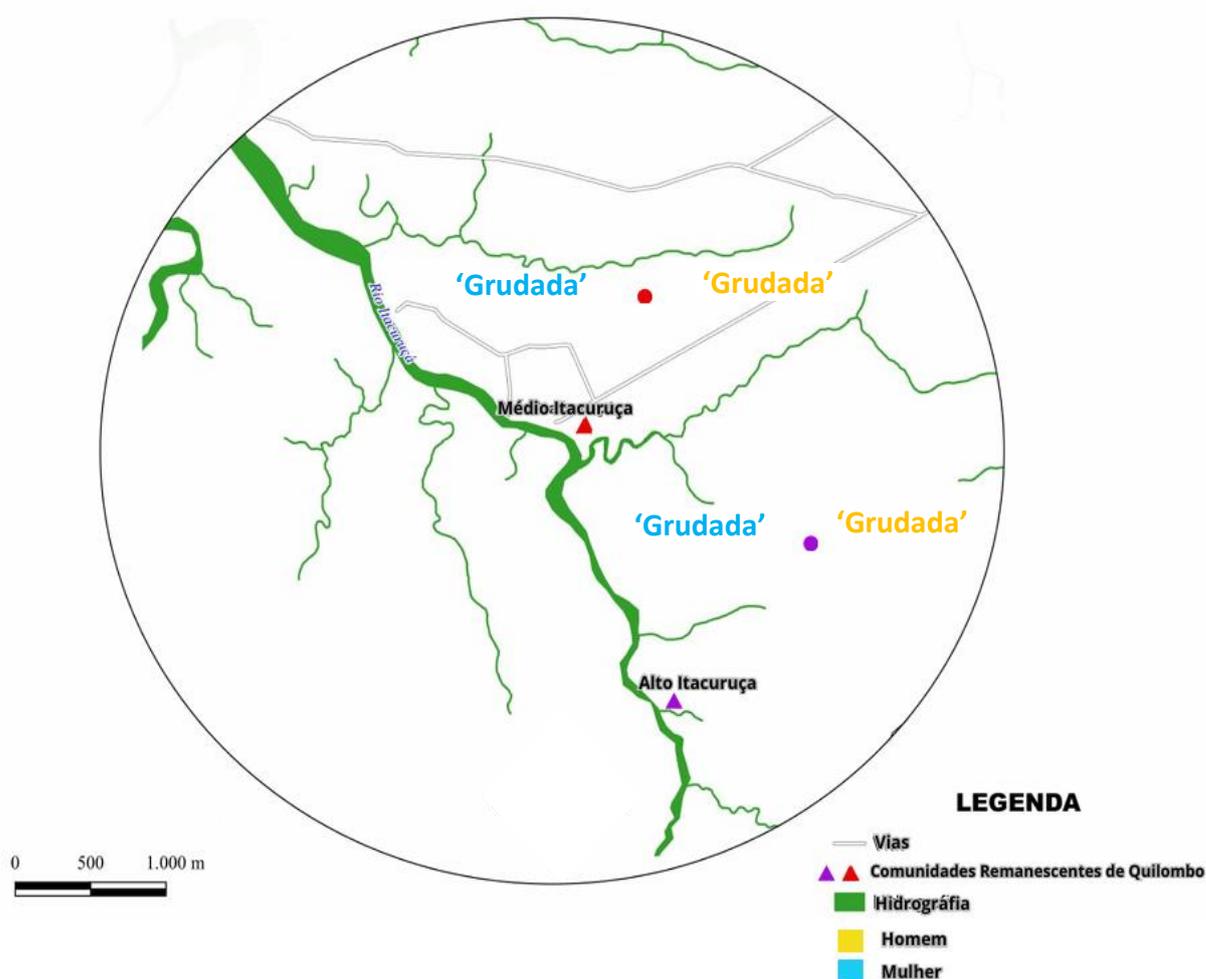
Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 02 (lexias) que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade

remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá–Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 41

Como chama-se aqui nesta localidade duas bananas que nascem grudadas?

QSL (ALiB- 2005)- Banana dupla.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

‘GRUDADA’

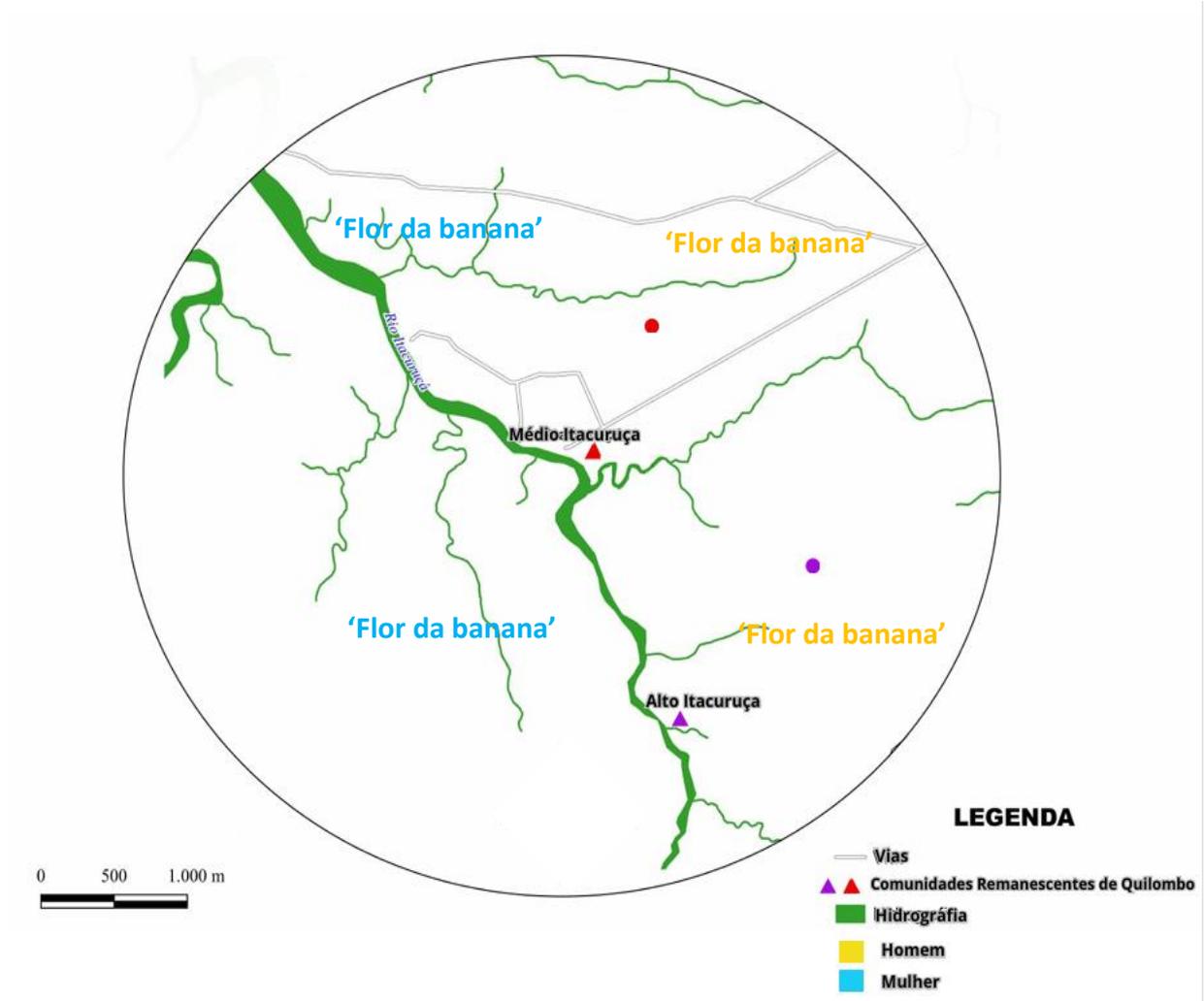
Expressão usada para fruta que nasce junta, bananas e outras frutas, o uso do termo também perpassa para ferir-se a pessoas [...] “Lá vai aquelas duas zinhas, para cima e para baixo, só andam juntas, parece que nasceru grudadas” [...]/ [...] “truce duas bananas grudada” [...].

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 42

Como é costumeado chamar aqui nesta localidade a ponta roxa no cacho da banana?

QSL (ALiB- 2005)- Parte terminal da inflorescência da bananeira.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

A carta lexical de nº. 41- **Como chama-se aqui nesta localidade duas bananas que nascem grudadas?** Permite registrar três variantes lexicais: a lexia 'Grudada' (75%), 'Gêmia' (15%) e 'Irmãos' (10%). As variantes lexicais são registradas nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. A lexia não coincide com a variante lexical (Banana dupla) proposta pelo QSL-ALiB (2005).

Com relação à carta lexical de nº. 42- **Como é costumado chamar aqui nesta localidade a ponta roxa no cacho da banana?** É possível identificar duas variantes lexicais: 'Flor da banana' (95%) e 'Sabugu' (05%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% – 'Flor da banana' (95%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Parte terminal da inflorescência da bananeira, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Campo semântico V- Atividades agropastoris

A Tabela 5, relativa ao campo semântico V- Flora, reúne as questões de número 43 a 65 propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 11 (onze) cartas lexicais que representem o campo semântico Atividades agropastoris.

Tabela 5: Campo semântico V- Atividades agropastoris.

Questão	Variante ALiB	Nº. Variantes registradas	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos Linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos reais	Efetivos percentuais	X	X
43	Espiga	01	'Ispiga'	20	100%	X	X
44	Sabugo	01	'Sabugu'	20	100%	X	X
45	Soca/ Touceira	01	'Soca'	20	100%	X	X
46	Girassol	01	'Girassol'	20	100%	X	X
47	Vagem do feijão	02	'Casca' 'Casa'	14	70%	X	X
48	Moinha	01	'Moer'	20	100%	X	X
49	Mandioca/ Aipim	01	'Macaxera'	20	100%	X	X
50	Mandioca	01	'Mandioca'	20	100%	X	X
51	Carrinho de mão	02	'Carrinhu' 'Carro de mãe'	13	65%	X	X
52	Hastes do carrinho de mão	02	'Braçu' 'Suporti'	15	75%	X	X
53	Cangalha	01	'pescoceira'	20	100%	X	X
54	Cangalha	02	'Saca' 'Bolsa'	14	70%	X	X
55	Jacá	02	'Cestu' 'vasilha'	13	65%	X	X
56	Bolsa	01	'Bolsa'	20	100%	X	X
57	Canga	01	'Cabrestu'	20	100%	X	X
58	Borrego	01	'Filhoti'	20	100%	X	X
59	Cordeiro	02	'Cria' 'Filhoti'	12	60%	X	X
60	Fêmea que está para dar cria	01	'Prenha'	20	100%	X	X
61	Perda da cria	01	'Abortu'	20	100%	X	X
62	Égua velha	02	'Égua velha' 'Égua cansada'	12	60%	X	X
63	Trabalhad or de enxada em roça	02	'Roçadu' 'Trabalhado'	15	75%	X	X

	alheia						
64	Picada	02	'Caminhu' 'Trilhu'	16	80%	X	X
65	Trilho	01	'Caminhu'	20	100%	X	X

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 05- Campo semântico –Atividades agropastoris–, representa o *corpus* todas as lexias registras em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 06 (seis) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 47 ('casca'); 51 ('carrinhu'/ 'carru di mãe'); 54 ('saca'/ 'bolsa'); 55 ('cestu'/ 'vasilha'); 59 ('cria'/ 'filhoti') 62 ('Égua velha'/ 'Égua cansada').

Registra-se 06 (seis) lexias que coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, assim, pelo critério: ser diferente do proposto pelo ALiB, estas lexias não compõem Cartas Lexicais são: 43 ('Ispiga'); 44 ('Sabugu'); 45 ('Soca'); 46 ('Girassol'); 50 ('mandioca') e 56 ('Bolsa').

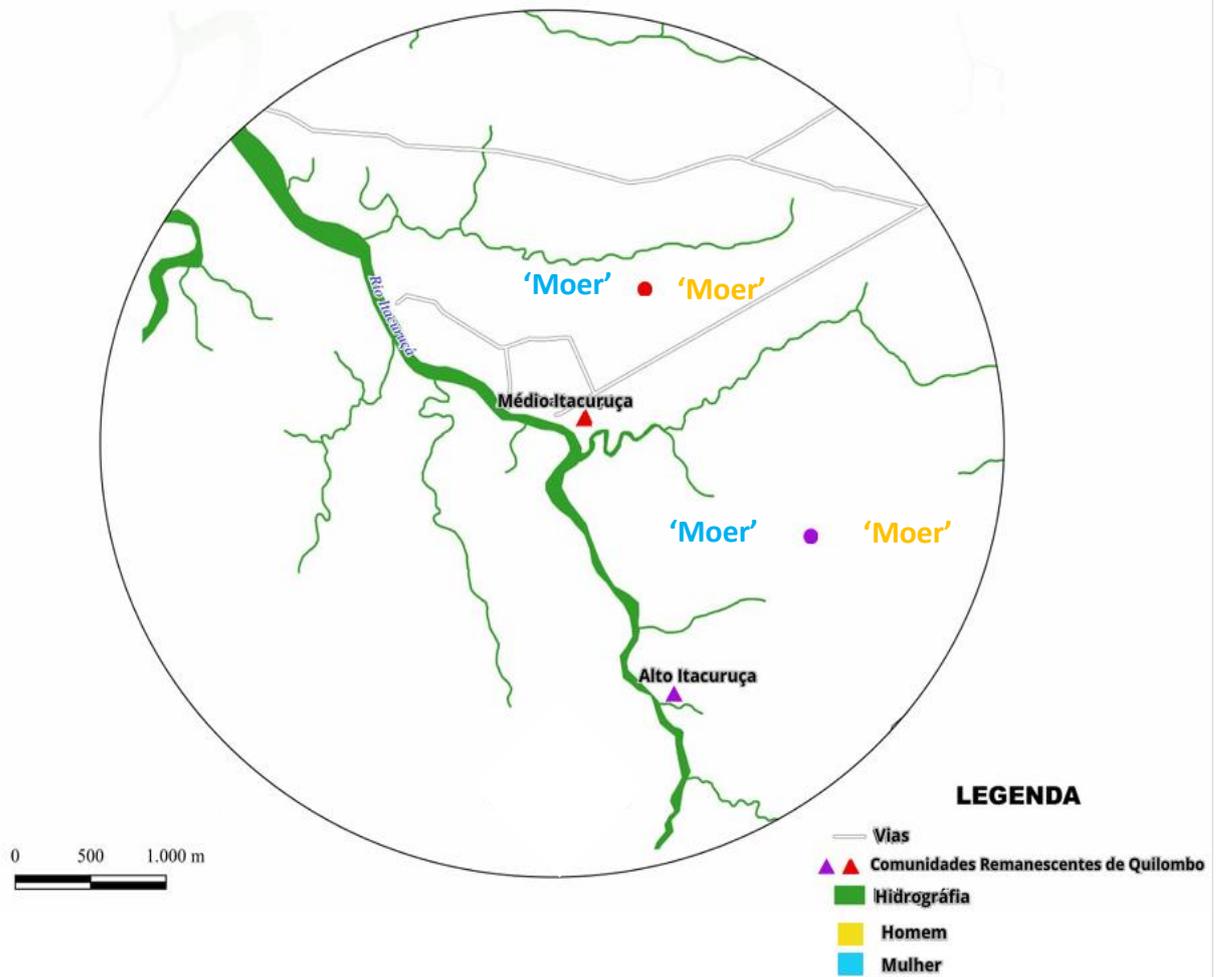
A tabela também permite representar 11 (onze) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 12 (doze) Cartas Lexicais, são: 48 ('moer'); 49 ('macaxera'); 52 ('Braçu'/ 'suporti'). 53 ('pescoceira'); 57 ('cabrestu'); 58 ('filhoti'); 60 ('preinha'); 61 ('abortu'); 63 ('roçadu'/ 'trabalhadô'); 64 ('caminhu'/ 'trilhu'); 65 ('caminhu').

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 11 (lexias) que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá – Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 48

Depois de colher e secar o feijão, alguns costumam bater com uma vara para soltar os grãos da ... (item 47) e a palha vai virando um pó. Como se chama esse pó da palha do feijão batido? grama?

QSL (ALiB- 2005)- Moinha.

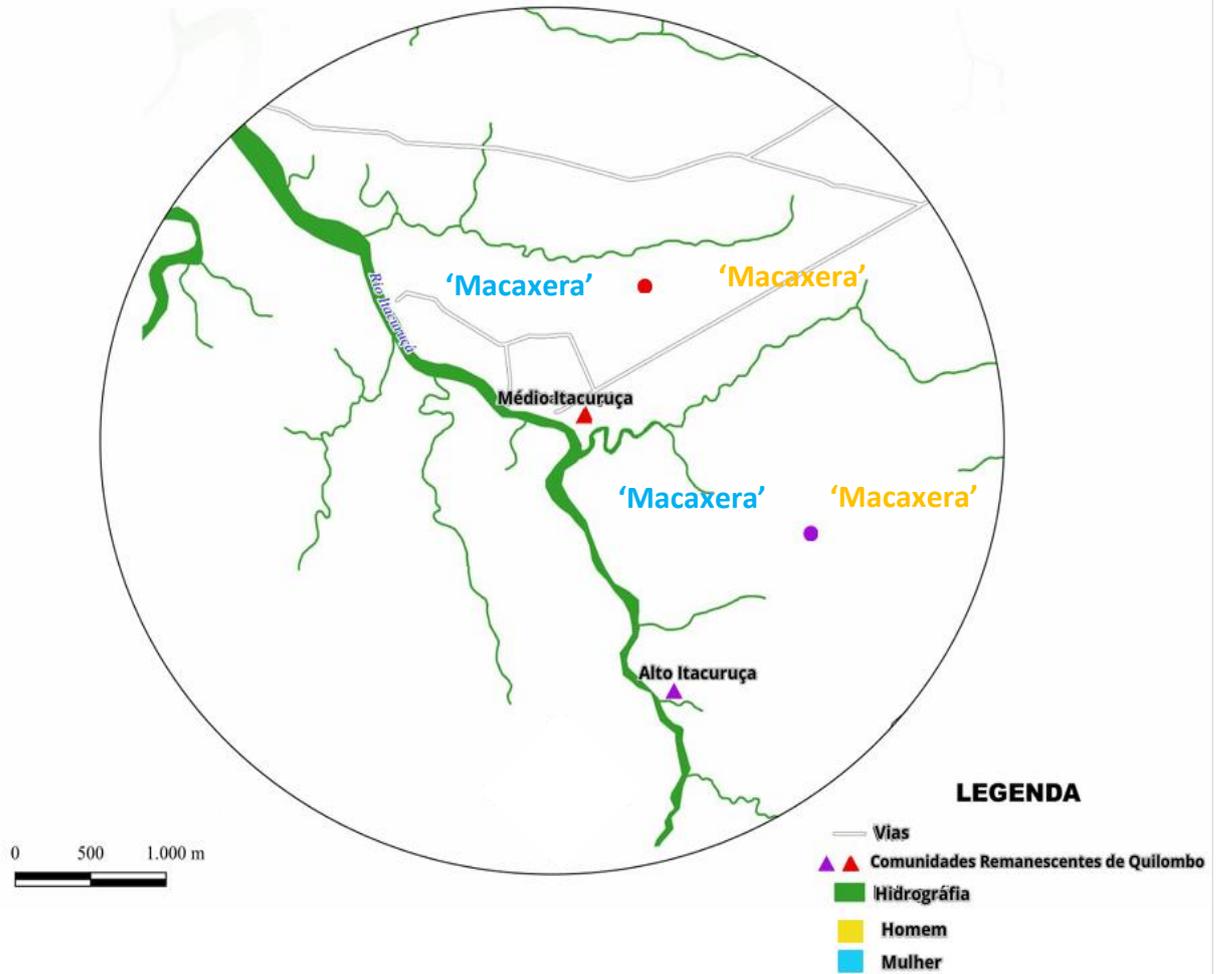


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 49

Como é chamada aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

QSL (ALiB- 2005)- Mandioca/Aipim.

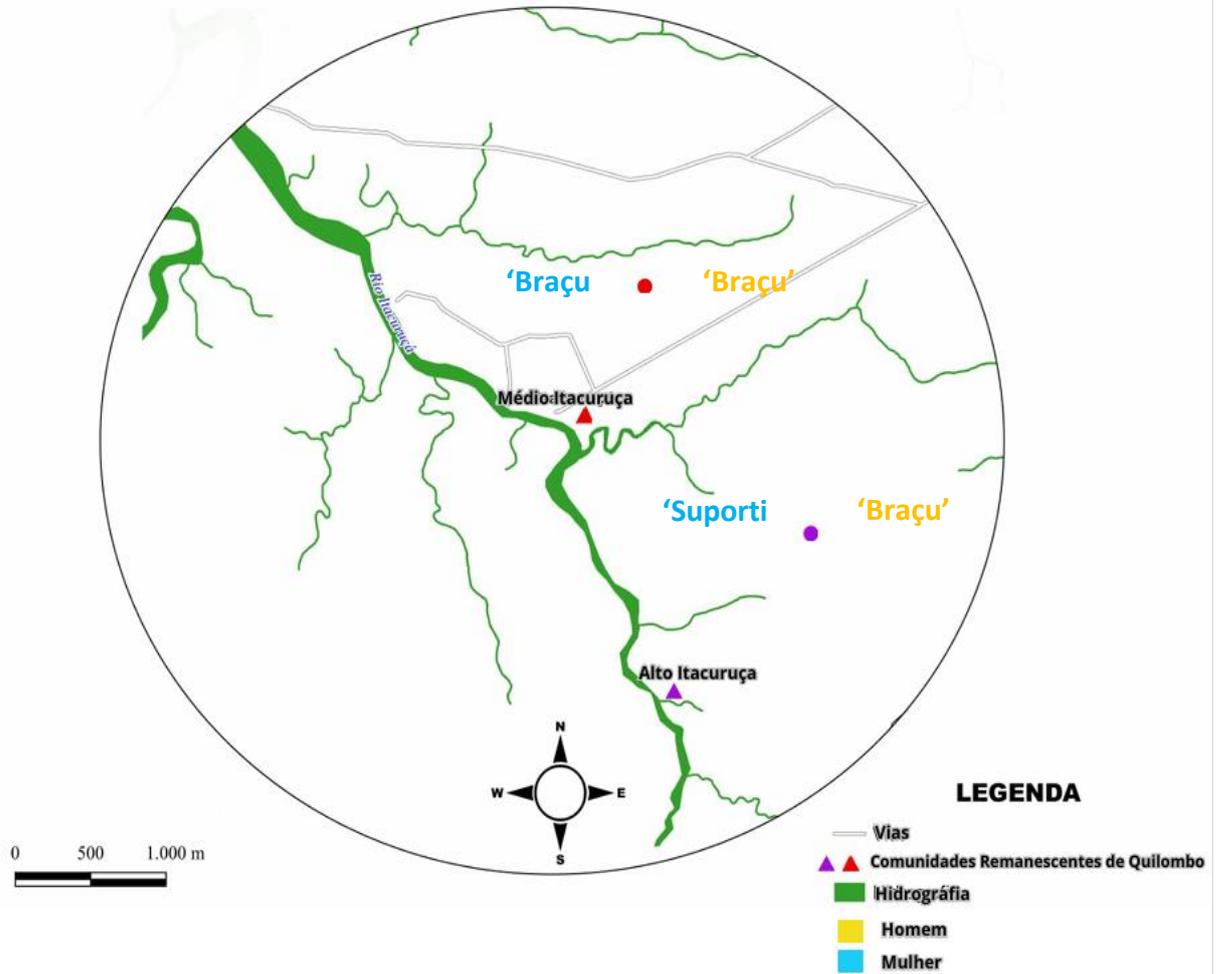


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 52

Como é chamada as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o...?

QSL (ALiB- 2005)- Hastes do carrinho de mão.

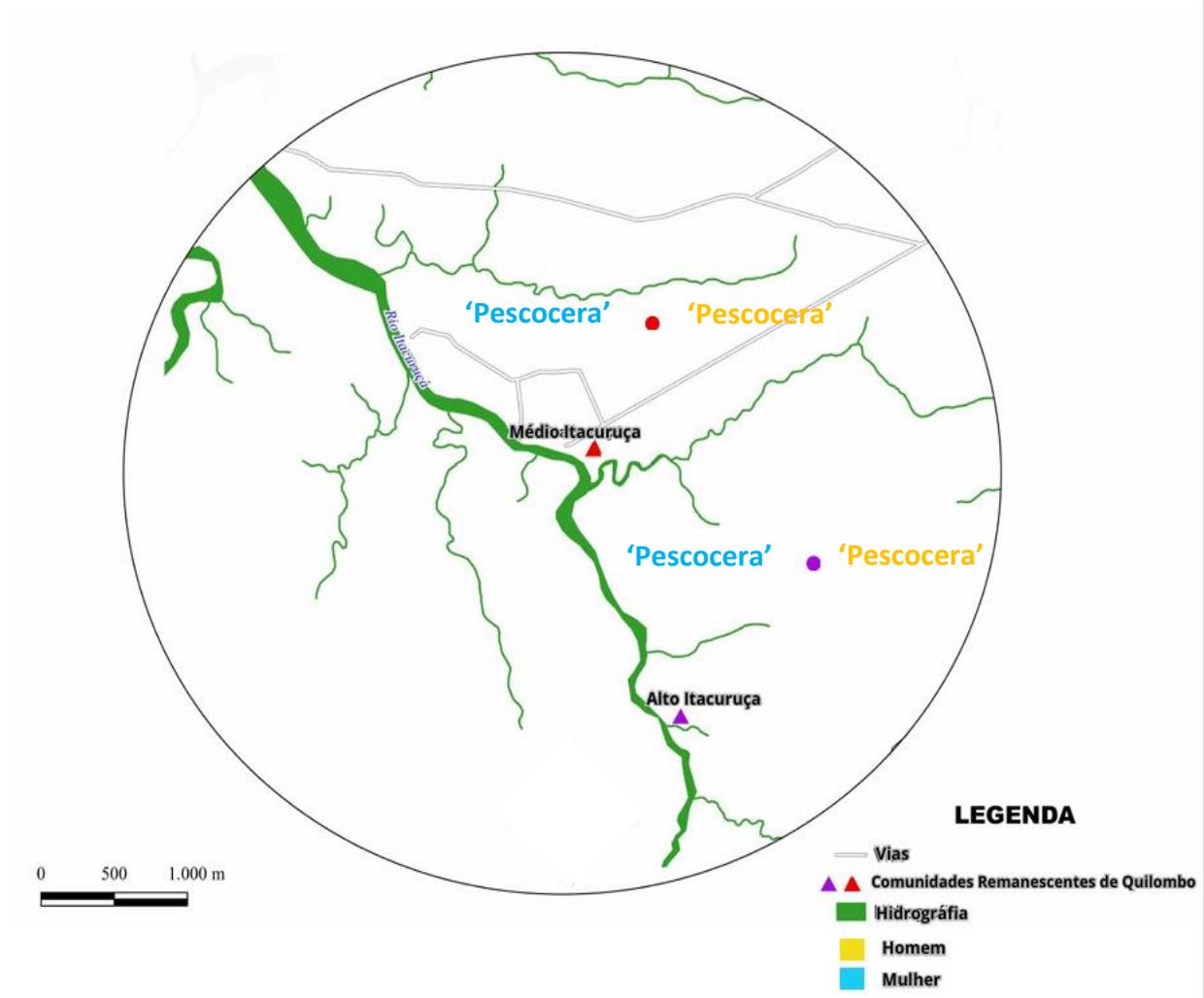


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 53

Como é chamada a armação de madeira, em forma de forquilha (mímica), que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca) para não vararem a cerca?

QSL (ALiB- 2005)- Cangalha.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

PESCOCERA: s.f:

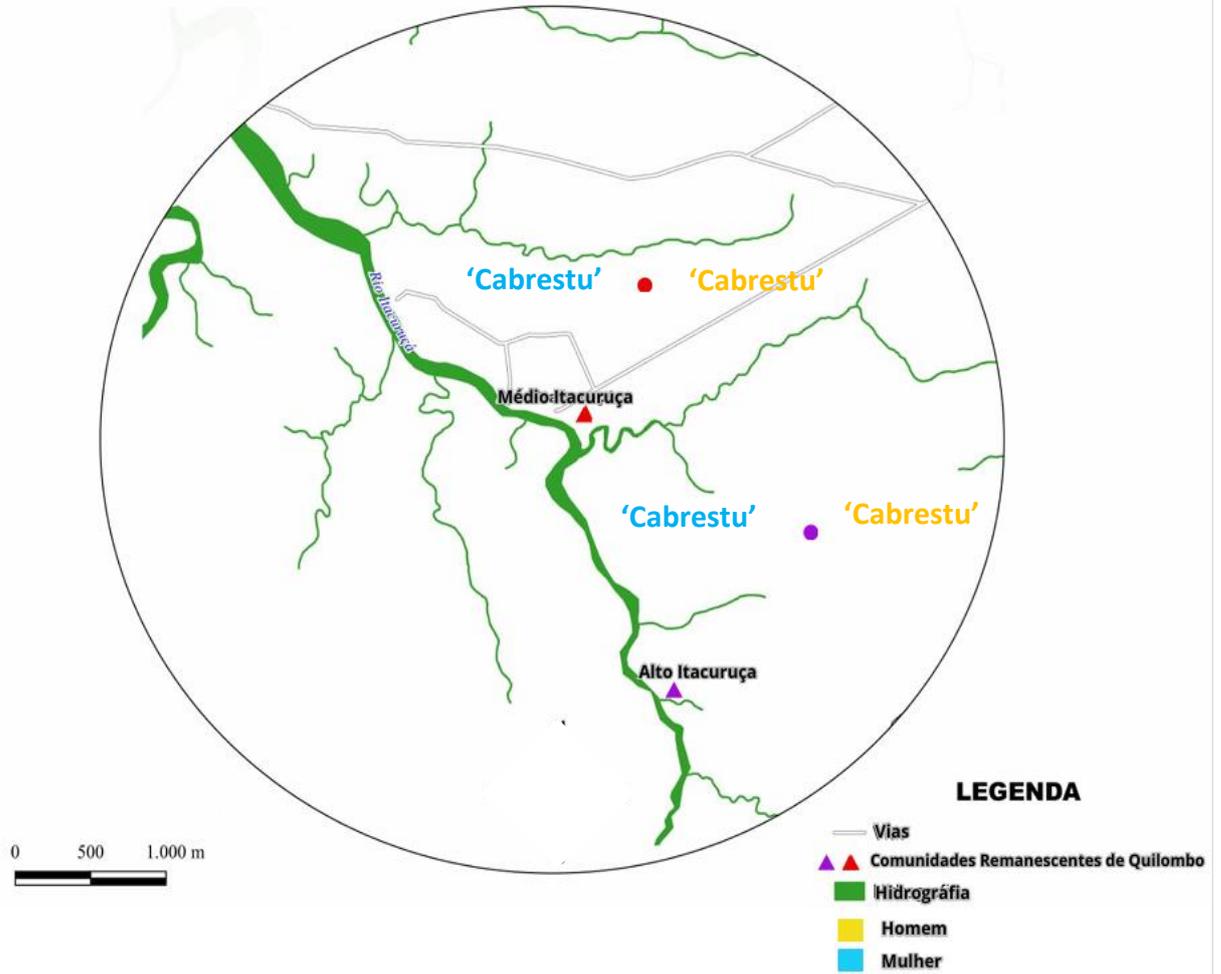
Peça usada no animal, cavalo, burro etc., para ele não sair andado pela comunidade. [...]”Zinha vai colocar a pescocera nesse animal que já vai chover, evita dele correr pela mato” [...].

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 57

Como você chama a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou arado?

QSL (ALiB- 2005)- Canga.

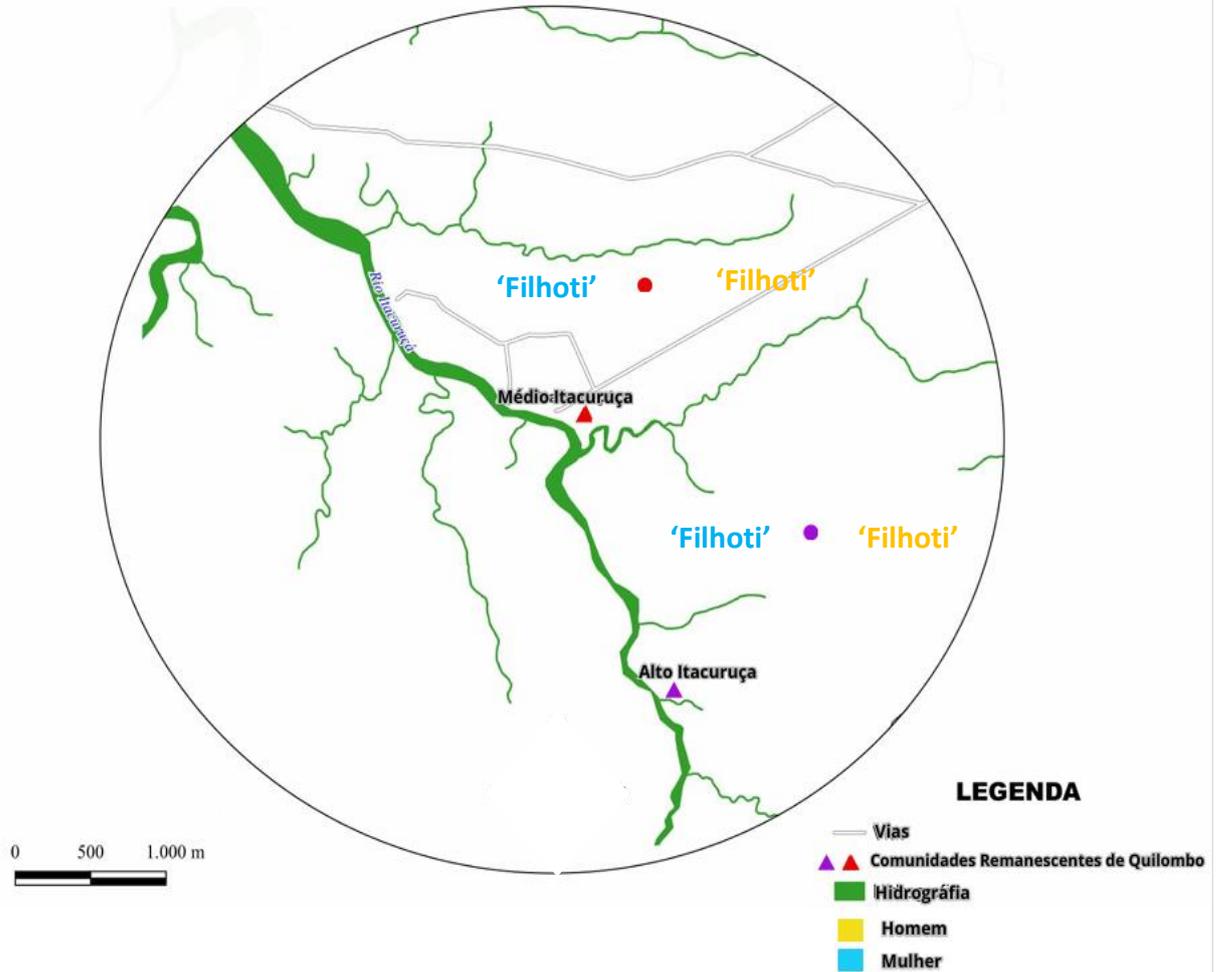


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 58

Como chamam a cria da ovelha logo que nasce?

QSL (ALiB- 2005)- Borrego.

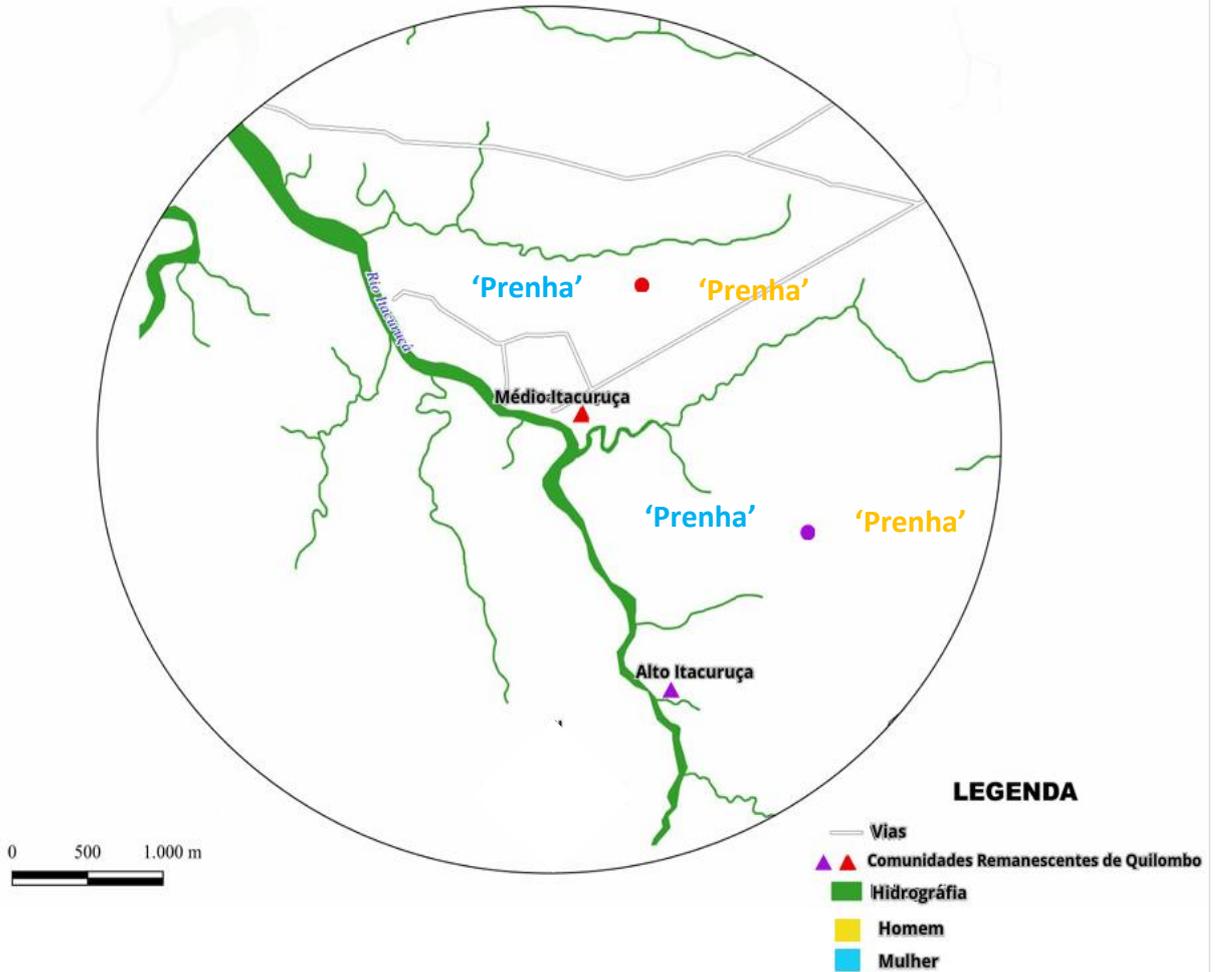


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 60

Como chamam a fêmea de um animal que está prestes a /nos dias de dar cria?

QSL (ALiB- 2005)- Fêmea que está para dar cria.

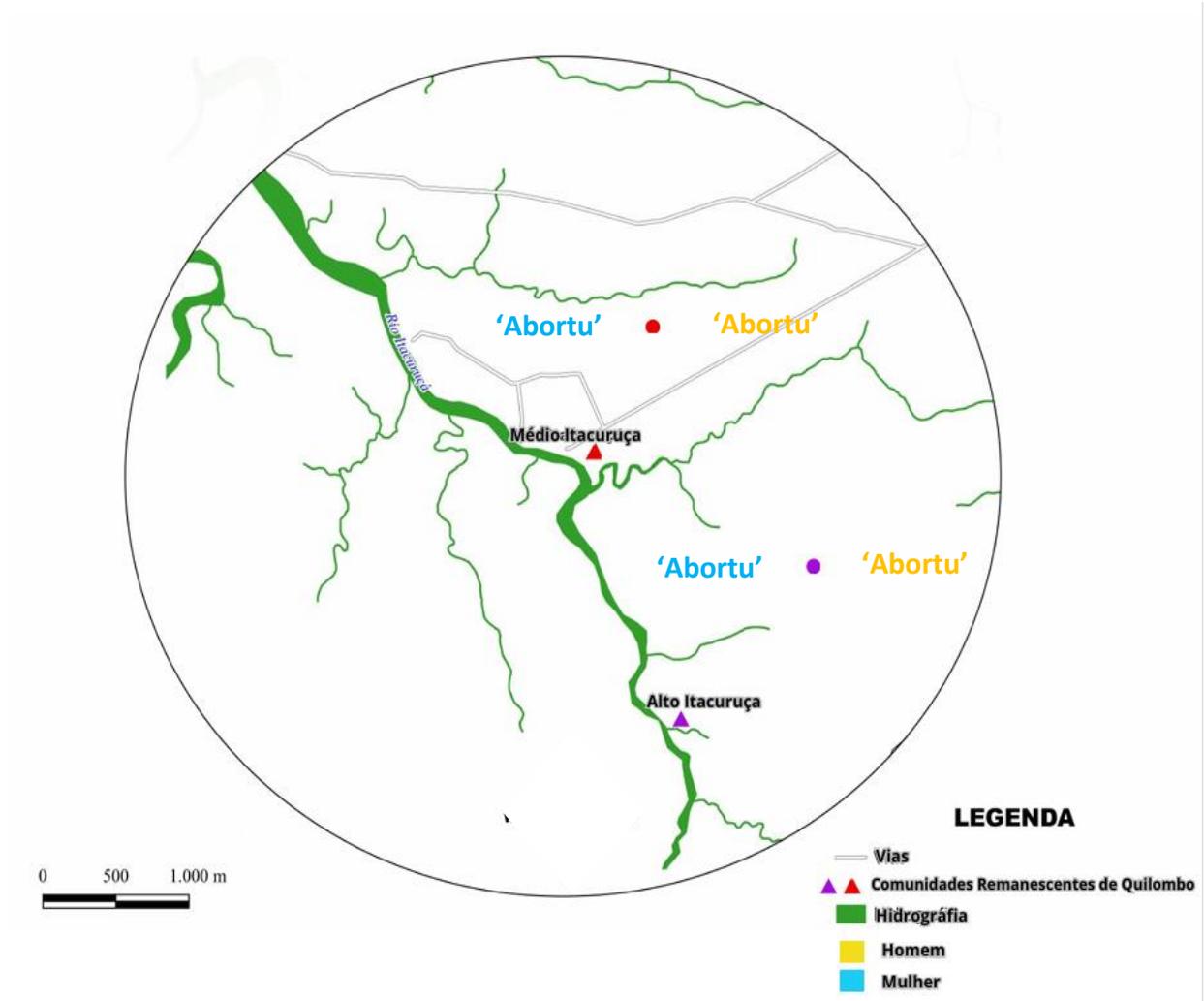


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 61

Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?

QSL (ALiB- 2005)- Perda da cria.

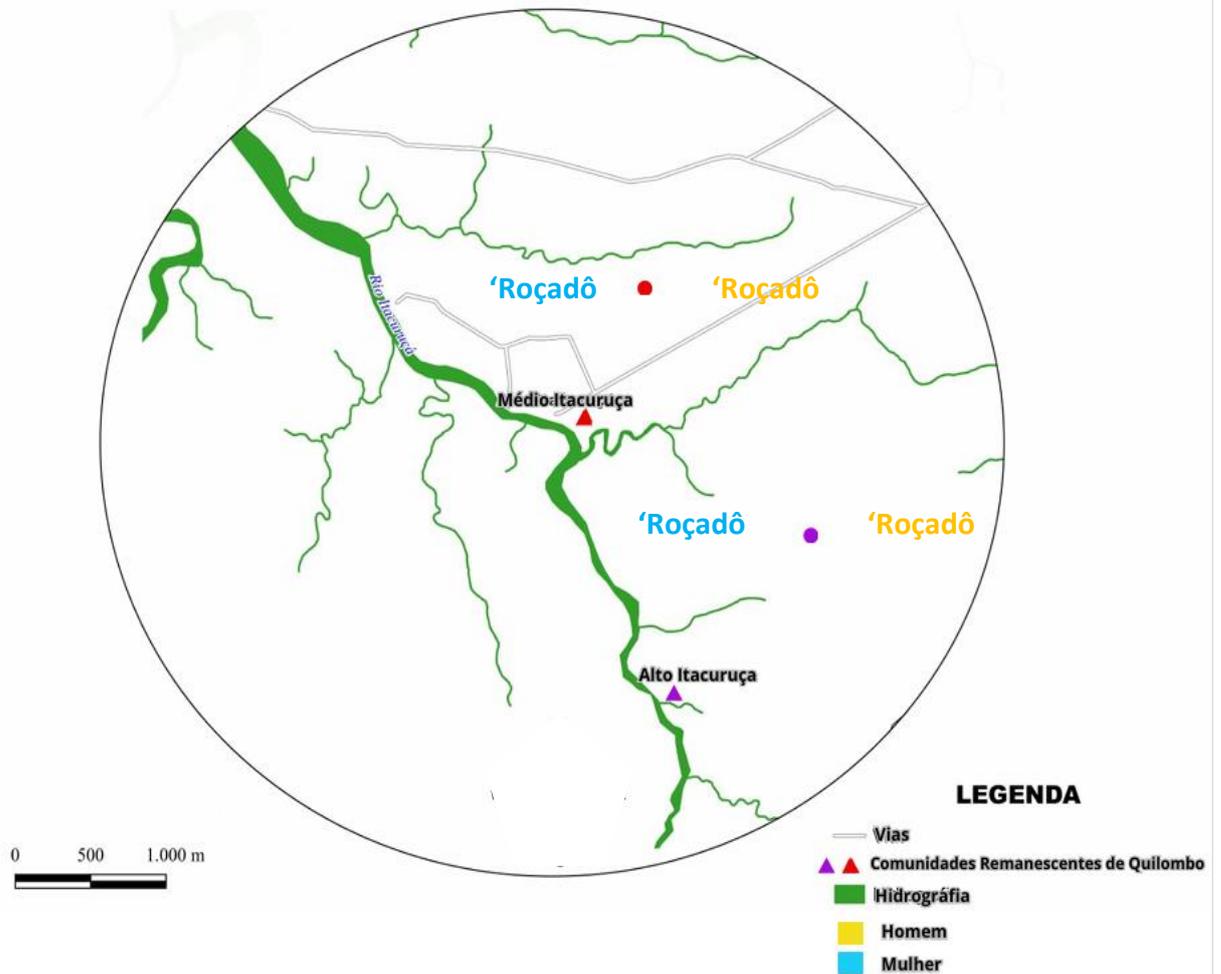


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 63

Como chamam o homem que é contratado para trabalhar na roça do outro?

QSL (ALiB- 2005)- Trabalhador de enxada em roça alheia.

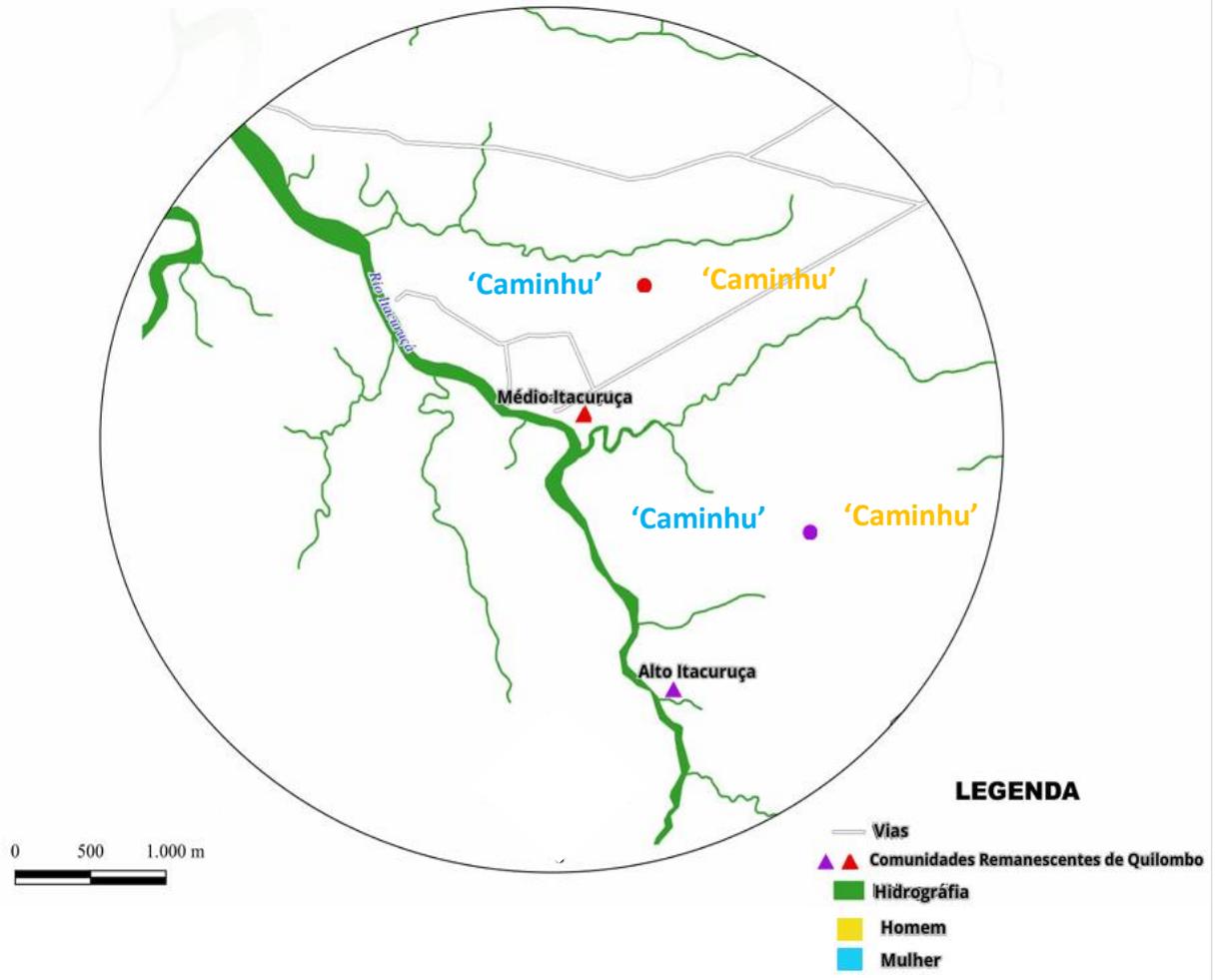


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 64

O que é que abre com o machado, o facão, a foice para passar por um mato fechado?

QSL (ALiB- 2005)- Picada.

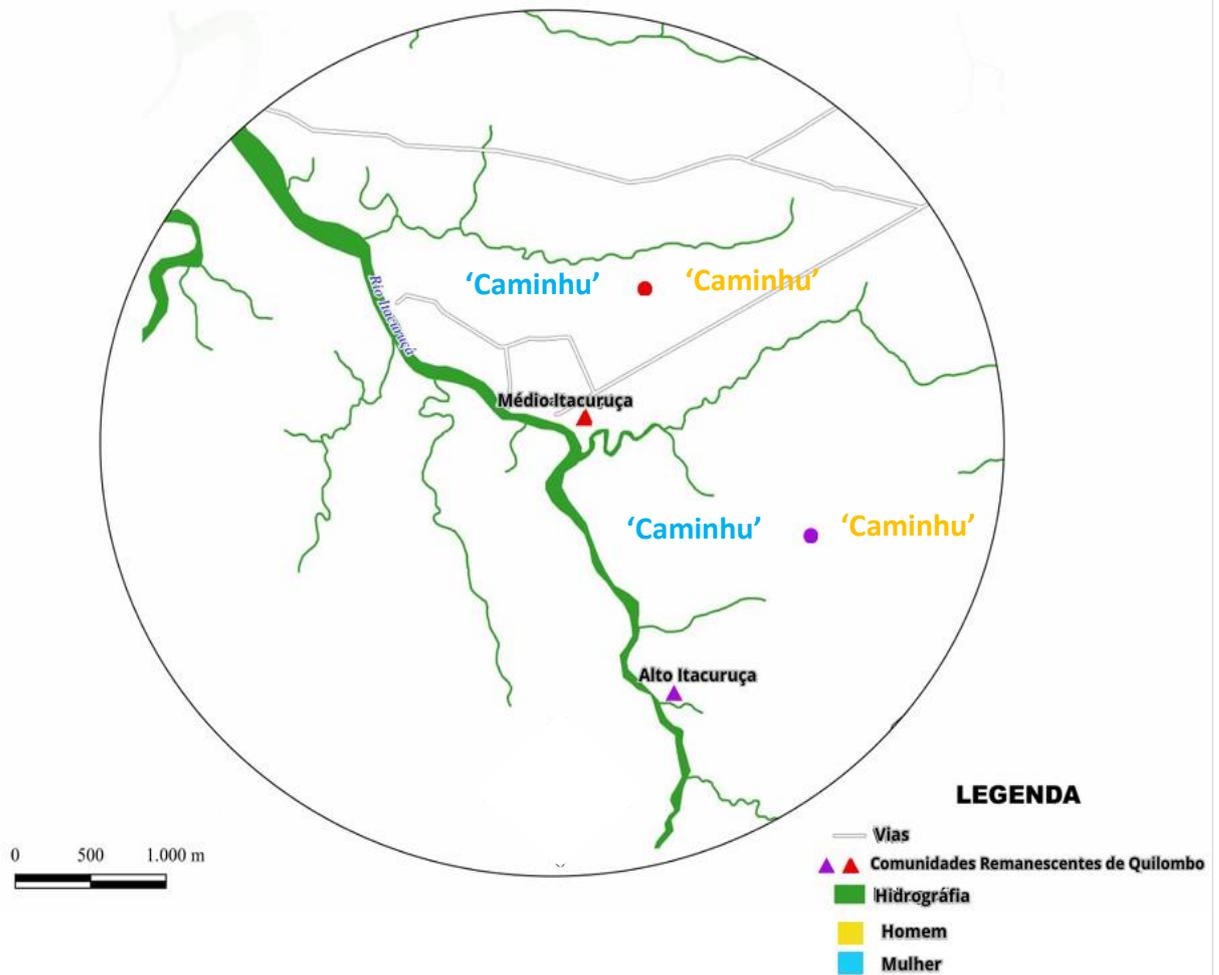


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 65

Como chamam o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou homem passarem por ali?

QSL (ALiB- 2005)- Trilho.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

A carta lexical de nº. 48 - **Depois de colher e secar o feijão, alguns costumam bater com uma vara para soltar os grãos da ...? (item 47) e a palha vai virando um pó. Como se chama esse pó da palha do feijão batido? grama?** Permite registrar 01 (uma) variante lexical: a lexia 'Moer' (100%). A variante lexical é registrada nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. A lexia registrada não coincide com a variante lexical (Moinha) proposta pelo QSL-ALiB (2005).

Com relação à carta lexical de nº. 49 - **Como é chamada aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer? É possível identificar 01 (uma) variante lexical: 'macaxera' (100%) a lexia manifesta registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá, permite elaborar carta lexical. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)– Mandioca, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.**

Com relação à carta lexical de nº. 52 - **Como é chamada as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o---? É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'braçu' (75%) e 'Suporti' (25%), ambas as lexis manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'braçu' (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Hastes do carrinho de mão, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.**

A carta lexical de nº. 53 - **Como é chamada a armação de madeira, em forma de forquilha (mímica), que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca) para não vararem a cerca? Permite registrar 01 (uma) variante lexical: a lexia 'pescoceira' (100%), a variante lexical é registrada nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. A lexia não coincide com a variante lexical (cangalha) proposta pelo QSL-ALiB (2005).**

Com relação à carta lexical de nº. 57 - **Como você chama a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou arado? É possível identificar 01 (uma) variante lexical: 'cabrestu' (100%), a lexia manifesta-se nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- 'canga', a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.**

A carta lexical de nº. 58- **Como chamam a cria da ovelha logo que nasce?**

Permite registrar 01 (uma) variante lexical: a lexia ‘filhoti’ (100%). a variante lexical é registrada nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. A lexia não coincide com a variante lexical (borrego) proposta pelo QSL-ALiB (2005).

Com relação à carta lexical de nº. 60 - **Como chamam a fêmea de um animal que está prestes a /nos dias de dar cria?** É possível identificar 01 (uma) variante lexical: ‘prenha’ (100%), a lexia manifesta nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)– Fêmea que está para dar cria, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 61 - **Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?** É possível identificar 01 (uma) variante lexical: ‘Abortu’ (100%) registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)– perda da cria, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 63 - **Como chamam o homem que é contratado para trabalhar na roça do outro?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: ‘roçadu’ (75%) e ‘trabalhadô’ (15%), ambas as lexis manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% –‘roçadu’ (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)– trabalhador de enxada em roça alheia, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 64 - **O que é que abre com o machado, o facão, a foice para passar por um mato fechado?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: ‘caminhu’ (80%) e ‘trilhu’ (20%), ambas as lexis manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% –‘caminhu’ (80%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)– picada, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 65 - **Como chamam o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou homem passarem por ali?** É possível identificar 01 uma variante lexical: ‘caminhu’ (100%), a lexia manifesta-se em dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)– trilho, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Campo semântico VI- Fauna

A Tabela 6, relativa ao campo semântico VI–Fauna, reúne as questões de número 66 a 91 propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil– ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 06 (seis) cartas lexicais que representem o campo semântico Fauna.

Tabela 6: Campo semântico VI- Fauna.

Questão	Variante ALiB	Nº. Variantes	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos Linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos reais	Efetivos percentuais	1	2
66	Urubu	01	'Urubu'	20	100%	X	X
67	Colibri	02	'Passaru' 'Colibri'	14	70%	X	X
68	João de Barro	01	'João de Barro'	20	100%	X	X
69	Galinha-d'angola	02	'Picota' 'Galinha'	14	70%	X	X
70	Papagaio	01	'Papagaiu'	20	100%	X	X
71	Sura	02	'Sem rabu' 'Soró'	16	80%	X	X
72	Cotó	02	'Soró' 'Cotó'	12	60%	X	X
73	Gambá	02	'Ratu' 'Cachorro'	13	65%	X	X
74	Patas dianteiras do cavalo	02	'Patas' 'Pata da frente'	13	65%	X	X
75	Crina do pescoço	01	'Cabelu'	20	100%	X	X
76	Crina da cauda	01	'Cabelu'	20	100%	X	X
77	Lombo	02	'Costa' 'Lombu'	14	70%	X	X
78	Anca	01	'Quardri'	20	100%	X	X
79	Chifre	01	'Chifri'	20	100%	X	X
80	Um só chifre	02	'Chifri' 'Chifrinhu'	13	65%	X	X
81	Cabra sem chifre	02	'Rola' 'Lisa'	14	70%	X	X
82	Boi sem chifre	02	'Rolo' 'Liso'	14	70%	X	X
83	Úbere	02	'Teta' 'Peitu'	13	65%	X	X
84	Rabo	01	'Rabu'	20	100%	X	X
85	Manco	01	'Cotó'	20	100%	X	X
86	Mosca varejeira	03	'Mosca' 'Varejera' 'Mosca varejeira'	12	60%	X	X
	Sanguessuga	02	'Samixuga' 'Tapuru'	14	70%	X	X
87	Libélula	02	'Jacinta' 'Libélula'	14	70%	X	X
88	Bicho de fruta	02	'Tapuru'	14	70%	X	X

			'Bichu'				
89	Coró	01	'Coró'	20	100%	X	X
90	Pernilongo	03	'Mosquitu' 'Carapanã' 'Muriçoca'	12	60%	X	X

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 06- Campo semântico - Fauna-, representa em *corpus* todas as lexias registras em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 15 (quinze) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 67 ('Passaru'/'Colibri'); 69 ('Picota'/'galinha'); 72 ('Soró'/'cotó'); 73 ('Ratu'/'cachorro'); 74 ('Patás'/'patas da frenti'); 77 ('costa'/'lombu'); 80 ('chifri'/'chifrinhu'); 81 ('rola'/'lisa'); 82 ('rolo'/'liso'); 83 ('teta'/'peitu'); 86 ('mosca'/'varejera'/'mosca varejera'); 87 ('jacinta'/'bichu'); 90 ('mosquitu'/'carapanã'/'muriçoca').

Registra-se 05 (cinco) lexias que coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, porém pelo critério: ser diferente do proposto pelo ALiB, estas lexias não compõem Cartas Lexicais, são: 66 ('urubu'); 68 (*joão di barru*); 70 (papagaiu); 79 (chifri); 89 ('coró').

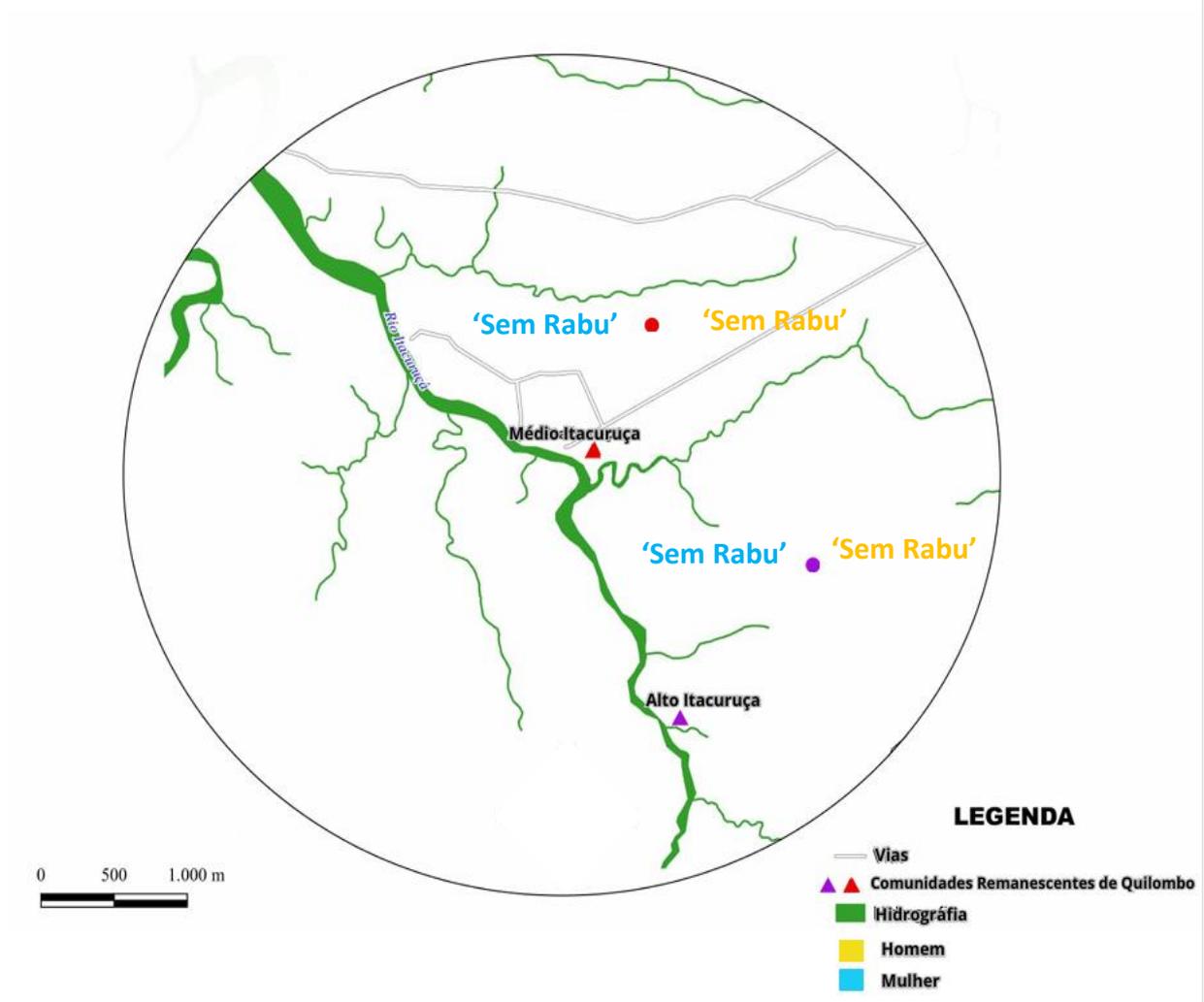
A tabela também permite representar 06 (seis) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 06 (seis) Cartas Lexicais, são: 71 ('sem rabu'/'soró'); 75 ('cabelu') 76 ('Cabelu'); 78 ('quardri'); 84 ('rabu'); 85 ('cotó').

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 06 (lexias) que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá – Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 71

Como chamam uma galinha sem rabo?

QSL (ALiB- 2005)- Sura.

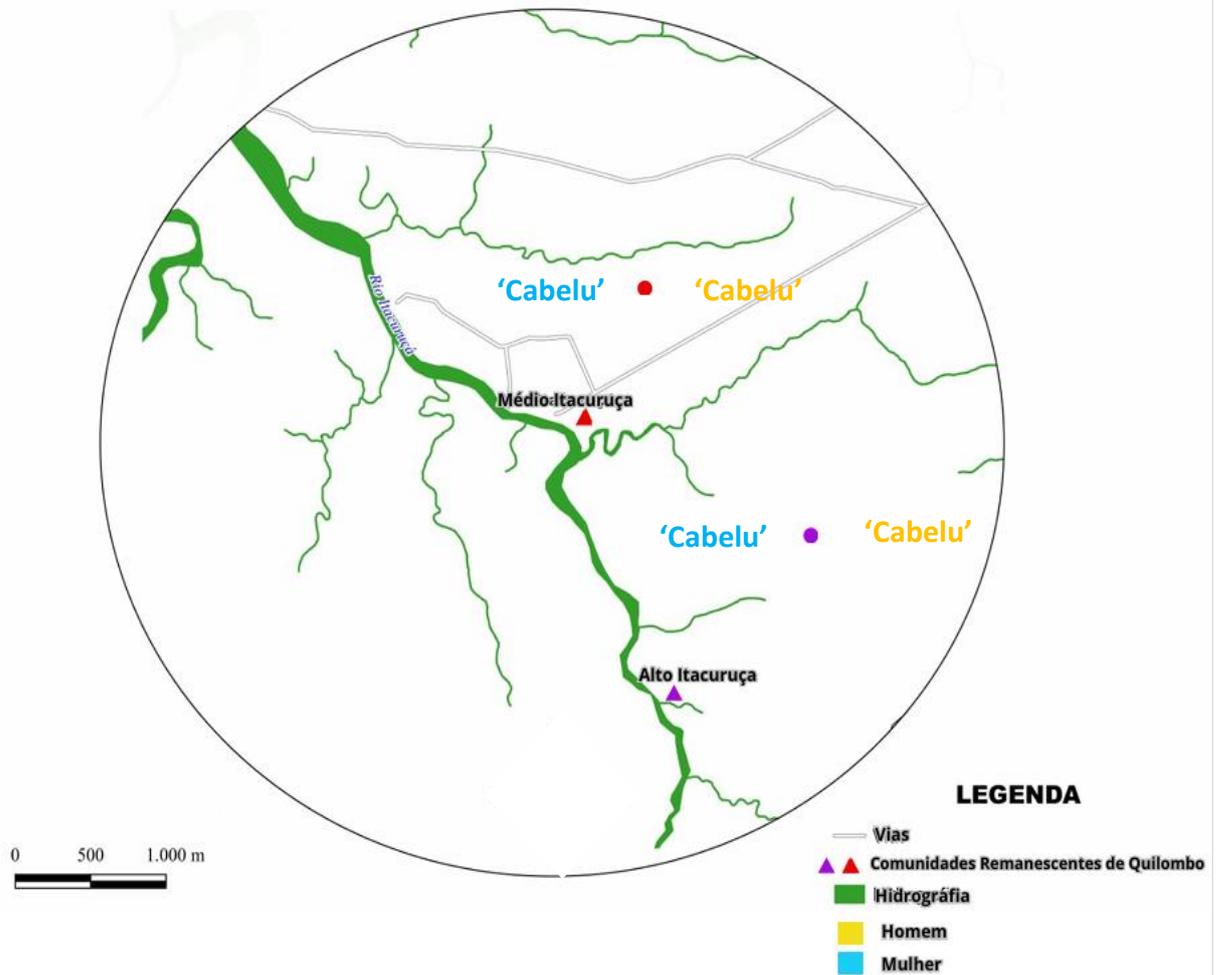


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 75

Como chamam o cabelo em cima do pescoço do cavalo?

QSL (ALiB- 2005)- Crina do pescoço.

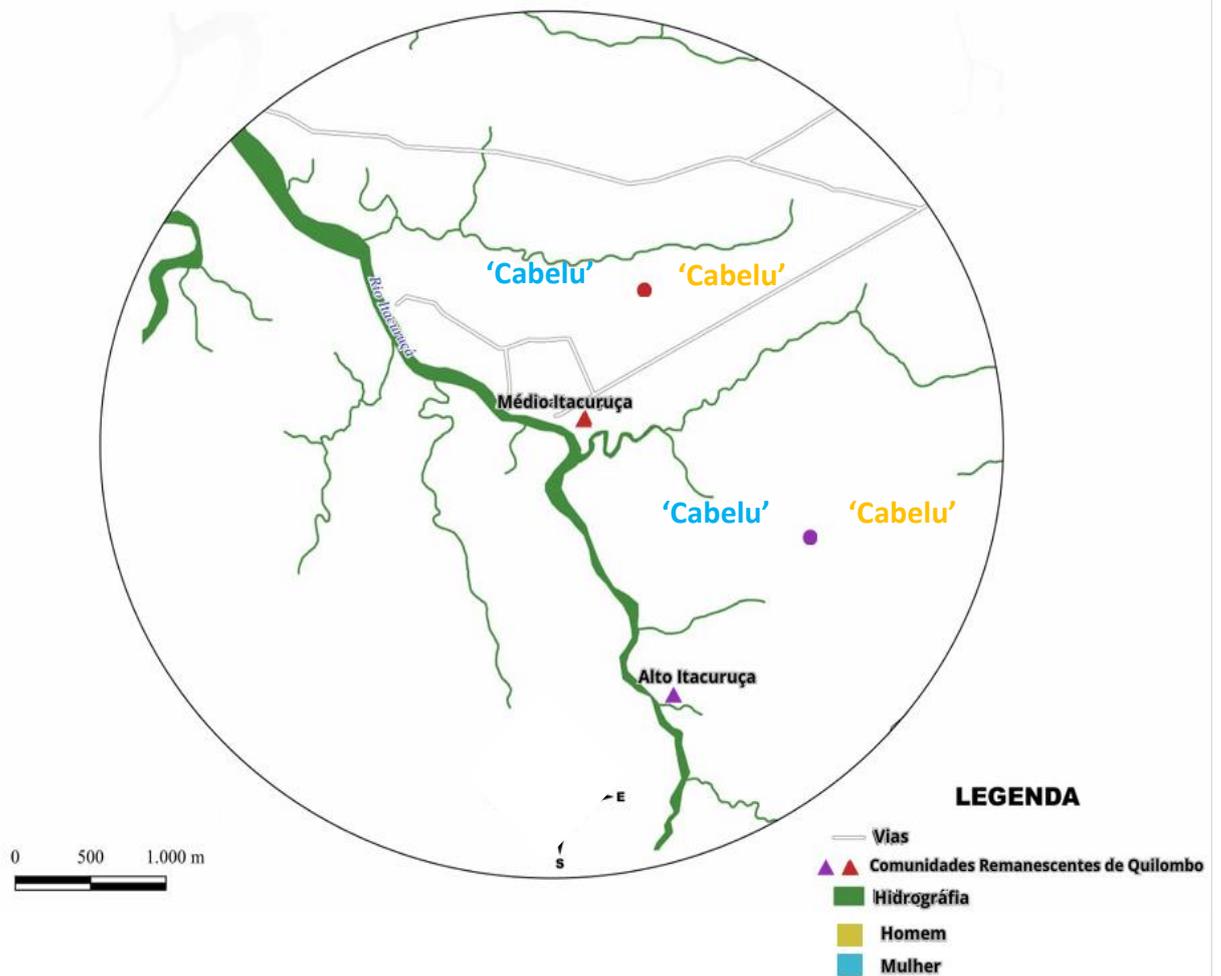


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 76

Como chamam o cabelo comprido na traseira do cavalo?

QSL (ALiB- 2005)- Crina da cauda.

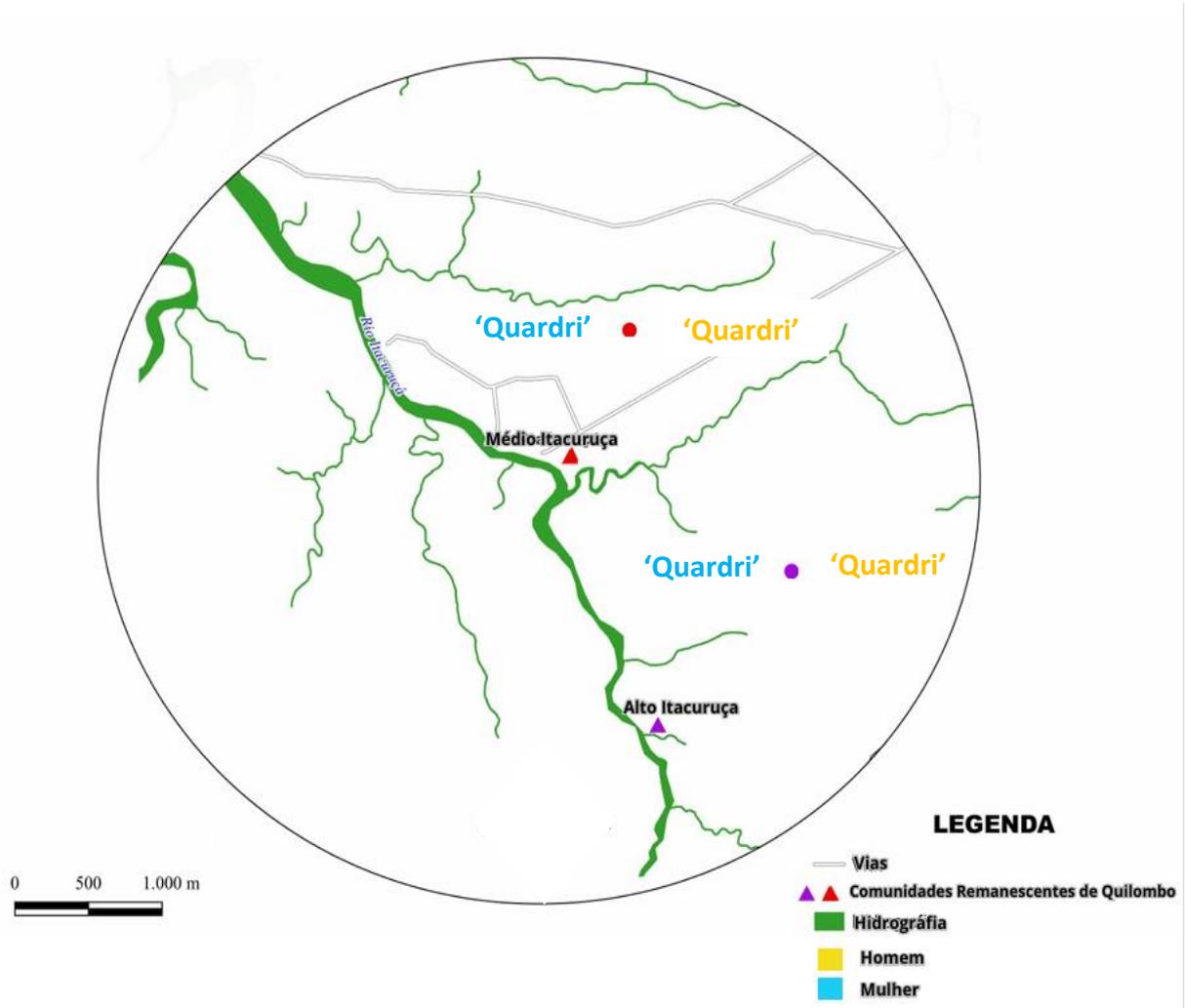


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 78

Como chamam a parte larga atrás do cavalo ? (item77).

QSL (ALiB- 2005)- Anca.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

QUARDRI: s.m (Plural)

Expressão usada para determinar parte do corpo dos animais de grande porte e 4 patas. [...]

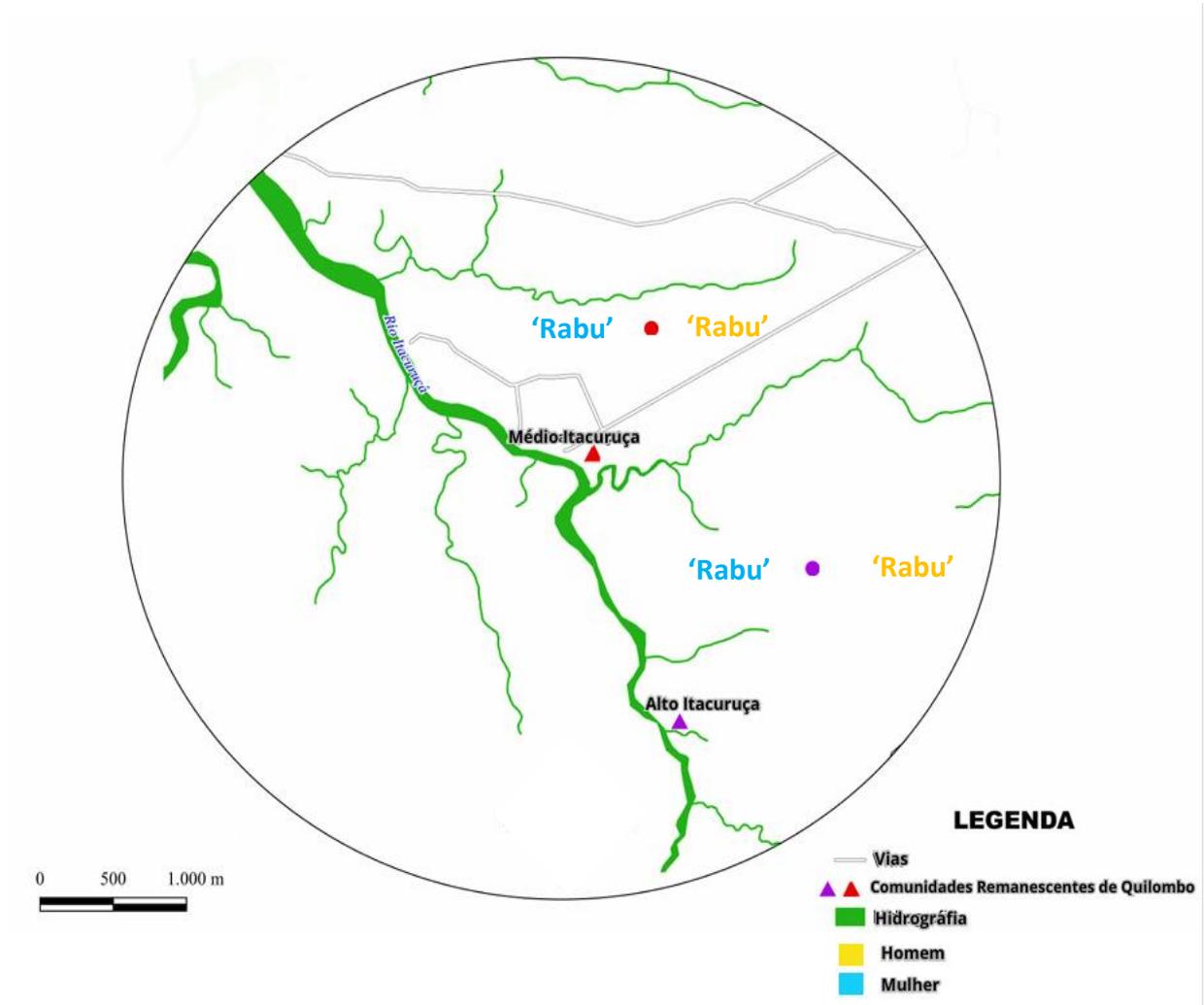
“Cuidado, não pode pegar nos quardri do animal que ele chuta você pra bem longe” [...].

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 84

Como chamam a parte com que o boi espanta as moscas?

QSL (ALiB- 2005)- Rabo.

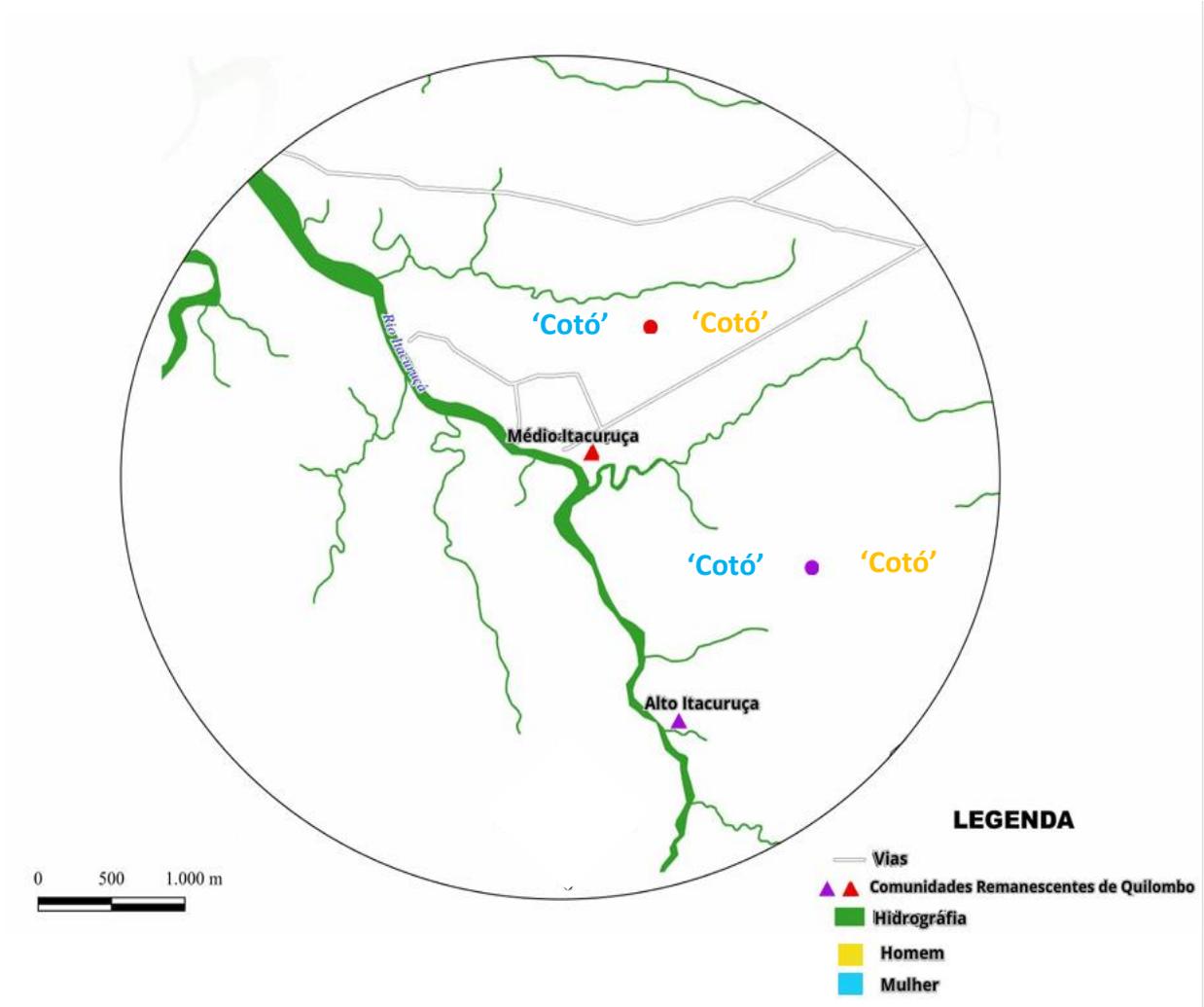


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 85

Como chamam o animal que tem uma perna mais curta e que puxa uma perna?

QSL (ALiB- 2005)- Manco.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

A carta lexical de nº. 71 - **Como se chama uma galinha sem rabo?** Permite registrar 02 (duas) variantes lexicais: a lexia 'sem rabu' (80%) e 'Soró' (20%), as variantes lexicais são registradas nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. As lexias registradas não coincide com a variante lexical (Sura) proposta pelo QSL-ALiB (2005).

Com relação à carta lexical de nº. 75 - **O cabelo em cima do pescoço do cavalo?** É possível identificar 01 (uma) variante lexical: 'cabelu' (100%) a lexia manifesta registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá, permite elaborar carta lexical. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)–Crina do pescoço, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados, logo esta lexia proposta pela gramática normativa não representa a língua/linguagem da comunidade remanesce quilombola.

Com relação à carta lexical de nº. 76- **Como é que chamada o cabelo comprido na traseira do cavalo?** É possível identificar 01 (uma) variante lexical: 'cabelu' (100%), a lexia manifesta registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá, possibilitando elaboração de carta lexical, a de frequência superior a 75% -'cabelu' (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)–Crina da cauda, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

A carta lexical de nº. 78 - **Como é chamada a parte larga atrás do ____?** (item77). Permite registrar 01 (uma) variante lexical: a lexia 'quardri' (100%), a variante lexical é registrada nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. A lexia não coincide com a variante lexical (cangalha) proposta pelo QSL-ALiB (2005).

Com relação à carta lexical de nº. 84 - **Como você chama a parte com que o boi espanta as moscas?** É possível identificar 01 (uma) variante lexical: 'rabu' (100%), a lexia manifesta-se nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)– 'rabo', a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

A carta lexical de nº. 85- **Como você chama o animal que tem uma perna mais curta e que puxa uma perna?** Permite registrar 01 (uma) variante lexical: a lexia 'cotó' (100%). a variante lexical é registrada nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. A lexia não coincide com a variante lexical

(manco) proposta pelo QSL-ALiB (2005).

Campo semântico VII- Corpo humano

A Tabela 7, relativa ao campo semântico VII- Corpo humano, reúne as questões de número 92 a 123 propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 07 (sete) cartas lexicais que representam o campo semântico Corpo humano.

Tabela 7: Campo semântico VII- Corpo humano.

Questão	Variante ALiB	Nº. Variantes	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos Reais	Efetivos percentuais	1	2
92	Pálpebras	03	'Lenço do olhu' 'Peli' 'Capa'	15	75%	X	X
93	Nuca	03	'Totuçú' 'Cangoti' 'Pesçoçú'	15	75%	X	X
94	Pomo de adão	02	'Nó' 'Gogo'	14	70%	X	X
95	Clavícula	03	'Foçu' 'Canterela' 'Ombru'	14	70%	X	X
96	Seios	02	'Peitu' 'Mama'	14	70%	X	X
97	Útero	01	'Úteru'	20	100%	X	X
98	Calcanhar	01	'Carcanhar'	20	100%	X	X
99	Tornozelo	01	'Tornozelu'	20	100%	X	X
100	Rótula	02	'Capa do joelhu' 'Bola' 'Rótula'	16	80%	X	X
101	Cócegas	02	'Cócegas' 'Coscos'	13	65%	X	X
102	Dentes caninos	03	'Dentis' 'Preza' 'Dentis caninus'	14	70%	X	X
103	Dentes do siso	03	'Denti' 'Dentão' 'Denti du juizu'	14	70%	X	X
104	Dentes molares	01	'Dentis molaris'	20	100%	X	X
105	Desdentado	03	'Banguela' 'Boca di velhu' 'Lisu'	12	60%	X	X
106	Fanhoso	02	'Fonfon' 'Fanhu'	15	75%	X	X
107	Cisco	03	'Suju' 'Farpa' 'Ciscu'	13	65%	X	X

108	Cego de um olho	02	'Cegueta' 'Cegu'	14	70%	X	X
109	Vesgo	02	'Zarolhu' 'Tortu'	15	75%	X	X
110	Miope	02	'Farta da vista' 'Vista falha'	15	75%	X	X
111	Terçol	03	'Olhu Inflamadu' 'Tersó' 'Remela'	13	65%	X	X
112	Conjuntivite	03	'Dór nu bago du olho' 'Inflamçãu' 'Conjutiviti'	14	70%	X	X
113	Catarata	01	'Catarata'	20	100%	X	X
114	Soluço	01	'Suluçu'	20	100%	X	X
115	Meleca	02	'Bustela' 'Sugera'	14	70%	X	X
116	Corcunda	04	'Nó nas costas' 'Bolsa' 'Caroçu' 'Carcunda'	13	65%	X	X
117	Canhoto	03	'Pecadó' 'Especial' 'Canhotu'	14	70%	X	X
118	Perneta	03	'Perneta' 'Mancu' 'Alejadu'	14	70%	X	X
119	Manco	03	'Coxu' 'Mancu' 'Toró'	12	60%	X	X
120	Pessoa de pernas arqueadas	03	'Perna di cavalu' 'Alicati' 'Torta'	12	60%	X	X
121	Axila	01	'Suvacu'	20	100%	X	X
122	Cheiro nas axilas	02	'Nhaca' 'Catinga'	13	65%	X	X
123	Vomitar	03	'Bardia' 'Vumitá' 'Fartiada'	11	55%	X	X

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 07- Campo semântico – Corpo Humano-, representa o *corpus* de todas as lexias registras em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 20 (vinte) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 94 (Nó/Gogó); 95 ('Foçu'/'Cantarela'/'Ombru'); 96 ('Peitu'/'Mama'); 101 ('Cócegas'/'Coscos'); 102 ('Dentis'/'Preza'/'Dentis caninos'); 103 ('Denti'/'Dentão'/'Denti du juizu'); 105 ('Banguela'/'Boca de Velhu'/'Lisu'); 107 ('Suju'/'Farpa'/'Ciscu'); 108 ('Cegueta'/'Cegu'); 111 ('Olhu Inflamadu'/'Tersó'/'Remela'); 112 ('Dor nu bago du

olhu'/'inflamação'/'conjutiviti'); 114 (*'Suluçu'*); 115 (*'Bustela'/'Sugera'*); 116 (*'Nó nas costas'/'Bolsa'/'Caroçu'/'Carcunda'*); 117 (*'Pecadô'/'Especial'/'Canhotu'*); 118 (*'Perneta'/'Mancu'/'Alejadu'*); 119 (*'Coxu'/'Mancu'/'Toró'*); 120 (*'Perna di cavalu'/'Alicati'/'Torta'*); 122 (*'Nhaca'/'Catinga'*); 123 (*'Bardiá'/'Vumitá'/'Fartiada'*).

Registra-se 05 (cinco) lexias que coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, porém pelo critério de ser diferente do proposto pelo ALiB, estas lexias não compõem Cartas Lexicais, são: 97 (*'Útero'*); 98 (*'Carcanhar'*); 99 (*'Tornozelu'*); 104 (*'Dentis molaris'*); 113 (*'Catarata'*).

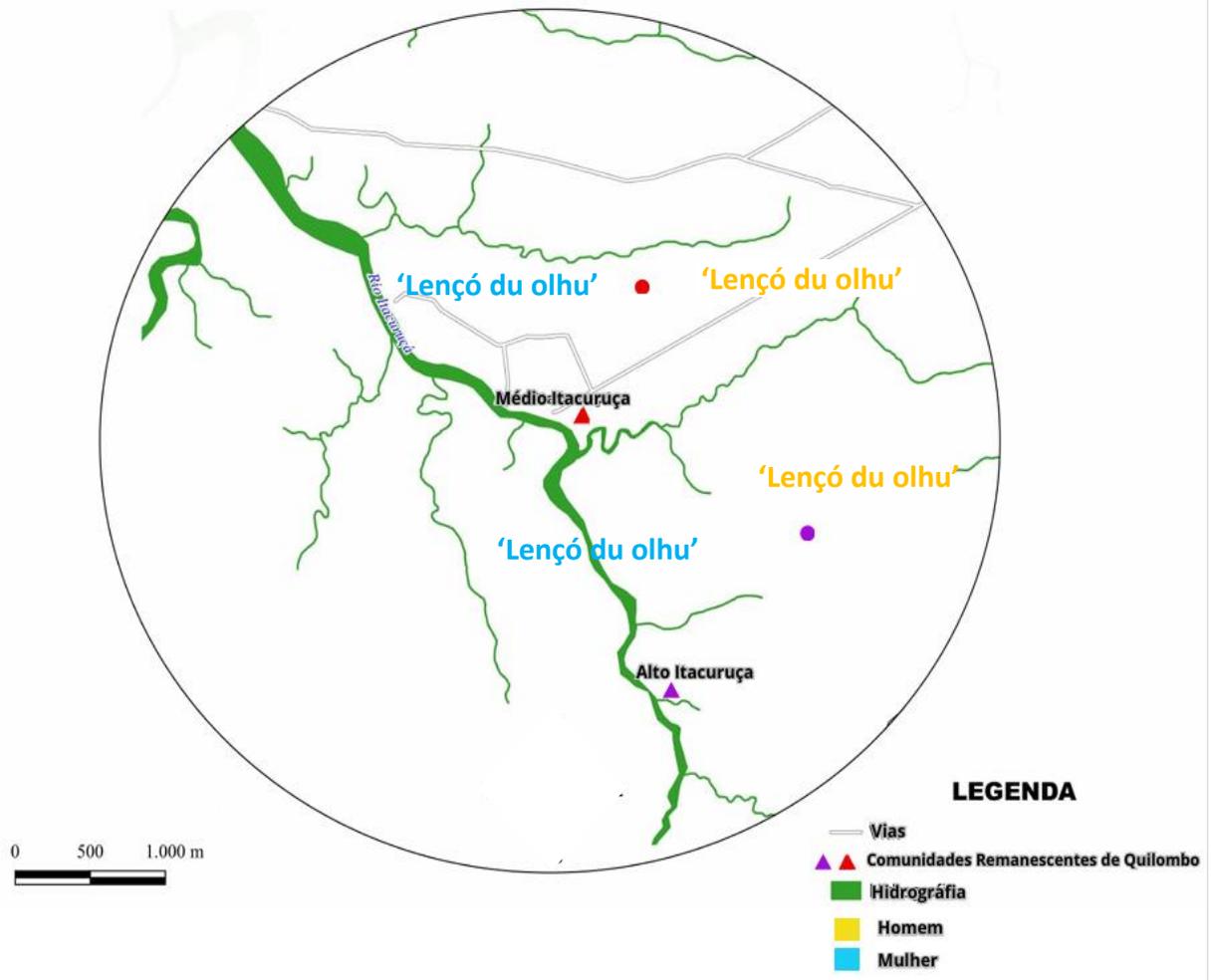
A tabela também permite representar 07 (sete) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 04 (quatro) Cartas Lexicais, são: 92 (*'Lençó du olhu'/'Peli'/'Capa'*); 93 (*'Totiçu'/'Cangoti'/'Pesçoçu'*); 100 (*'Capa du juelhu'/'Bola'/'Rótula'*); 106 (*'Fonfon'/'Fanhu'*); 109 (*'Zarolhu'/'Tortu'*); 110 (*'Farta da vista'/'Vista falha'*); 121 (*'Suvacu'*).

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 07 (sete), que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá–Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 92

Como chamam esta parte que cobre os olhos?

QSL (ALiB- 2005)- Pálpebras.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias
'LENÇÓ DU OLHU'

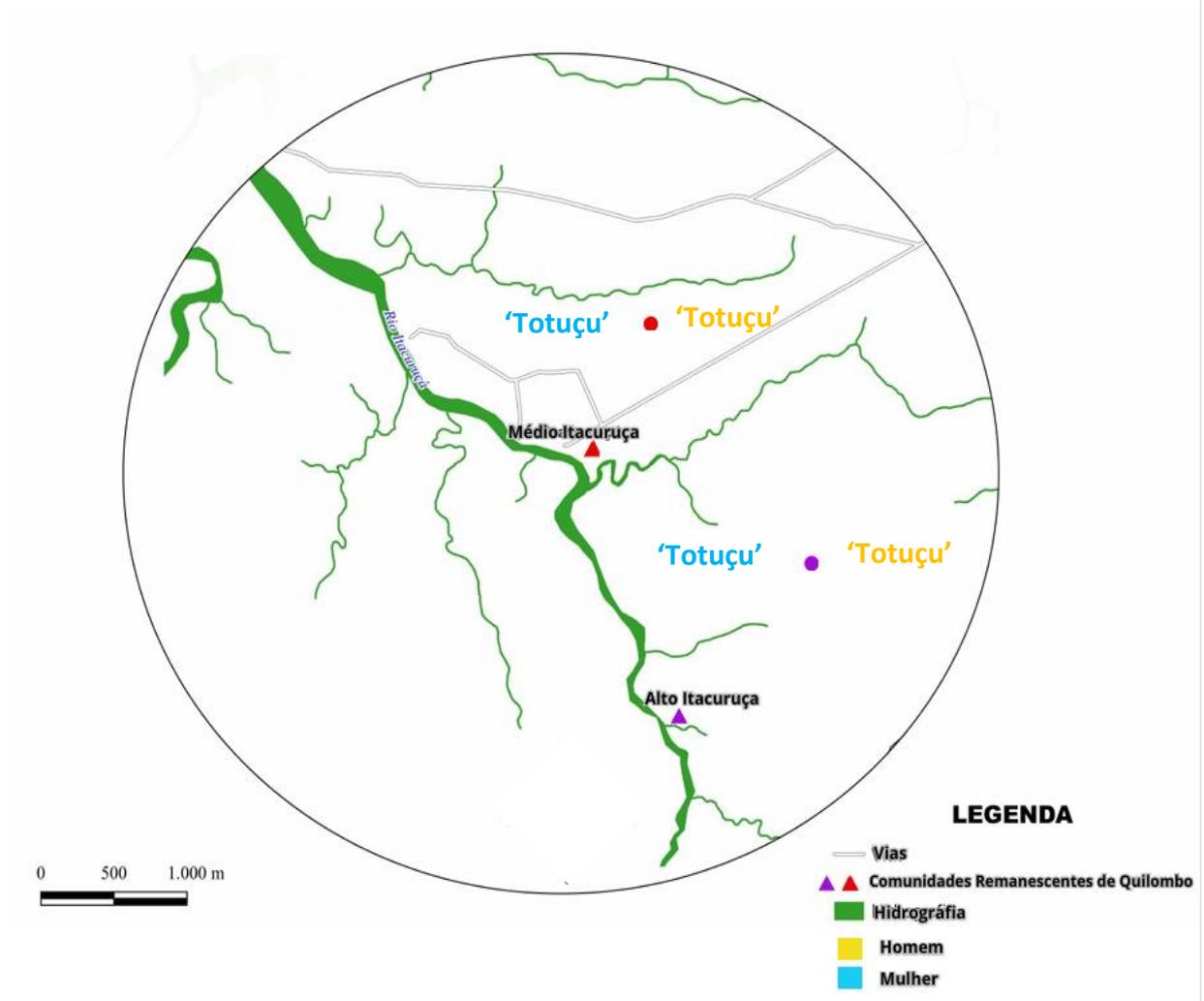
[...] acordei com o lenço du olhu grudado [...]

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 93

Como chamam isto? Esta parte do corpo (Apontar)

QSL (ALiB- 2005)- Nuca.

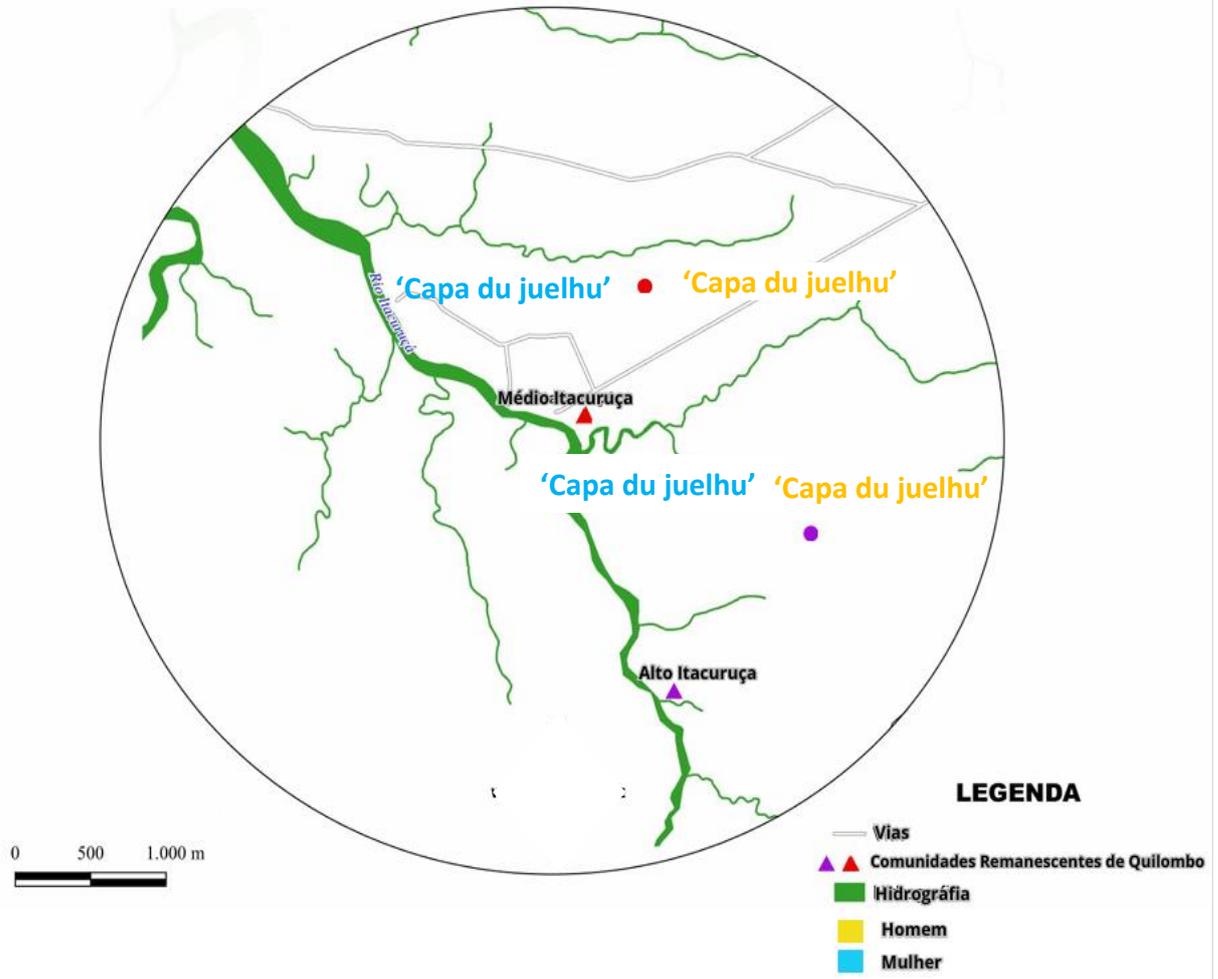


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 100

Como chamam o osso redondo que fica na frente do joelho?

QSL (ALiB- 2005)- Rótula.

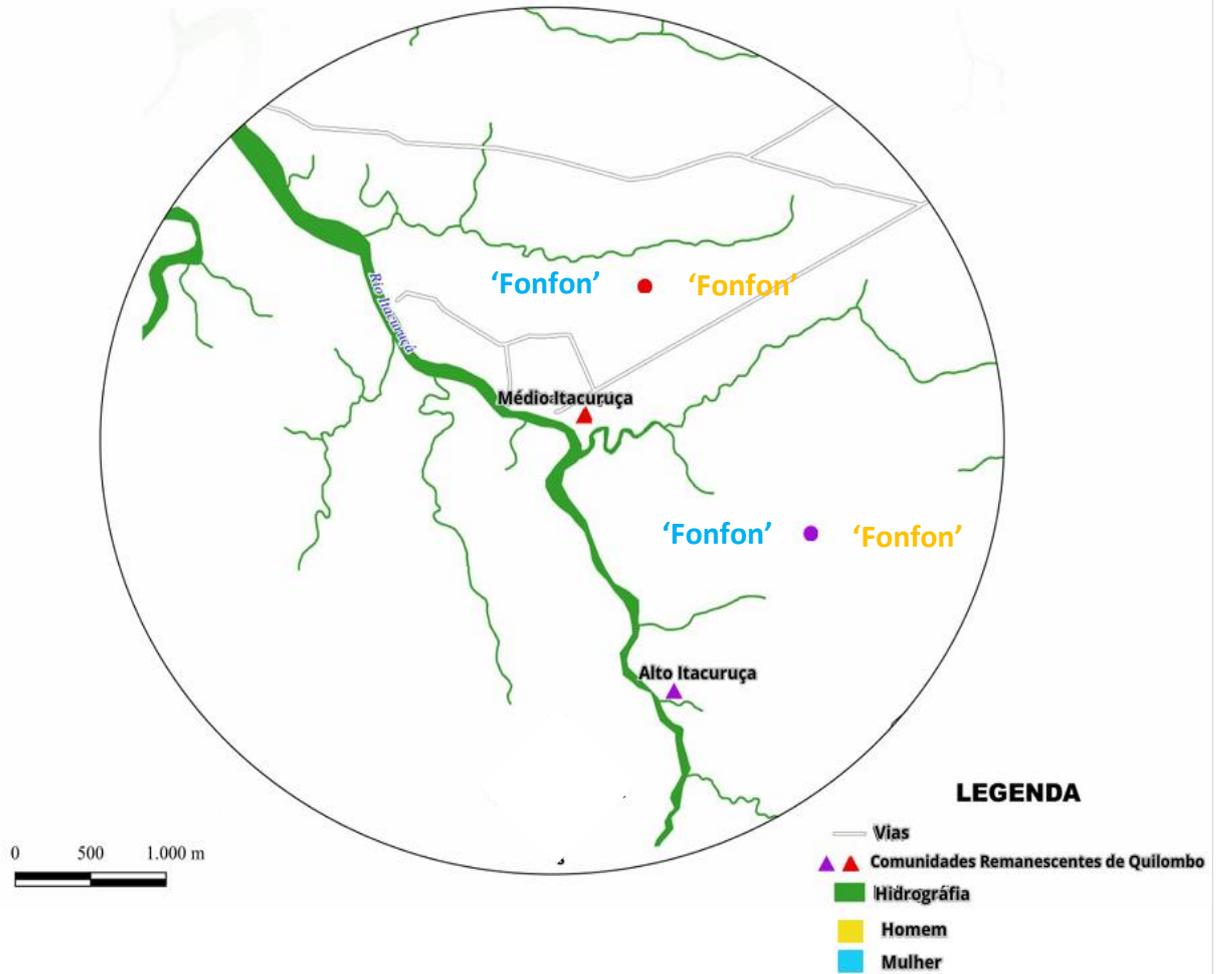


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 106

Como chamam a pessoa que parece falar pelo nariz? (Imitar).

QSL (ALiB- 2005)- Fanhoso.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

FONFON: adj.

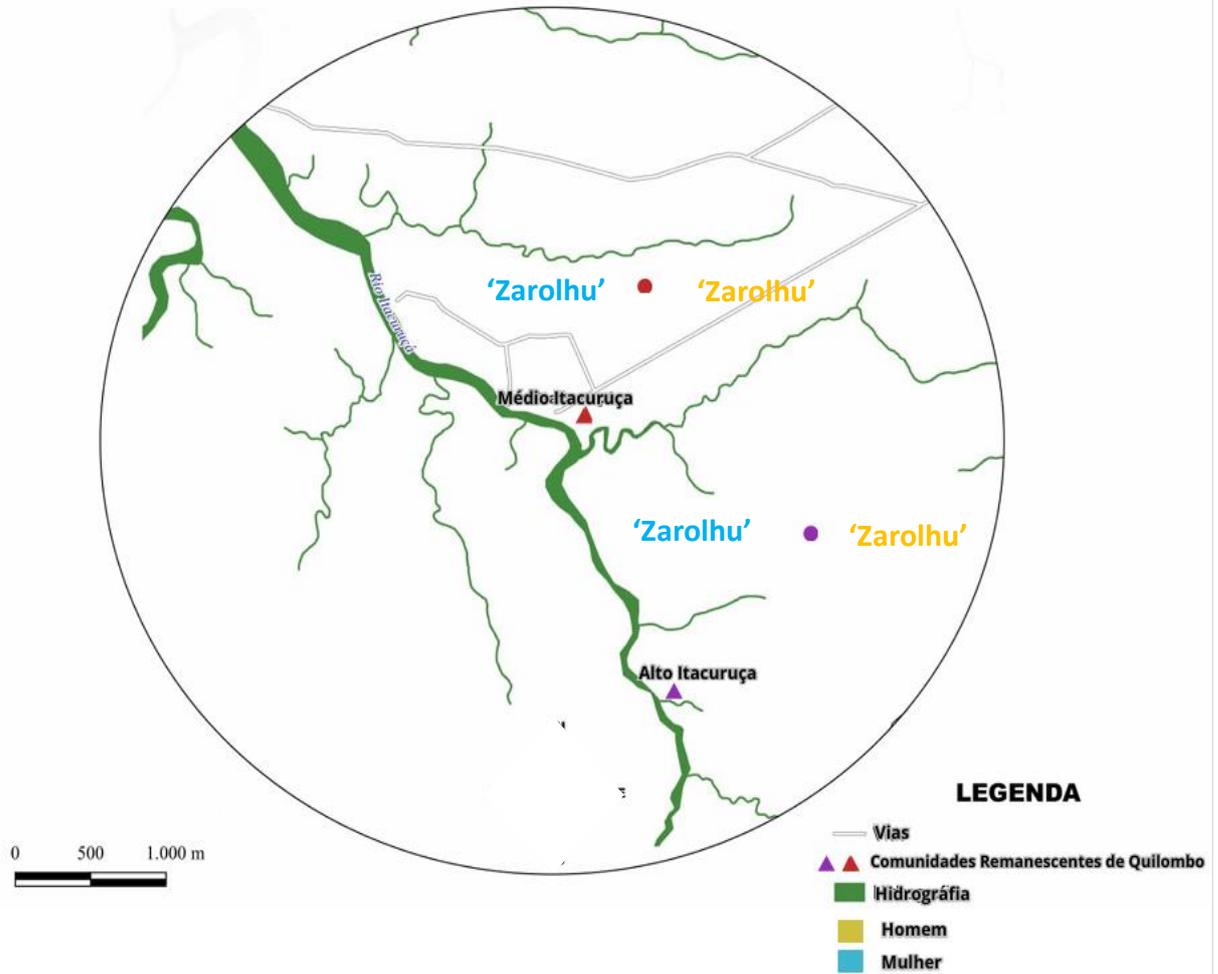
Expressão usada para caçoar de pessoas que falam “diferentes” ou pelo nariz. [...] “Aquele zito que nasceu fonfon na fala [...]”.

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 109

Como chamam a pessoa que tem os olhos olhando em direção diferente?
(Completar com um gesto dos dedos)

QSL (ALiB- 2005)- Vesgo.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 110

Como chamam a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

QSL (ALiB- 2005)- Míope.

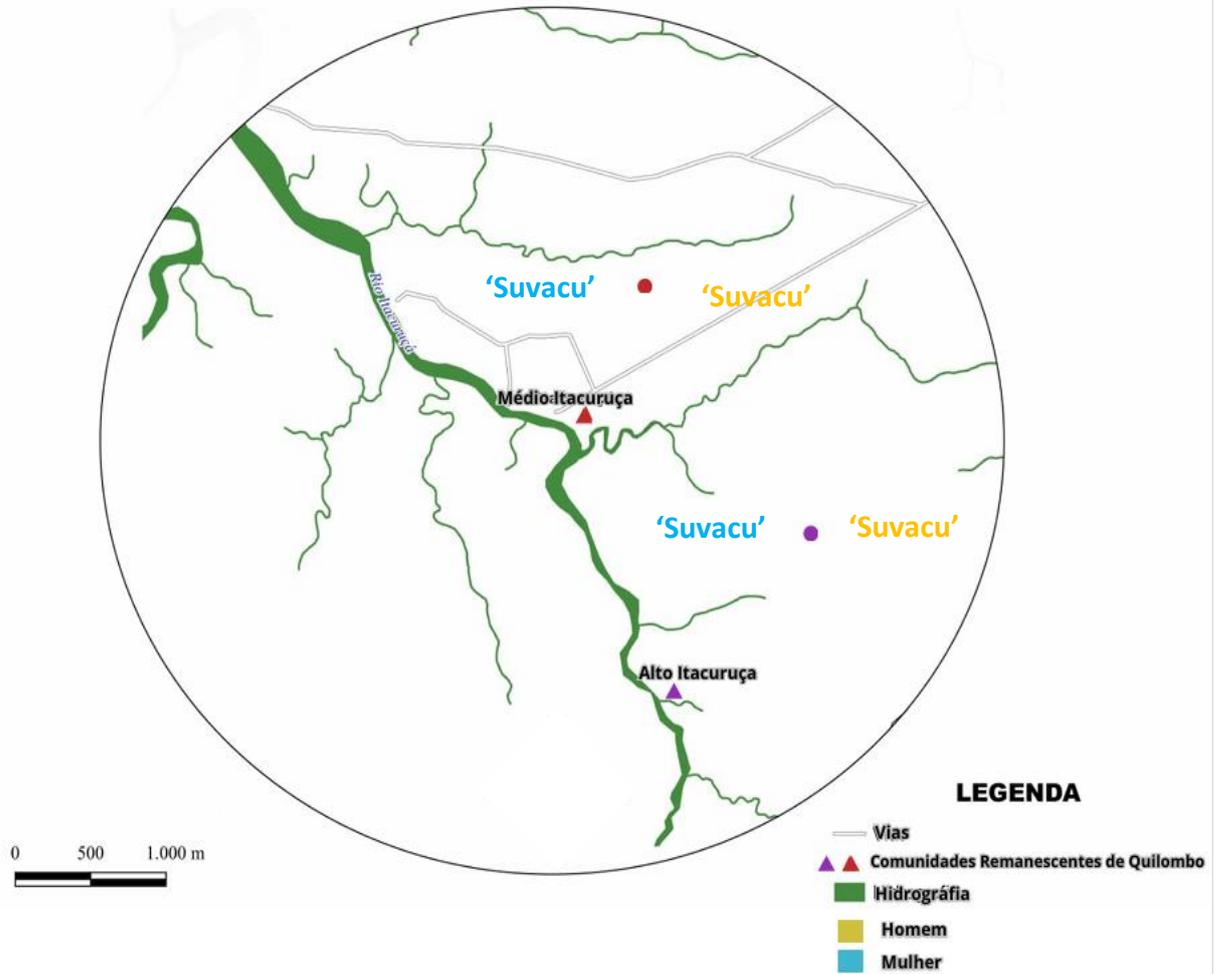


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 121

Como chamam esta parte aqui? (Apontar)

QSL (ALiB- 2005)- Axila.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Com relação à carta lexical de nº. 92 - **Como chamam esta parte que cobre os olhos?** É possível identificar 03 (três) variantes lexicais: 'lenço do olhu' (75%); 'peli' (10%) e 'capa' (15%), todas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% –'lenço do olhu' (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)–Pálpebras, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 93 - **Como chamam isto? Está parte do corpo (Apontar)** É possível identificar 03 (três) variantes lexicais: 'totuçu' (75%); 'cangoti' (20%) e 'pescoçu' (5%), todas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% –'totuçu' (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)–nuca, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº.100- **Como chamam o osso redondo que fica na frente do joelho?** É possível identificar 03 (três) variantes lexicais: 'capa du juelhu' (80%); 'bola' (10%) e 'rótula' (10%) todas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% –'capa du juelhu' (80%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)– rótula, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 106- **Como chamam a pessoa que parece falar pelo nariz? (Imitar)?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'Fonfon' (75%) e 'fanhu' (25%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% –'fonfon' (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)–Fanhoso, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº.109- **Como chamam a pessoa que tem os olhos olhando em direção diferente? (Completar com um gesto dos dedos)** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'zarolhu' (75%) e 'tortu' (25%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior

a 75% –‘zarolhu’ (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)–Vesgo, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 110- **Como chamam a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: ‘farta da vista’ (75%) e ‘vista falha’ (25%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75%–‘farta da vista’(75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Míope, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº.121- **Como chamam esta parte aqui? (Apontar) ?** É possível identificar 01 (uma) variante lexical: ‘suvacu’ (100%), a lexia manifesta registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, permitindo elaborar carta lexical. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)– Axila, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

A Tabela 8, relativa ao campo semântico VIII- Convívio e comportamento social, reúne as questões de número 124 a 129 propostas pelo pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 02 (duas) cartas lexicais que representem o campo semântico convívio e comportamento social.

Tabela 8: Campo semântico VIII- Convívio e comportamento social.

Questão	Variante ALiB	Nº . Variantes	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos reais	Efetivos percentuais	1	2
124	Pessoa tagarela	02	‘Letrola’ ‘Faladera’	15b	75%	X	X
125	Pessoa pouco inteligente	02	‘Burra’ ‘Cabeça dura’	13	65%	X	X
126	Pessoa sovina	02	‘Nonô’ ‘Mãu di vaca’	15	75%	X	X
127	Mau pagador	03	‘Caloteru’ ‘Pilantra’ ‘Inroladu’	13	65%	X	X
128	Assassino pago	02	‘Matado’ ‘Incomendadu’	14	70%	X	X
129	Posseiro	02	‘Ocupador’ ‘Invaso’	14	70%	X	X

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 08- Campo semântico – Convívio e comportamento social-, representa o *corpus* de todas as lexias registras em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 04 (quatro) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 125 ('Burra'/'Cabeça dura'); 127 ('Caloteru'/'Pilantra'/'inroladu'); 128 ('Matado'/'Incomendadu') 129 ('Ocupador'/'Invaso').

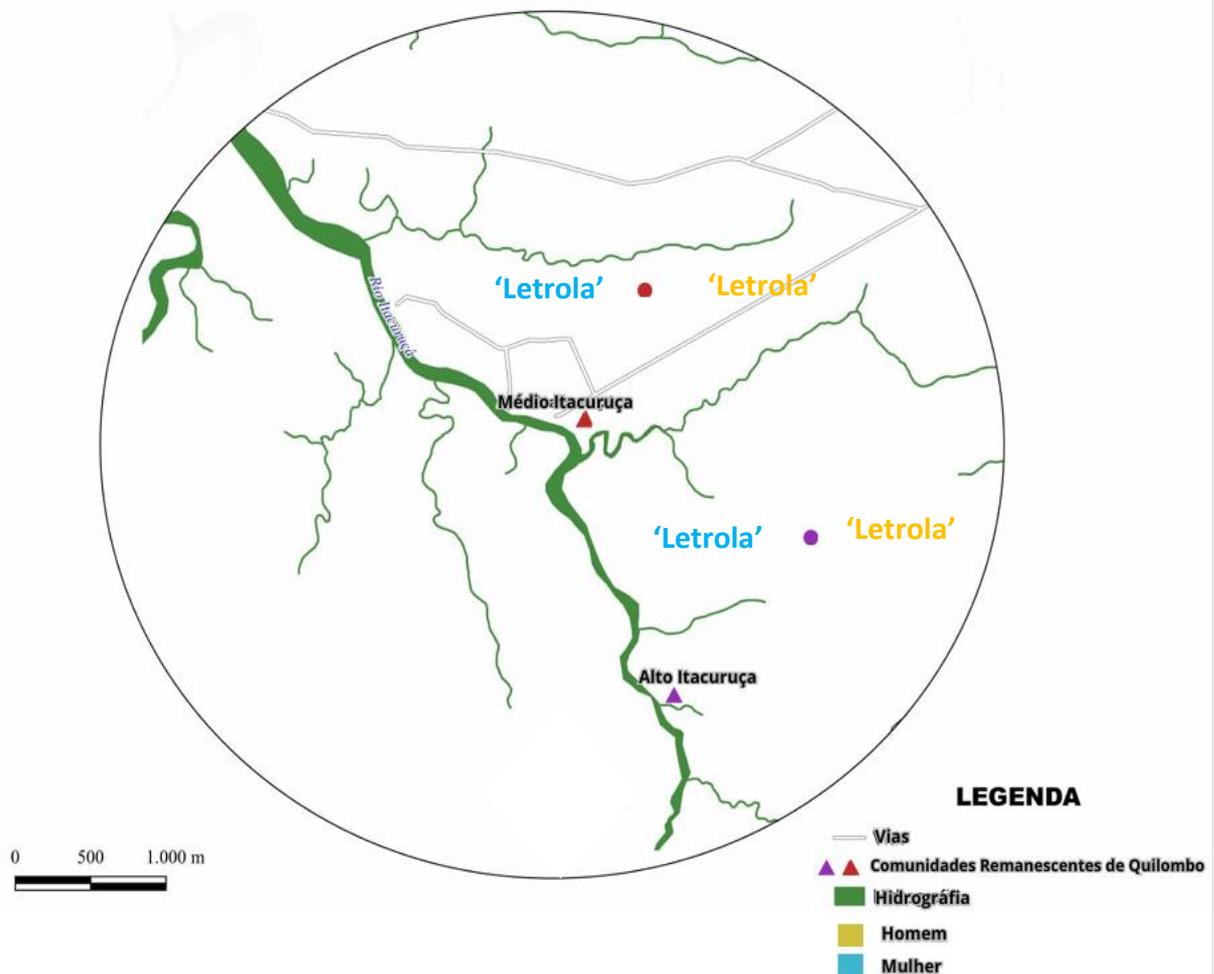
A tabela também permite representar 02 (duas) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 02 (duas) Cartas Lexicais, são: 124 ('Letrola'/'faladera'); 126 ('Nonô'/'Mãu di vaca').

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 02 (duas) que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá – Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 124

Como chamam a pessoa que fala demais?

QSL (ALiB- 2005)- Pessoa tagarela.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

'LETROLA': Adj. de valor pejorativo.

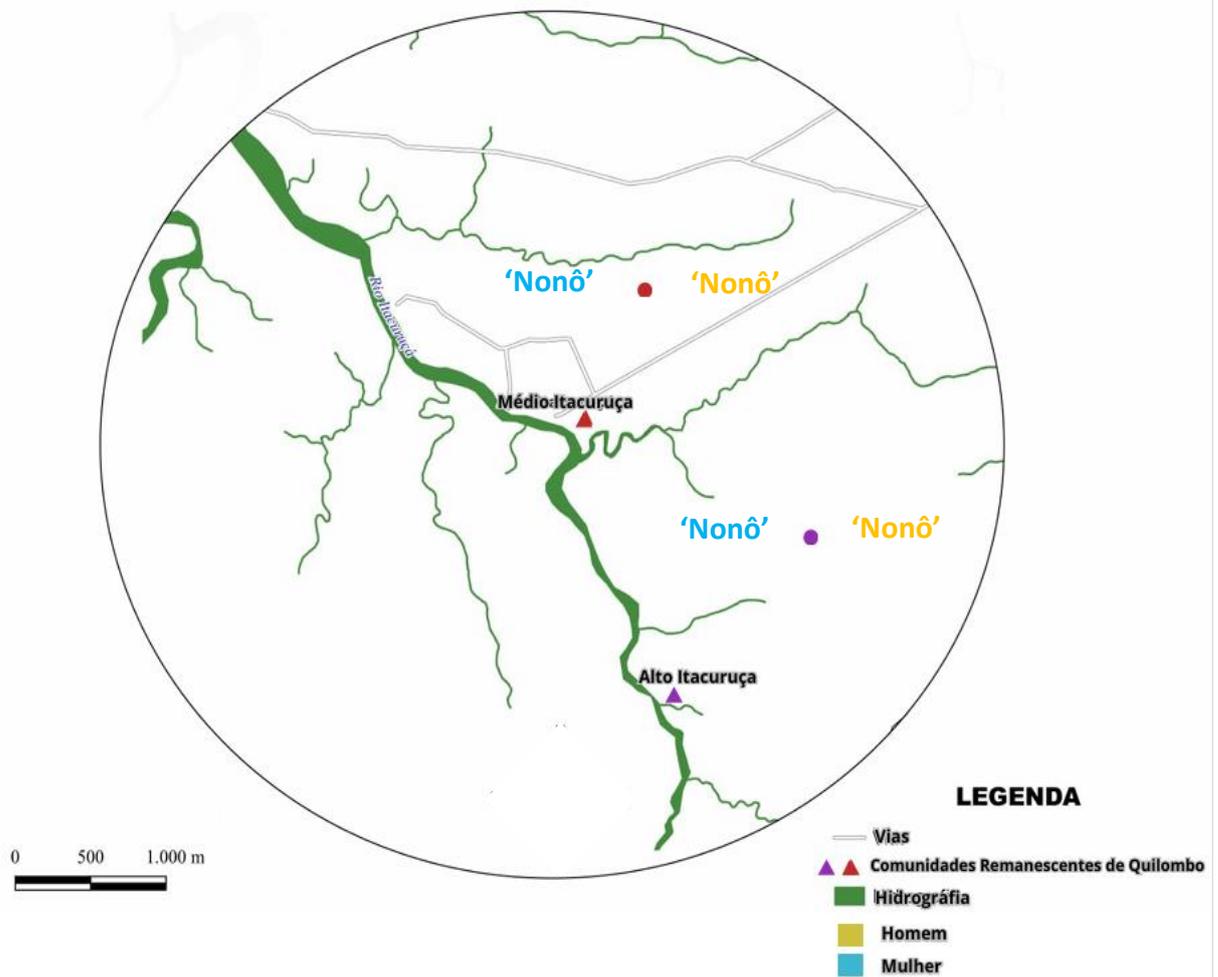
Expressão usada para pessoas que não deixam o outro falar [...] Fulano fala muito, “mais que dá conta”, chega enjoa o ouvido, é um letrola [...].

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 126

Como chamam a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, e às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

QSL (ALiB- 2005)- Pessoa sovina.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Com relação à carta lexical de nº. 124- **Como chamam a pessoa que fala demais?** É possível identificar duas variantes lexicais: 'letrola' (75%) e 'faladera' (25%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'letrola' (75%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)–Pessoa tagarela, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº.126- **Como chamam a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, e às vezes, até passa dificuldades para não gastar?** É possível identificar duas variantes lexicais: 'nonô' (75%) e 'mãu di vaca' (25%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'nonô' (75%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- **Pessoa sovina**, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Campo semântico IX- Ciclos da vida.

A Tabela 9, relativa ao campo semântico IX- Ciclos da vida, reúne as questões de número 130 a 148 propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 06 (seis) cartas lexicais que representem o campo semântico Ciclos da vida.

Tabela 9: Campo semântico IX- Ciclos da vida.

Questão	Variante ALiB	Nº Variantes	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos linguísticos	
			Transcrição gramática Lexias	Efetivos Reais	Efetivos percentuais	1	2
130	Menstruação	03	'Regras' 'Bodi' 'Menstruaçu'	15	75%	X	X
131	Entrar na menopausa	02	'Sem regras' 'Menopausa'	14	70%	X	X
132	Parteira	02	'Partera' 'Curadera'	16	80%	X	X
133	Dar à luz	02	'Pari' 'Entra em trabalho'	16	80%	X	X
134	Gêmeos	01	'Gêmius'	20	100%	X	X
135	Aborto	02	'Perdê' 'Joga'	13	65%	X	X
136	Abortar	01	'Joga' 'Aborta'	12	60%	X	X
137	Ama-de-leite	02	'Segunda mãe' 'Mãe di cria'	15	75%	X	X
138	Irmão de leite	02	'Irmão di criação' 'di nascidu'	14	70%	X	X
139	Filho adotivo	02	'Filhu du coração' 'Adotadu'	13	65%	X	X
140	Filho mais novo	02	'Menor' 'Caçula'	12	60%	X	X
141	Menino	02	'Rapazitu' 'Mininu'	15	75%	X	X
142	Menina	01	'Minina'	20	100%	X	X
143	Acompanhante dos namorados	02	'Vigia' 'Vela'	14	70%	X	X
144	Marido enganado	03	'Traidô' 'Besta' 'Cornu'	14	70%	X	X
145	Prostituta	03	'Mulhe da vida' 'Prostituta' 'Piriqueti'	12	60%	X	X
146	Defunto	02	'Finadu' 'Corpu'	16	80%	X	X
147	Madrasta	01	'Madrasta'	20	100%	X	X
148	Xará	02	'Cumpadi' 'Xará'	15	75%	X	X

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 09- Campo semântico – Ciclos da vida-, representa, o *corpus*, todas as lexias registras em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 09 (nove) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 131 (*sem regras/menospausa*); 135 (*Perdê/Joga*); 136 (*Jogar/Aborta*); 138 (*Irmão di criação/ di nascidu*); 139 (*Filhu du coração/Adotadu*); 140 (*Menor/caçula*); 143 (*Vigia/Vela*); 144 (*Traidô/ Besta/Cornu*); 145 (*Mulher da vida/Prostituta/Pirigueti*).

Registra-se 04 (quatro) lexias que coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, porém pelo critério: ser diferente do proposto pelo ALiB, estas lexias não compõem Cartas Lexicais, são: 132 (*Partera/Curadera*); 134 (*Gêmius*); 142 (*Minina*); 147 (*Madrasta*).

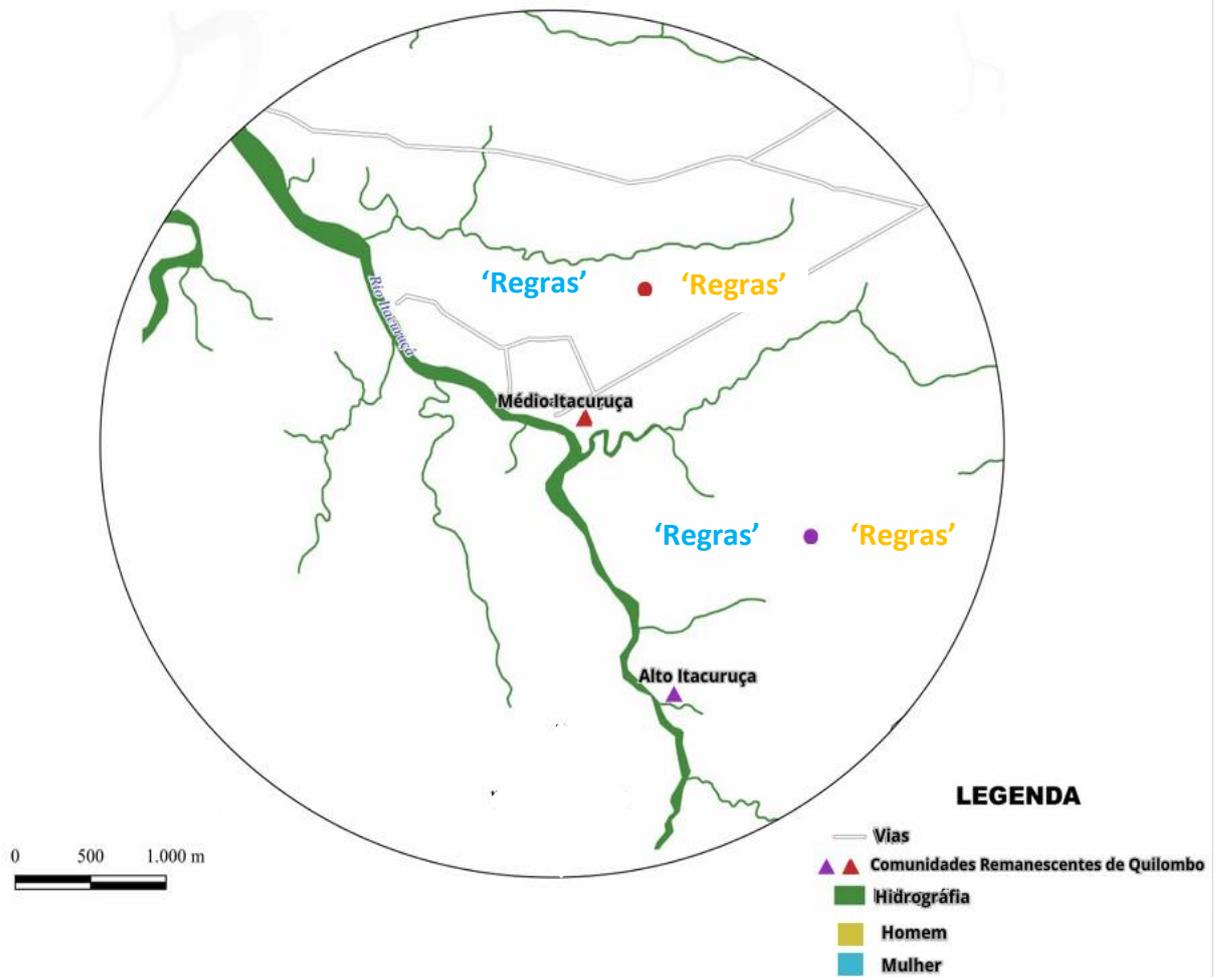
A tabela também permite representar 06 (seis) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 04 (quatro) Cartas Lexicais, são: 130 (*regras/Bodi/Menstruaçu*); 133 (*Pari/Entra em trabalho*); 137 (*Segunda mãe/Mãe di cria*); 141 (*Rapazitu/Mininu*); 146 (*Finadu/Corpu*); 148 (*Cumpadi/Xará*).

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 06 (seis) lexias que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá – Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 130

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

QSL (ALiB-2005)- Menstruação.

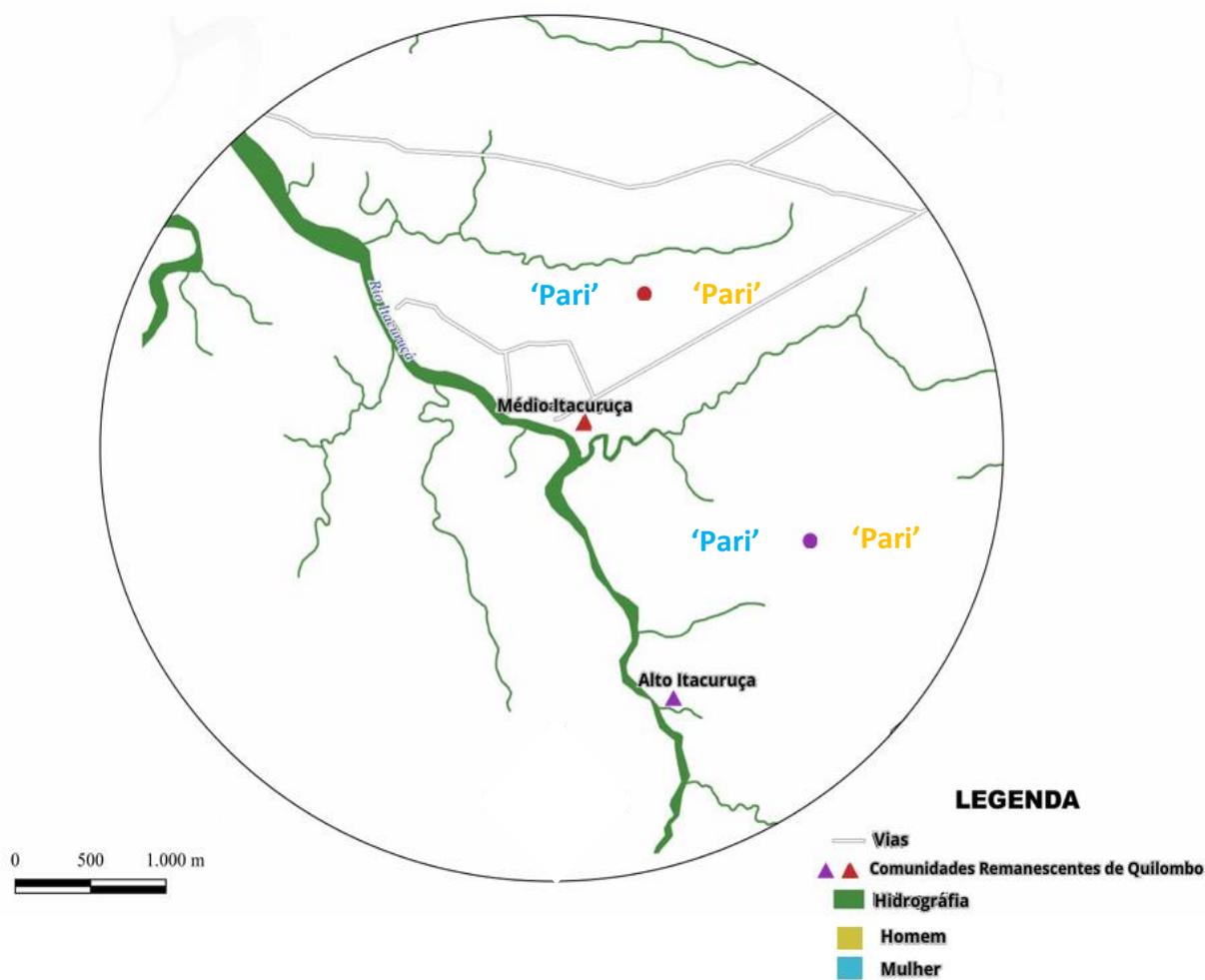


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 133

Chama-se (item 132) quando a mulher está para...?

QSL (ALiB- 2005)- Dar à luz.

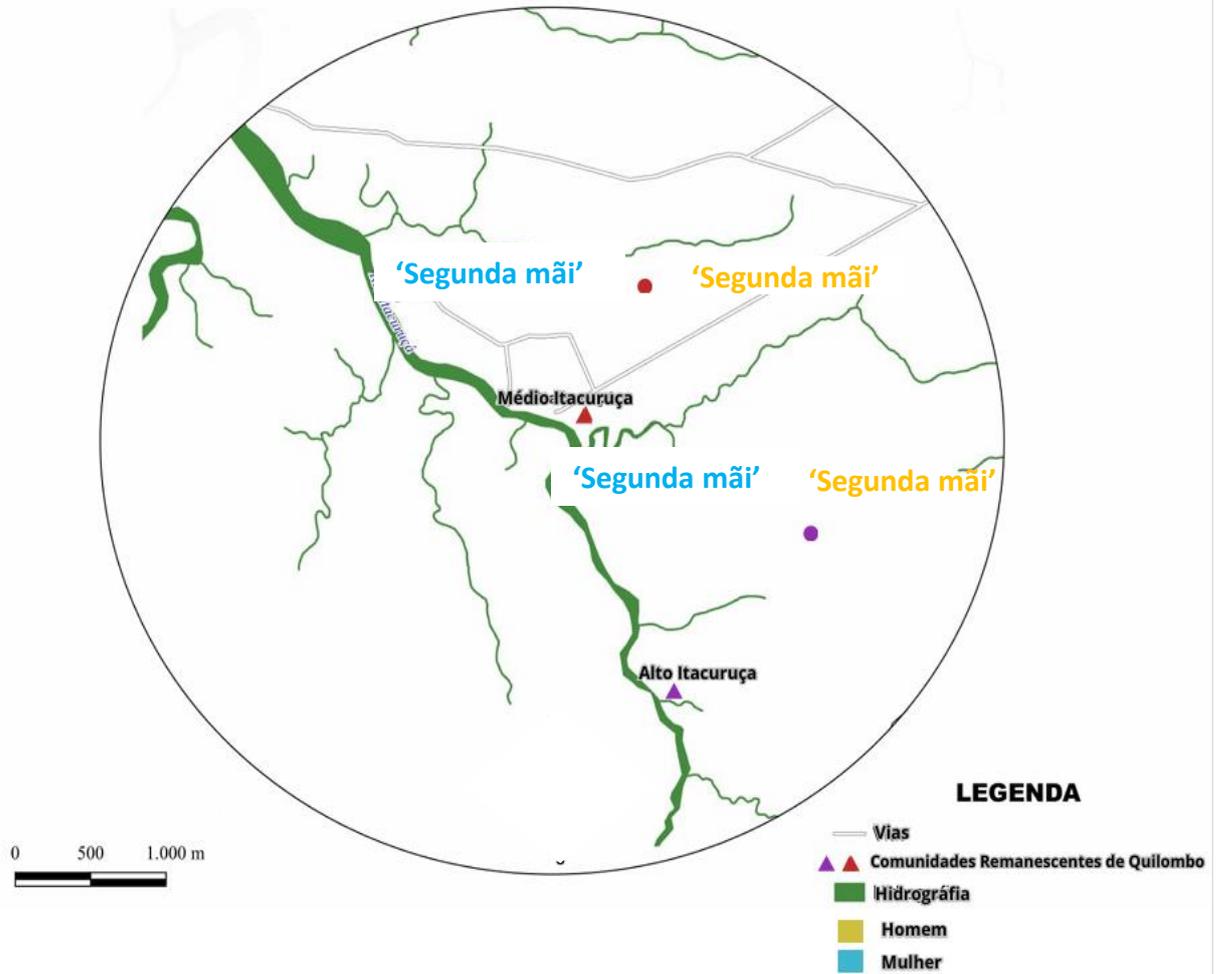


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 137

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

QSL (ALiB- 2005)- Ama-de-Leite.

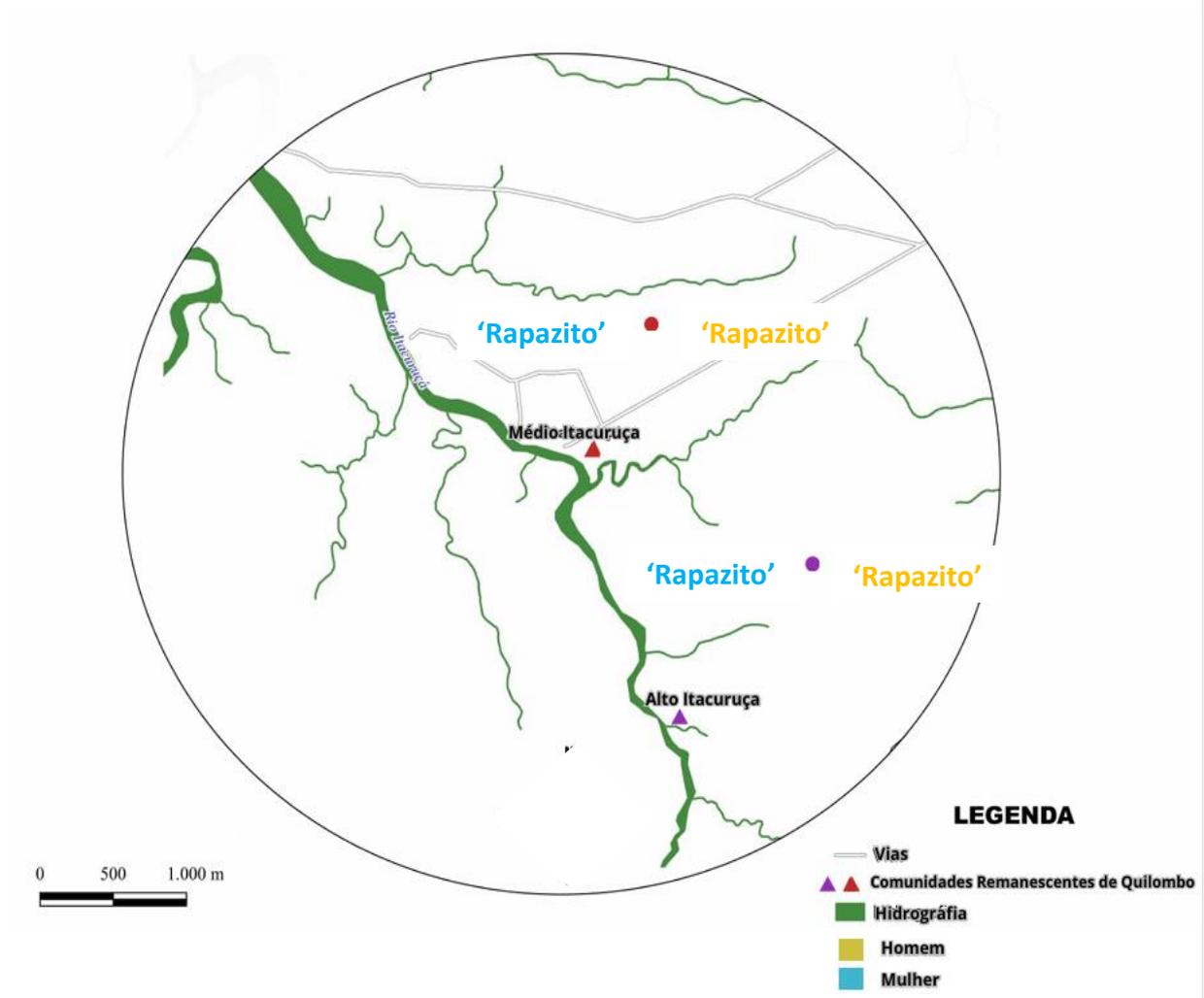


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 141

Como chamam a criança de 05 a 10 anos do sexo masculino?

QSL (ALiB- 2005)- Menino.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

RAPAZITU: subs.

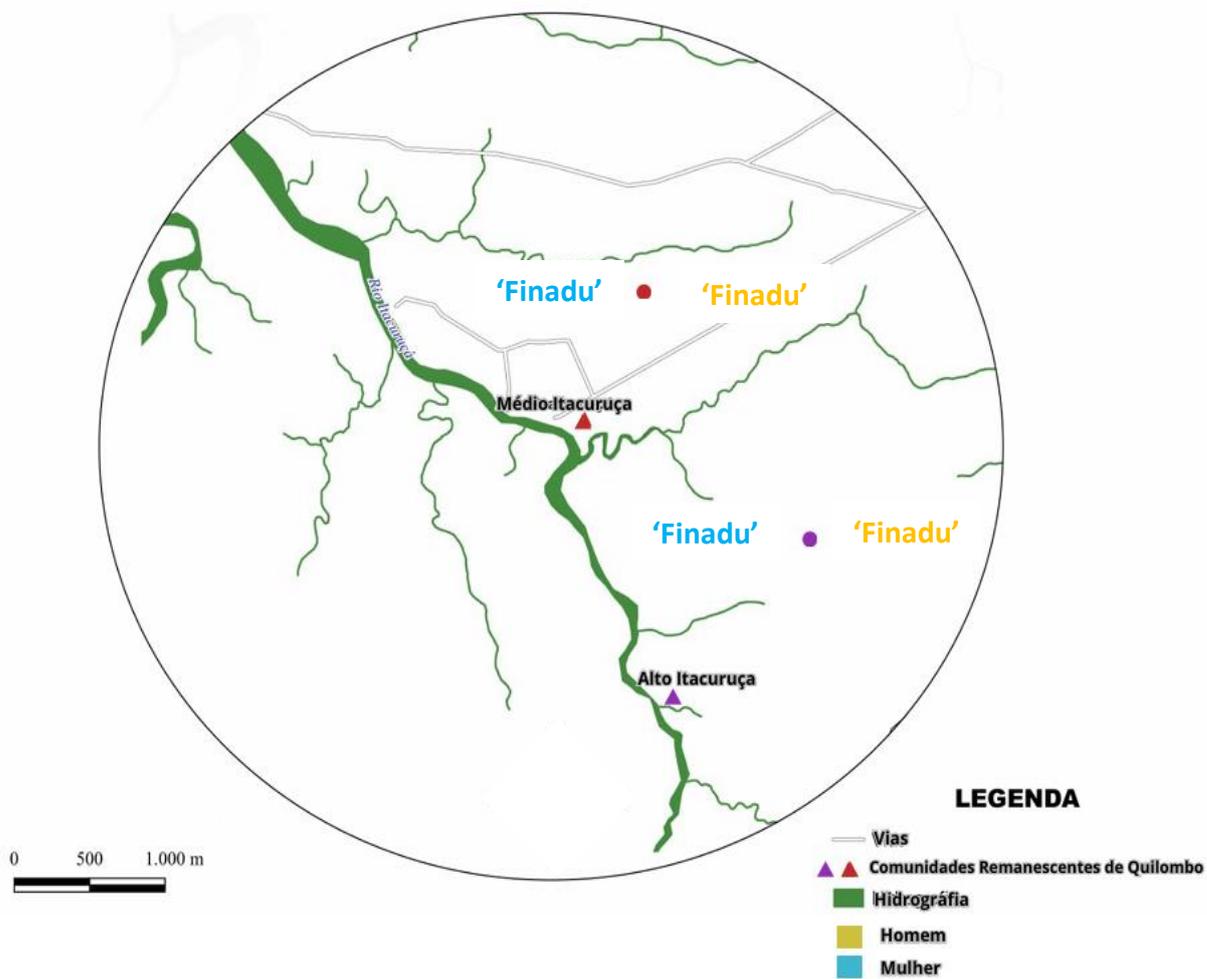
Expressão usada para designar menino diferente [...] “Cheguei na escola junto com aquele rapazitu aculá” [...].

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 146

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

QSL (ALiB- 2005)- Defunto

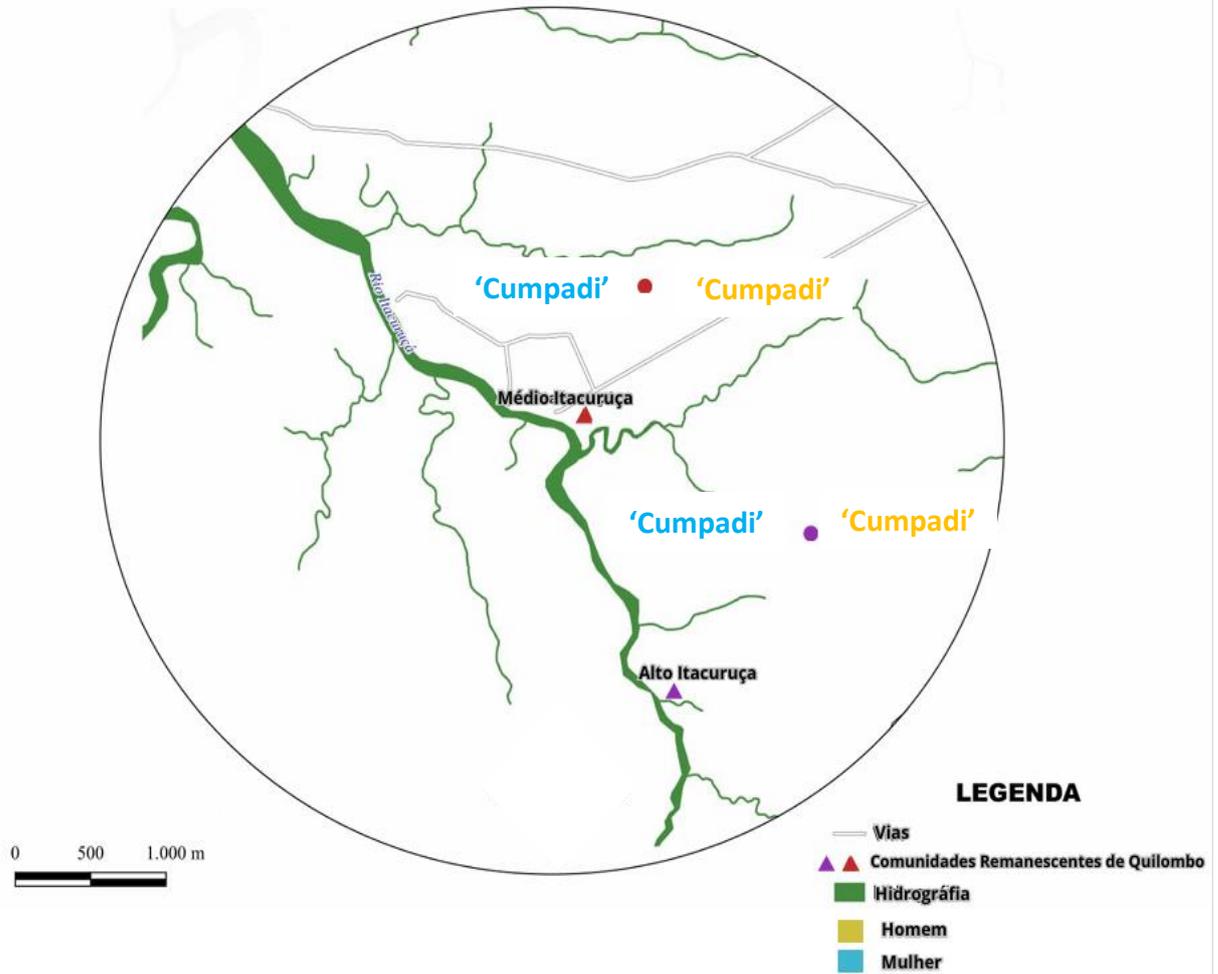


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 148

Como chamam a pessoa que tem o mesmo nome que a gente?

QSL (ALiB- 2005)- Xará.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Com relação à carta lexical de nº.130- **As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?** É possível identificar 03 (três) variantes lexicais: 'regras' (75%); 'Bodi' (10%) e menstruação (15%), todas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'regras' (75%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- menstruação, a mesma não manifesta-se nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº.133- **Chama-se (item 132) quando a mulher está para...?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'Pari' (80%) e 'entra em trabalho' (20%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'Pari' (80%)'. Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Dar à luz, a mesma não manifesta-se nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 137- **Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'segunda mãe' (75%) e 'mãe di cria' (25%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% - "segunda mãe" (75%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Ama-de-leite, a mesma não manifesta-se nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº.141- **Como chamam a criança de 05 a 10 anos do sexo masculino?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'rapazitu' (75%) e 'mininu' (25%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -"rapazitu" (75%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Menino, a mesma não manifesta-se nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 146- **Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'finadu' (80%) e 'corpu' (20%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite

elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -‘finadu’ (80%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)-Defunto, a mesma não manifesta-se nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº.148- **Como chamam a pessoa que tem o mesmo nome que a gente?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: ‘cumpadi’ (75%) e ‘xará’ (25%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -‘cumpadi’ (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005) — xará, esta se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados, porém sem representatividade significativa na fala da maioria dos moradores do quilombo.

Campo semântico X- Religiões e crenças.

A Tabela 10, relativa ao campo semântico X- Religiões e crenças, reúne as questões de número 149 a 157 propostas pelo pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 05 (cinco) cartas lexicais que repretam o campo semântico Religiões e crenças.

Tabela 10: Campo semântico X- Religiões e crenças.

Questão	Variante ALiB	Nº Variantes	Variante de maior frequência no corpus selecionado para análise.			Pontos linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos Reais	Efetivos Percentuais	1	2
149	Diabo	03	‘Tentadô’ ‘Demôniu’ ‘infurecidu’	16	80%	X	X
150	Fantasma	03	‘Alma du outru mundu’ ‘Sombra’ ‘Vizagi’	13	65%	X	X
151	Feitiço	03	‘Trabalhu feitu’ ‘Macumba’ ‘Dispachu’	14	70%	X	X
152	Amuleto	03	‘Isconjuru’ ‘Amuletu’ ‘Mudanga’	15	75%	X	X
153	Benedera	02	‘Curadera’ ‘Rezadera’	17	85%	X	X
154	Benedor	01	‘Rezadô’	20	100%	X	X
155	Curandeiro	01	‘Curadô’	20	100%	X	X
156	Medalha	02	‘Medalha’ ‘Prêmiu’	14	70%	X	X

157	Presépio	02	'Casinha' 'Presépiu'	13	65%	X	X
-----	----------	----	-------------------------	----	-----	---	---

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 10- Campo semântico – Religiões e crenças-, representa o *corpus* todas as lexias registras em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 04 (quatro) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 150 (*Alma do outro mundo/Sombra/Vizagi*); 151 (*Trabalhu feito/Macumba/Dispachu*); 156 (*Medalha/Prêmio*); 157 (*Casinha/Presépio*).

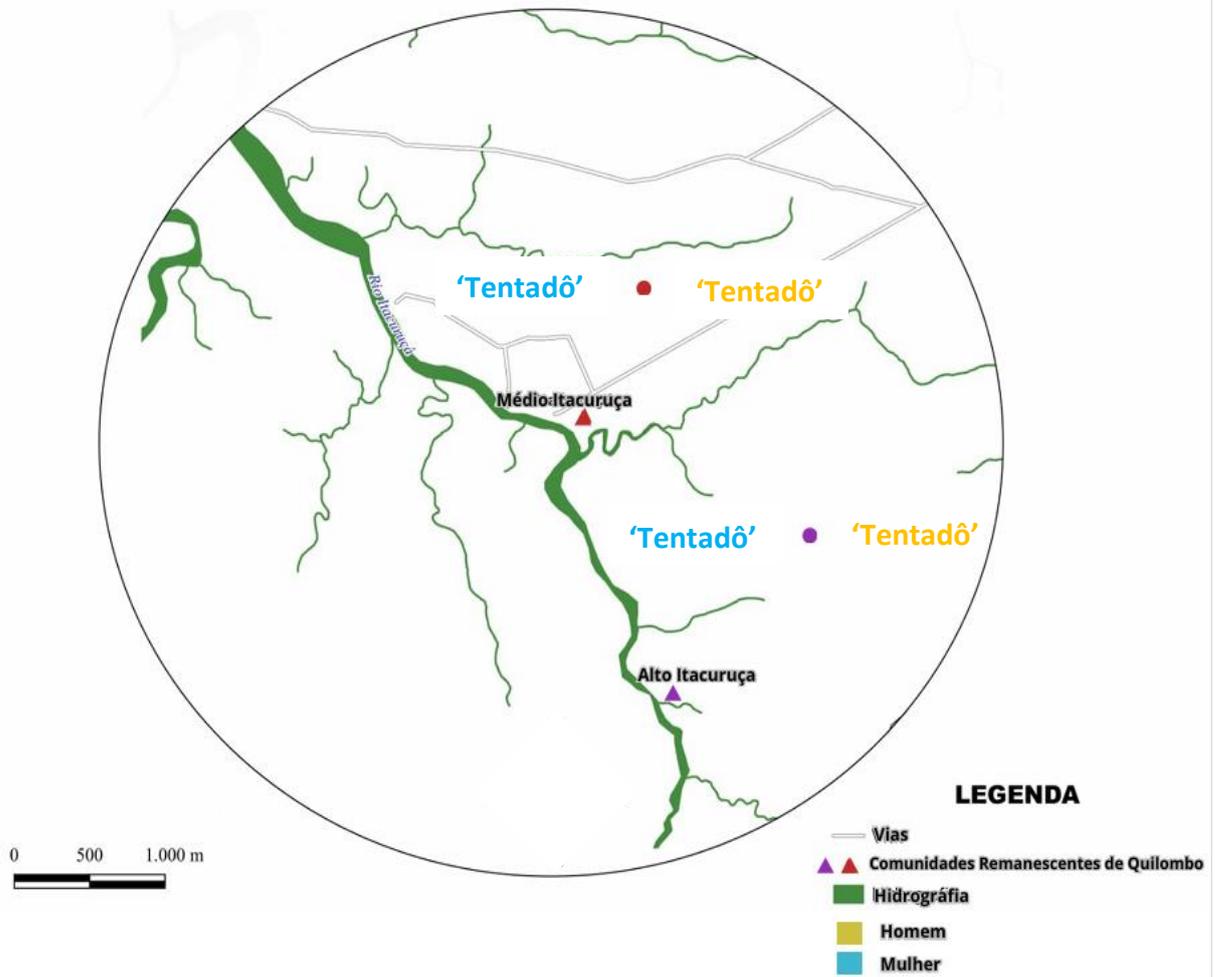
A tabela também permite representar 05 (cinco) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 05 (cinco) Cartas Lexicais, são: 149 (*Tentadô/Demôniu/infurecidu*); 152 (*Isconjuru/Amuletu/Mudanga*); 153 (*Curadera/Rezadera*); 154 (*Rezadô*); 155 (*Curadô*).

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 05 (cinco) lexias que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá – Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 149

Deus está no céu e no inferno está ...?

QSL (ALiB- 2005)- Diabo.

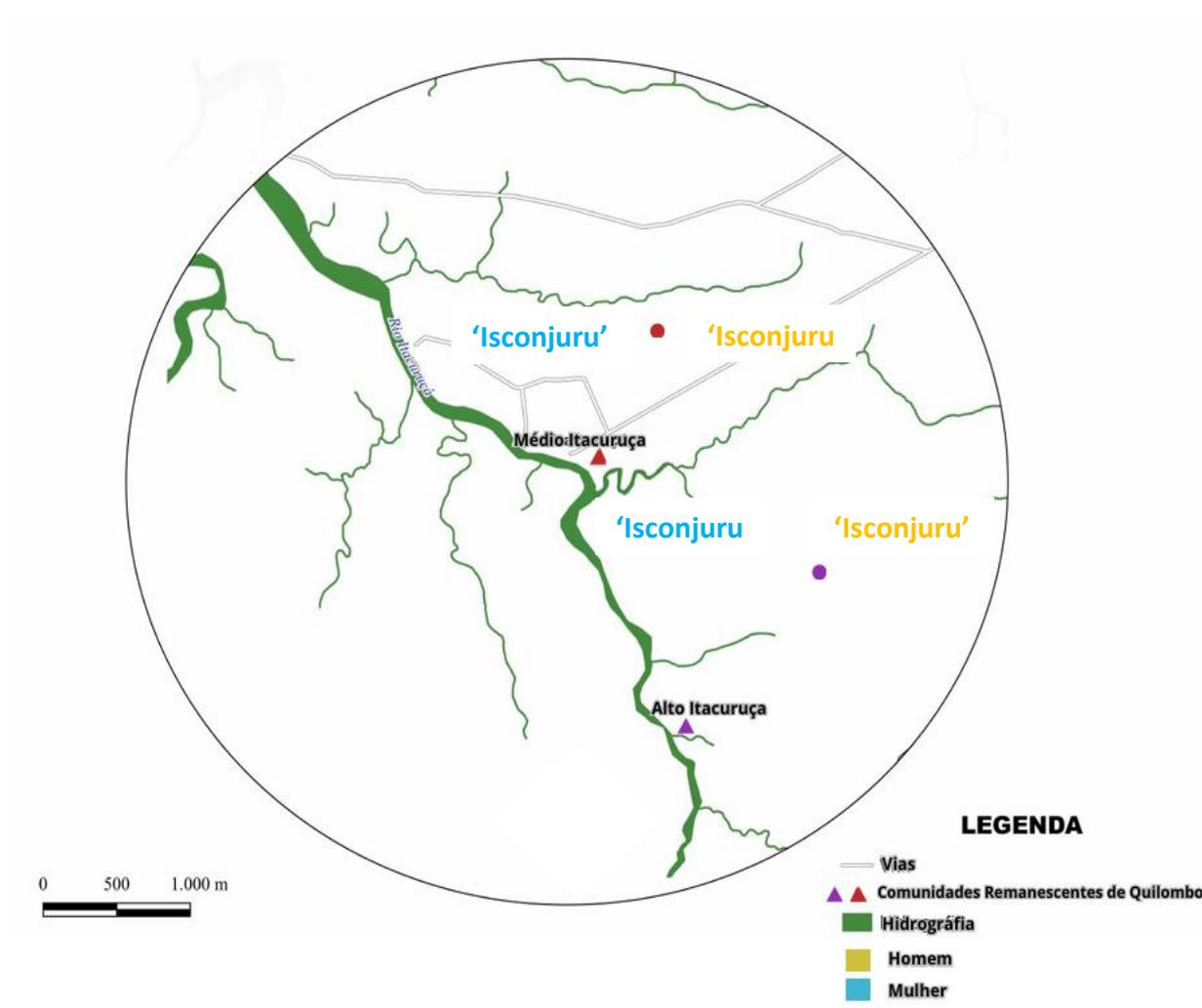


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 152

Como chamam o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

QSL (ALiB-2005)- Amuleto.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

ISCONJURU: Subs.

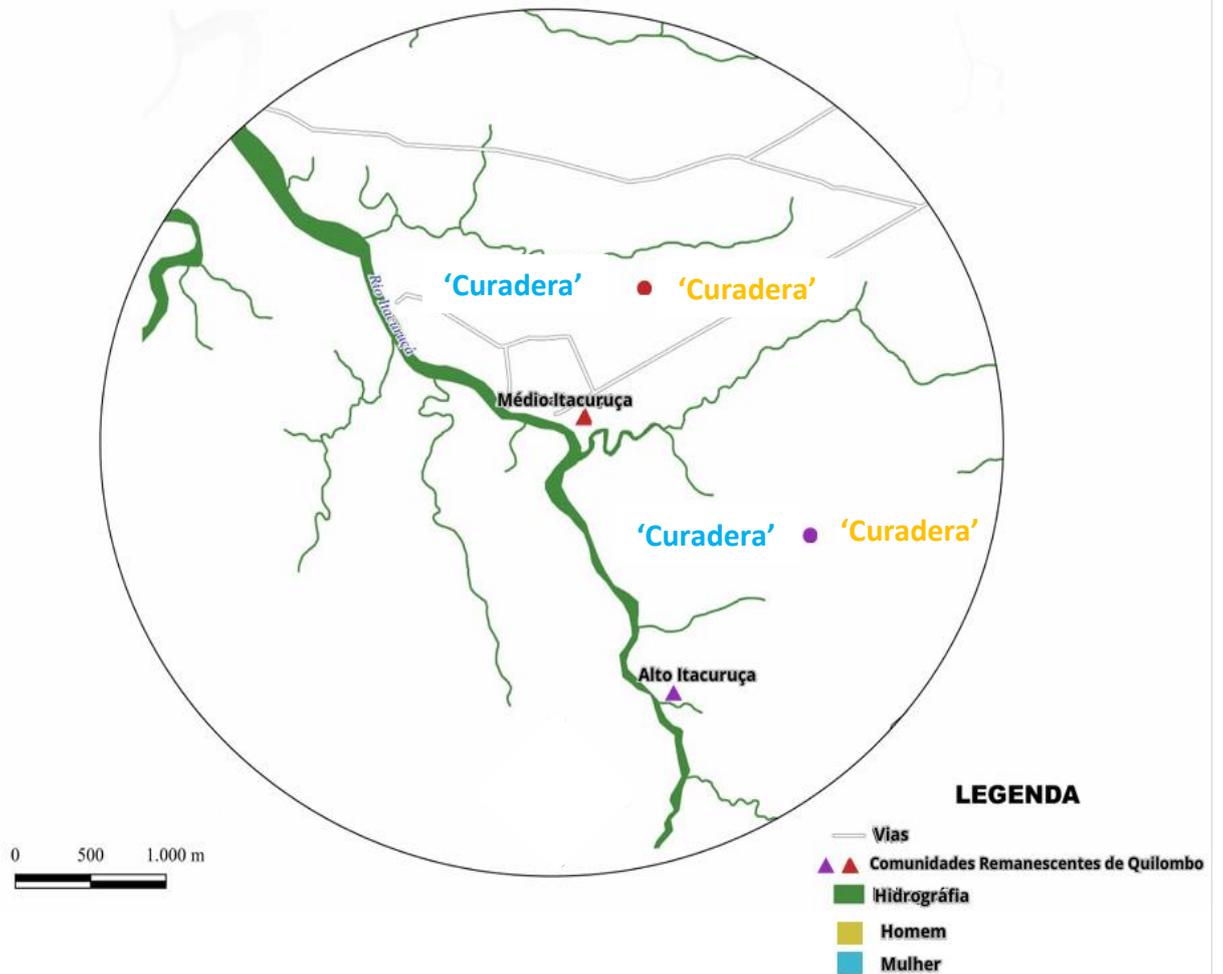
Expressão usada para denominar objeto que afasta coisas ruins [...] “É objeto sagrado, só usa quem tem permissão, é difícil ter um isconjuru, tem que ter muita fé [...].

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 153

Como chamam uma mulher que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?

QSL (ALiB- 2005)- Benzedera.

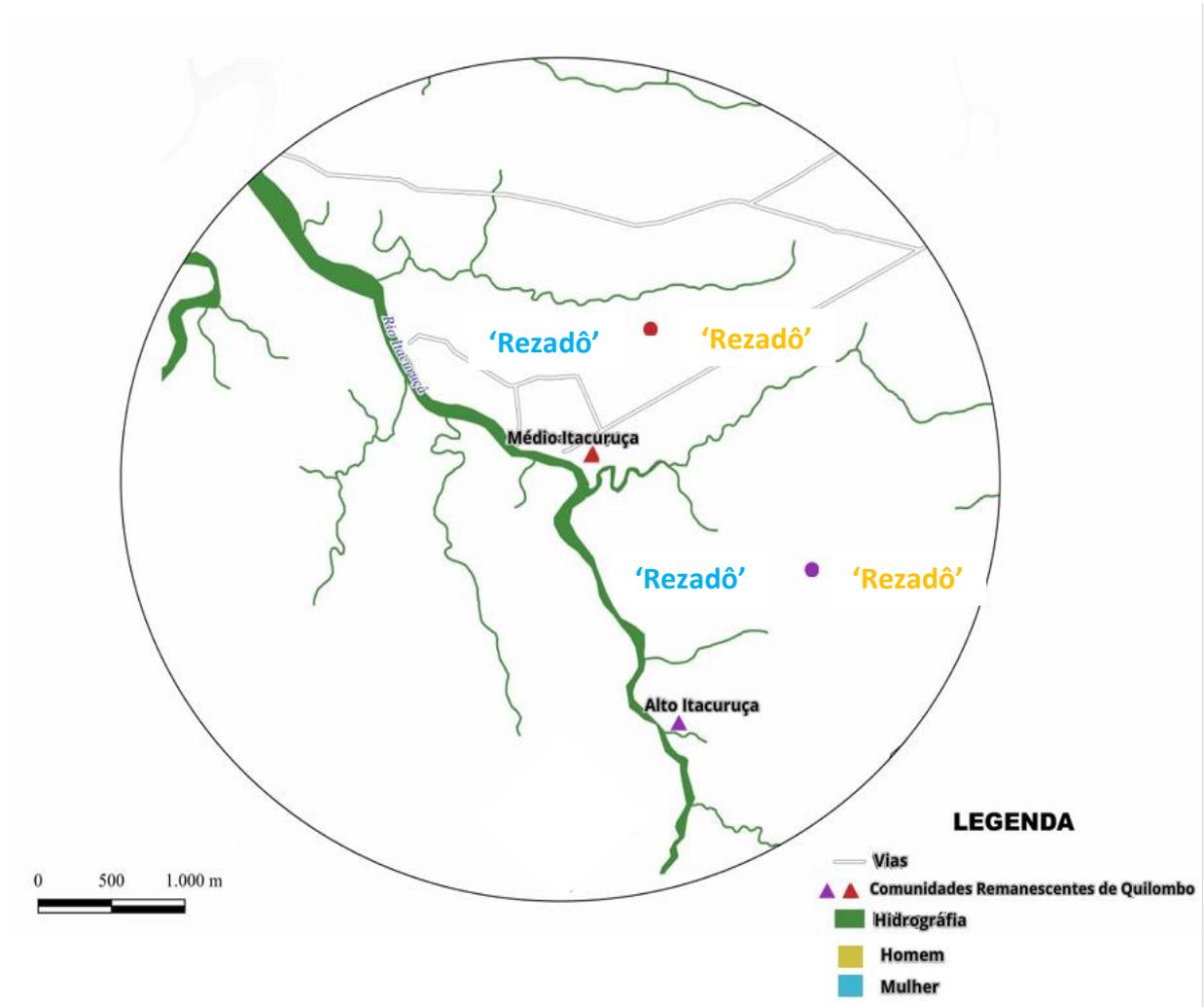


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 154

Como chamam o homem que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?

QSL (ALiB- 2005)- Benzedor.

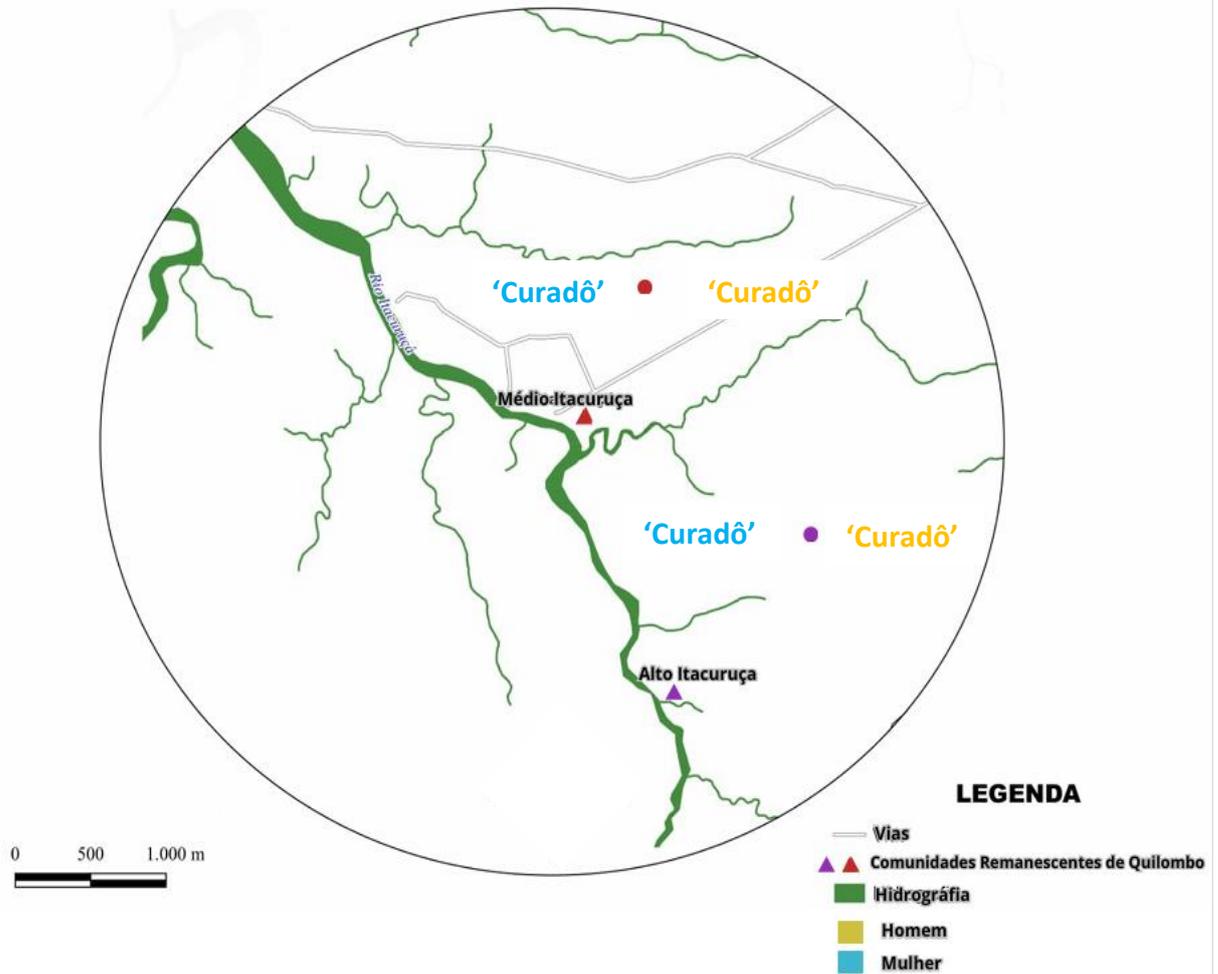


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 155

Como chamam a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

QSL (ALiB- 2005)- Curandeiro.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Com relação à carta lexical de nº.149- **Deus está no céu e no inferno está__?** É possível identificar 03 (três) variantes lexicais: 'tentadô' (80%); 'demôniu' (10%) e 'infurecido' (10%), todas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'tentadô' (80%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005) - Diabo, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 152- **Como é que se refere ao objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?** É possível identificar 03 (três) variantes lexicais: 'isconjuru' (75%); 'Amuletu' (20%) e 'mudanga' (05%), todas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'isconjuru' (75%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Amuleto, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº.153- **Como chamam uma mulher que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?**

É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'curadera' (85%) e 'rezadera' (15%) ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'curadera' (85%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Benzедера, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 154- **Como chamam um homem que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?** É possível identificar 01 (uma) variantes lexicais: 'rezadô' (100%), a lexia manifesta registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Benzedor, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação a carta lexical de nº. 155- **Como é que se referem a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?** É possível identificar 01 (uma) variantes lexicais: 'curadô' (100%) a lexia manifesta registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)-curandeiro, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos

pesquisados.

Campo semântico XI- Festas e divertimentos.

A Tabela 11, relativa ao campo semântico XI- Festas e divertimentos, reúne as questões de número 158 a 176 propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 05 (cinco) cartas lexicais que representam o campo semântico Festas e divertimentos.

Tabela 11: Campo semântico XI- Festas e divertimentos.

Questão	Variante ALiB	Nº Variantes	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos Linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos Reais	Efetivos percentuais	1	2
158	Cambalhota	02	'Vira-vira' 'Cambalhota'	14	70%	X	X
159	Bolinha de gude	01	'Peteca'	20	100%	X	X
160	Estilingue	01	'Elástico'	20	100%	X	X
161	Papagaio de papel	01	'Rabiola'	20	100%	X	X
162	Pipa	01	'Pipa'	20	100%	X	X
163	Esconde-esconde	02	'Pira' 'Pira iscondi'	13	65%	X	X
164	Cabra-cega	02	'Pata cega' 'Pega-pega'	14	70%	X	X
165	Pega-pega	02	'Istatua' 'Coladu'	16	80%	X	X
166	Ferrolho	01	'Ferrolhu'	20	100%	X	X
167	Chicote-queimado/Silêncio atrás/Gato e rato	02	'Pega-pega' 'Pira'	14	70%	X	X
168	Gangorra	02	'Sobe-desce' 'Gangorra'	13	65%	X	X
169	Balanço	01	'Balançu'	20	100%	X	X
170	Amarelinha	01	'Pula-pula'	20	100%	X	X
171	Pessoa que age com desonestidade no jogo	01	'Trapaceru'	20	100%	X	X
172	Pessoa que tem sorte no jogo	01	'Sortudu'	20	100%	X	X
173	A pessoa sem sorte no jogo	01	'Azaradu'	20	100%	X	X
174	Bom jogador	02	'Crake' 'U cara'	13	65%	X	X
175	Mau jogador	02	'Azaradu' 'Pé duru'	14	70%	X	X

176	Pessoa que dança muito bem	02	'Dançarinu' 'Perna di valsa'	13	65%	X	X
-----	----------------------------	----	---------------------------------	----	-----	---	---

Fonte: Pesquisa de campo Sá (2023).

A Tabela 11- Campo semântico – Festas e divertimentos-, representa em *corpus* todas as lexias registras em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 12 (doze) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 158 (*Vira-vira/Cambalhota*); 161 (*Rabiola*); 163 (*Pira/Pira-iscondi*); 164 (*Pata cega/Pega-pega*); 166 (*Ferrolhu*); 167 (*Pega-pega/Pira*); 168 (*Sobi-desci/Gangorra*); 171 (*Trapaceru*); 172 (*Sortudu*); 174 (*Crake/U cara*); 175 (*Azaradu/Pé duru*); 176 (*Dançarinu/Perna di valsa*).

Registra-se 02 (duas) lexias que coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, porém pelo critério: ser diferente do proposto pelo ALiB, estas lexias não compõem Cartas Lexicais, são: 162 (*Pipa*); 169 (*Balançu*).

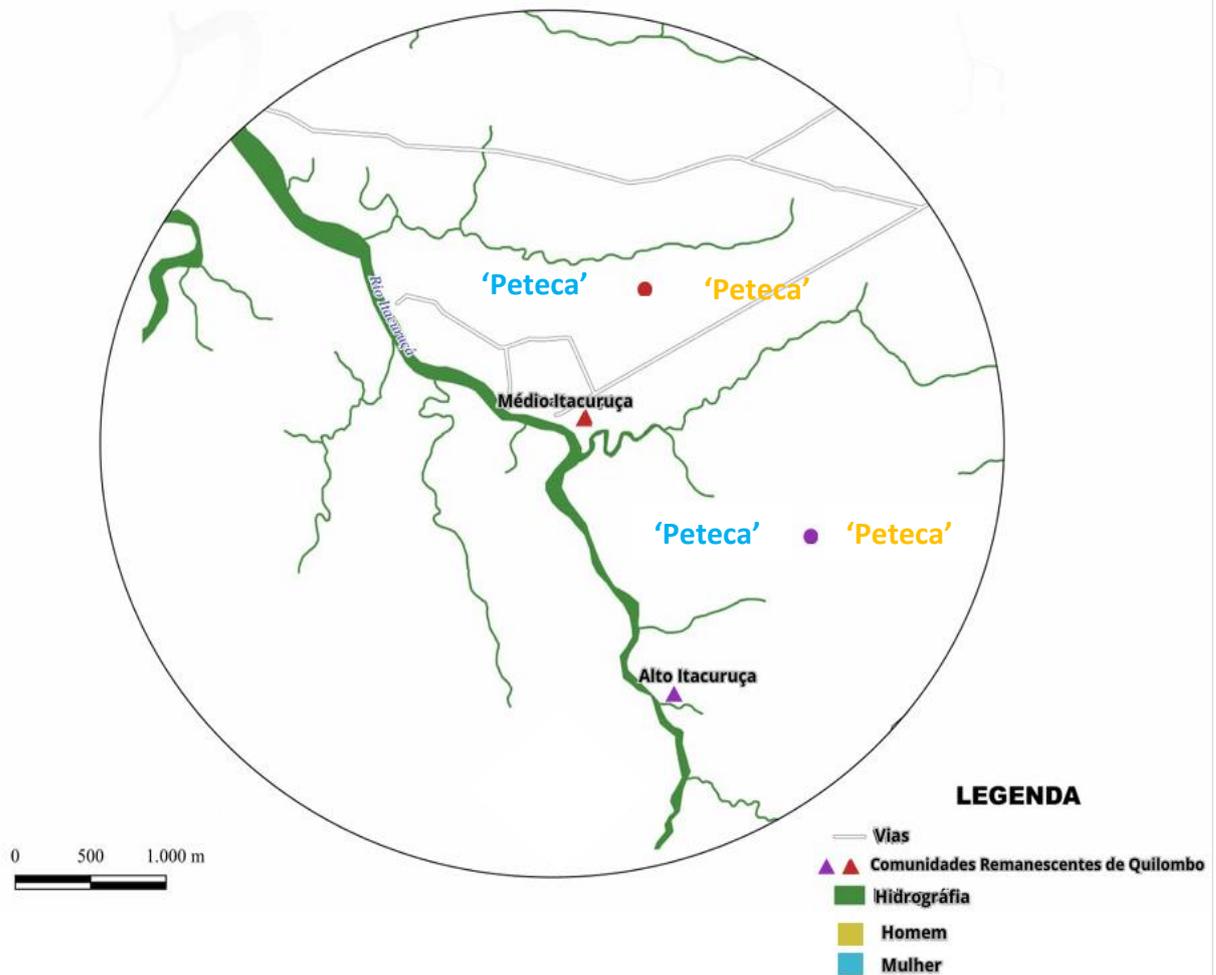
A tabela também permite representar 05 (cinco) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 04 (quatro) Cartas Lexicais, são: 159 (*Peteca*); 160 (*Elástico*); 165 (*Istatua/Coladu*); 170 (*Pula-Pula*); 173 (*Azaradu*).

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 05 (cinco) lexias que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá–Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 159

Como chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

QSL (ALiB-2005)- Bolinha de gude.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

'PETECA': Subs. Feminino

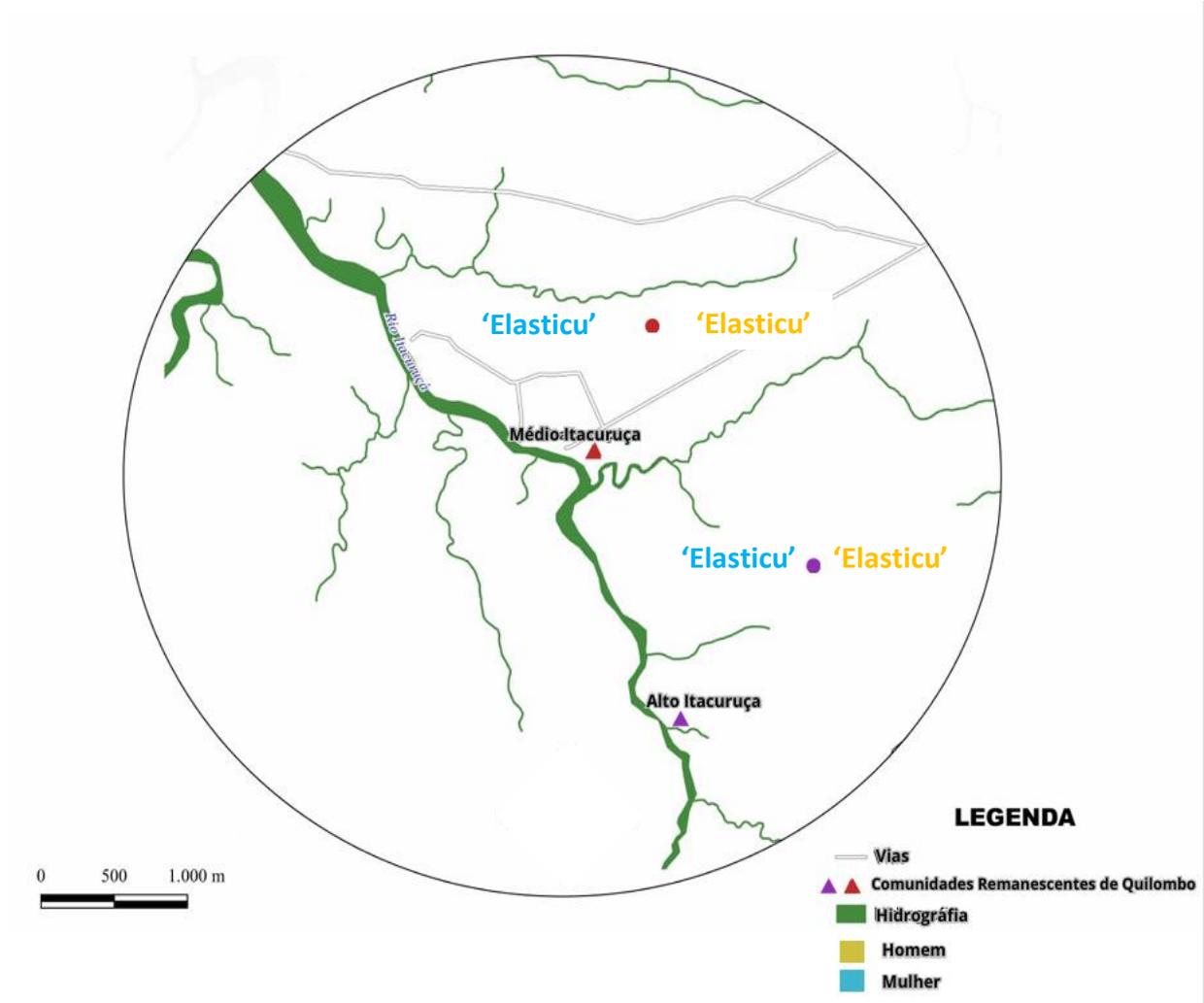
Brinquedo redondo com ou sem folhas, as vezes feito de barro seco [...]”Mas,ah, as crianças só querem ficar na rede, não gostam de ir em riba, esqueceram o que é brincar de “peteca” [...].

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 160

Como é que se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?

QSL (ALiB- 2005)- Estilingue.

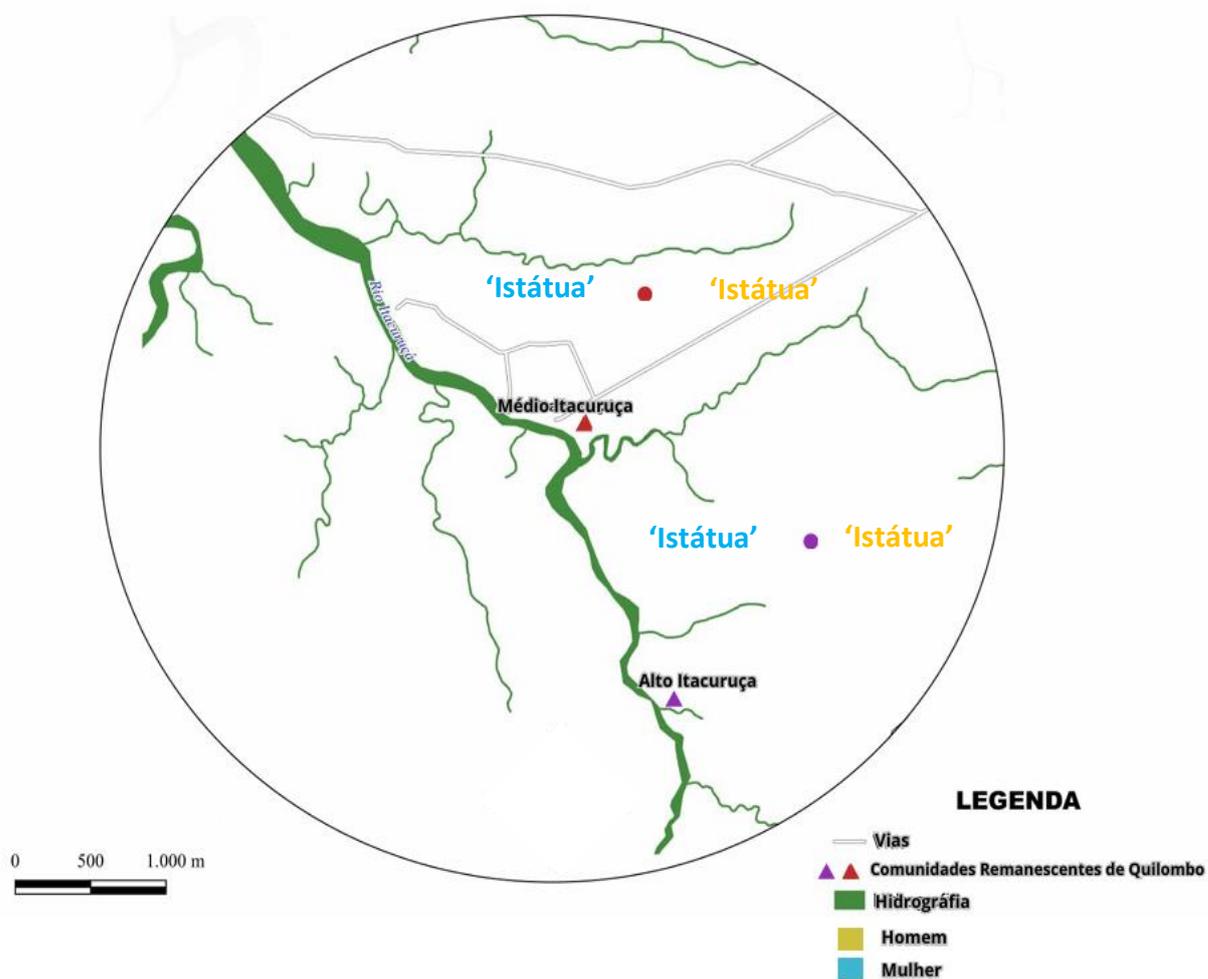


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 165

Como chamam uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

QSL (ALiB- 2005)- Pega-Pega.

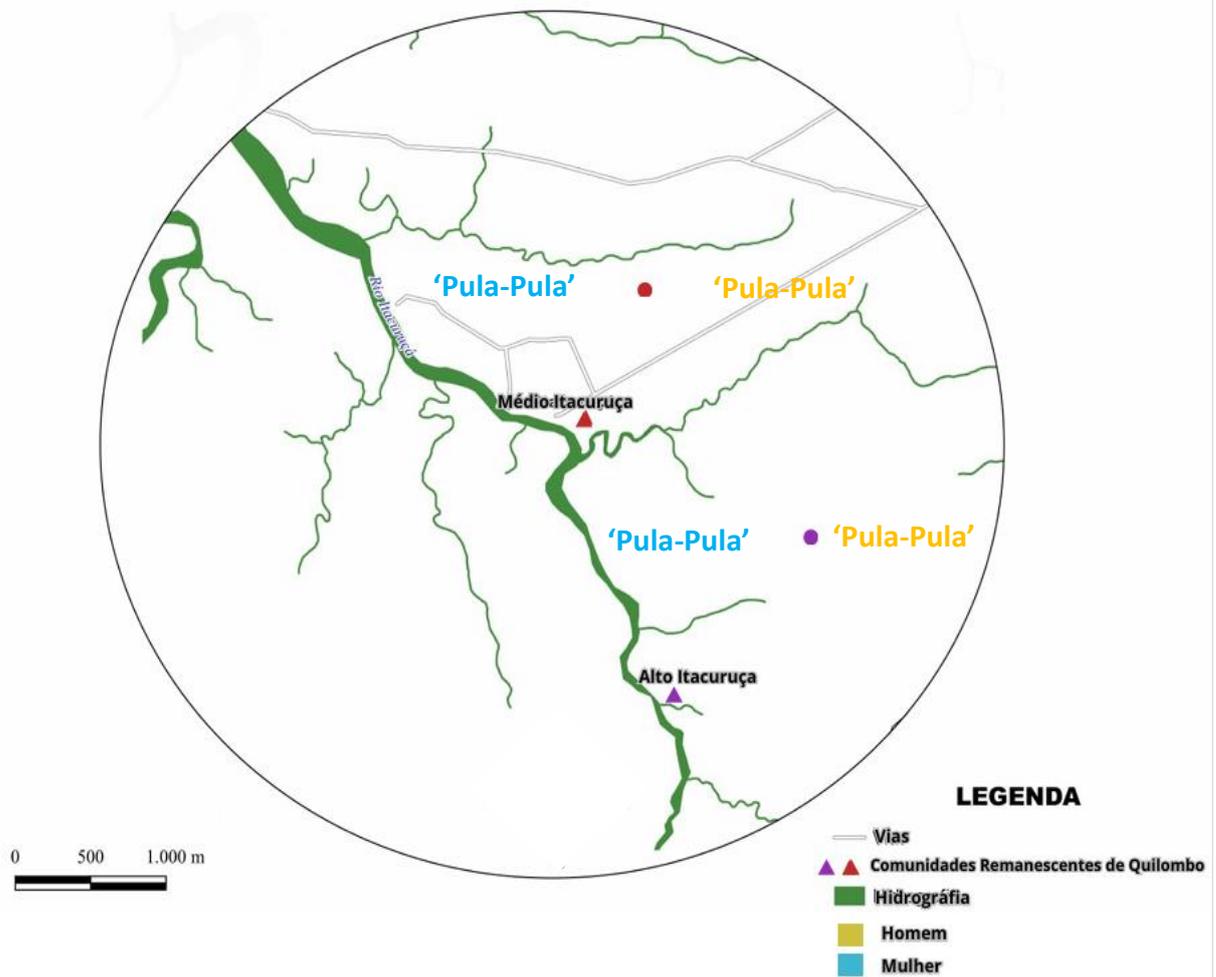


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 170

Como chamam a brincadeira em que as crianças riscam um figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?

QSL (ALiB- 2005)- Amarelinha.

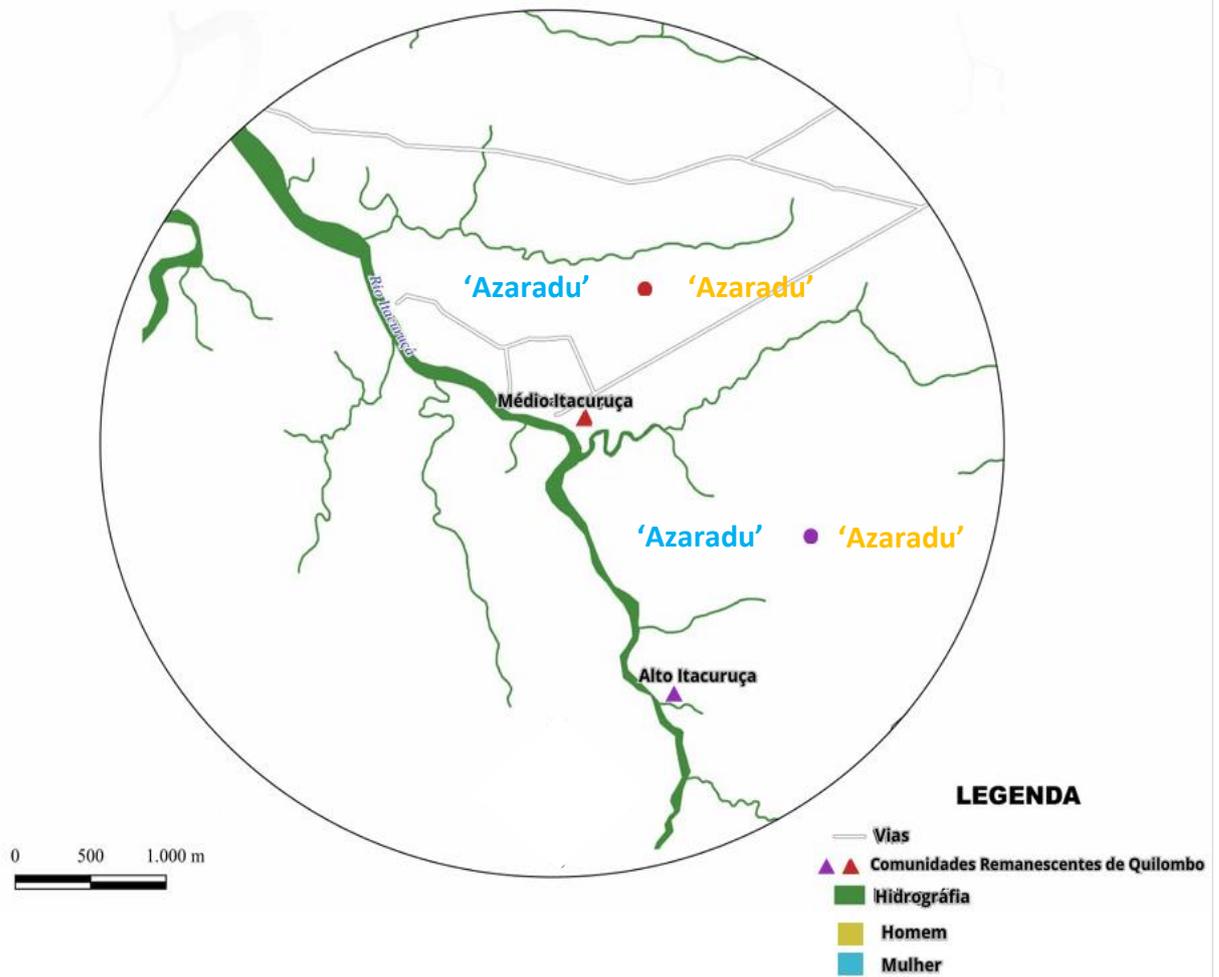


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 173

Como chamam a pessoa que não tem sorte no jogo?

QSL (ALiB- 2005)- Pessoa sem sorte no jogo.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Com relação à carta lexical de nº. **159- Como é que se chama as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?** É possível identificar uma variante lexical: 'peteca' (100%), a lexia tem registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)-bolinha de gude, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. **160- Como é que se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?** É possível identificar 01 (uma) variante lexical: 'elasticu' (100%), a lexia tem registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá, formando carta lexical. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)-estilingue, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. **165- Como é que se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'istatua' (80%) e 'coladu' (20%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% - 'istatua' (80%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)-Pega-pega, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. **170- Como é que se chama a brincadeira em que as crianças riscam um figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?** É possível identificar 01 (uma) variantes lexical: 'Pula-pula' (100%), a lexia tem registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá, formando carta lexical. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)-Amarelinha, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. **173- Como é que se chama a pessoa que não tem sorte no jogo?** É possível identificar 01 (uma) variante lexical: 'Azaradu' (100%), a lexia tem registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá, formando carta lexical. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- A pessoa sem sorte no jogo, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos pesquisados.

Campo semântico XII- Habitação.

A Tabela 12, relativa ao campo semântico XII- Habitação, reúne as questões de número 177 a 181 propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 02 (duas) cartas lexicais que representam o campo semântico Habitação.

Tabela 12: Campo semântico XII- Habitação.

Questão	Variante ALiB	Nº Variantes	Variante de maior frequência no corpus selecionado para análise.			Pontos Linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos Reais	Efetivos Percentuais	1	2
177	Tramela	02	'Trava' 'Trincu' 'Tramela'	15	75%	X	X
178	Veneziana /Tampo	02	'Cantu' 'Peça'	14	70%	X	X
179	Fuligem	02	'Cinza' 'Fumaça'	17	85%	X	X
180	Isqueiro	01	'Isqueru'	20	100%	X	X
181	Lanterna	01	'Lanterna'	20	100%	X	X

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 12- Campo semântico - Habitação-, representa em *corpus* todas as lexias registradas em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 01 (uma) lexia que não coincide com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, é: 178 (Cantu/Peça).

Registra-se 02 (duas) lexias que coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, porém pelo critério: ser diferente do proposto pelo ALiB, estas lexias não compõem Cartas Lexicais, são: 180 (Isqueru); 181 (Lanterna).

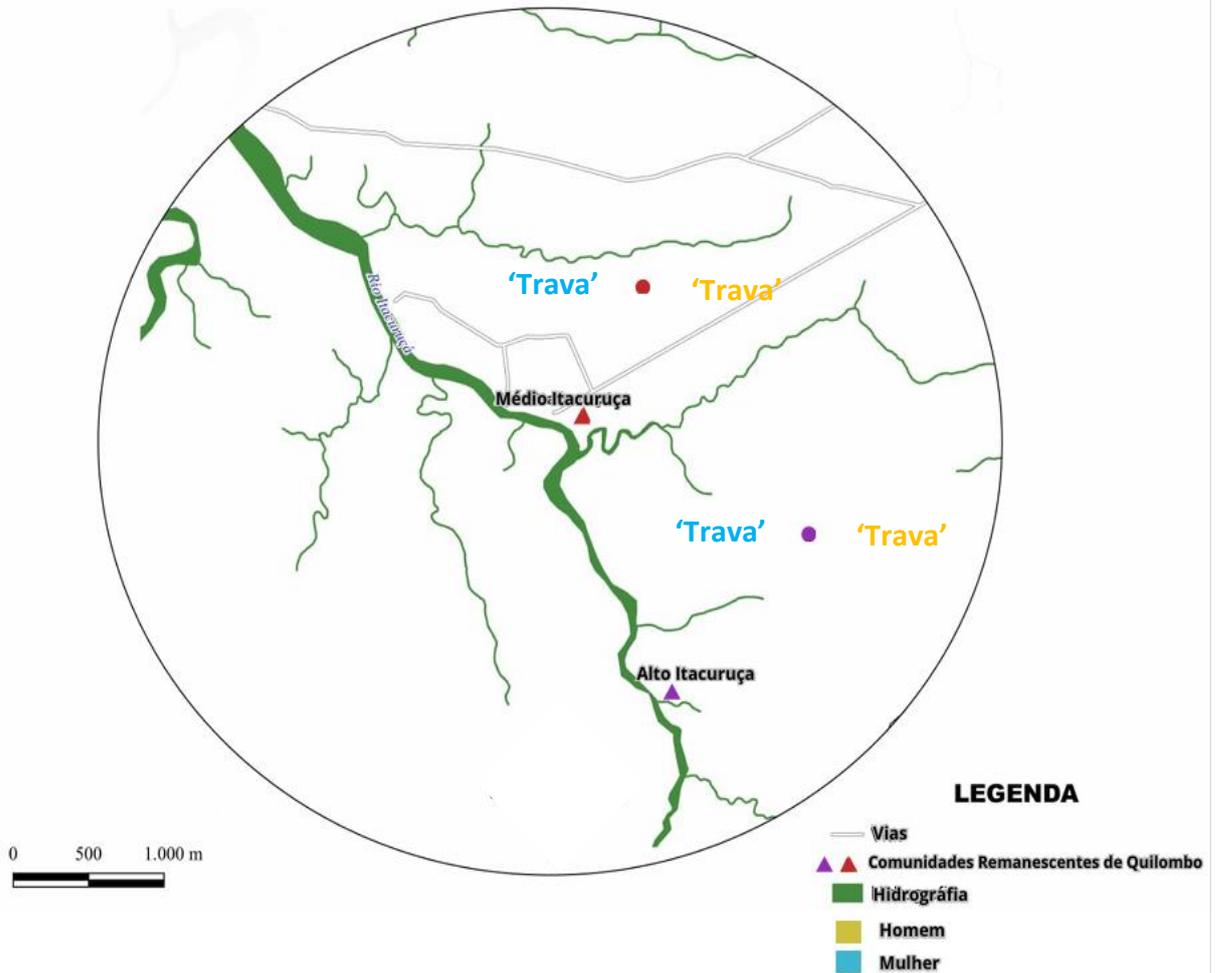
A tabela também permite representar 02 (duas) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 04 (quatro) Cartas Lexicais, são: 177 (Trava/Trincu/Tramela) e 179 (Cinza/Fumaça).

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 02 (duas) lexias que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá–Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 177

Como chamam aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego para fechar a porta, janela?

QSL (ALiB- 2005)- Tramela.

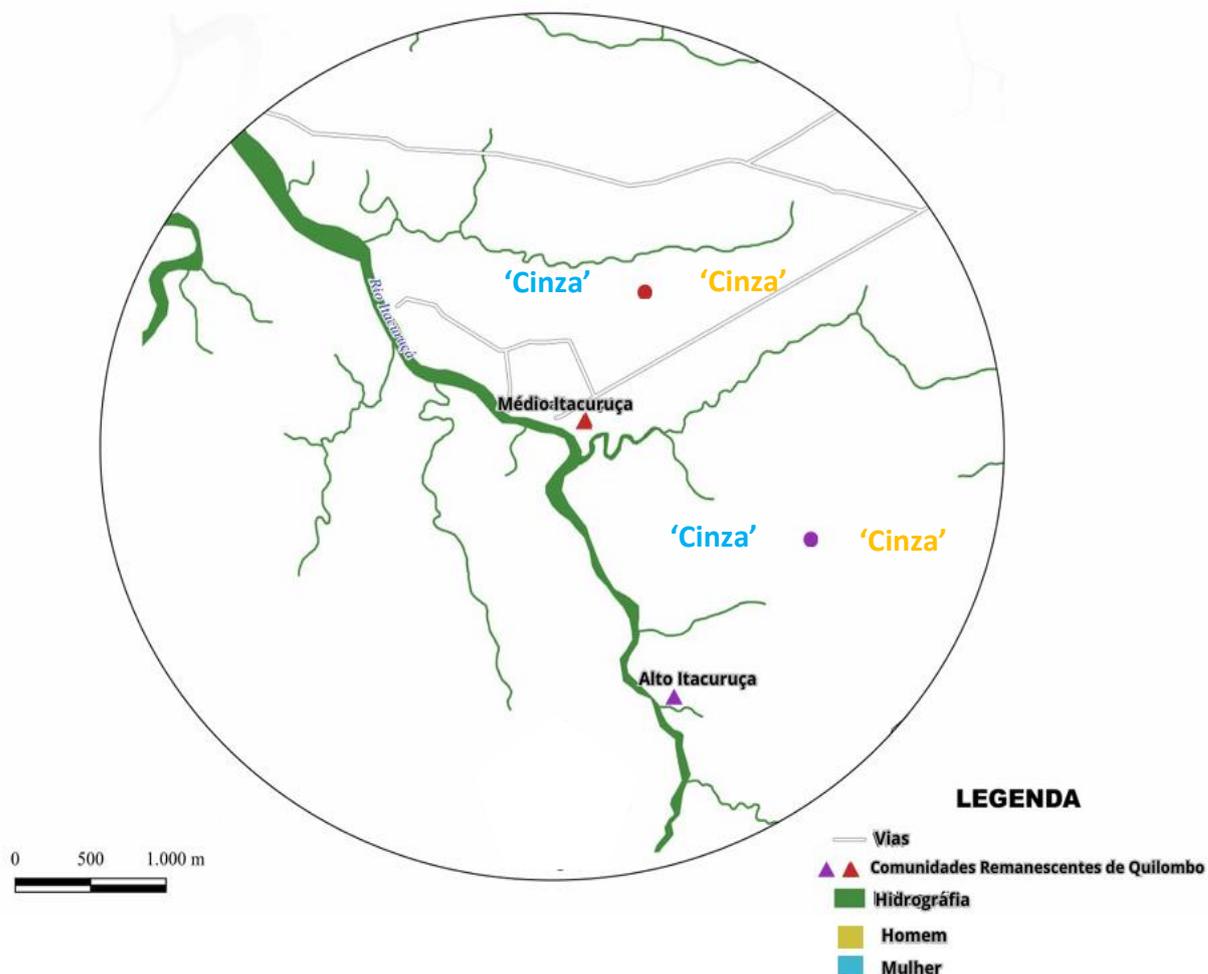


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 179

Como chamam aquilo, preto que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão e lenha?

QSL (ALiB- 2005)- Fuligem.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

CINZA: Subs. Feminino.

Substância fina e quente que deixa marcas e gruda nos lugares [...] “Quando raio o dia a janela tava com a ilharga cheia de cinza” [...].

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

Com relação à carta lexical de nº. 177- **Como chamam aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar a porta, janela?** É possível identificar 03 (três) variantes lexicais: ‘trava’ (75%); ‘trincu’ (15%) e ‘tramela’ (10%), todas as lexis manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -‘trava’ (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Tramela, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. 179- **Como chamam aquilo, preto que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão e lenha?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: ‘cinza’ (85%) e ‘fumaça’ (15%), ambas as lexis manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -‘cinza’ (85%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Fuligem, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos pesquisados.

Campo semântico XIII- Alimentação e cozinha.

A Tabela 13, relativa ao campo semântico XIII- Alimentação e cozinha, reúne as questões de número 182 a 189 propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB. A tabela possibilita a elaboração de 06 (seis) cartas lexicais que representam o campo semântico Alimentação e cozinha.

Tabela 13: Campo semântico XIII- Alimentação e cozinha.

Questão	Variante ALiB	Nº. Variantes	Variante de maior frequência no <i>corpus</i> selecionado para análise.			Pontos linguísticos	
			Transcrição grafemática Lexias	Efetivos Reais	Efetivos Percentuais	1	2
182	Carne moída	02	‘Picadinho’ ‘Carni picada’	13	65%	X	X
183	Empaturrado/ Cheia/o	02	‘Fartiadu’ ‘Frontadu’	16	80%	X	X
184	Glutão	02	‘Isfomiadu’ ‘Bom di boca’	17	85%	X	X
185	Bêbado	01	‘Porri’	20	100%	X	X
186	Cigarro de palha	03	‘Porroca’ ‘Brisa’ ‘Cigarru’	15	75%	X	X
187	Toco de cigarro	01	‘Bagana’	20	100%	X	X
188	Aguardente	02	‘Cachaça’ ‘Cana’ ‘Venda’	14	70%	X	X

189	Bodega	03	'Baiuca' 'Taberna'	15	75%	X	X
-----	--------	----	-----------------------	----	-----	---	---

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A Tabela 13- Campo semântico – Alimentação e cozinha–, representa em *corpus* todas as lexias registras em dois Pontos Linguísticos: Médio Itacuruçá e Alto Itacuruçá. A tabela indica 02 (duas) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência inferior a 75%, insuficiente para elaboração de Carta Lexical, são: 182 (*Picadinhu/Carni picada*); 188 (*Cachaça/Cana*).

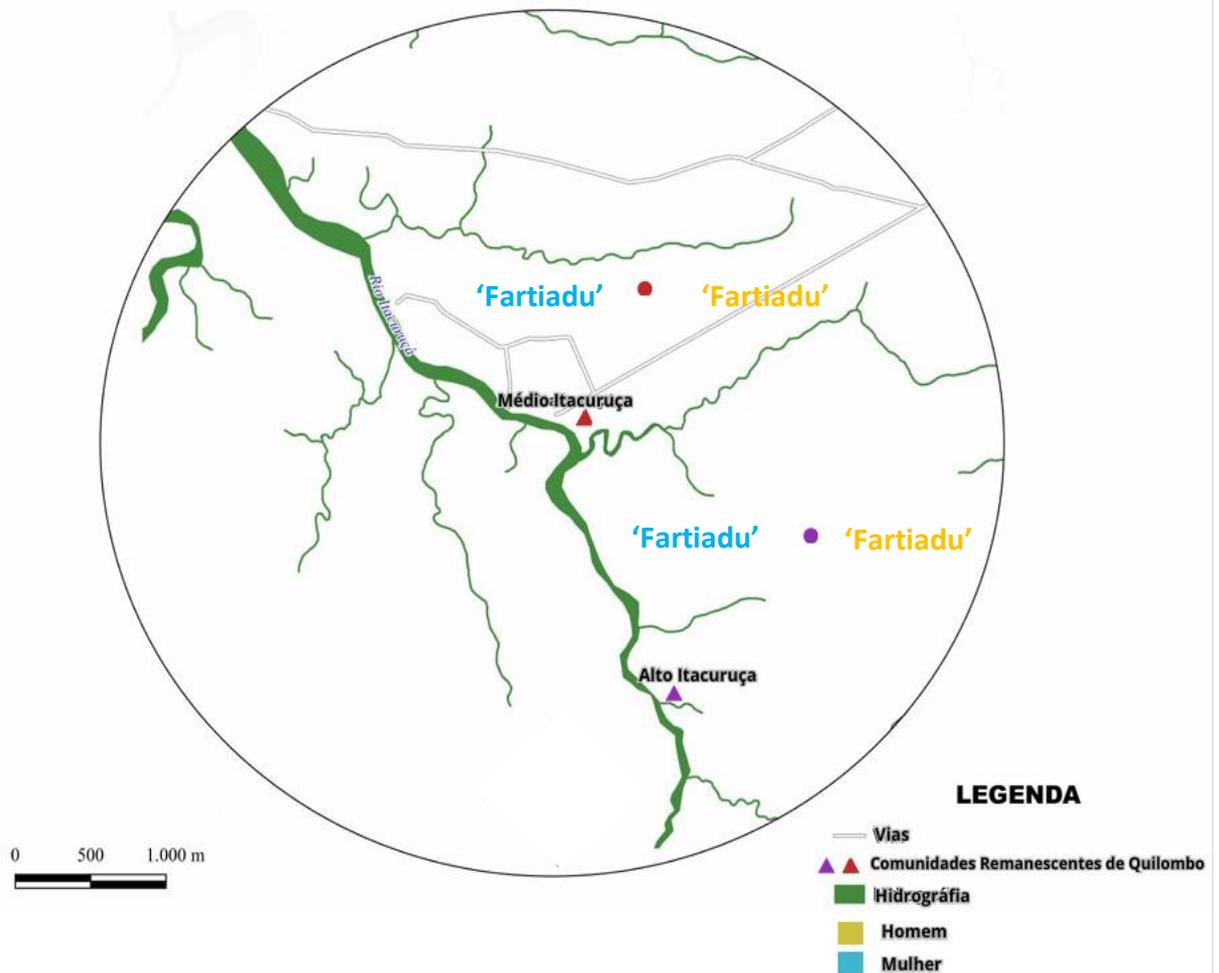
A tabela também permite representar 06 (Seis) lexias que não coincidem com o proposto pelo ALiB, frequência igual ou superior a 75%, suficientes para elaboração de 04 (quatro) Cartas Lexicais, são: 183 (*Fartiadu/Frontadu*); 184 (*Isfomiadu/Bom di boca*); 185 (*Porri*); 186 (*Porroca/Brisa/Cigarru*); 187 (*Bagana*); 189 (*Venda/Baiuca/Taberna*).

Segue em registro de Cartas Lexicais geográficas 06 (seis) lexias que representam o falar específico dos dois pontos linguísticos pesquisados: Comunidade remanescente quilombola do Médio Itacuruçá e Comunidade remanescente quilombola do Alto Itacuruçá – Abaetetuba/PA.

CARTA LEXICAL 183

Como chamam quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou ----?

QSL (ALiB- 2005)- Empaturrado/Cheia/o.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Contexto de uso das lexias

'FARTIADU': adj.

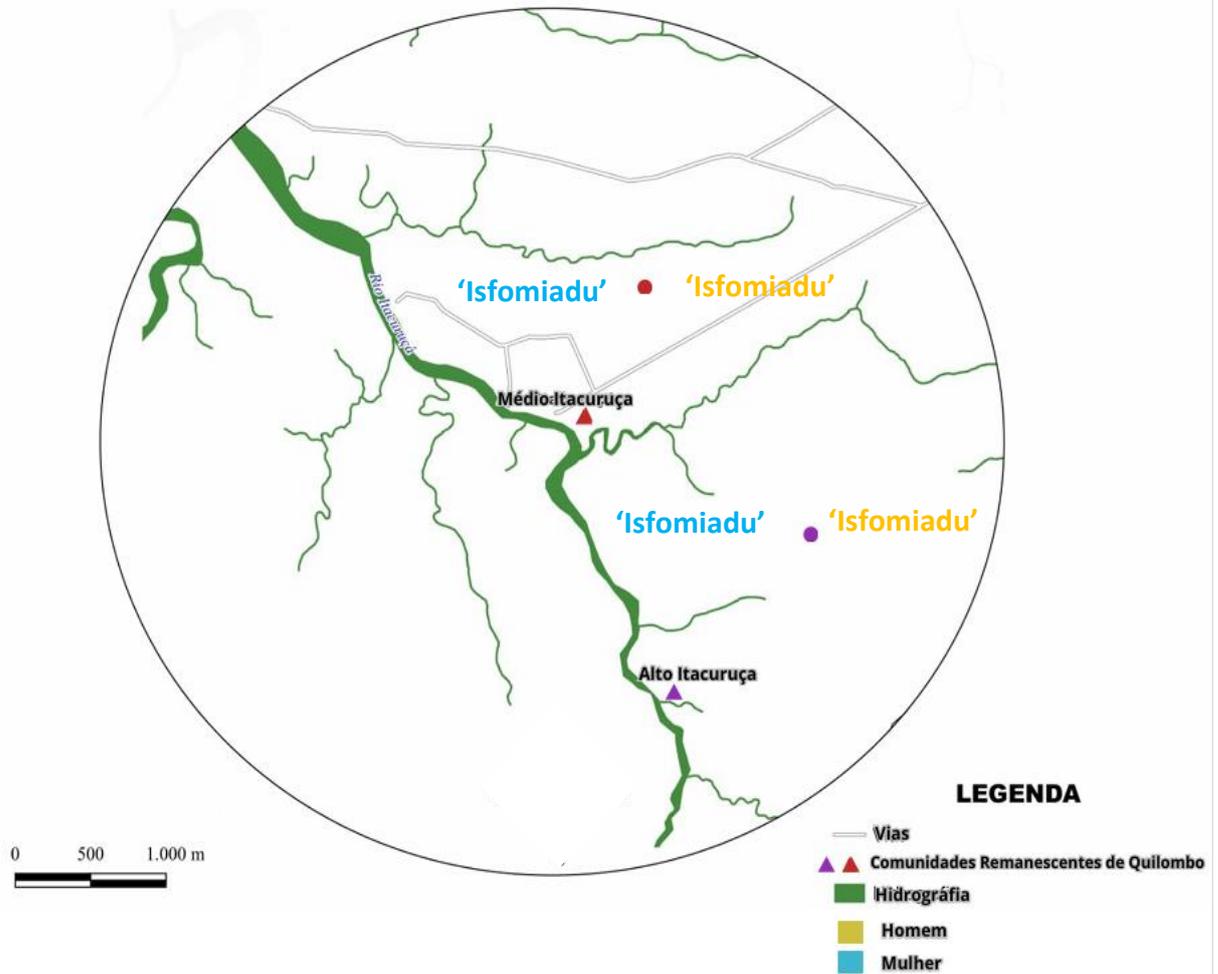
Expressão usada para designar sensação de cheio, relacionado ao ato de comer [...]"
Quando a merenda da escola é açaí, as crianças volto pra casa fartiadu rsrs"[...].

Fonte: pesquisa de campo Sá (2024).

CARTA LEXICAL 184

Como chamam uma pessoa que normalmente come demais?

QSL (ALiB- 2005)- Glutão.

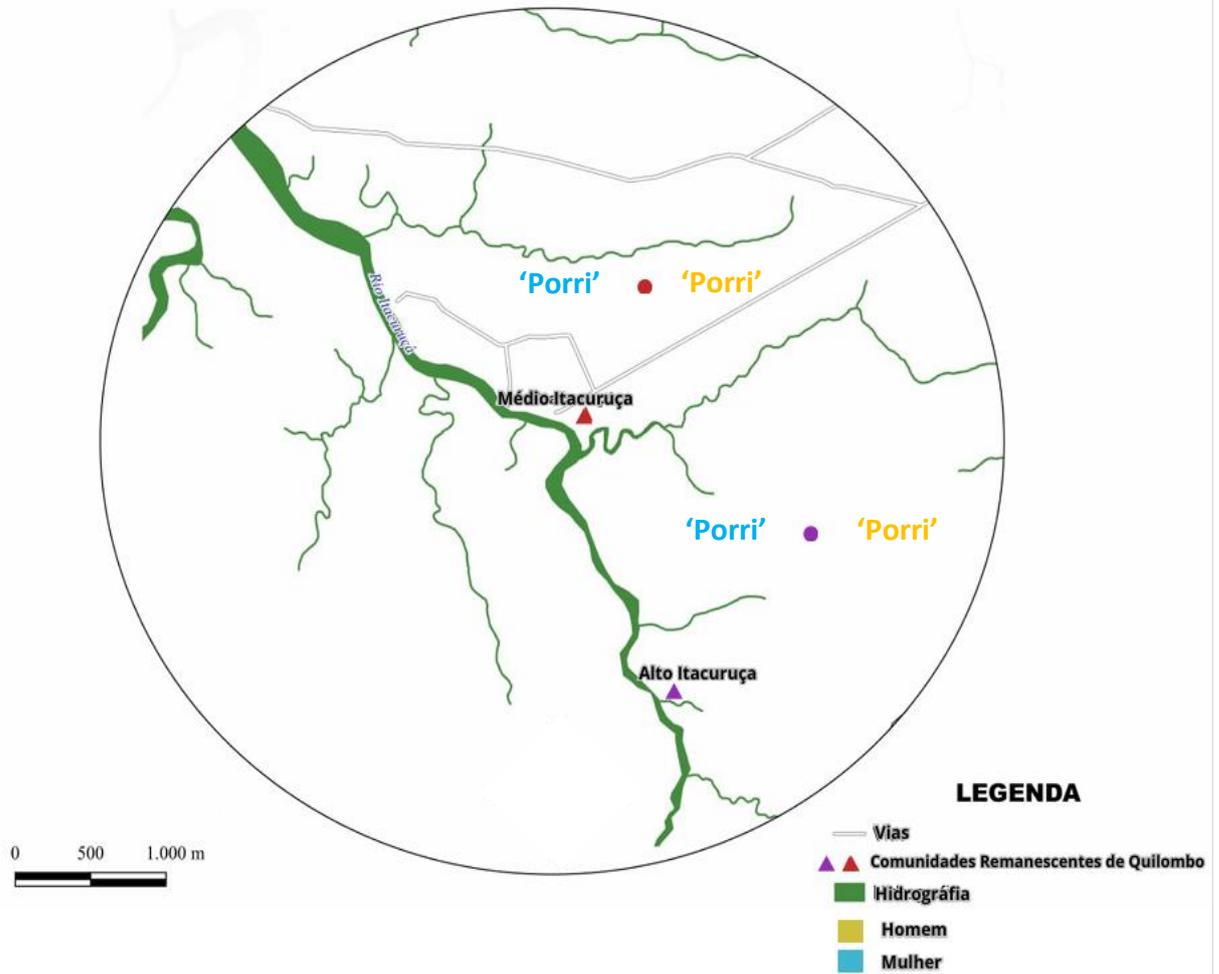


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 185

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

QSL (ALiB- 2005)- Bêbado.

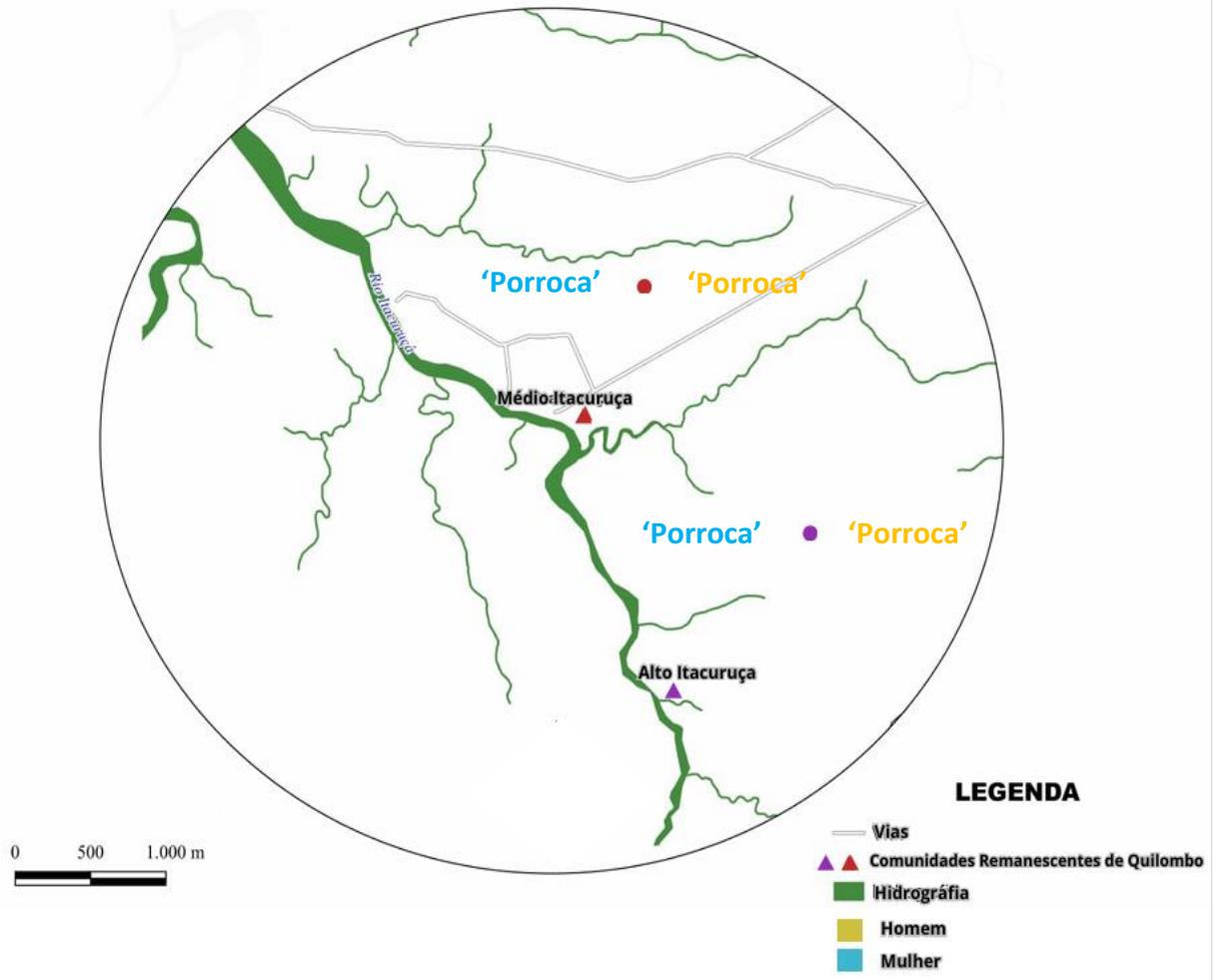


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 186

Que nomes dão ao cigarro feito pela própria pessoa, enrolado à mão?

QSL (ALiB- 2005)- Cigarro de palha.

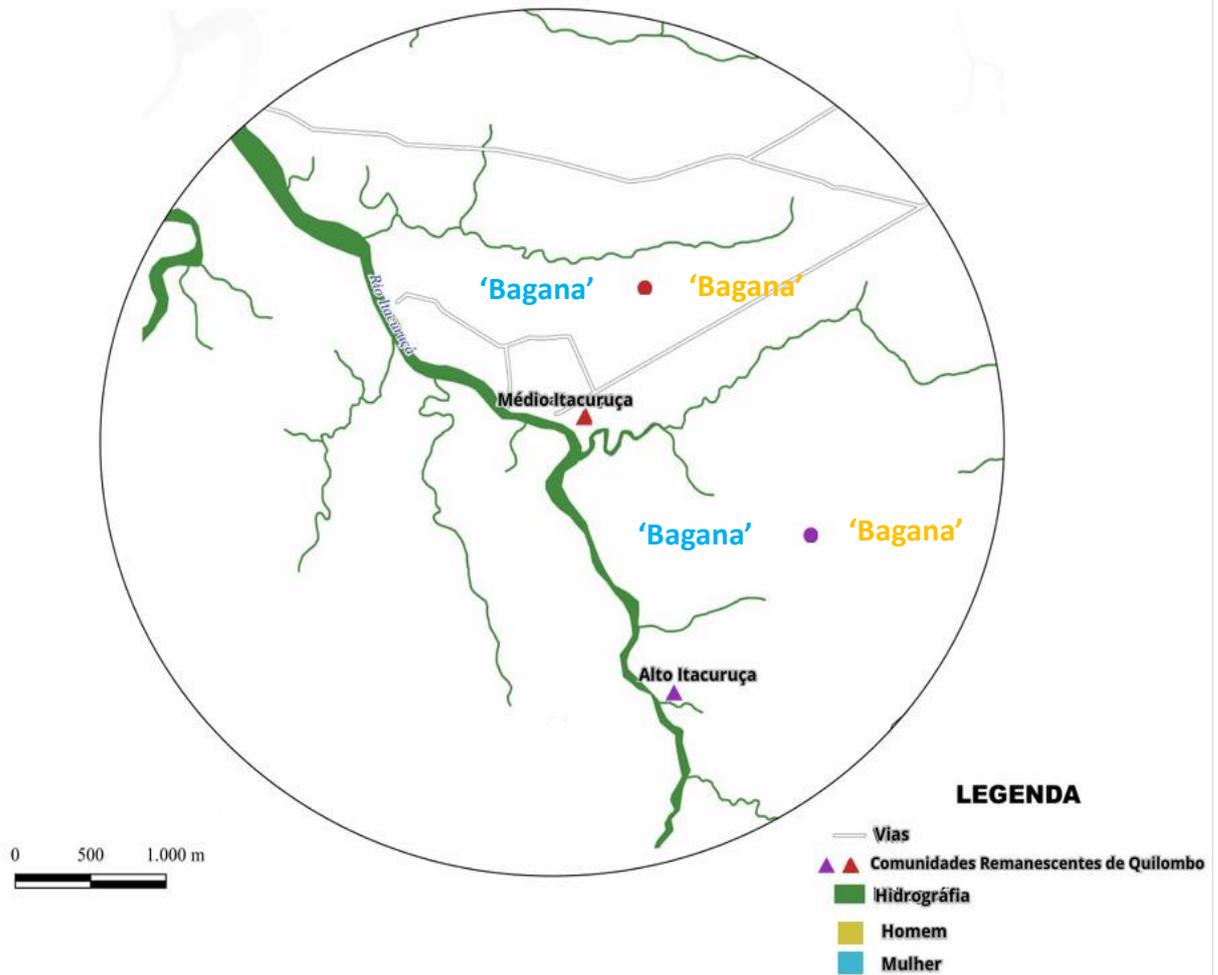


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 187

Como chamam o resto do cigarro que se joga fora?

QSL (ALIB- 2005)- Toco de cigarro.

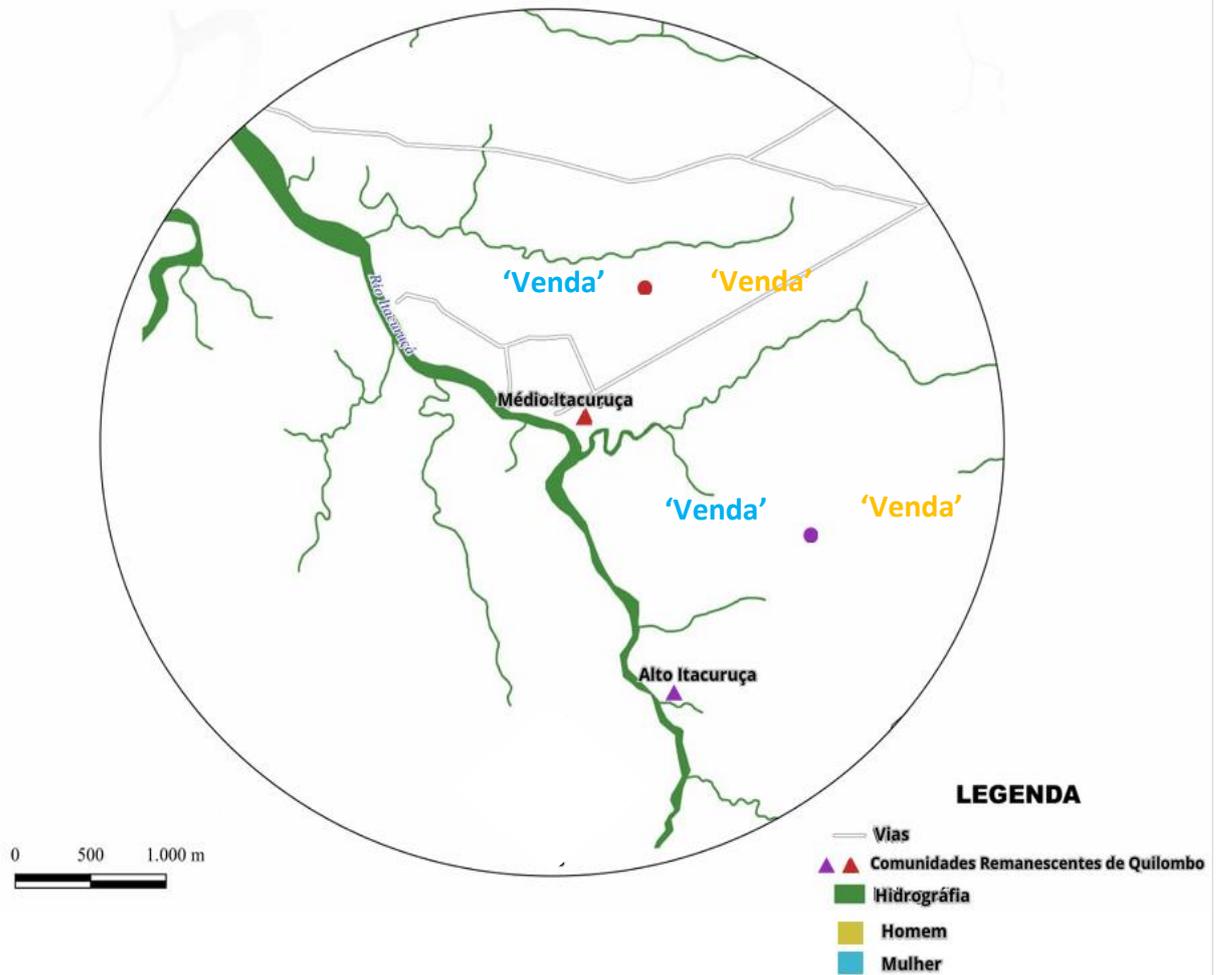


Fonte: Elaboração Sá (2024).

CARTA LEXICAL 189

Como chamam um lugar pequeno, com um balcão, onde homens costumam ir beber _ (item 189) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

QSL (ALiB- 2005)- Bodega.



Fonte: Elaboração Sá (2024).

Com relação à carta lexical de nº. **183- Como chamam quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou ---?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'fartiadu' (80%) e 'frontadu' (20%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% - 'fartiadu' (80%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Empaturrado/Cheia/o, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. **184- Como chamam uma pessoa que normalmente come demais?** É possível identificar 02 (duas) variantes lexicais: 'isfomiadu' (80%) e 'bom di boca' (20%), ambas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% - 'isfomiadu' (80%). Quanto a lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Glutão, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. **185- Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?** É possível identificar 01 (uma) variante lexical: 'porri' (100%), a lexia tem registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)-Bêbado, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. **186- Que nomes dão ao cigarro feito pela própria pessoa, enrolado à mão?** É possível identificar 03 (três) variantes lexicais: 'porroca' (75%); 'brisa' (20%) e 'cigarru' (05%), todas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% - 'porroca' (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Cigarro de palha, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. **187- Como chamam o resto do cigarro que se joga fora?** É possível identificar 01 (uma) variante lexical: 'bagana' (100%) a lexia tem registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá, permitindo elaboração de carta lexical. Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Toco de cigarro, a mesma não foi identificada nos pontos linguísticos pesquisados.

Com relação à carta lexical de nº. **189- Como chamam um lugar pequeno,**

com um balcão, onde homens costumam ir beber (item 189) e onde também se pode comprar alguma outra coisa? É possível identificar 03 (três) variantes lexicais: 'venda' (75%); 'baiuca' (15%) e taberna (10%) todas as lexias manifestam registro nos dois pontos linguísticos pesquisados: Alto e Médio Itacuruçá. Porém, apenas uma permite elaborar carta lexical, a de frequência superior a 75% -'venda' (75%). Quanto à lexia proposta pelo QSL-ALiB (2005)- Bodega, a mesma não se manifesta nos pontos linguísticos pesquisados.

7. Aproximações conclusivas

A proposta de uma Educação Intercultural que supere lógicas homogeneizadoras deve reconhecer a existência de diferentes manifestações culturais, inclusive aquelas expressas por meio do Português brasileiro. Em espaços de poder, como as instituições de ensino, essa proposta deve legitimar a diversidade lexical que constitui as Línguas brasileiras e também as variedades do Português brasileiro, especialmente aquelas formas que divergem da gramática normativa.

Construir essa cartografia linguística de Itacuruçá significa registrar diálogo intercultural do pensamento de fronteira, rompendo com a ideia hegemônica de padrão linguístico. Por meio das variedades do Português brasileiro constituídas a partir do contato com línguas africanas, a cartografia linguística representa o pensamento fronteiro das culturas e identidades subalternizadas dos povos africanos e quilombolas, neste caso, da comunidade remanescente quilombola de Itacuruçá: Alto e Médio Itacuruçá.

A partir do tema Educação intercultural e cartografia semântico-lexical do falar da comunidade quilombola do Alto Itacuruçá e do Médio Itacuruçá/Abaetetuba-Pará, a pesquisa partiu da seguinte pergunta: em que o léxico no falar dos moradores do quilombo de Itacuruçá município de Abaetetuba-Pará é específico se comparado ao léxico do ALiB (2005)?

Com o objetivo de alcançar uma resposta científica à pergunta de pesquisa, foram elaborados o objetivo geral e os objetivos específicos, que orientam a construção do estudo e são explicitados ao longo da escrita desta tese.

O primeiro objetivo específico foi construir banco de dados semântico-lexical do Português brasileiro;

Os resultados mostram 14 tabelas divididas por campo semântico-lexical, que documentam 69 características lexicais do Português brasileiro, o recorte de análise foi de natureza sincrônica, ou seja, registra o estado atual do léxico da língua. Algumas lexias em variantes concorrentes, outras com predominância de 100% de uma única variante nos dois Pontos linguísticos pesquisados.

Esses resultados indicam que, em estado sincrônico, as variações lexicais do quilombo representam mudanças que indicam possíveis alterações futuras no Português brasileiro. Em estado diacrônico, essas variações marcam a história de uma região.

Em relação ao segundo objetivo específico: registrar em cartas lexicais/cartografar a variação lexical por campo semântico.

Os dados mostram a elaboração de 69 (sessenta e nove) cartas lexicais, cartografadas por 14 campos semânticos, estas representam, justamente, aquilo que é diferente ao registro da norma culta da gramática.

Quanto à estrutura das lexias registradas, são identificadas lexias de estrutura simples, tais como: '*fartiadu*' e também, o processo de formação de palavras a partir de lexias compostas, tais como: '*farta da vista*', descrevendo, assim, 69 palavras da comunidade remanescente quilombola de Itacuruçá.

O terceiro objetivo específico: obter dados que possam ser utilizados como registro das variedades do Português brasileiro numa perspectiva da intercultural crítica.

A pesquisa apresenta, como resultado, a dinâmica do Português brasileiro do quilombo, a qual expressa aspectos culturais que marcam tanto o presente (sincrônico) quanto o passado (diacrônico) da história e do uso da língua, configurando um movimento intercultural da linguagem. O léxico registrado representa o sentimento de pertencimento de um grupo linguístico e pode ser utilizado em práticas de ensino, sob uma perspectiva da ciência da educação na perspectiva intercultural, como forma de valorização da identidade e da cultura quilombola.

O último objetivo específico, que fundamentou esta tese, realizar produção escrita que descreverá os falares existentes na comunidade remanescente de Quilombo de Itacuruçá, no município de Abaetetuba-PA.

A análise do *corpus* permitiu realizar a documentação, por meio do método da geolinguística, e a descrição de um recorte cartográfico da realidade linguística cultural de Itacuruçá, registrando a existência de acervo lexical próprio e específico da comunidade remanescente quilombola de Itacuruçá, em Abaetetuba–PA.

A pesquisa também indica a existência e a produção de 13 lexias testadas, que representam o uso do significado semântico da linguagem quilombola pelos discentes da comunidade de Itacuruçá.

Quanto à revisão da literatura e à construção do estado do conhecimento, os resultados da análise mostram a existência de pesquisas que dialogam entre a interculturalidade e a educação. No entanto, esse diálogo ainda se apresenta de forma inicial nos estudos sobre a linguagem quilombola, o que aponta caminhos para pesquisas futuras em comunidades quilombolas no estado do Pará.

O recurso metodológico desta tese geolinguística dialetológica e sociolinguística sustentaram os critérios de seleção e descrição das lexias em tabelas e cartas lexicais. Os dados mostram quantitativamente em que/em quais aspectos lexicais a língua usada no *lócus* é diferente ao ser comparada pelas palavras propostas pelo Questionário semântico lexical do ALiB (2005).

A pesquisa aponta a necessidade de efetivar adequações curriculares no ensino de Português brasileiro que considerem a cultura quilombola ribeirinha da Amazônia paraense. Ainda que as discussões sobre o currículo escolar evidenciem esse processo de mudança, torna-se urgente implementar e consolidar a Educação quilombola ribeirinha.

Assim, a tese alcança a proposta do objetivo geral de realizar estudo, na perspectiva da Educação intercultural, dos aspectos semântico-lexicais do Português brasileiro, dos moradores da Região remanescente Quilombola de Itacuruçá município de Abaetetuba–PA, em comparação com o acervo do questionário semântico-lexical proposto pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB (2005).

Esta pesquisa confirma a tese de que o acervo semântico-lexical falado por moradores da comunidade remanescente de quilombo de Itacuruçá município de Abaetetuba–Pará é diferente se comparado ao acervo do questionário semântico-lexical proposto pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB (2005).

Ao confirmar a tese proposta, esta pesquisa registra academicamente as características de um falar quilombola ainda não documentado, além de apresentar,

por meio de cartas lexicais, aspectos semântico-lexicais do Português brasileiro, contribuindo para o avanço da literatura nessa área do conhecimento e reconhecendo as especificidades lexicais desta língua. Ademais, também produz dados que podem ser utilizados para promover uma educação intercultural crítica no ensino do Português brasileiro.

8 Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

ALIB. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: ALiB, 2005. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 2ª. ed., São Paulo, HUICITEC/Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976.

ALMEIDA, S. L. O que é Racismo Estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018

ANTUNES, Irlandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANDERSON, Paul S. **Princípios de cartografia básica**. Apoio: DSG e FIBGE, 1982.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. Editora. Loyola. São Paulo, 2007.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é como se faz?** Editora Loyola. São Paulo, 2010.

BAGNO, Marcos. Educação linguística no Brasil: balanço de uma década (1998-2008). **Revista de Linguagens Boca da Tribo**, v. 1, n.1, p.153 – 160, abr. 2009, p.153 – 160.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de Português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Campinas, São Paulo: pontes, 2005.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. In. **Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal / organização Anderson Ribeiro Oliva**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BORBA, Francisco S. **Fundamentos da gramática gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996, pp. 09-16.

BRASIL, Ministério da educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível

em: [BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, 2008.](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 05 de janeiro 2024.</p></div><div data-bbox=)

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 nov. 2003. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=4887&ano=2003&ato=d43MTVE5EeRpWTf21>. Acesso em 25 jul. 2024.

BRASIL. **Decreto Lei nº. 4.887**, de 20 de novembro de 2003. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. 2003.

BRASILEIRO, Sheila; SAMPAIO, José Augusto Sampaio. Sacutiaba e Riacho de Sacutiaba: uma Comunidade Negra Rural no Oeste Baiano. In: O'DWVER, Eliane

Cantarino (Orgs). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BRANDÃO, C. R. **A Educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BYBEE, Joan, **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la Interculturalidad**. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2004.

CAGLIARI, L, C. **Alfabetização & Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.

CANDAU, Vera Maria. **Concepção de educação intercultural**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014.

CANDAU, Vera Maria. Ideias força do pensamento de Boaventura de Sousa Santos e a educação intercultural. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação outra?** RJ: editora 7 Letras, 2016.

CANDAU, Vera Maria. **Diferenças culturais e educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.

CARDOSO, Suzana, FERREIRA, Carlota. **A Dialektologia no Brasil**. Série Repensando a Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto. 1994.

CARDOSO, S. et alii. **Atlas linguístico do Brasil**. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014.

CARDOSO, Alice Suzana. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CASTORIADIS, C. (1982). **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Tradução do original em francês L'institution imaginaire de la société. Paris: Éditions du Seuil, 1975).

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1993.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. **Revista Brasileira de Educação**. ANPEd, v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017.

CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Mapas de la Interculturalidad. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2004.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mario. **A linguagem escravizada**: língua, história, poder e luta de classes. São Paulo: Expressão popular, 2005.

CPT E MORIVA. **Memória e revitalização identitária**: Ribeirinho e Ribeirinhas da Ilhas de Abaetetuba. Org. CPT – Região Guajarina, novembro/2009.

COSERIU, E. **O homem e a sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas linguístico do Brasil**: questionários. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998.

DE OLIVEIRA, A.C. A Sombra Nazista sobre o Debate em Relação à Eutanásia. **Revista de Filosofia da Região Amazônica**. Amazonas.V.2, N 1, 2015, p 30 – 38.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. 3ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 92-108.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1997.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FANON, F. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FLEURI, Reinaldo Matias, in Palestra Proferida no **V Colóquio Internacional Paulo Freire-2005.fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf**.
www.paulofreire.org.br/Textos/.

FERREIRA, Carlota, Suzana CARDOSO. 1987. **Atlas Linguístico de Sergipe**, Salvador, Universidade Federal da Bahia / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.

FERREIRA, Moacyr Costa. **Dicionário Morfológico Tupi-Guarani**. São Paulo Edicon, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Fábio Rogério Rodrigues. **Cartografia linguística e educação na Amazônia**: um estudo semântico-lexical da fala na/da microrregião Marabá/Pará. 2007. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação) _ Universidade do Estado do Pará. Belém, 2007.

GROSFOGUEL, Ramón (2007). “Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas”, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.) El giro decolonial: reflexiones para uma diversidad epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.

HOBSBAWN, E. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos 2007**. Inovações e impactos nos sistemas de informações estatísticas e geográficas do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos 2022**. Inovações e impactos nos sistemas de informações estatísticas e geográficas do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IBGE. **Censo Demográfico**, 2000. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 set. 2020.

ICHIKAWA, C. S. **Variação Linguística e o ensino de ortografia**: Uma variação teórica. Unopar Cient., Ciênt. Hum. Educ., Londrina. v. 4, n. 1, p. 43-46, jun. 2003.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2011.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Educação e Sociedade na Amazônia em Mais de Meio Século. **Revista Cocar**. Belém, V. 11, nº 21, 2017.

LOVITTS, B. E. **Making the implicit explicit**: creating performance expectations for the dissertation. Virginia: Stylus, 2007.

MACIEL, Elisa; TOUTONGE, Eliana Campos Pojo; RODRIGUES, Rettyellem Maciel, SILVA, Waléria Oliveira. **Cartilha Itacuruçá-Alto**: as pessoas vão até a natureza e começam a descobrir coisas que nem sabiam. Livro Aberto UFPA, 2023.

MAPA DE CONFLITOS INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. Disponível em: < Equipe - Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil>. Acessado em: 10 de abril de 2025.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (ed.). El giro decolonial. **Reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Iesco Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MARIANI, B. **Colonização linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

MARTIN, Robert. **Para Entender a Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo, **Manual de linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

MELO, Glenda Cristina Valim de; JESUS, Dánie Marcelo. Linguística aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Mórula, 2022.

MIGNOLO, Walter. **Prefacio a la edición castellana e Introducción**. In: _____ . Histórias locais/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2003. (p. 19-110).

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 71-103.

MIGNOLO, Walter. **Local Histories/Global Designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thinking**. Princeton: Princeton University Press, 2012.

MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov**. 2 ed. São Paulo: Vozes, 2002.

MOROSINI, M.; FERNANDES, C. **Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções**. Educação por escrito, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014.

MOTA, Jacyra Andrade. **Projeto atlas linguístico do Brasil, avaliações e Perspectivas** Salvador: Editora Quarteto, 2015.

MOUTON, Pilar García. **Qué es variación linguística**. In: HERNÁNDEZ, Esther; BUTRAGUEÑO, Pedro Martín. Variación y diversidad: hacia una teoria convergente. México, D.F: El Colegio de México, 2015.

MIRANDA, S. A. **Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPEd; Campinas: Autores Associados, v. 17, n. 50, p. 369-498, maio/ago. 2012.

NASCIMENTO. Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil**, Vol. 1, Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; Escóssia, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Realização: **Conselho das Associações de Quilombos do Moju**. UNAMAZ, 2006.

PROCOLO DE CONSULTA: **Prévia livre e informada e de consentimento:** território quilombola do Rio Itacuruçá Alto- Ilhas de Abaetetuba/PA. Apoio ARQUIA e INSEC. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do Saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RATTS, Alex. **Lélia Gonzalez:** retratos do Brasil Negro. São Paulo: Selo Negro, 2010.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas Linguístico Sonoro do Pará.** Belém: CAPES/ UFPA/ UTM, 2004.

ROCHA, Ademir. **Rio Itacuruçá e outros rios de Abaetetuba.** 2014. Texto disponível no blog: <http://ademirhelenorocha.blogspot.com.br/2014/01/rio-itacuruca-e-outros-rios-de.html#>. Acesso em 2020.

ROMANOWSKI, J. P & ENS, Romilda Teodora. (2006). **As pesquisas denominadas do tipo” Estado da Arte.** Revista Diálogo Educacional, 6(19).

ROSSI, Nelson. **A Dialectologia.** In: Revista ALFA, n. 11. (Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília), Marília, SP: FFCL de Marília, 1967, p. 89-128.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand. (1916). **Curso de linguística geral.** Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. Porto: Afrontamento, 2006.

SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialectológicos.** Belém: Conselho Nacional de Pesquisas - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1952.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos.** Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia, 1955.

SOUZA, S. R.; FRANCISCO, A. **O método da cartografia em pesquisa qualitativa:** estabelecendo princípios, desenhando caminhos. Investigação Qualitativa em Saúde, v. 2, n. 1, p. 811-820, 2016.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso. **Estudo semântico-lexical:** com vistas ao atlas linguístico da mesorregião do Marajó/Pará_ década de 00. 2002. 277 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, René Marc da Costa. Cultura popular, linguagens artísticas e educação. In: SILVA, René Marc da Costa (org). **Cultura popular e educação:** salto para o futuro. Brasília: SEED/MEC, 2008a.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Editora Ática, 1997.

FIOCRUZ, **mapa de conflitos** 2023. Disponível em < PA - Território Kayapó sofre com expressivo processo de contaminação, desmatamento, destruição e garimpo ilegal - Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil/> Acesso em: 24 de janeiro 2025.

SODRÉ, M. **Cultura, diversidade cultural e educação**. In: Trindade, A. (Org.). Multiculturalismo. Mil e uma faces da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TARALLO, Fernando. **Tempos linguísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo, Ática, 1990.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica/Pedagogia decolonial. In: **Memórias del Seminario Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.

WALSH, Catherine. (2005). **Introducción**. In: C.Walsh. Pensamiento crítico y matriz colonial. Quito: UASB-AbyaYala.

YBOTIRA, Jhulana Yatra. Dicionário Tupi-Guarani / Português. Direitos autorais: ZILLES, A. M. S. **Algumas características do português do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, mimeografado, 1999.

ANEXO I

FICHA DA LOCALIDADE

Ficha da localidade

Nº do ponto

01- Nome Oficial:

02- Nomes Anteriores:

03- Nome Regional:

04- Mesorregião Oficial:

05- Data da Fundação:

06- Nome Gentílico:

07- População:

08- Distância da Capital:

09- Vias de Comunicação Terrestre/Acesso:

10- Nome do Padroeiro (a):

11- Atividades econômicas predominantes:

12- Histórico Sucinto da Localidade:

13- Observações Gerais:

ANEXO II

Questionário semântico-lexical/ ALiB (2005)

I. ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1. CÓRREGO

Como se chama aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

2. PINGUELA

... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um _____?

3. FOZ

... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?

4. REDEMOINHO (DE ÁGUA)

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?

5. ONDA DE RIO

... o movimento da água do rio? (imitar o balanço das águas)

6. ONDA DO MAR

...o movimento da água do mar? (imitar o balanço das águas)

7. TERRA UMIDECIDA PELA CHUVA

Depois de um chuvisco a terra fica _____?

II. FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

8. REDEMOINHO (DO VENTO)

...o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

9. RELÂMPAGO

...uma luz que risca o céu em dias de chuva?

10. RAIOS

...uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, em dias de mau tempo?

11. TROVÃO

...o barulho forte que se escuta logo depois de um _____?

12. TEMPORAL

...uma chuva com vento forte que vem de repente, geralmente no verão?

13. NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL

Existem outros nomes para _____?

14. TROMBA D'ÁGUA/ PÉ D'ÁGUA

...uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?

15. GAROA

É uma chuva bem fininha?

16. CHUVA DE PEDRA

Durante uma chuva podem cair pedacinhos de gelo. Como chamam essa chuva?

17. ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?

18. ORVALHO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

19. NEVOEIRO

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

20. ESTIRAR/COMPOR o tempo.

Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

21. NASCER (DO SOL)

O que é que acontece de manhã cedo?

22. PÔR (DO SOL)

E o que acontece no final da tarde?

23. ALVORADA

...a claridade do céu antes de _ _? (item 21)

- 24. CREPÚSCULO/ tem masculino e feminino...a claridade que fica no céu depois do ____? (item 22)**

25. ESTRELA MATUTINA

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

26. ESTRELA VESPRETINA

De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?

27. ESTRELA CADENTE

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz. Como chamam isso? IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE.

28. VIA LÁCTEA

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

29. AMANHECER

...parte do dia quando começa a clarear?

30. ENTARDECER

E quando o sol se põe?

31. ANOITECER

...o começo da noite?

32. MESES DO ANO

Quais são os meses do ano?

33. MESES COM NOMES ESPECIAIS

Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho etc.?

34. ONTEM

...o dia passou? [O senhor já almoçou (ou jantou) pela última vez?]

35. ANTEONTEM

...o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]

36. TRANSANTONTEM

...dia que foi antes de _____(item 35)? [E mais um dia para trás?]

IV. FLORA

37. TANGERINA/ MEXERICA

...as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? PEDIR PARA DESCRIVER.

38. AMENDOIM

...o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

39. CAMOMILA

...umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até e também para acalmar? (Mostrar)

40. PENCA

...cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar?

41. BANANA DUPLA

...duas bananas que nascem grudadas?

42. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA

...a ponta roxa no cacho da banana?

V. ATIVIDADES AGROPASTORIS

43. ESPIGA

O que é que se corta da planta, quando se colhe o milho?

44. SABUGO

Quando se tira da(item 43) todos os grãos do milho, o que sobra?

45. SOCA/ TOUCEIRA

Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?

46. GIRASSOL

...flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?

47. VAGEM DO FEIJÃO

Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé antes de ser colhido?

48. MOINHA

Depois de colher e secar o feijão, alguns costumam bater com uma vara para soltar os grãos da_____ (item 47) e a palha vai virando um pó. Como se chama esse pó da palha do feijão batido?

49. MANDIOCA/AIPIM

...aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

50. MANDIOCA

Tem um tipo de_____ (item 49) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma). Como se chama essa raiz?

51. CARRINHO DE MÃO

...um veículo de uma só roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?

52. HASTES DO CARRINHO DE MÃO

...as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o_____ (item 51)

53. CANGALHA

...a armação de madeira, em forma de forquilha (mímica), que se coloca no pescoço de animais (porco, carneiro/bezerro, vaca) para não vararem a cerca?

54. CANGALHA

...armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?

55. JACÁ

55. Como você chama esses cestos de vime, de taquara, de cipós trançados, para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim etc.), no lombo do cavalo ou do burro?

56. BOLSA

E, se forem de couro, com tampa?

57. CANGA

...a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou arado?

58. BORREGO (DO NASCER ATÉ...)

...a cria da ovelha logo que nasce?

59. CORDEIRO

...a cria da ovelha quando vai crescendo?

60. FEMEA QUE ESTÁ PARA DAR CRIA

...a fêmea de um animal que está prestes a /nos dias de dar cria?

61. PERDA DA CRIA

Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?

62. ÉGUA VELHA

...a égua quando está velha?

63. TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA

...homem que é contratado para trabalhar na roça do outro?

64. PICADA

O que é que abre com o machado, o facão, a foice para passar por um mato fechado?

65. TRILHO

...o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou homem passarem por ali?

VI. FAUNA

66. URUBU

...a ave preta que come animal morto, podre?

67. COLIBRI

...o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem bico comprido e voa de flor em flor?

68. JOÃO DE BARRO

...a ave que faz o ninho com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

69. GALINHA-D'ANGOLA

...a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

70. PAPAGAIO

...a ave do mato, de bico curvo e penas coloridas; quando presa, pode aprender a falar?

71. SURA

...uma galinha sem rabo?

72. COTÓ

...um cachorro de rabo cortado?

73. GAMBÁ

...o bicho que carrega os filhotes numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?

74. PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO

...as patas dianteiras do cavalo?

75. CRINA DO PESCOÇO

...o cabelo em cima do pescoço do cavalo?

76. CRINA DA CAUDA

...o cabelo comprido na traseira do cavalo?

77. LOMBO

...a parte do cavalo onde vai a sela?

78. ANCA

...a parte larga atrás do _____? (item77)

79. CHIFRE

O que o boi tem na cabeça?

80. UM SÓ CHIFRE

...o animal que tem um só _____(item 79) por que o outro não nasceu?

81. CABRA SEM CHIFRE

...a cabra que não tem _____ (item 79)

82. BOI SEM CHIFRE

...o boi sem _____ (item 79)

83. ÚBERE

...a parte da vaca onde fica o leite?

84. RABO

...a parte com que o boi espanta as moscas?

85. MANCO

...o animal que tem uma perna mais curta e que puxa uma perna?

86. MOSCA VAREJEIRA

...um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

87. SANGUESSUGA

...um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num banhado ou córrego?

88. LIBELULA

...o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

89. BICHO DE FRUTA

...aquele bichinho branco, enrugado, que dá em goiaba, coco?

90. CORÓ

...aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?

91. PERNILONGO

...aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? (Imitar o zumbido)

VII. CORPO HUMANO

92. PÁLPEBRAS

...esta parte que cobre os olhos? (Apontar)

93. NUCA

...isto? (Apontar)

94. POMO DE ADÃO

...esta parte alta do pescoço do homem? (Apontar)

95. CLAVÍCULA

...o osso que vai do pescoço até o ombro? (Apontar)

96. SEIOS

...a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

97. ÚTERO

...parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?

98. CALCANHAR

...isto? (Apontar)

99. TORNOZELO

...isto? (Apontar)

100. RÓTULA

...o osso redondo que fica na frente do joelho?

101. CÓCEGAS

Que sente uma criança quando passa o dedo na sola do pé? (Mímica)

102. DENTES CANINOS

...esses dois dentes pontudos? (Apontar)

103. DENTES DO SISO

...os últimos dentes, que nascem quando a pessoa já é adulta?

104. DENTES MOLARES

...esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos _____(item 103)?
(Apontar)

105. DESDENTADO

...a pessoa que não tem dentes?

106. FANHOSO

...a pessoa que parece falar pelo nariz? (Imitar)

107. CISCO

...alguma coisa que cai no olho e fica incomodando?

108. CEGO DE UM OLHO

... a pessoa que tem só um olho?

109. VESGO

...a pessoa que tem os olhos olhando em direção diferente? (Completar com um gesto dos dedos)

110. MÍOPE

...a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

111. TERÇOL

...a bolinha que nasce na _____(item 92), fica vermelha e incha?

112. CONJUNTIVITE

...a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

113. CATARATA

...aquela pele branca no olho que dá em gente velha?

114. SOLUÇO

...este barulhinho que se faz? (soliçar)

115. MELECA

...a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

116. CORCUNDA

...a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim? (Mímica)

117. CANHOTO

...a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? (Completa com o gesto)

118. PERNETA

...a pessoa que não tem uma perna?

119. MANCO

...a pessoa que puxa de uma perna?

120. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS

...a pessoa de pernas curvas para os lados? (Mímica)

121. AXILA

...esta parte aqui? (Apontar)

122. CHEIRO NAS AXILAS

...o mau cheiro embaixo dos braços?

123. VOMITAR

Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/ botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?

VIII. CULTURA E CONVIVIO

124. PESSOA TAGARELA

...a pessoa que fala demais?

125. PESSOA POUCO INTELIGENTE

...a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

126. PESSOA SOVINA

...a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro, e às vezes, até passa dificuldades para não gastar/

127. MAU PAGADOR

...a pessoa que deixa suas contas penduradas?

128. ASSASSINO PAGO

...a pessoa que é paga para matar alguém?

129. POSSEIRO

...a pessoa que mora e trabalha para si nas terras de outra pessoa?

IX. CICLOS DA VIDA

130. MENSTRUAÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

131. ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade acaba a/o _____(item 130). Quando isso acontece, se diz que a mulher_____.

132. PARTEIRA

...a mulher que ajuda a criança a nascer?

133. DAR À LUZ

Chama-se _____(item 132) quando a mulher está para _____.

134. GÊMEOS

...duas crianças que nasceram no mesmo parto?

135. ABORTO

Quando uma mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve_____.

136. ABORTAR

Quando a mulher fica grávida, mas não quer ter a criança, ela toma remédio para quê?

137. AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

138. IRMÃO DE LEITE

O próprio filho da _____(item 137) e a criança que ela amamenta são o quê um para o outro?

139. FILHO ADOTIVO

.... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criado por ele como se fosse.

140. FILHO MAIS NOVO

...o filho que nasceu por último.

141. MENINO

...a criança de 05 a 10 anos do sexo masculino?

142. MENINA.

E se for do sexo feminino, como se chama?

143. ACOMPANHANTE DOS NAMORADOS

...a pessoa que acompanha uma moça quando ela sai com o namorado?

144. MARIDO ENGANADO.

...o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

145. PROSTITUTA

...a mulher que se vende para qualquer homem?

146. DEFUNTO

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

147. MADASTRA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

148. XARÁ

... a pessoa que tem o mesmo nome que a gente?

X- RELIGIÃO E CRENÇAS

149. DIABO

Deus está no céu e no inferno está _____?

150. FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?

151. FEITIÇO

O que certas pessoas fazem, botam, por exemplo, nas encruzilhadas, para prejudicar alguém?

152. AMULETO

...o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

153. BENZEDERA

...uma mulher que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?

154. BENZEDOR

E se for homem?

155. CURANDEIRO

...a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

156. MEDALHA

...a chapinha de metal com o desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?

157. PRESÈPIO

No Natal, monta-se um grupo de figuras representando a Virgem Maria, São José,

o Menino Jesus etc. Como chamavam isso?

XI. FESTAS E DIVERTIMENTOS

158. CAMBALHOTA

...a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado (mímica)?

159. BOLINHA DE GUDE

...as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

160. ESTILINGUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?

161. PAPAGAIO DE PAPEL.

... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

162. PIPA

...o brinquedo de papel sem vareta que se empina no vento por meio de uma linha?

163. ESCONDE-ESCONDE

...a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar, e depois vai procurá-las?

164. CABRA-CEGA

... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

165. PEGA-PEGA

.. uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

166. FEROLHO

...esse ponto combinado?

167. CHICOTE-QUEIMADO/SILENCIO ATRÁS/GATO E RATO

...uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com um objeto que deixa cair a atrás de uma delas e está pega o objeto e sai correndo?

168. GANGORRA

...uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (mímica)

69. BALANÇO

...uma tábua, pendurada por meio de cordas onde uma criança senta e se move para frente e para trás?

170. AMARELINHA

...a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só? (SOLICITAR A DESCRIÇÃO).

171. PESSOA QUE AGE COM DESONESTIDADE NO JOGO

...a pessoa que rouba no jogo?

172. PESSOA QUE TEM SORTE NO JOGO

...a pessoa que tem sorte no jogo?

173. A PESSOA SEM SORTE NO JOGO

...a pessoa que não tem sorte no jogo?

174. BOM JOGADOR

...a pessoa que joga bem? [Pelé foi o quê]

175. MAU JOGADOR

... a pessoa que joga mal?

176. PESSOA QUE DANÇA MUITO BEM

... a pessoa que dança muito bem?

XII HABILITAÇÃO

177. TRAMELA...aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar a porta, janela...?

178. VENEZIANA/TAMPO

Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora qua é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e claridade/ (mostrar gravura)

179. FULIGEM

...aquilo, preto que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão e lenha?

180. ISQUEIRO

Para acender um cigarro, eu uso fósforo ou_____?

181. LANTERNA

...aquele objeto que usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (apontar)

XIII. ALIMENTAÇÃO E COZINHA

182. CARNE MOÍDA

...a carne depois de passada na máquina?

183. EMPATURRADO/CHEIA/O

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou__.

184. GLUTÃO

...uma pessoa que normalmente come demais?

185. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

186. CIGARRO DE PALHA

Que nomes dão ao cigarro feito pela própria pessoa, enrolado à mão?

187. TOCO DE CIGARRO

...o resto do cigarro que se joga fora?

188. AGUARDENTE

Que nomes dão aqui para bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

189. BODEGA

...um lugar pequeno, com um balcão, onde homens costumam ir beber __ (item

189) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

XIV. VESTUÁRIO

190. SUTIÃ

Que peça do vestuário serve para segurar os seios?

191. CUECA

Que roupa o homem usa debaixo da calça?

192. CALCINHA

Que roupa a mulher usa debaixo da saia?

193. ROUGE

...aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas para ficarem rosadas?

194. GRAMPO (COM PRESSÃO)

...um objeto fino de metal, para prender o cabelo? (mostrar)

195. GRAMPO (SEM PRESSÃO)

...um objeto de metal, para prender o cabelo? (mostrar)

~~**V 196.**~~

~~Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela? [Onde os carros devem parar para as pessoas ou outros carros passarem?]~~

Anexo III

Parecer consubstanciado Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



UEPA - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO PARÁ- CENTRO
DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E
DA SAÚDE - CAMPUS II



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO INTERCULTURA E ENSINO DE LÍNGUA BRASILEIRA: cartografia linguística da Região quilombola de Itacuruçá- Abaetetuba-PA.

Pesquisador: TALITA RODRIGUES DE SA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69848723.0.0000.5174

Instituição Proponente: Campus I - Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE)

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.169.300

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto no âmbito da Pós-graduação em Educação da UEPA. A pesquisa parte da temática da variação linguística em comunidade quilombola. Tem como objetivo geral realizar estudo Semântico-Lexical do falar dos moradores da Região quilombola de Itacuruçá-Abaetetuba-PA. Os participantes da pesquisa serão homens e mulheres nativos da comunidade pesquisada, acima de 50 anos. O instrumento de coleta de dados será questionário semântico lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil- QSL- ALIB (2005) e Ficha do sujeito.

Objetivo da Pesquisa:

Geral

Realizar estudo Semântico-Lexical da língua brasileira falada pelos moradores da região quilombola de Itacuruçá- Abaetetuba-PA.

- Específicos
- Construir banco de dados semântico-lexicais.
- Documentar a variação lexical, por Campo semântico.
- Selecionar as variantes lexicais de maior frequência no corpus.
- Analisar quantitativamente a frequência e a distribuição das lexias.
- Averiguar a existência de influências diatópicas no léxico dos moradores da região

Endereço: Trav. Perebebui, 2623 (1º andar da biblioteca do Campus II da UEPA, Sala 01)

Bairro: Marco

CEP: 66.087-670

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3131-1781

E-mail: cepccbs@uepa.br

Continuação do Parecer: 6.169.300

quilombola de Itacuruçá – Abaetetuba-PA.

6

- Obter dados que possam ser utilizados em outros projetos de Atlas linguísticos no Estado do Pará.
- Registrar em cartas lexicais o falar específico da comunidade quilombola de ItacuruçáAbaetetuba-PA.
- Realizar produção escrita que descreverá os falares existentes na região quilombola de Itacuruçá-Abaetetuba-PA.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios apresentados adequadamente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para registro dos aspectos semânticos-lexicais de moradores do quilombo de Itacuruçá- Abaetetuba-PA.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos apresentados

Recomendações:

No TCLE no âmbito do sigilo das informações, recomenda-se indicar se haverá gravação de áudio e obtenção de imagens para melhor compreensão do participante.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto APROVADO

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a avaliação pelos referees que compõem o Comitê de Ética em Pesquisa do CCBS/UEPA e aprovação, em reunião Extraordinária de Colegiado, do dia 16/06/2023, a proposta atendeu as exigências das Resoluções em vigor.

Conforme as Resoluções 466/12 e 510/2016, é atribuição do CEP acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente a pesquisa. Ressaltamos as seguintes atribuições do pesquisador: Desenvolver o projeto conforme delineado; Elaborar e apresentar os relatórios parcial (is) e final até 60 dias após o seu término (como notificação); Apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda responsabilidade, por um período de 5

Endereço: Trav. Perebeubí, 2623 (1º andar da biblioteca do Campus II da UEPA, Sala 01)

Bairro: Marco

CEP: 66.087-670

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3131-1781

E-mail: cepccbs@uepa.br

Continuação do Parecer: 6.169.300

(cinco) anos após o término da pesquisa; Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto. Justificar fundamentadamente, perante o CEP, qualquer modificação (emenda) ou interrupção do projeto e identificar nas Informações Básicas tais mudanças.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2094173.pdf	15/05/2023 20:13:21		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEtalitaccbs.pdf	15/05/2023 20:09:35	TALITA RODRIGUES DE SA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto2.pdf	27/04/2023 19:34:48	TALITA RODRIGUES DE SA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisatalitasacep.pdf	06/04/2023 18:19:41	TALITA RODRIGUES DE SA	Aceito
Outros	instrumentodecoletadedadosquestionari osemanticolexicalceptalita.pdf	06/04/2023 12:55:16	TALITA RODRIGUES DE SA	Aceito
Outros	fichadosujeitoceptalita.pdf	06/04/2023 12:10:48	TALITA RODRIGUES DE SA	Aceito
Cronograma	cronogramaceptalita2.pdf	06/04/2023 11:41:12	TALITA RODRIGUES DE SA	Aceito
Orçamento	planilhadeorcamentotalita.pdf	06/04/2023 00:11:04	TALITA RODRIGUES DE SA	Aceito
Outros	cartadeanuencia.pdf	05/04/2023 21:19:49	TALITA RODRIGUES DE SA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Trav. Perebeui, 2623 (1º andar da biblioteca do Campus II da UEPA, Sala 01)
Bairro: Marco **CEP:** 66.087-670
UF: PA **Município:** BELEM
Telefone: (91)3131-1781 **E-mail:** cepccbs@uepa.br



UEPA - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO PARÁ- CENTRO
DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E
DA SAÚDE - CAMPUS II



Continuação do Parecer: 6.169.300

BELEM, 07 de Julho de 2023

Assinado por:
REGINA GABRIELA CALDAS DE MORAES
(Coordenador(a))

Endereço: Trav. Perebui, 2623 (1º andar da biblioteca do Campus II da UEPA, Sala 01)

Bairro: Marco

CEP: 66.087-670

UF: PA **Município:** BELEM

Telefone: (91)3131-1781

E-mail: cepccbs@uepa.br

ANEXO IV

Título de reconhecimento de domínio coletivo em favor da Associação das comunidades remanescentes de quilombo das Ilhas de Abaetetuba-ARQUIA

	GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ SECRETARIA ESPECIAL DE PRODUÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO PARÁ	 iterpa
<u>TERMO DE RETIFICAÇÃO</u>		Livro:
		Folha:
<p>Do TÍTULO DE RECONHECIMENTO DE DOMÍNIO COLETIVO, em favor de ARQUIA – ASSOCIAÇÃO DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS DAS ILHAS DE ABAETETUBA, expedido em data de 05 de junho de 2002 e assentado no Livro de Títulos de Reconhecimento de Domínio de Remanescentes de Quilombos – ITERPA, em conclusão ao Processo Administrativo-ITERPA nº 2006/169594.</p>		
<p>O Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo, acima citado está sendo por meio deste Termo, Retificado, com base na autorização concedida pelo senhor Presidente do ITERPA, no supracitado processo administrativo, publicada no Diário Oficial do Estado nº 31812, de 16 de dezembro de 2010, em razão de alteração da área de área total de 11.458,5320ha (onze mil, quatrocentos e cinquenta e oito hectares, cinquenta e três ares e vinte centiares), perímetro de 55.998,26m, na forma de um polígono IRREGULAR de 31 (trinta e um) lados, para uma área total de 9.076,1909ha (nove mil e setenta e seis hectares, dezanove ares e noventa e um centiares), envolvida por um perímetro de 66.336,75 m, na forma de um polígono IRREGULAR de 151 lados, localizada na PA 151 Km 16 sentido Igarapé Mirim, município de Abaetetuba.</p>		
<p>Portanto, a área de terras objeto deste reconhecimento, foi apurada na demarcação administrativa através do processo nº 2001/274554, localizada no município de ABAETETUBA, com área total de 11.458,5320 ha, perímetro de 55.998,26 m, na forma de um polígono IRREGULAR de 31 lados, tendo como limites e confrontações: Ao Norte: Da estação M-23 chega-se na estação M-26, por uma linha quebrada de três (03) elementos totalizando uma distância de 2.226,04 metros confrontando com o Furo da Costa Marataura. A Leste: Da estação M-26 chega-se a estação M-37 por uma linha quebrada de onze (onze) elementos totalizando uma distância de 23.868,57 metros, confrontando com A MARGEM esquerda do Igarapé Genipaúba, ramal do Hernandes e margem esquerda do rio Curuperé. Ao Sul: Da estação M-37 chega-se a estação M-3ª, por uma linha quebrada de quatro (04) elementos de 5.073,90 metros, confrontando com A MARGEM direita da PA-151 e margem direita do rio Itacurujá. A Oeste: Da estação M-3ª chega-se a estação M-23, por uma linha quebrada de treze (13) elementos, totalizando uma distância 24.829,75 metros, confrontando com A MARGEM direita do rio Ipanema, margem direita do rio Arapapu e furo da Costa Marataura. Descrição topográfica: Partindo do M-26, definido pela coordenada geográfica de Latitude Partindo do marco M-26, definido pela coordenada geográfica de Latitude 1°44'09,50" Sul e Longitude 48°54'10,68" Oeste, Elipsóide SAD 69 e pela coordenada plana UTM 9.807.993,000m Norte e 733.294,000m Leste, referida ao meridiano central 51° WGr; deste seguindo pela MARGEM esquerda do Igarapé Genipaúba, com uma distância de 1.023,48 metros e com o azimute plano de 133°36'52", chega-se no marco M-28 deste, seguindo pela MARGEM esquerda do Igarapé Genipaúba, com uma distância de 688,76 metros e com o azimute plano de 248°32'18", chega-se no marco M-29; deste, seguindo pela MARGEM esquerda do Igarapé Genipaúba, com uma distância de 4.310,35 metros e com o azimute plano de 162°25'06", chega-se no marco M-30; deste, pelo ramal do Hernandes, com uma distância de 4.205,43 metros e com o azimute plano de 166°22'13", chega-se no marco M-31; deste, seguindo pela MARGEM esquerda do Rio Curuperé, com uma distância de 2.075,68 metros e com o azimute plano de 193°47'43", chega-se no marco M-32; deste, seguindo pela MARGEM esquerda do Rio Curuperé, com uma distância de 2.044,58 metros e com o azimute plano de 221°28'14", chega-se no marco 33; deste, seguindo pela MARGEM esquerda do Rio Curuperé, com uma distância de 1.700,54 metros e com o azimute plano de 174°58'24", chega-se no</p>		





GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA ESPECIAL DE PRODUÇÃO
INSTITUTO DE TERRAS DO PARÁ



Livro:

Folha:

marco M-34; deste, seguindo pela MARGEM esquerda do Rio Curupere, com uma distância de 1.352,83 metros e com o azimute plano de $306^{\circ}27'48''$, chega-se no marco M-35; deste, seguindo com uma distância de 2.655,10 metros e com o azimute plano de $196^{\circ}37'59''$, chega-se no marco M-36; deste, seguindo com uma distância de 2.921,55 metros e com o azimute plano de $12941'42''$, chega-se no marco M-37; deste, seguindo pela MARGEM direita da PA-151, com uma distância de 1.976,67 metros e com o azimute plano de $29^{\circ}27'08''$, chega-se no marco M-38; deste, seguindo pela MARGEM direita da PA-151, com uma distância de 1.022,80 metros e com o azimute plano $206^{\circ}09'51''$, chega-se no marco M-1A; deste, seguindo pela MARGEM direita do Rio Itacuruçá, com uma distância de 684,53 metros e com o azimute plano de $319^{\circ}33'44''$, chega-se no marco M-3A; deste, seguindo com uma distância de 7.990,62 metros e com o azimute plano de $318^{\circ}59'37''$, chega-se o marco M-39; deste, seguindo pela MARGEM direita do rio Itapopema, com uma distância de 1.451,16 metros e com o azimute plano de $45^{\circ}53'36''$, chega-se no marco M-40; deste seguindo pela MARGEM direita do rio Itapopema, com uma distância de 1.686,26 metros e com o azimute plano $32^{\circ}15'27''$, chega-se no marco M-41; deste, seguindo pela MARGEM direita do rio Ipanema, com uma distância de 501,76 metros e com o azimute plano de $265^{\circ}11'54''$, chega-se no marco M-42; deste, seguindo pela MARGEM direita do rio Ipanema, com uma distância de 1.294,92 metros e com o azimute plano de $10^{\circ}20'48''$, chega-se o marco M-15A; deste, seguindo pela MARGEM direita do rio Arapapu, com uma distância de 1.384,19 metros e com o azimute plano de $34^{\circ}42'01''$, chega-se no marco M-16A; deste, seguindo pela MARGEM direita do rio Arapapu, com uma distância de 937,11 metros e com o azimute plano de $349^{\circ}21'42''$, chega-se no marco M-17A; deste, seguindo pela MARGEM direita do rio Arapapu, com uma distância de 728,62 metros e com o azimute plano de $16^{\circ}40'09''$, chega-se no marco M-16A; deste, seguindo pela MARGEM direita do rio Arapapu, com uma distância de 937,11 metros e com o azimute plano de $349^{\circ}21'42''$, chega-se o marco M-18A; deste, seguindo pela MARGEM direita do rio Arapapu, com uma distância de 972,49 metros e com o azimute plano de $307^{\circ}38'51''$ chega-se no marco M-19; deste, seguindo pelo Furo da Costa Marataura, com uma distância de 2.079,70 metros e com o azimute plano de $47^{\circ}39'01''$, chega-se no marco M-20; deste, seguindo pelo Furo da Costa Marataura, com uma distância de 3.261,23 metros e com o azimute plano de $39^{\circ}47'15''$, chega-se no marco M-22; deste, seguindo pelo Furo da Costa Marataura, com uma distância de 1.410,54 metros e com o azimute plano de $6^{\circ}18'32''$, chega-se no marco M-22; deste, seguindo pelo Furo da Costa Marataura, com uma distância de 1.201,15 metros e com o azimute plano de $7^{\circ}04'40''$, chega-se no marco M-23; deste, seguindo pelo Furo da Costa Marataura, com uma distância de 1.038,86 metros e com o azimute plano de $73^{\circ}06'00''$ chega-se no marco M-24; deste, seguindo pelo Furo da Costa Marataura, com uma distância de 817,15 metros e com o azimute plano de $102^{\circ}26'15''$, chega-se no marco M-25; deste, seguindo pelo Furo da Costa Marataura, com uma distância de 370,00 metros e com o azimute plano de $0^{\circ}00'00''$, chega-se o marco M-26, ponto inicial da descrição deste perímetro. Obs: Foram deduzidos 58.6499 ha correspondente a área do ramal São João e de 06 (seis) Títulos Definitivos. Todos os azimutes estão referidos ao meridiano verdadeiro. Declinação magnética: $19^{\circ}23'07''$ W (02/2002). A boa forma vai arquivada no Livro de Títulos de Reconhecimento de Domínio da Remanescente de Quilombos - ITERPA, Belém, Pará, 05 de junho de 2002, com a consequente lavratura de **TERMO DE RETIFICAÇÃO da área, perímetro e descrição do perímetro**, para 9.076,1909 ha (nove mil, setenta e seis hectares, dezenove ares e nove centiares), perímetro de 66.336,75 m metros, no município de Abaetetuba/PA, obedecendo o seguinte roteiro: Partindo da estação



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA ESPECIAL DE PRODUÇÃO
INSTITUTO DE TERRAS DO PARÁ



Livro:

Folha:

D18-P-0112, definida pela coordenada geográfica de Latitude $1^{\circ}44'21,07''$ Sul e Longitude $48^{\circ}53'47,26''$ Oeste; Elipsóide SIRGAS e pela coordenada plana UTM 9.807.637,578m Norte e 734.017.033m Leste, referida ao meridiano central 51° WGr; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO ABAETE seguindo com o azimute plano de $214^{\circ}31'34''$ e distância de 481,70 metros, chega-se na estação D18-P-0113 de coordenada N = 9.807.240,723m e E = 733.744,017m; desta, seguindo com o azimute plano de $147^{\circ}02'29''$ e distância de 547,28 metros, chega-se na estação D18-P-0115 de coordenada N = 9.806.781,522m e E = 734.041,754m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO ABAETE, seguindo com o azimute plano de $129^{\circ}13'24''$ e distância de 472,78 metros, chega-se na estação D18-P-0114 de coordenada N = 9.806.482,555m e E = 734.408,019m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO ABAETE seguindo com o azimute plano de $190^{\circ}50'18''$ e distância de 152,16 metros, chega-se na estação D18-P-0128 de coordenada N = 9.806.333,110m e E = 734.379,407m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO ABAETE, seguindo com o azimute plano de $248^{\circ}57'24''$ e distância de 512,22 metros, chega-se na estação D18-P-0127 de coordenada N = 9.806.149,185m e E = 733.901,350m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $168^{\circ}44'10''$ e distância de 705,83 metros, chega-se na estação D18-P-0126 de coordenada N = 9.805.456,949m e E = 734.039,220m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $222^{\circ}43'13''$ e distância de 173,44 metros, chega-se na estação D18-P-0125 de coordenada N = 9.805.329,527m e E = 733.921,555m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $146^{\circ}59'30''$ e distância de 157,13 metros, chega-se na estação D18-P-0124 de coordenada N = 9.805.197,757m e E = 734.007,155m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $161^{\circ}48'51''$ e distância de 477,75 metros, chega-se na estação D18-P-0123 de coordenada N = 9.804.743,867m e E = 734.156,263m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $118^{\circ}10'41''$ e distância de 146,74 metros, chega-se na estação D18-P-0122 de coordenada N = 9.804.674,573m e E = 734.285,614m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $171^{\circ}59'27''$ e distância de 378,93 metros, chega-se na estação D18-P-0121 de coordenada N = 9.804.301,321m e E = 734.338,132m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $149^{\circ}10'56''$ e distância de 238,07 metros, chega-se na estação D18-P-0120 de coordenada N = 9.804.096,868m e E = 734.460,097m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $187^{\circ}05'28''$ e distância de 102,80 metros, chega-se na estação D18-P-0119 de coordenada N = 9.803.994,857m e E = 734.447,407m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $196^{\circ}07'28''$ e distância de 179,02 metros, chega-se na estação D18-P-0118 de coordenada N = 9.803.822,037m e E = 734.400,697m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $147^{\circ}17'16''$ e distância de 176,75 metros, chega-se na estação D18-P-0117 de coordenada N = 9.803.673,323m e E = 734.496,214m; desta, confinando neste trecho com o A MARGEM ESQUERDA DO RIO GENIPAUBA, seguindo com o azimute plano de $181^{\circ}11'52''$

metros e com o azimute plano de $195^{\circ}37'59''$, chega-se no marco M-36; deste, seguindo com uma distância de 2.621,55 metros e com o azimute plano de $129^{\circ}41'42''$, chega-se no marco M-37; deste, seguindo pela margem direita da PA-151, com uma distância de 1.676,67 metros e com o azimute plano de $229^{\circ}27'03''$, chega-se no marco M-38; deste, seguindo pela margem direita da PA-151, com uma distância de 1.022,60 metros e com o azimute plano de $206^{\circ}09'31''$, chega-se no marco M-1A; deste, seguindo pela margem direita do Rio Itacurupá, com uma distância de 1.389,90 metros e com o azimute plano de $290^{\circ}57'06''$, chega-se no marco M-2A; deste, seguindo pela margem direita do Rio Itacurupá, com uma distância de 684,53 metros e com o azimute plano de $319^{\circ}33'44''$, chega-se no marco M-3A; deste, seguindo com uma distância de 7.990,62 metros e com o azimute plano de $318^{\circ}59'37''$, chega-se no marco M-39; deste, seguindo pela margem direita do Rio Ipanema, com uma distância de 1.451,16 metros e com o azimute plano de $45^{\circ}53'36''$, chega-se no marco M-40; deste, seguindo pela margem direita do Rio Ipanema, com uma distância de 1.696,26 metros e com o azimute plano de $32^{\circ}15'27''$, chega-se no marco M-41; deste, seguindo pela margem direita do Rio Ipanema, com uma distância de 501,76 metros e com o azimute plano de $265^{\circ}11'54''$, chega-se no marco M-42; deste, seguindo pela margem direita do Rio Ipanema, com uma distância de 1.224,62 metros e com o azimute plano de $10^{\circ}20'48''$, chega-se no marco M-15A; deste, seguindo pela margem direita do rio Arapapá, com uma distância de 1.384,19 metros e com o azimute plano de $34^{\circ}42'01''$, chega-se no marco M-16A; deste, seguindo pela margem direita do rio Arapapá, com uma distância de 937,11 metros e com o azimute plano de $349^{\circ}21'42''$, chega-se no marco M-17A; deste, seguindo pela margem direita do rio Arapapá, com uma distância de 728,82 metros e com o azimute plano de $18^{\circ}40'08''$, chega-se no marco M-18A; deste, seguindo pela margem direita do rio Arapapá, com uma distância de 672,49 metros e com o azimute plano de $307^{\circ}36'51''$, chega-se no marco M-19; deste, seguindo pelo Furo da Costa Maranhá, com uma distância de 2.079,70 metros e com o azimute plano de $47^{\circ}39'01''$, chega-se no marco M-20; deste, seguindo pelo Furo da Costa Maranhá, com uma distância de 3.261,23 metros e com o azimute plano de $39^{\circ}47'15''$, chega-se no marco M-21; deste, seguindo pelo Furo da Costa Maranhá, com uma distância de 1.410,54 metros e com o azimute plano de $8^{\circ}18'32''$, chega-se no marco M-22; deste, seguindo pelo Furo da Costa Maranhá, com uma distância de 1.201,55 metros e com o azimute plano de $7^{\circ}04'40''$, chega-se no marco M-23; deste, seguindo pelo Furo da Costa Maranhá, com uma distância de 1.039,66 metros e com o azimute plano de $73^{\circ}06'00''$, chega-se no marco M-24; deste, seguindo pelo Furo da Costa Maranhá, com uma distância de 817,18 metros e com o azimute plano de $102^{\circ}25'15''$, chega-se no marco M-25; deste, seguindo pelo Furo da Costa Maranhá, com uma distância de 370,00 metros e com o azimute plano de $0^{\circ}00'00''$, chega-se ao marco M-26, ponto inicial da descrição deste perímetro. OBS: Foram deduzidos 58,6499 ha correspondentes a área do ramal São João e do OS (sete) Titulos Definitivos. Todos os azimutes estão referidos ao meridiano verdadeiro. Declinação magnética: $19^{\circ}23'00''$ W (02/2002). A boa forma vai arquivada no Livro de Titulos de Reconhecimento de Dominio de Remanescentes de Quilombos - ITERPA.

Belém, Pará, 05 de junho de 2002


Governador do Estado
Almirão


Jercino
Representante da Associação


Presidente do ITERPA
Presidente

Testemunhas:

1. João Nogueira
2. Rosilene Assunção

003302



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo
66113-200 – Belém-PA

